UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

RENATA HARUMI CORTEZ TOMA

**Amor canino: emoção, mercado e subjetividades entre seres
humanos e cães de estimação na cidade de São Paulo.**

VERSÃO CORRIGIDA

v.1

São Paulo
2017

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**Amor canino: emoção, mercado e subjetividades entre seres
humanos e cães de estimação na cidade de São Paulo.**

Renata Harumi Cortez Toma

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Silvana de Souza Nascimento

De acordo:

30 de dezembro de 2017

VERSÃO CORRIGIDA

v.1

São Paulo
2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Ta Toma, Renata Harumi Cortez
 Amor canino: emoção, mercado e subjetividades
 entre seres humanos e cães de estimação na cidade de
 São Paulo. / Renata Harumi Cortez Toma ; orientador
 Silvana de Souza Nascimento. - São Paulo, 2017.
 165 f.

 Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
 Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
 Paulo. Departamento de Antropologia. Área de
 concentração: Antropologia Social.

 1. antropologia das relações humano-animal. 2.
 animais de estimação. 3. cães. 4. mercado pet. 5.
 afetividade. I. Nascimento, Silvana de Souza,
 orient. II. Título.

Para Tuca e para Linda.

Agradecimentos

Agradeço imensamente a todos que contribuíram de alguma forma para a realização do mestrado aqui apresentado.

Primeiramente, expresso minha sincera gratidão às pessoas que se disponibilizaram a conversar comigo nas pet shops, nas feiras pet, nos parques, nos eventos, em suas próprias casas e nos diversos ambientes frequentados para a realização desta pesquisa, sem as quais este trabalho seria impossível.

Sou grata também aos proprietários que me permitiram permanecer em seus estabelecimentos, aos agentes do mercado pet que me forneceram suporte prontamente para informações técnicas e de outros tipos, aos expositores que me concederam a entrada em feiras pet, e aos outros agentes desse universo que me auxiliaram nas diversas fases da pesquisa permitindo que ela tomasse essa forma final. Agradeço especialmente ao Dr. Dalton Ishikawa, a Luiz Paulo Almeida e a Hugo Fernando Martins pela valiosa ajuda.

Desde as pesquisas de iniciação científica que precederam esta pesquisa de mestrado conto com a companhia, o apoio e a inestimável interlocução com outros pesquisadores que contribuíram amplamente para as pesquisas etnográficas e reflexões teóricas aqui presentes. Agradeço a Luiza Ferreira Lima, Valéria Alves, Gleicy Silva, Rafael Noleto, Marisol Marini, Maria Isabel Zanzotti, Arthur Fontgaland e particularmente a Marcio Zamboni, Pedro Lopes e Thais Tiriba, cujas contribuições e gentilezas marcaram-me profundamente. Ademais, agradeço aos colegas companheiros de jornada, ingressantes no mestrado do ano de 2015, com os quais esse percurso tornou-se mais leve e prazeroso, pelas trocas de experiências, emoções e reflexões. Expresso minha gratidão também ao NUMAS, Núcleo de Estudos dos Marcadores Sociais da Diferença e ao NAU, Núcleo de Antropologia Urbana, ambos da USP.

Sou grata também aos professores que me auxiliaram na execução do mestrado, Júlio Assis Simões, Ana Claudia Duarte Rocha Marques, Heloísa Buarque de Almeida, e em especial a Laura Moutinho, sem a qual eu não teria adentrado no mundo acadêmico nem conhecido o universo pet sob o a lente de pesquisadora. Obrigada pela orientação generosa e cuidadosa das pesquisas de iniciação científica, pelo apoio inestimável ao processo de pesquisa e a mim, pelos ensinamentos, pela compreensão, por sua dedicação e pelo incentivo sem os quais eu não poderia escrever essa dissertação.

Agradeço à minha orientadora Silvana de Souza Nascimento, por me receber de braços abertos e acreditar na minha pesquisa. Suas contribuições ao longo do mestrado foram fundamentais para a constituição deste trabalho. Obrigada por sua orientação valorosa, por seu apoio, suas ideias e encorajamentos.

Sou grata também ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pela bolsa de mestrado a mim concedida, fundamental para seu desenvolvimento.

Fora do ambiente acadêmico, agradeço imensamente aos meus pais, Felicidad Marlene Cortez Toma e Valter Akira Toma, sem os quais não poderia ter realizado a pesquisa. Obrigada pelo incentivo, pelo suporte, pelo carinho, e por me darem condições de trilhar este caminho. Sou grata a minha irmã Priscila Miki, por sua companhia, cumplicidade e carinho incessante. Expresso gratidão também à minha avó, Felicidad Perez Salinas, por seu amor e estímulo preciosos. Agradeço muito a minhas amigas e amigos pela companhia, pelas alegrias compartilhadas e pelo apoio em momentos tanto de felicidade quanto de pesar.

Por fim, agradeço a todos os cães que cruzaram a minha vida em algum momento. Obrigada aos cães que conheci nos ambientes de pesquisa por me permitirem aproximação e contato, e aos que tive o prazer de conhecer ao longo da vida. Obrigada Tina, Lilica, Bob, Titi, Robi, Tico, Shake, Miucha, Charlotte, Fofão, Cuca, Dolly, Snoopy, Flip, Pitchula. Muito, muito obrigada Tuca e Linda.

CORTEZ, R.H. Amor canino: emoção, mercado e subjetividades entre seres humanos e cães de estimação na cidade de São Paulo. 2017. 165 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

Resumo: Esta dissertação reflete acerca das relações mantidas na cidade de São Paulo entre seres humanos e cães de estimação cujo alicerce consiste na afetividade. Discute-se a concepção desses donos de cães acerca da espécie canina e aponta-se as características reconhecidas em tais animais, que contrariam a ideia de exclusividade humana das capacidades cognitivas, de comunicação, sentimento, sensiência, consciência e moralidade. Detentores de características antropomórficas, os cães são entendidos a partir de identidades caninas individuais, com personalidades próprias. Suas especificidades da espécie também os permitem ser valorados frente aos humanos, pois a sinceridade de afetos e a pureza moral que lhes é atribuída ultrapassa a da nossa espécie. O estudo etnográfico mostrou que esses pets possuem extrema importância na vida de seus donos e são entendidos como membros da família, em papéis que podem não ser substituíveis por humanos. Este trabalho revisita a produção brasileira antropológica acerca das relações entre seres humanos e animais não humanos e apresenta dois eixos da relação entre cães e humanos: as distintas esferas da relação estabelecida entre cães e pessoas e o mercado pet voltado para cães e seus donos e sua influência nessa relação.

Palavras-chave: cães; antropologia das relações humano-animal; animais de estimação; mercado pet; afetividade.

Abstract: This dissertation reflects on the relationships maintained between humans and pet dogs in the city of São Paulo, which foundation consists of affectivity. It discusses the conception of these owners about the canine species and the characteristics recognized in these animals, which contradicts the idea of human exclusivity of the cognitive, communicative, feeling, sentience, and morality capacities. Holders of anthropomorphic characteristics, pet dogs are understood from an individual canine identity, with their own personality. Their specificities of the species also allow them to be valued when compared to humans, since the sincerity of affections and the moral purity attributed to them surpasses those of our species. The ethnographic study showed that these pets are extremely important in their owner's lives and they are considered as members of the family, in some cases playing roles irreplaceable by humans. This work revisits the Brazilian anthropological production about the relationship between human beings and nonhuman animals; it addresses the different spheres of the relationship between dogs and people; and studies the pet market aimed at dogs and their owners, as well as their influence in this relationship.

Key Words: human-animal relationships anthropology; pets; dogs; pet market; affectivity.

Sumário

Introdução.....	10
Capítulo 1 – Antropologia das relações com animais não humanos: um processo em construção no Brasil.....	19
1.1 Os primeiros 10 anos e o domínio do perspectivismo.....	19
1.2 O florescimento de novos debates. O período entre 2004 e 2010.....	22
1.3 A consolidação da área – de 2011 aos dias atuais.....	28
Capítulo 2 – A subjetividade canina: amor, família e incapacidades em questão.....	51
2.1 Animais de estimação.....	52
2.2 O reconhecimento de características antropomórficas e a superação da humanidade.....	54
2.3 A relação e sua manutenção.....	67
2.4 Relações desiguais de poder.....	85
2.5 O cão é família.....	90
Capítulo 3 – Para pets e pet lovers: o mercado envolvendo cães e as fronteiras em questão.....	97
3.1 As pet shops.....	99
3.2 As feiras pet em São Paulo.....	104
3.3 Estatísticas.....	110
3.4 Produtos e serviços.....	112
3.5 Humanização x Antropomorfização.....	129
3.6 Para que(m) servem os produtos e serviços.....	136
3.7 As propagandas do mercado pet.....	142
3.8 Os mecanismos de mercado.....	145
3.9 O mercado brasileiro e a renegociação de fronteiras.....	148
Considerações finais.....	152
Referências bibliográficas.....	157
Lista de imagens	
Imagem 1.....	117
Imagem 2.....	120
Imagem 3.....	122
Imagem 4.....	125
Imagem 5.....	144
Imagem 6.....	144

*Os animais existem por suas próprias razões. Eles não foram feitos para humanos,
assim como negros não foram feitos para brancos ou mulheres para os homens.*

Alice Walker

Introdução

Não lembro se era manhã ou tarde. Meu pai e minha mãe me levaram para comprar o meu presente de aniversário, como prometido. O lugar era branco, na entrada tinha um pé de uva bem extenso um cima de uma grade que ficava sobre as nossas cabeças. Meu pai me pegou no colo e eu fiquei comendo as uvas verdes enquanto minha mãe conversava lá dentro. Quando ela me chamou, eu entrei. Deparei-me com um monte de cachorrinhos saindo de um corredor que fora aberto, todos filhotes. Escolhi uma poodle branca. Lembro da resistência da minha mãe, que não queria essa raça, contudo iria respeitar minha decisão. Quando a poodle já estava conosco e minha mãe estava concretizando a transação comercial, eu a vi saindo do corredor. Era a coisa mais linda do mundo. Seu pêlo era branco e preto, predominantemente branco com manchas pretas bem definidas, suas orelhinhas compridas eram muito charmosas e seu tamanho era tão pequeno quanto o meu. “Ela! É Ela!”. Saí de lá com a Tuca, uma linda cocker spaniel inglesa, que me acompanhou pela maior parte da minha vida. Dois meses depois completei três anos.

Essa é a minha memória mais antiga. Quando eu era pequena, pedi um cachorro a meus pais, e eles me deram a Tuca de aniversário. Não posso afirmar que a tenha amado imediatamente. Ela adorava sair, corria para a rua em todas as oportunidades, com e sem coleira. Ela fugiu de casa quando pequena umas quatro vezes, e minha mãe batendo de porta em porta sempre conseguiu encontrá-la. Lembro ter ficado mais triste pela tristeza da minha mãe do que pela falta da Tuca. Passado alguns anos, a situação não poderia ser mais inversa. Não sei quando aconteceu, mas a Tuca se transformou em uma parte extremamente importante de mim e o amor que tenho por ela cresceu de forma que não tinha experienciando ainda. Nós nos tornamos inseparáveis companheiras, ela procurava o meu carinho e eu procurava o dela. Eu aprendi a lhe entender, a lhe respeitar, e aprendemos a confiar uma na outra.

Aos seus 11 anos, minha irmã, que tinha 8 anos, ganhou a cachorra dela – outra cocker spaniel inglesa, a Linda. Elas conviveram juntas por seis anos, até o falecimento da Tuca. Quando ela tinha 17 anos e 8 meses, ela me deixou. No dia em que teve dificuldade de se levantar, optei pela eutanásia por entender que ela seria poupada de sofrimento, um sofrimento que passara a ser meu, pela sua ausência.

Sendo eu uma *dog person* (HARAWAY, 2003) desde que tenho memória, este trabalho também é informado pela minha experiência. A Tuca não estava mais comigo, entretanto, quando eu comecei as pesquisas de iniciação científica que antecederam a

presente dissertação. Durante a execução do mestrado, a Linda foi minha companheira, e eu a dela. Juntas, nos divertimos até mesmo testando mais de vinte rações diferentes, alguns brinquedos e diversos xampus e hidratantes – digo que ela também se divertiu pois ela adorava comer, brincar e tomar banho. Infelizmente, pouco tempo antes da finalização desta dissertação, a Linda foi acometida por um câncer extremamente agressivo e faleceu.

Minha entrada nesse universo canino se deu justamente por meu interesse em cães. Na época eu fazia a disciplina Métodos de Pesquisa III - Pesquisa de campo em Antropologia, ministrada pela Prof^a Dr^a Laura Moutinho no âmbito do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, e por sugestão da professora, após contar-lhe meu interesse em cães, desenvolvi um trabalho sobre as relações de afeto entre cães e seres humanos. Para tanto, fiz uma etnografia em uma pet shop do bairro de Santana que oferecia produtos e serviços estéticos para cães e gatos e serviços veterinários para animais domésticos e silvestres.

O contato com o campo nos apresentou um mundo fascinante e para nós desconhecido, mesmo eu tendo tido uma cachorra. O mercado, a estética, as rações, os serviços de turismo, de creche, a extrema diversidade de tudo que era oferecido nos fez querer entender mais sobre as relações entre os cães e seus donos e sobre o mercado que as envolvia. Desenvolvi então três pesquisas de iniciação científica no âmbito do Departamento de Antropologia e do Núcleo de Estudo dos Marcadores Sociais da Diferença (NUMAS), ambos da USP¹, sob orientação da Prof^a Dr^a Laura Moutinho. Nesse percurso, entrei em contato com contextos distintos envolvendo tais animais. O trabalho de campo feito em pet shops foi continuado.

Na primeira pesquisa, o objetivo maior da investigação foi refletir acerca dos limites da humanidade e da animalidade quando olhados à luz dos pets, seres que para o grupo estudado, diferente de outras espécies animais, dividem conosco características que nos fazem semelhantes. Essa investigação continuou nas pesquisas seguintes, porém acrescida de outras reflexões. Entrei em contato com as organizações não governamentais relacionadas à proteção de cães e gatos, que em alguns casos abrangiam também animais

¹ 1 Com financiamento do CNPq, desenvolvi as pesquisas “Quase humanos? Análise sobre as relações de afeto, distância e proximidade entre cães de estimação e os seres humanos”, de 01/03/2012 a 31/07/2012 (processo 105853/2012-7), e “Emoção e empatia – os limites do humano e do não humano na relação entre o homem e os animais domésticos: as pet shops na cidade de São Paulo”, de 01/08/2012 a 31/07/2013 (processo 134461/2012-6); e com bolsa da Pró-Reitoria de Pesquisa da USP a pesquisa “Para ‘pets’ e ‘pet lovers’: o crescimento do mercado e a humanização dos animais”, de 01/08/2013 a 31/07/2014.

silvestres, para estudar essa outra relação com o animal, a de proteção, e compará-la às das pet shops. Dentre elas estão ongs que atuam com diversas causas: resgate de pit bulls abandonados ou maltratados para serem realocados em um “santuário pit bull”; treinamento de cães guias e oferecimento dos mesmos a deficientes visuais; oferecimento de terapia a crianças assistida de cães treinados para tanto; resgate de animais vítimas do tráfico e sua realocação por meio da “adoção responsável”; e resgate de cães e gatos de rua, essas mais comuns. Além de agentes e fundadores de ONGs, conversei com o criador do Movimento Crueldade Nunca Mais, que busca mobilização nacional para lutar a favor de penas mais duras contra os maus tratos aos animais e ao tráfico silvestre. Este movimento cresceu após um episódio de maus tratos de uma enfermeira a seu cão yorkshire cujo vídeo contou com ampla circulação e causou comoção nacional, que resultou em passeatas realizadas por diversas cidades e estados do país em dois anos. Acompanhei também eventos de adoção e de arrecadação de fundos, diversas vezes acompanhados por feiras animais ou atrelados às feiras pet profissionais. Compareci ainda em seminários científicos e eventos relacionados à defesa dos direitos animais, compostos por defensores, acadêmicos e juristas ao longo de sete anos, no papel de pesquisadora mais do que ativista. Particularmente, sou contra testes realizados neles, sua utilização em rodeios, shows e qualquer tipo de entretenimento, enjaulamento de pássaros e confinamento de peixes, mas não sou vegetariana².

Ademais, desde 2012 estudo o mercado pet voltado a cães e seus donos, com o intuito de entender o papel exercido pelo mercado pet na convivência entre cães e seres humanos, que possuem suas vidas permeadas por produtos e serviços feitos para esses *bichinhos*. Frequentei a partir desse ano as feiras pet internacionais que ocorreram em São Paulo e acompanhei as novidades do mercado. Nelas, obtive acesso a ampla gama de produtos e serviços oferecidos e aos distintos agentes do ramo.

Nesse caminho percorrido, tive contato com diversos agentes e opiniões acerca dos modos contemporâneos de tratar os cães de estimação e das características neles reconhecidas. Donos de cães, funcionários e proprietários de pet shops, veterinários, profissionais do setor pet – nos ramos de alimentação, saúde e estética, adestradores, tosadores, dentre outros agentes do campo – forneceram-me suas opiniões e ajudaram-me a entender as complexidades em torno dos cães de estimação e de sua convivência com humanos. Essas experiências somadas à pesquisa feita durante o mestrado dão

² Da mesma forma que os entendo como possíveis alimentos da espécie humana, entendo os nossos corpos como possíveis alimentos de certas espécies animais.

origem à esta dissertação.

O trabalho aqui apresentado busca entender as características reconhecidas nos cães de estimação por parte das pessoas que convivem com eles, bem como o valor que o elo com esses animais possui para elas. Em particular, focalizo nas relações onde o afeto entre cães e seres humanos é elevado, e nas quais são identificadas as capacidades de pensar, sentir e expressar emoções nos animais, sendo estes capazes de estabelecerem laços com os seres humanos a partir de características e personalidades individuais. O grupo estudado parte também de outra especificidade – são analisadas relações percebidas em pet shops situadas em bairros considerados de classe média da cidade de São Paulo, Santana e Carandiru na zona norte e Pinheiros na zona oeste da cidade.

Outro eixo da dissertação, fortemente interligado com o primeiro, é o estudo do mercado pet voltado a cães e seus donos. Procurei entender os modos pelos quais o mercado pet negocia a identidade dos cães de estimação e facilita a nossa convivência com eles, de forma a ajudar na superação de obstáculos que a convivência entre espécies distintas poderia fornecer. A categoria do afeto perpassa ambos os eixos, pois se a relação é estabelecida e mantida na base do afeto interespecies, o consumo do mercado pet também é feito a partir dela, numa tentativa de fornecer ao cão formas de cuidar da sua saúde, alimentação e “felicidade”.

Noto que essas relações são situadas em um contexto específico perpassado por ações relevantes direcionadas a certos animais. Tanto o estado quando a cidade de São Paulo apresentam particularidades nas relações com os animais não humanos refletidas nas políticas destinadas a eles. Os animais, tanto de consumo como de estimação, têm sido alvo de diversas leis e projetos de leis. Desde 1993, a lei nº 11.359/93 proíbe rodeios, touradas e eventos similares que envolvam os maus tratos e crueldade aos animais no município de São Paulo. A partir de 2005, foi proibida também a utilização de animais em apresentações de circos na cidade, com base na lei nº 14.014/05³. No mesmo ano, a proibição foi estendida a todo o estado a partir da instituição do Código de Proteção aos Animais do Estado de São Paulo. A partir da Lei nº 15.316 de 23 de janeiro de 2014, o estado de São Paulo passou a proibir a utilização de animais para teste, experimento e desenvolvimento de produtos de higiene pessoal, cosméticos, perfumes e seus

³ Disponível em:

http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=21122012IS000012012SMS%20%20%20COVISA&seccr=30&depto=337&descr_tipo=INSTRU%C7%C3O%20SERVI%C7O. Acesso em 24/08/2017.

componentes⁴.

A cidade de São Paulo, em especial, é palco de diversas atitudes políticas concernentes aos animais. A lei Nº 16.222 de 25 de junho de 2015 proíbe a produção e a comercialização de *foie gras* e de artigos de vestuário feitos com pele de animais criados apenas para a extração de sua pele⁵, sendo a primeira cidade do país a coibir tal ação. Embora a Associação Nacional de Restaurantes tenha conseguido uma liminar que suspende a proibição referente ao *foie gras*⁶, a proibição da comercialização de pele já está em vigor. Essa proibição atinge também os artigos de vestuário que foram importados, e como impede apenas o comércio de pele de animais criados com essa única finalidade, como chinchilas e raposas, não afeta a venda do couro bovino.

A cidade de São Paulo é também a primeira a criar hospitais veterinários gratuitos para cães e gatos. Atualmente há duas unidades que atendem animais da população de baixa renda, uma na zona leste e outra na zona norte. Animais domésticos podem também ser transportados nos ônibus coletivos da cidade desde 11 de março de 2015, com base a lei nº 16.125. Ela estabelece que os ônibus municipais podem transportar até dois animais não peçonhentos de até 10 quilos por viagem, em ambiente apropriado de transporte e com carteira de vacinação atualizada, contanto que não seja entre às 6h00 e às 10h00 e entre às 16h00 e às 19h00 de dias de semana, considerados horários de pico. Caso o animal ocupe um assento, o passageiro deve pagar uma passagem referente a ele⁷. Há ainda dois projetos de lei arquivados, o PL nº 1.058/11⁸ e o PL nº 7196/10⁹, de mesmo conteúdo, que propunham a regulamentação da guarda dos animais de estimação em caso de separação de um casal. Na falta de um documento aceito pelo juiz que comprovasse a posse do animal, o juiz decidiria de acordo com a demonstração de maior capacidade de

⁴ Disponível em: <http://felicianofilho.com.br/leis/lei-no-15-316-de-23012014-proibe-a-utilizacao-de-animais-para-desenvolvimento-experimento-e-teste-de-produtos-cosmeticos-e-de-higiene-pessoal-perfumes-e-seus-componentes-e-da-outras-providencia/>. Acesso em 20/03/2016.

⁵ Disponível em: http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=26062015L%20162220000. Acesso em 21/03/2016.

⁶ Disponível em: <http://www.thegreenestpost.com/sao-paulo-e-primeira-cidade-do-brasil-a-proibir-comercio-de-peles-de-animais/>. Acesso em 20/03/2016.

⁷ Disponível em: http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=12032015L%20161250000. Acesso em 22/03/2016.

⁸ Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=859439&filename=PL+1058/2011. Acesso em 22/08/2017.

⁹ Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=0F6A3C7E0E32242EE9CA3966DF5131FC.proposicoesWeb1?codteor=761274&filename=PL+7196/2010. Acesso em 22/08/2017.

cuidar do animal, e se ambas as partes se mostrassem aptas, poderiam obter a guarda compartilhada. Embora os projetos tenham sido arquivados, há casos noticiados em que juízes optaram pela guarda compartilhada nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. Há ainda outro projeto de lei não implementado que visava a liberar o sepultamento de animais domésticos nos jazigos de suas famílias nos cemitérios públicos da cidade de São Paulo, de número 305/2013. Ele tinha como justificativa o grande afeto existente para com os animais de estimação, que segundo os criadores do PL, seriam tratados como parte da família. O projeto beneficiaria as pessoas sem capacidade de pagar cemitérios particulares de animais, visto que o preço de tal serviço é elevado. Um dos frequentadores da pet shop na qual fiz trabalho de campo optou pelo enterro de seu pit bull em um cemitério perto de São Paulo, o que lhe custou R\$2000,00. Embora o projeto tenha sido aprovado pela Câmara de São Paulo, foi vetado pelo prefeito¹⁰.

Além das políticas públicas, diversos locais de circulação primordialmente humana têm se adaptado para a convivência com os animais de estimação. Hoje podemos encontrar shoppings que permitem a presença de pets seguindo certas regras, que têm como base comum a utilização da guia, mas que podem variar a aceitação de animais de acordo com o tamanho, raça ou espécie. Enquanto alguns shoppings permitem a entrada de cães e gatos, há shoppings que permitem a entrada de diversos animais de estimação, como cobras, iguanas e porquinhos da índia, por exemplo. Restaurantes também vêm ampliando a aceitação de animais, seja apenas como acompanhantes ou, inclusive, como clientes. Há restaurantes, bares e bistrôs nos quais é permitido a presença de cães e até estabelecimentos denominados padarias especializados em alimentos para eles, nos formatos tradicionais dos produtos que encontramos nas padarias para nosso consumo.

Em um campo que envolve mercado, afeto e as múltiplas conexões da vida cotidiana da experiência entre humanos e cães, o objetivo mais amplo do trabalho é repensar os limites e as fronteiras dos mundos humano e animal não humano e suas supostas exclusividades à luz das relações das pessoas com os cães de estimação. Essas concepções não são isoladas - vão ao encontro da sensibilidade social contemporânea, numa época em que parte da verba pública que poderia ser destinada a humanos é, ao invés disso, destinada a serviços veterinários.

Para a sua realização, a metodologia utilizada se deu em 7 frentes:

¹⁰ Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/12/haddad-veta-lei-que-permitiria-enterro-de-pets-em-cemiterios-de-sp.html>. Acesso em 22/03/2016.

- (1) Trabalho de campo intenso em pet shops¹¹ estabelecidas em áreas consideradas de classe média. No decorrer das pesquisas por mim realizadas, três pet shops foram frequentadas. Em 2012, de março a maio, fiz trabalho de campo em uma pet shop pequena, situada num shopping da zona oeste da cidade, no bairro de Pinheiros. No mesmo ano, de março a agosto, frequentei uma pet shop em Santana, zona norte de São Paulo, que atrai clientes da vizinhança. De agosto de 2013 a julho de 2014, realizei trabalho de campo em uma pet shop de tamanho médio no bairro Carandiru, também na zona norte, cujo público abrange moradores de distintos bairros da região. Nas pet shops, pude observar a interação entre donos e seus pets e as conversas do ambiente. Nesses locais, alguns donos que levam seus cães para o banho e tosa os aguardam na sala de espera. Desta forma, donos conversavam entre si, com os funcionários e com seus cães. Esses ambientes proporcionaram-me acesso aos agentes distintos que ali se encontravam com os quais pude conversar amplamente: donos de cães, veterinários, tosadores, atendentes;
- (2) Visitas a pet shops de março de 2015 a junho de 2017, por vezes repetidamente, de diferentes localidades e públicos alvo, tanto pequenas quanto grandes, nas quais pude verificar os produtos e serviços oferecidos e analisar seus ambientes e rotinas. As visitas ocorreram de duas formas: sozinha, identificada como pesquisadora, e como cliente, por vezes acompanhada da Linda. Juntei-me a ela em suas idas a pet shops e centros veterinários;
- (3) Conversas e entrevistas semi-direcionadas com pessoas que convivem com animais de estimação, seja cachorros, gatos ou pássaros, em feiras, em pet shops, na casa dessas pessoas, em parques e em outros locais diversos, como eventos relacionados a animais. Essas conversas foram extremamente importantes para entender a relação dessas pessoas com

¹¹ Pet shops são lojas que além de vender diversos produtos para consumo animal, como rações, roupas, brinquedos e itens de higiene, oferecem também algum tipo de serviço, comumente banho e tosa, sendo obrigadas por lei a ter um veterinário responsável pelo estabelecimento. O tamanho do lugar e a quantidade de produtos varia enormemente. Neste trabalho divido as pet shops em três categorias: as grandes, que oferecem grande diversidade de produtos e serviços e atendem clientes das diferentes zonas da cidade; as médias, que oferecem menos produtos e serviços, mas o suficiente para atrair clientes de diferentes bairros da zona em que se encontram; e as pequenas ou de bairro, que oferecem banho e tosa e alguns outros produtos e que têm como clientes moradores das ruas próximas.

seus pets, seja a partir da maneira como eles são descritos, dos casos contados ou do sentimento relatado;

- (4) Pesquisa de campo em feiras anuais internacionais do mercado pet que ocorreram em São Paulo: VETEXPO 2015 e VETEXPO 2016, Feira Internacional de Produtos para Veterinários e PetShops, realizada pela ANCLIPEVA-SP (Associação Nacional de Clínicos Veterinários de Pequenos Animais); PET SHOP EXPO 2016, Feira Internacional de Produtos e Equipamentos para PetShop; e PetSouthAmerica 2015 e PetSouthAmerica 2016, Feira Internacional de Produtos e Serviços para a Linha Pet e Veterinária. Elas se destinam a participantes do mercado pet de diferentes áreas e posições, como distribuidores, revendedores, donos e administradores de pet shops e veterinários, entre outros. Não são destinadas, contudo, a consumidores finais, sendo que na PetSouthAmerica sua entrada é proibida, e na VETEXPO é permitida, porém paga. As feiras proporcionaram-me o contato com os produtos e serviços oferecidos pelo mercado pet e com os profissionais do setor;
- (5) Ida à GlobalPet Expo 2017, feira internacional do mercado pet que ocorre anualmente em Orlando, nos Estados Unidos. Segundo a *American Pet Products Association*, essa é a maior feira anual mundial do setor. A visita à feira proporcionou-me contato com os produtos e serviços do mercado mundial e com os mecanismos de internacionalização do mercado pet;
- (6) Conversas com proprietários de empresas pet, na área de pet games, pet food, produtos de estética e acessórios; representantes do segmento de pet food, como responsáveis por exportação e marketing; e funcionários diversos de empresas do setor pet. Elas ocorreram nas feiras, antes da abertura ao público ou durante a exposição. Conversei também com proprietários e funcionários de pet shops e veterinários, nos seus lugares de trabalho ou fora deles após o expediente. Essas conversas me possibilitaram o entendimento dos processos de mercado, das estratégias de marketing, do direcionamento de produtos, e da relação que esses profissionais têm com os animais;
- (7) Participação em eventos relacionados ao mercado pet, como palestras sobre assuntos veterinários, adestramento, gestão de pet shops e

workshop sobre estratégias de mercado.

A presente dissertação é dividida em três capítulos. No primeiro, reviso a produção antropológica brasileira que dialoga acerca das relações entre seres humanos e animais não humanos, tanto de estimação quanto de consumo. Apresento a trajetória dos temas abordados por teses, dissertações, artigos e livros desde o ano de 1995, no qual o primeiro trabalho encontrado foi publicado. O capítulo acompanha o ritmo das produções, inicialmente dominadas pelos estudos de perspectivismo ameríndio, mas que aos poucos se abre a outros contextos, e revela a grande profusão de temas e trabalhos dos últimos anos.

O segundo capítulo dedica-se a examinar as relações afetivas encontradas entre seres humanos e cães de estimação em São Paulo. Para tanto, abordo as características antropomórficas reconhecidas em tais animais, que os faz semelhantes a nós em diversos aspectos. Em um, entretanto, nos superam – sua moralidade é vista como excedente à humana. Somadas as características da espécie, cães são entendidos como sujeitos individuais com personalidades próprias, as quais são tidas como influentes nas relações estabelecidas da mesma forma que as personalidades de seus donos. E não são apenas seres sociais, mas são tidos como seres puros com os quais pode-se estabelecer uma relação diferenciada da entre humanos. Analiso então as relações estabelecidas com os cães enquanto sujeitos, que mesmo em um contexto de relações desiguais de poder, pode ser afetiva, bem como a sua manutenção. Aponto as implicações da inserção dos cães em relações sociais humanas e identifico casos em que os humanos são preteridos em relação aos pets. Ademais, reflito acerca das similaridades entre cães e crianças, do cão como família e do amor canino, entendido como incondicional.

O último capítulo é uma análise do mercado pet voltado a cães de estimação e seus donos. Abordo as feiras pet profissionais de São Paulo, espaços de negócios do setor, suas transformações nos últimos anos e seus usos pelos que a frequentam, e analiso os produtos e serviços oferecidos voltados aos cães e suas distintas funcionalidades, bem como as propagandas utilizadas para induzir o consumo. Aponto ainda algumas características do mercado brasileiro à luz da Global Pet Expo, e analiso a influência do mercado nas relações entre cães e seres humanos e seu papel na superação de fronteiras decorrentes do convívio entre duas espécies distintas. Faço também uma reflexão acerca dos termos “humanização” e “antropomorfização” animal.

Capítulo 1

Antropologia das relações com animais não humanos: um processo em construção no Brasil

Neste primeiro capítulo, dedico-me a traçar uma trajetória dos temas abordados e dos trabalhos desenvolvidos no Brasil acerca das relações entre seres humanos e animais não humanos na Antropologia¹². Essas relações são interpeladas em distintos contextos e apresentam diferentes intensidades, mesmo anteriormente à constituição recente do campo chamado “Antropologia das Relações Humano-Animal” no país.

Antes do crescimento do campo no Brasil e dos trabalhos aqui apontados, bem como depois de seu surgimento, mostra-se recorrente o estudo dos animais, por vezes junto a outros atores, para a compreensão mais abrangente do universo envolvido. Nestas circunstâncias, eles podem apresentar relações ricas com os humanos, simbólica e materialmente, porém não serem o foco da reflexão¹³. Esses trabalhos não serão aqui abordados.

Inicialmente, as pesquisas na área de etnologia indígena dominam os estudos sobre os animais não humanos. Mais adiante, os trabalhos envolvendo-os passam a abranger outros tipos de relação. Foram incorporadas às reflexões antropológicas outros contextos nos quais os animais são também agentes envoltos em relações sociais. São esses trabalhos o foco principal deste capítulo. Reúno aqui trabalhos encontrados em diferentes domínios - no banco de teses da CAPES, nas revistas de Antropologia e nos congressos, seminários ou palestras proferidos sobre o assunto¹⁴, que refletem a formação do campo, mas não esgotam a totalidade dos estudos feitos envolvendo animais na Antropologia brasileira.

1.1 Os primeiros 10 anos e o domínio do Perspectivismo

Esse primeiro momento é escasso em trabalhos, uma vez que a temática no Brasil era pouco difundida. Após o trabalho inicial que envolveu a zona rural da região Sul do

¹² São explorados trabalhos publicados até o ano de 2016.

¹³ É o caso de estudos da etnologia indígena que buscam o entendimento da cosmologia em questão, para a qual a relação com os animais são essenciais, porém podem não se constituir como cerne da questão proposta, e de trabalhos com outros temas onde animais não humanos aparecem no contexto estudado, porém não fazem parte da reflexão.

¹⁴ As palavras utilizadas nas pesquisas foram *animais*; *animal*; *animais de estimação*; *pets*; *animais selvagens*; *domesticação*, *dominação*. Para a busca nas revistas de antropologia, utilizei o Scielo.

país, os trabalhos seguintes foram frutos de estudos dentre populações ameríndias, hegemônicos até o ano de 2004.

O primeiro trabalho brasileiro encontrado data de 1995. Ele consiste em uma dissertação do Programa de Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina que examina um evento cultural envolvendo animais. Em “As Farras do Boi no litoral de Santa Catarina”, Lacerda (1995) analisa o processo de apropriação da cultura da Farra do Boi pelo estado, pela indústria cultural e por setores dominantes da sociedade. Ao examinar a história da Farra do Boi, o autor delinea as mudanças que ocorreram no decorrer dos anos, tanto nos acontecimentos e práticas da Farra quanto na visão exterior sobre ela. Ele a examina também face à dualidade cultura ou crueldade, notavelmente semelhante à discussão política atual em torno da vaquejada. Criticada por ser considerada um ritual violento de maus tratos aos animais por grupos externos, a Farra do Boi é descrita pelo autor como evento e expressão de uma cultura. Ele argumenta que para os farristas existe uma ética no tratamento destinado aos animais, que reside no que eles consideram ser o limite entre brincadeira e judiação. Ainda que estes admitam a judiação dentro da Farra, ela sempre é atribuída ao “outro”. Essa questão é o ponto de partida para uma discussão sobre violência e ritual, na qual Lacerda conclui que o cerne da polêmica sobre a Farra diz respeito à disputa pela hegemonia e controle da violência (1995, p. 140) entre os farristas e os grupos contrários.

Viveiros de Castro, um anos depois, publica o artigo “Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio”¹⁵ (1996), o segundo trabalho encontrado, no qual discute o perspectivismo ameríndio, definido, nas palavras do autor, como

uma teoria indígena segundo a qual o modo como os humanos vêem os animais e outras subjetividades que povoam o universo — deuses, espíritos, mortos, habitantes de outros níveis cósmicos, fenômenos meteorológicos, vegetais, às vezes mesmo objetos e artefatos —, é profundamente diferente do modo como esses seres os vêem e se vêem. Tipicamente, os humanos, em condições normais, vêem os humanos como humanos, os animais como animais e os espíritos (se os vêem) como espíritos; já os animais (predadores) e os espíritos vêem os humanos como animais (de presa), ao passo que os animais (de presa) vêem os humanos como espíritos ou como animais (predadores). Em troca, os animais e espíritos se vêem como humanos: apreendem-se como (ou se tornam) antropomorfos quando estão em suas próprias casas ou aldeias, e experimentam seus próprios hábitos e características sob a espécie da cultura — vêem seu alimento como alimento humano (os jaguares vêem o sangue como cauim, os mortos vêem os grilos como peixes, os urubus vêem os vermes da carne podre como peixe assado etc.), seus atributos corporais (pelagem, plumas, garras, bicos etc.) como adornos ou instrumentos culturais, seu sistema social como organizado do mesmo modo que as instituições humanas (com chefes, xamãs, festas, ritos etc.) ... Em suma, os animais são gente, ou se vêem como pessoas. Tal concepção está quase sempre

¹⁵ O desenvolvimento deste artigo pode ser encontrado no livro *A inconstância da alma selvagem*, publicado em 2002, e em “Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena”, um artigo de 2004.

associada à idéia de que a forma manifesta de cada espécie é um mero envelope (uma “roupa”) a esconder uma forma interna humana, normalmente visível apenas aos olhos da própria espécie ou de certos seres transespecíficos, como os xamãs. Essa forma interna é o espírito do animal: uma intencionalidade ou subjetividade formalmente idêntica à consciência humana, materializável, digamos assim, em um esquema corporal humano oculto sob a máscara animal. Teríamos então, à primeira vista, uma distinção entre uma essência antropomorfa de tipo espiritual, comum aos seres animados, e uma aparência corporal variável, característica de cada espécie, mas que não seria um atributo fixo, e sim uma roupa trocável e descartável (VIVEIROS DE CASTRO, 1996, p. 116-117).

O modo como esses povos compreendem a si mesmos, aos animais e aos espíritos, assim como os outros seres do mundo, fornece embasamento para que o autor transgrida a clássica distinção entre Natureza e Cultura, uma vez que ela não sustenta a análise das cosmologias ameríndias. Afinal, no perspectivismo, a cultura é vista como universal entre os seres, enquanto que a natureza é sua característica particular. Viveiros de Castro, então, propõe um ressignificado relacional para esses dois campos a partir do perspectivismo, desintegrando as dualidades, tais como corpo e espírito e animalidade e humanidade, tradicionalmente inerentes a esses dois campos. A partir desse momento, o perspectivismo é o cerne das dissertações, livros e artigos antropológicos envolvendo animais. Seu domínio nas publicações persiste até 2005, totalizando cerca de uma década de trabalhos centrados na vertente perspectivista¹⁶.

Ainda no mesmo ano é apresentada a dissertação de mestrado intitulada “Gente é Macaco de Onça: padrões de comestibilidade de animais nas terras baixas da América do Sul”, de Senra (1996). O trabalho foi desenvolvido em Antropologia Social, na subárea de etnologia indígena e orientado por Viveiros de Castro¹⁷.

Nesse primeiro momento dos trabalhos que envolvem animais, mais dois trabalhos merecem atenção. O primeiro, o artigo “Para uma teoria etnográfica da distinção

¹⁶ Diversos trabalhos perspectivistas foram desenvolvidos com diferentes povos ameríndios. Aqui relato poucos deles, apenas os que parecem centralizar nas relações e/ou nas fronteiras entre seres humanos e animais não humanos.

¹⁷ Em 1998, a *Mana*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ, publica um artigo do antropólogo francês Philippe Descola. Corroborando a teoria de Viveiros de Castro, Descola (1998) afirma que, nas cosmologias amazônicas, a diferença entre seres humanos, plantas e animais são de grau e não de natureza. Nelas, os seres humanos e animais, e ainda um pouco menos as plantas, são entendidos como “sujeitos sociais, dotados de instituições e de comportamentos perfeitamente simétricos àqueles dos homens” (pp. 25-27). Em “Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia”, Descola revisa a tradicional interpretação da simbologia acerca da caça como forma de exprimir a má consciência resultante da morte das presas dos povos amazônicos à luz do perspectivismo. Ao invés da expressão de ambivalência na morte de uma presa, como pode ser o caso em “sociedades modernas”, Descola mostra a existência de três sistemas de relações baseados em esquemas de comportamento derivados das cosmologias, ontologias e sistemas sociológicos dos povos em questão que divergem da interpretação tradicional. Aqui o autor desfaz a ideia de uma moral compartilhada entre todos os povos e de um sentimento universalista para com os animais, demonstrando que a caça não acarreta em sentimentos iguais na totalidade das sociedades e deve, portanto, ser compreendida em suas próprias modalidades lógicas.

natureza e cultura na cosmologia juruna” de S. Lima (1999)¹⁸, é uma revisão dos conceitos de natureza e cultura na Antropologia contrastados à visão particular dos juruna sobre eles. A importância do trabalho de S. Lima se revela em sua interpretação distoante das de outros autores – ela não acredita que esse povo ignore essa diferença, mas que ela seria entendida em um contexto perspectivista. No desenvolver de seu argumento, S. Lima oferece uma nova interpretação acerca da relação dos juruna com os animais, condizente com a sua noção cosmológica e distinta do antropocentrismo e do animismo¹⁹.

O segundo trabalho consiste na tese “Homens, animais e espíritos nas concepções katukina sobre a natureza” de C. Lima (2000), da Universidade de São Paulo. Além de revelar aspectos da concepção de pessoa para os katukina, sua pesquisa busca entender a concepção de humanidade e seus desdobramentos, a qual não é tida como algo intrínseco apenas aos seres humanos, sendo estendida a outras entidades. Estão em questão em seu trabalho as fronteiras entre humanos, animais e espíritos.

1.2 O florescimento de novos debates: o período entre 2004 e 2010.

Na segunda metade da década de 2000, há um pequeno aumento da diversidade de questões e contextos trabalhados. A etnologia indígena, contudo, continua majoritária na produção antropológica. Dentre esses trabalhos, aponto alguns que parecem conferir ao animal certa importância.

O artigo “Se Deus fosse jaguar: canibalismo e cristianismo entre os Guarani (séculos XVI-XX)” de Fausto (2005) versa sobre a mudança da religião guarani derivada do contato forçado com o cristianismo missionário. A experiência colonial, os novos contextos interétnicos, as epidemias, as migrações e até mesmo a mestiçagem trespassaram a transmissão de conhecimentos tradicionais dos Guarani e deram lugar a renovadas interpretações e reinvenções culturais (2005, p. 403). Disso resulta a “desjaguarificação”, processo que acarreta no surgimento de uma nova ética do amor vinda do cristianismo. Diversas mudanças ocorreram na vida guarani, dentre elas a noção de pessoa, a alimentação e os rituais. É nesse contexto de mudanças que o autor reflete sobre os novos modos de se relacionar com animais e divindades. Um de seus

¹⁸ O artigo é uma revisão e continuação de sua tese de doutorado, A parte do Cauim. Etnografia juruna, do PPGAS do Museu Nacional da UFRJ.

¹⁹ “O animismo não é uma projeção figurada do humano sobre o animal, mas equivalência real entre as relações que humanos e animais mantêm consigo mesmos” (VIVEIROS DE CASTRO, 1996, p.127).

apontamentos é que o canibalismo, característico outrora, passa a ser negado, e o consumo de carne torna-se em certos casos restrito.

No ano posterior, surgem a dissertação de Anna Andrade (2006) “Concepções e práticas na relação com o animal: reflexões sobre o caso yonomami”; a tese de Mello (2006), que percorre o papel dos animais na cosmologia Guarani, “Aetchá Nhanderukuary Karai Retarã: Entre deuses e animais: Xamanismo, Parentesco e Transformação entre os Chiripá e Mbyá Guarani”; “A eficácia simbólica revisitada: cantos de cura ayoreo”, um artigo a respeito dos cantos de cura ayoreo, de Renshaw (2006), que perpassa a relação dos Ayoreo do Gran Chaco com os animais, seres que cedem seus poderes para os cantos de cura Ayoreo e que, juntamente às plantas e aos minerais, foram Ayoreo em sua origem; e o artigo de López (2006) “Noções de corporalidade e pessoa entre os Jodi”, no qual um grupo ameríndio é estudado à luz do perspectivismo. Aqui, é destacada a noção de alteridade dos Jodi, que envolve a penetração de substâncias e essências de seres de materialidades diversas - animais dentre outras - e torna imprecisos os limites da pessoa. Ademais, a autora relata as relações de parentesco jodi mantidas com animais e plantas.

Destaco aqui ainda os trabalhos de Júnior (2009) e Velden (2009, 2010). Júnior (2009) analisa a simbologia em torno da caça para duas populações Mbya-Guarani do litoral sul fluminense, observando as implicações sócio-cosmológicas da caça, as regras de polidez para com os animais e os perigos da comensalidade na dissertação “Os animais são muito mais que algo somente bom para comer”. Paralelamente, Velden (2009) reflete acerca das relações entre humanos e cães ou animais similares no artigo “Sobre cães e índios: domesticidade, classificação zoológica e relação humano-animal entre os Karitiana.” que aborda um povo indígena da Amazônia, publicado na Revista Avá, da Universidad Nacional de Misiones da Argentina. O autor avalia tais relações com o propósito de indicar contradições nos argumentos das ciências biológicas a respeito do processo de domesticação e argumenta a favor da inclusão das relações diferenciadas que existem entre animais e humanos em povos indígenas pela biologia, a fim de um reconhecimento de interações interespécies mais abrangente.

No ano seguinte, Velden (2010) apresenta sua tese de doutorado “Inquietas companhias: sobre animais de criação entre os Karitiana”, na qual privilegia animais oriundos do contato com os europeus, como cães, gatos, cavalos, porcos e galinhas. Seu trabalho salienta a maneira como eles foram incorporados no dia a dia karitiana, de forma que ela não pode mais existir sem eles, bem como em seu universo simbólico. O autor

aborda a familiaridade com os animais e a sua posição como membros de famílias e comunidades, em uma relação de filiação com os humanos, além de examinar o seu ciclo de vida como entendido pelos karitiana: eles são passíveis de cuidados quando crianças e de responsabilidades quando adultos²⁰.

Além dos trabalhos sobre populações indígenas, esse período nos fornece sete novas abordagens em contextos distintos. Em meados dos anos 2000, os estudos envolvendo primatas e primatólogos entram em cena como objeto de pesquisa, com o início do questionamento da exclusividade humana da cultura para além do perspectivismo. Rapchan publica o artigo “Os Parentes de Nosso Parentes: Um Ensaio sobre Sociedade e Culturas Chimpanzés sob uma perspectiva antropológica” em 2004, tema que continua a ser abordado pela autora conjuntamente a perspectivas de antropologia da ciência até a atualidade. Sá (2005a), por sua vez, utiliza da primatologia para pensar questões relacionadas às relações humano-animal, à fronteira entre a objetividade científica e à intersubjetividade estabelecida entre pesquisador e pesquisados, além da atribuição de cultura a animais não humanos.

No artigo “Da cultura da diferença à diferença das culturas: a apropriação do conceito de cultura no discurso de primatólogos” (2005a), Sá analisa os usos do termo “cultura” no campo da primatologia²¹ e suas implicações. A partir da percepção de comportamentos e práticas, os primatólogos atribuem cultura a primatas não humanos por estes possibilitarem o questionamento de supostas características exclusivas humanas de forma a utilizar o termo “cultura” para aquilo que não conseguem explicar pelos termos legitimados em sua área (2005a: 270). Isso refletiria para Sá o antropomorfismo dos primatólogos, já que sua ciência é pautada em parâmetros e construções humanas (2005a: 272) e esta atribuição de cultura consistiria em noções humanas projetadas sobre as práticas daqueles animais.

O autor argumenta então que a cultura não pode ser uma entidade concreta e restrita, formada por fatores pré determinados, pelo risco do etnocentrismo. Para ele, esses animais não humanos possuem cultura, porém cultura interespecífica. Sá propõe então

²⁰ O autor argumenta ainda que da mesma forma que os animais domesticados das zonas urbanas necessitam muitas vezes de assistência, os que são submetidos a condições miseráveis de existência nas aldeias indígenas também o são, e que é um dever estender a eles a qualidade de sujeitos de direito e não apenas delegar seus cuidados aos índios.

²¹ “Esses primatólogos entendem por “cultura” a presença de variantes comportamentais geograficamente distintas que são mantidas e transmitidas por um determinado grupo através de aprendizado social. Esse conjunto de especificidades acreditava-se só ser possível encontrar entre seres humanos. Todavia, para serem considerados traços culturais, os comportamentos e as práticas dos primatas devem variar de região para região, e devem ser mais comuns onde o contato social dentro do grupo é maior” (2005a, p. 270).

um desafio aos primatólogos: pensar em uma cultura primata calcada em categorias primatas (não humanas), de forma que "cultura" inclua também ações não determinadas pelo ambiente ou pela constituição biológica que não se assemelhem à cultura humana. Sá (2005b) também utiliza o seu trabalho com a primatologia para o campo da Antropologia da Ciência. No artigo "Meus macacos são vocês: Um antropólogo seguindo primatólogos em campo", o autor aborda a construção de identidades entre pesquisador e pesquisados, a qual Sá acredita ser feita através de relações intersubjetivas, bem como métodos e escolhas feitas em campo. Sá desenvolve esses temas em sua tese de doutorado "No Mesmo Galho: ciência, natureza e cultura nas relações entre primatólogos e primatas", do ano seguinte (SÁ, 2006).

Novos temas de pesquisa são apresentados em 2006, como pode-se ver nas pesquisas de Oro (2006) e Oliveira (2006). No artigo "The sacrifice of animals in Afro-Brazilian religions: analysis of a recent controversy in the Brazilian state of Rio Grande do Sul", publicado na revista *Religião e Sociedade*, Oro (2006) traz à discussão antropológica a polêmica a respeito do sacrifício de animais nas religiões africanas²². São explorados os argumentos de ambas as partes, a favor e contrária à proibição do sacrifício de animais em rituais religiosos, em que de um lado estaria o respeito à crença alheia, de reconhecimento público e de aceitação social das religiões de origem africana, para seus críticos, enquanto que para seus defensorer a questão predominante seria o direito dos animais.

Já Oliveira (2006) traz outra discussão à disciplina - a das relações entre pessoas e seus cães em ambientes cosmopolitas, a qual meu trabalho se aproxima. A autora analisa em sua dissertação relações de dois grupos do Rio de Janeiro com seus cães: proprietários de cães e criadores de cães utilizados em competições. Suas problematizações envolvem o afeto da relação, o uso dos cães como objeto de distinção e o valor social do animal. Diferente do campo por mim estudado, aqui as pessoas se classificam e se fixam socialmente a partir do valor atribuído à raça, linhagem e pedigree de seus animais. Trata-se de um estudo de campo que privilegia pessoas de classes abastadas. Oliveira também discute o consumo envolto nessas relações. Sua dissertação apresenta pontos semelhantes ao trabalho aqui realizado, contudo, com algumas discrepâncias. Oliveira (2008) dá

²² O artigo mostra o desenrolar da aprovação do Código Estadual de Proteção aos Animais do Rio Grande do Sul, que proibiria o sacrifício de animais em atos religiosos, e a resistência de grupos de religião africana prejudicados que acabou por culminar em uma lei que salvaguarda o sacrifício em razões de liberdade religiosa, desde que o animal não seja silvestre, não esteja em perigo de extinção e não haja crueldade em seu abate.

continuidade ao seu trabalho com a análise das categorias de pensamento que regem a lógica moderna de tratar os animais como pessoas em sua apresentação na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia²³.

Passados dois anos, mais dois temas são explorados. Leal (2008) introduz à área o universo brasileiro do agronegócio. Em seu mestrado “É de agronegócio!: circuitos, relações e trocas entre peões de manejo, peões de rodeio e tratadores de gado em feiras de pecuária” a autora não aborda a relação direta entre os humanos trabalhadores e os animais em tais eventos, mas sim a dinâmica dos circuitos de feiras, festas e exposições agropecuárias nas quais os animais estão envolvidos. Dentro de sua análise, Leal escreve sobre as categorias de julgamentos dos animais, as tecnologias genéticas e o comércio dos animais premiados, ainda que privilegiando os atores humanos²⁴.

Paulino (2008), por sua vez, traz à discussão a experimentação em animais em seu mestrado ‘Conflitos e Interesses acerca do Controle da Experimentação Animal no Estado de São Paulo’. A análise se firma sobre o contexto e os movimentos envolvidos no processo de elaboração de leis que restringem a experimentação animal no país, e em um segundo momento, no estado de São Paulo, somados à problematização das ideias defendidas e dos valores éticos em disputa. O autor mostra que os favoráveis à experimentação, uma articulação política que domina a discussão e faz com que ela não seja totalmente proibida, a justificam pela suposta necessidade da realização de experimentos em animais para o avanço da medicina e melhoria da qualidade de vida humana. Os contrários, por sua vez, argumentam contra a violência e as situações de maus tratos a que são submetidos os animais de laboratório. Ademais, Paulino fornece uma reflexão acerca das articulações políticas e as relações de poder que levaram à criação das leis da forma em que foram redigidas, resultando na criação de Comitês de Ética²⁵. O tema aqui abordado da experimentação animal e da discussão de distintos segmentos da sociedade acerca dos tratamentos destinados a eles será expandido em anos posteriores.

O trabalho seguinte, a dissertação “O rigor da morte: a construção simbólica do "animal de açougue" de Dias (2009), analisa medidas de proteção animais adotadas pela

²³ “Festa boa para cachorro”: Relações entre humanos e não-humanos no ambiente urbano, trabalho aceito pelo Grupo de Trabalho “A composição do social: coletando humanos e não-humanos”.

²⁴ A autora também apresenta seu trabalho na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia aceito no GT Identidades, Redes e Territorialidades no Espaço Rural sob o nome de “Ser peão na era do Agronegócio: O trabalho de peões de manejo, tratadores de gado e peões de rodeio em “Pecuárias”.

²⁵ Na análise de Paulino, se por um lado eles conferem legitimidade aos biomédicos que utilizam da vivissecção e garantem a sua continuidade juntamente ao sistema simbólico e produtivo que a consente, por outro abrem as atividades de laboratório aos ativistas defensores dos animais, uma vez que a partir da promulgação do Código de Fauna de São Paulo é obrigatória a presença destes nos comitês de ética.

indústria, ainda que o âmago de seu trabalho seja outro. Explorando o estatuto dos animais domésticos comestíveis da produção animal, Dias privilegia o momento do abate para refletir sobre a construção simbólica do animal ingerido. A autora contextualiza a instalação da indústria da carne no Brasil e a sua entrada no mercado internacional, e se utiliza de comparação entre Chicago, Berisso e Barretos para traçar uma perspectiva histórica da categoria “animal de açougue” e das circunstâncias da produção industrial entre o fim do século XIX e começo do XX. Ela aborda então a transformação das técnicas de matança da artesanal para a industrial e disserta sobre o abate humanitário²⁶.

No último ano desse período surge um trabalho que abrange as relações entre humanos e animais silvestres, a tese de doutorado de Sussekind (2010) intitulada “O rastro da onça: etnografia de um projeto de conservação em fazendas de gado do Pantanal”. Nela, o autor acompanha dois estudos científicos biológicos sobre a onça pintada realizados no local em questão e discorre a respeito dos atores envolvidos, dos costumes da região, da onça, da rede científica em volta dela e do gado, este criado junto às práticas de conservação.

Ainda nesse ínterim, surge a discussão a respeito de um animal específico - o gato. O artigo “Alguns aspectos simbólicos acerca do gato.” é uma discussão na qual Osório (2010) se utiliza de autores que fornecem perspectivas históricas e análises antropológicas para refletir acerca das distintas simbologias acerca desses animais em situação de domesticidade. Trata-se de um artigo que realiza uma análise do “estado da arte” do assunto em questão, no qual a autora problematiza as ambiguidades simbólicas peculiares dessa espécie.

Foi também nesse período que eu iniciei o estudo acerca das relações entre seres humanos e animais de estimação. Como demonstrei na introdução, em 2010 desenvolvi uma pesquisa para a disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa em Antropologia na qual a partir de trabalho de campo em pet shops da cidade de São Paulo busquei identificar as

²⁶ Ainda nesse ano, Don Kulick, professor da Universidade de Chicago, tem seu artigo publicado na *Mana*. “Animais gordos e a dissolução da fronteira entre as espécies” pondera a respeito da mudança de perspectiva sobre a obesidade animal e mostra como os cães trespassam os limites entre humanos e animais. Se antes ela era tida como um fator esteticamente positivo, agora passa a ser um problema social que em certos casos envolve a intervenção de diversas instituições, como o Estado, a polícia, e o direito, além de ser objeto de discussão de diversos atores. Kulick revisa os argumentos contra a obesidade e averigua a confiabilidade duvidosa das estatísticas que afirmam haver uma “epidemia”. O autor aponta como a indústria de pet food fatura com tais argumentos e analisa as formas da indústria pet de aproximar cães e humanos com seus diversos produtos e serviços. Kulick conclui que a linha divisória entre humanos e animais de estimação não é clara. Para ele, os animais que mais corrompem essa separação são os cães gordos, pois quanto mais gordos são, mais humanizados se tornam, uma vez que são sujeitados aos padrões de beleza, saúde e boa forma que acometem os humanos.

características particulares dessa relação. Motivada pelo afeto envolvido e pela infinidade de produtos e serviços direcionados a cães e gatos, procurei delinear as proximidades entre pets e seus donos e as características atribuídas a eles. Foi aqui que iniciei o campo que deu origem ao presente trabalho, desenvolvido posteriormente em três pesquisas de iniciação científica antes do mestrado. Essas pesquisas abrangeram distintas circunstâncias nas quais cães e gatos de estimação estavam implicados, algumas não abordadas neste trabalho, mas que me forneceram uma visão ampla do universo pesquisado.

1.3 A consolidação da área: de 2011 aos dias atuais

A partir de 2011 são publicadas diversas obras envolvendo animais. Assunto dominado inicialmente pela etnologia, após o período anterior no qual conjunturas urbanas e rurais não indígenas foram pesquisadas por poucos autores, nos últimos anos conta com a expansão de trabalhos, contextos e abordagens. De animais domésticos a silvestres, pertencentes às famílias humanas ou utilizados para consumo de distintas formas, detentores de agência reconhecida ou relegados ao abate, este último período que compreende do ano de 2011 até a atualidade contou com contextos mais variados e maior reconhecimento dentro da grande área Antropologia. Em 2012, pela primeira vez, houve um grupo de trabalho da Reunião Brasileira de Antropologia dedicado exclusivamente à “Antropologia das Relações Humano-Animal”. Três anos depois, em 2015, o segundo grupo de trabalho ligado ao tema é apresentado na V REA XIV ABANNE e, no ano subsequente, outro integra a 30ª RBA. Dentro deste último período, novos temas surgiram e outros foram aprofundados, seja por novos autores ou por mais publicações dos mesmos.

Sá (2012a) retoma a discussão envolvendo a primatologia para problematizar a troca de experiências entre humanos e animais não humanos em “Outra espécie de companhia: intersubjetividade entre primatólogos e primatas” os quais possuem relações dialógicas nas quais ambos reconhecem a subjetividade alheia. No ano seguinte, o autor publica um livro fruto de seu doutorado, no qual os nativos são tanto os primatólogos quanto os primatas estudados²⁷. Sussekind, por sua vez, volta ao tema de sua tese de

²⁷ SÁ, Guilherme. 2013. No mesmo galho: antropologia de coletivos humanos e animais. No livro, Sá examina as metáforas associadas aos animais por diferentes atores e argumenta a favor da socialidade dos animais por estes estarem implicados em relações sociais. Assim, o autor discorre a respeito de “Uma

doutorado no artigo “A onça-pintada e o gado branco” (2012) onde o autor explora o caráter ambíguo da onça na região do Projeto Onça Pantaneira. Se no passado a onça era alvo de caçadores, por conta da sua caracterização como símbolo da preservação ambiental elas passaram a fazer parte de uma nova forma de gerar capital – o turismo ecológico. O autor publica ainda o livro *O rastro da onça: relações entre humanos e animais no Pantanal*, no qual a análise das relações inclui outros atores além dos humanos e da onça pintada, como os cães e o gado que fazem parte do coletivo estudado. Como aponta Segata (2015), o autor dialoga com o perspectvismo ameríndio e se utiliza da teoria do ator-rede em sua análise²⁸.

O universo da pecuária é revisitado por Leal (2014) em seu doutorado “Nome aos bois Zebus e zebuzeiros em uma pecuária brasileira de elite”, o qual apresenta o universo da pecuária por outro aspecto – o segmento do gado de elite, animais de genética “aprimorada” a fim de melhorar a qualidade do gado de consumo. A autora aponta a autonomia desse mercado e reflete acerca de seus atores e regras particulares. Sua narrativa privilegia uma raça de gado de criação brasileira que utiliza para mobilizar as noções de raça, pureza, mestiçagem, sangue e genealogia. A partir desse campo, a autora problematiza as questões de parentesco, economia, biotecnologia e políticas públicas²⁹.

Osório também continua seu estudo acerca dos gatos domésticos. Em 2011, a autora publica o artigo “Posse responsável: moral, ciência e educação ambiental em um grupo de protetores de gatos de rua.” (2011a), no qual, perpassando a história dos animais de estimação, foca sua análise em um grupo virtual de protetores de gatos de rua do Rio de Janeiro. Ela apresenta os dez mandamentos da posse responsável e o discurso do grupo, para quem os gatos não sobreviveriam sem a intervenção humana. O conceito histórico de posse animal é analisado juntamente ao debate sobre a liberdade animal. Em “Humanidade e não-humanidade: notas sobre um grupo de protetores de gatos de rua” (2011b), a análise incide sobre o gênero, o parentesco e o afeto mobilizados por tais animais. A questão central do texto é, entretanto, a humanidade atribuída aos animais

cultura da relação e em relação. Nesta cultura narrativa e intersubjetiva situamos a possibilidade de diálogo entre humanos e não humanos e tornamos viável falar em termos de reconhecimento interespecífico”(p. 150 Apud FROEHLICH; ALMEIDA, 2013, p. 599). Uma resenha pode ser encontrada na *Mana*, de autoria de Froehlich e Almeida (2013).

²⁸ Uma resenha do livro pode ser encontrada na *Revista Horizontes Antropológicos* volume 21 número 44, feita por Segata (2015).

²⁹ Antes da tese Leal aborda o tema em ““Touros de genética, touros de genealogia”: Controvérsias da pecuária brasileira” (LEAL, 2011), onde contrasta os gados de corte e de elite e indica as formas pelas quais os cientistas utilizam os termos genética e genealogia para suscitar políticas pecuárias brasileiras e para produzir novos gados de consumo.

resgatados, ou a falta dela. No ano subsequente, a autora apresenta “O discurso emocional de um grupo de protetores de gatos de rua.”³⁰, onde Osório (2012a) analisa a emotividade relativa aos humanos e aos gatos. Ela acrescenta à reflexão a análise dos gatos na categoria de vítima e aponta o anti-humanismo presente nos discursos do grupo e os valores morais e sentimentos atribuídos aos gatos.

No ano de 2013, Osório publica o artigo “A cidade e os animais: da modernização à posse responsável”, no qual compara o resgate de animais de rua empreendidos por grupos de proteção animal nos dias atuais à retirada desses animais da rua na cidade de São Paulo durante sua modernização nos séculos XIX e XX. O tema de protetores de animais que os resgatam da rua é ainda desenvolvido em “Sociabilities and sensitivities: recruitments in homeless animal care”, onde a autora analisa redes de sociabilidade e formas de recrutamento.

Após o início do estudo da temática de protetores de animais em 2011, mais autores se dedicaram ao assunto. Voltando suas investigações a grupos de proteção em diferentes contextos, os autores buscam entender as concepções acerca dos animais que motivam tais ações. Entre os aspectos comumente analisados estão a sensibilidade do grupo, os discursos, a economia moral envolta nas ações de proteção, os tratamentos despendidos aos animais e o valor afetivo dessas relações. Em 2012, duas dissertações envolvendo protetores foram apresentadas. A. Oliveira (2012) em “Pensar nos bichos: afetos, políticas e simbioses da proteção animal.”, um estudo sobre ecologia política, analisa associações de proteção animal e políticas públicas voltadas a eles em um contexto urbano e industrial. O autor pondera acerca da domesticidade e do convívio entre animais e humanos a partir da ética das legislações e dos discursos militantes, refletindo sobre os conceitos de bem-estar, proteção e direitos animais. Mattos (2012), por sua vez, analisa a militância a partir de ONGs que recolhem animais abandonados e tentam realocá-los pela adoção em “Quando a ajuda é animalitária: um estudo antropológico sobre sensibilidade e moralidades envolvidas no cuidado e proteção de animais abandonados a partir de Porto Alegre/RS.”. Mattos problematiza as ditas responsabilidades humanas para com os animais e o comprometimento que essa relação suscita. Ademais, aborda as ações do Estado relativas à causa animal na cidade de Porto Alegre.

Nos anos seguintes, mais trabalhos os seguem. A tese “De abandono, proteção e outras formas de relação com os animais: Motivações, interações e diferenças no Rio de

³⁰ Trabalho apresentado no XV ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE e PRÉ-ALAS BRASIL, dentro do GT Sociologia e Antropologia das Emoções.

Janeiro e no sertão nordestino” de P. S. Santos (2014), é uma análise e comparação de dois campos - o do trabalho de proteção aos animais situado na região metropolitana do Rio de Janeiro e o da prática da caprinovinocultura no sertão nordestino. São apresentadas as diferentes perspectivas das relações com os animais, apontadas suas noções compartilhadas e os seus diálogos. O artigo “Domesticando o Humano: para uma antropologia moral da proteção animal.” de Lewgoy, Sordi e Pinto (2015) é um estudo do campo de proteção animal de Porto Alegre formado por organizações não governamentais e redes de voluntários. O argumento dos autores aponta a intenção dos protetores em educar os humanos para a exercício da responsabilidade moral, psicológica e legal sobre os animais ao mesmo tempo em que há uma tentativa de higienizar a moralidade de outros protetores cujas ações são condenadas. “Da paixão à “ajuda animalitária”: o paradoxo do “amor incondicional” no cuidado e no abandono de animais de estimação”, artigo de Pastori e Gonçalves (2015), aborda grupos de resgate animal e discute dois aspectos possíveis na relação com os animais presentes em cidades do Rio Grande do Sul: o processo de humanização de cães e gatos de estimação, envolvendo a noção de “amor incondicional”, e seu contraponto, o abandono dos mesmos, onde é encontrada a prática de “coisificação” dos animais. A dissertação de Pinto (2016a), “Resgatando afetos: um estudo antropológico sobre redes urbanas de proteção animal”, lança um olhar sobre moralidades e sensibilidades referentes às relações multiespecíficas partindo de um contexto de animais comunitários, neste caso, residentes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A autora analisa as constituições das redes de apoio aos animais, suas controvérsias e negociações internas, e aponta as formas pelas quais elas afetam a política e a simbologia em torno do animal.

Tais trabalhos majoritariamente concentram suas análises nos animais de estimação, sobretudo cães e gatos, e tendem a explorar grupos específicos que interagem com os animais, com ênfase em situações de abandono. Em adição ao estudo dos grupos de protetores, em 2011 também afloram os estudos dos movimentos de proteção animal, que abrangem maior diversidade de espécies animais. Tal discussão foi abordada anteriormente por Paulino (2008) no estudo do conflito de interesses vinculados à experimentação animal. Assim como ele, Ramiro (2011) dedica-se à problematização da vivissecção em “Vivissecção: uma disputa em sua regulamentação - das ruas ao parlamento”, sua dissertação de mestrado. Ele parte da Lei Arouca de 2008, que regulamenta a experimentação animal a nível nacional, para olhar os atores e as razões políticas envolvidas na discussão e a disputa simbólica da noção de animal de laboratório,

bem como os argumentos utilizados pela sua defesa e contestação. O autor elucida o movimento antivivisseccionista enquanto movimento social não homogêneo e o enquadra na discussão mais ampla da luta contra a exploração de animais não humanos.

Enquanto esses dois trabalhos refletem acerca dos movimentos de direitos animais em situações aplicadas e investigam também os grupos com os quais fazem oposição, surgiram nesse ano novos trabalhos nos quais o cerne consiste na análise dos movimentos em si. Ferrigno (2011) em “Direitos Animais e o remodelamento das fronteiras políticas entre mundos humano e não humano”³¹ problematiza a diferença de tratamento direcionados a animais domésticos e de consumo e analisa os argumentos de veganos e vegetarianos contra o consumo da carne, tidas como mortes e sofrimentos desnecessários de seres sencientes que podem ser evitados pelo poder de escolha humano. Ela mostra a luta do movimento de defesa dos direitos animais pela legitimidade de sua posição e desenvolve sua análise na dissertação “Veganismo e libertação animal: um estudo etnográfico” (FERRIGNO, 2012a). Resultado de etnografia feita em diferentes espaços de discussão, como congressos e manifestações, o trabalho expõe a dinâmica do movimento político nacional que atribui aos animais a qualidade de sujeitos e defende sua emancipação da sociedade. Ferrigno explora seus argumentos, reivindicações e seus hábitos - os veganos são pessoas que não utilizam ou consomem produtos e alimentos com componentes de origem animal, testados em animais ou que os utilizam para outros fins, como entretenimento ou rituais religiosos. A autora problematiza também a afirmação política do veganismo, o abolicionismo, que defende o fim do uso de animais na vida humana independentemente do contexto cultural, justificado por uma suposta ética universal.

Sordi (2011) em “O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais” descreve as perspectivas sobre os animais na antropologia e pondera acerca do movimento de defesa animal abolicionista, suas reivindicações, argumentos e posições frente a outros movimentos de militância, como os bem estaristas e os ambientalistas, com base no movimento de Porto Alegre. Almeida (2012) em “Não queremos gaiolas maiores, queremos gaiolas vazias: uma etnografia de defensoras de animais e vegetarianas”³² aborda o tema a partir de um grupo defensor dos animais de Goiânia. O autor faz uma análise antropológica das ideias e práticas do grupo, incluindo o vegetarianismo, o veganismo, a proteção, o direito e a abolição animal. Almeida reflete

³¹ Apresentado em Jornadas de Antropologia da UNICAMP, 2011.

³² Dissertação de mestrado.

ainda acerca do escrever a respeito do ativismo e escreve partes da sua dissertação com autoria plural junto a militantes.

No XV Encontro de Ciências Sociais – Norte/Nordeste (CISO), Perrota (2012) apresentou “O “sofrimento” como justificativa para a reivindicação de uma nova relação entre humanos e animais”, onde analisa as razões pelas quais os animais são considerados sujeitos de direito e as demandas de organizações de sua defesa. Perrota mostra a necessidade nativa de ampliar a eles a comunidade moral geralmente estendida apenas aos humanos justificada pela ideia do animal como ser vivo que tem emoções e sofrimento, à semelhança do que é entendido nos cães de meu campo. Aqui, entretanto, todos os animais são dignos de direitos, o que os leva à modificação de atitudes humanas para com eles nos cinco eixos de exploração animal: na alimentação, na utilização destes para matéria prima, na experimentação animal, nos maus tratos, e no uso dos animais para entretenimento. A autora problematiza ainda o processo de construção de identidade e a noção de humano. Em 2015, a Perrota dá continuidade à análise na tese “Humanidade estendida. A construção dos animais como sujeito de direitos”, na qual interpela os movimentos de proteção animal brasileiros pela ótica de pesquisadores, professores e membros do ministério público comprometidos em produzir o direito e a ética animalistas a partir de uma política multiespécie.

Vilela (2013), por sua vez, aborda o movimento de defesa animal com base em um grupo de veganos de Natal na dissertação “Ativismo Vegano em Natal (RN): uma etnografia sobre mobilização política, alimentação ética e identidades.”. Investigando o processo da construção de identidade dos sujeitos pesquisados pelas suas escolhas alimentares, de consumo e políticas baseadas na recusa de produtos de origem animal, Vilela aponta as trajetórias e motivações desses sujeitos e os conflitos resultantes do tornar-se vegano. Lira (2013), na tese “Limites e paradoxos da moralidade vegan: um estudo sobre as bases simbólicas e morais do vegetarianismo.”, investiga grupos veganos, vegetarianos ou de adeptos à alimentação viva situados em Recife. Seu trabalho visa entender a simbologia e a moralidade em torno da alimentação, em detrimento dos outros campos de defesa. Através da Antropologia da Alimentação, Lira analisa critérios e noções de moralidade, ética, justiça social, preservação ambiental, ideais de bem estar e saúde, equilíbrio, igualdade, pureza, e espiritualidade.

Borges (2013) parece mudar o foco da defesa dos animais na dissertação “Cara de pele, efeito de pele”: Uma etnografia do debate sobre o uso de peles de animais na indústria do vestuário e da moda a partir da campanha Boicote Arezzo”, a qual não foi

encontrada. Nas informações disponíveis, entretanto, consta que a área na qual se situa é Antropologia da Ciência. No mesmo ano, M. Souza (2013) apresenta a dissertação “O fim do Antropocentrismo? Propostas para repensar o não humano a partir de militâncias em defesa dos animais na cidade de Florianópolis – SC”. Com o objetivo de refletir sobre o pensamento a respeito dos animais não humanos de seus interlocutores militantes, a autora também discute conceitos como veganismo, vegetarianismo e senciência e sua importância na reivindicação da concepção dos animais como sujeitos de direito. Apresenta, ademais, um histórico de grupos e pessoas envolvidos com a defesa dos animais de modo abrangente e as trajetórias de seus interlocutores.

Os autores apresentados acima, à exceção de Ferrigno (2011, 2012a, 2012b) e Perrota (2012, 2015), fazem a análise do movimento de defesa animal dentro do contexto de cidades específicas, observando assim as particularidades de cada local e os processos pelos quais os movimentos são constituídos. Nota-se a ênfase no aspecto alimentar, foco de análise majoritária nos trabalhos, seguido por outras reivindicações. Todos eles, contudo, abordam o porquê da defesa dos animais e as concepções nela envolvidas.

Ao todo, os trabalhos elucidam as diversas faces do movimento, notadamente em disputa. Como já afirmara Ferrigno (2011), além das concepções acerca do tratamento postulado aos animais, até mesmo os termos e seus significados são alvos de discussão. O vegetarianismo, por exemplo, oferece algumas interpretações. Usualmente é entendido como abstenção do consumo da carne de animais (FERRIGNO, 2011), porém, de acordo com a Sociedade Vegetariana Brasileira, existe mais de um tipo de dieta vegetariana. As dietas lacto-vegetarianas são aquelas que incorporam leite ou laticínios no alimento e as ovo-lacto-vegetarianas aceitam além desses produtos os ovos. Muitos veganos, contudo, recusam-se a reconhecer como vegetarianos os que consomem algo de origem animal (VILELA, 2013, p. 14). O vegetarianismo pode ainda ser “estrito”, sinônimo de veganismo (FERRIGNO, 2011). Nesse movimento, apesar de suas controvérsias, disputas e contradições, observa-se a insatisfação com os tratamentos contemporâneos usuais destinados aos animais, de estimação e de consumo, e a consequente luta por uma nova relação entre humanos e outros animais na qual os últimos sejam encarados como sujeitos de direitos.

Foi ainda no início desse período, na década de 2010, que novos trabalhos voltados aos animais domésticos surgiram. Assim como em Oliveira (2006), a mudança nas relações entre seres humanos e seus animais de estimação é tema de estudos que compreendem distintas esferas da convivência humana com esses animais, tais como a

saúde, o consumo e a agência animal. A. Oliveira (2011) em “Sobre pets e “párias”: pensando natureza e sociedade através de ontologias caninas”³³ reflete acerca da suposta “humanização” de cães de estimação impulsionada pelo mercado pet, o qual, segundo o autor, comercializa acessórios de modo a forjá-la, juntamente à análise das perspectivas de protetores e das políticas públicas a respeito de cães de rua.

No ano seguinte, mais autores abordam a questão. Eu conclui a pesquisa “Quase humanos? Análise sobre as relações de afeto, distância e proximidade entre cães de estimação e os seres humanos”, em 2012, na qual abordei diferentes aspectos da relação entre humanos e cachorros de estimação, explorando as formas pelas quais tais animais não humanos são entendidos como semelhantes e/ou distintos de seus donos e a hierarquia na qual estão inseridos. O propósito da pesquisa era analisar os cães que pareciam “humanizados” e que eram tidos como sujeitos portadores de consciência, personalidade, pensamentos, sentimentos e agência. Dei continuidade à pesquisa em “Emoção e empatia: os limites do humano e do não humano na relação entre o homem e os animais domésticos. As pet shops na cidade de São Paulo”, em 2013, na qual analisei tal relação através de três eixos: o do afeto e da moral, do mercado pet e da saúde e medicina, e em “Para pets e pet lovers: o crescimento do mercado e a humanização dos animais”, em 2014, onde o enfoque recaiu sobre as formas pelas quais o mercado pet negocia a identidade dos animais de estimação e sua articulação com os marcadores da diferença. Abordei ainda o tema em “Emoção e empatia: os limites do humano e do não humano nas relações entre os homens e seus animais de estimação.” (CORTEZ, 2015), texto feito para a REA/ABANNE 2015.

Segata (2012a) na tese “Nós e os Outros Humanos, os Animais de Estimação” problematiza a construção da humanidade dos pets e os seus limites. O autor argumenta que ela não é produzida apenas a partir de elementos culturais compartilhados com os seres humanos, mas inclui elementos tidos como naturais, derivados de fatores biológicos compartilhados entre as espécies. Segata mostra como uma biologia equivalente entre humanos e animais não humanos permite diagnósticos e medicações semelhantes em ambos, e argumenta que os impulsos e características comportamentais caninas que a domesticação tentou controlar, quando aparentes, são tratados nesse contexto como doenças mentais. O autor reproduz parte de seu terceiro capítulo no artigo “Os cães com depressão e os seus humanos de estimação” (SEGATA, 2012d), no qual a partir de relatos

³³ Apresentação em Jornadas de Antropologia da UNICAMP, 2011.

etnográficos de casos de depressão e gravidez psicológica discute os problemas psiquiátricos caninos e sua utilidade para o mercado pet³⁴.

Pastore (2012), por sua vez, analisa a chamada “humanização” dos animais de estimação e suas implicações junto às reflexões dos campos de antropologia das emoções, do corpo e econômica. “Perto e Longe do Coração Selvagem: um estudo antropológico sobre animais de estimação em Porto Alegre, Rio Grande do Sul” é uma dissertação fruto de etnografia feita principalmente em uma clínica veterinária. A autora analisa os discursos sobre “amor incondicional” sob a perspectiva religiosa e explora o mercado pet na área da saúde animal. Ela, assim como Segata, aponta para um forte crescimento de tratamentos e especialidades médicas para pets que refletiriam a medicina humana e contribuiriam para tal humanização.

Soma-se a esses autores Abreu da Silveira (2015a). No artigo “De um Prosaico Coexistir Interespecífico aos Dilemas do Biopoder: as interações humanas e não humanas no mundo urbano contemporâneo amazônico” o autor problematiza as relações entre humanos e animais no recinto da casa, com destaque para as implicações na saúde de ambas as espécies. Ao pensar o coabitar e suas questões subjetivas, o autor reflete sobre o biopoder e o processo higienizador a partir de uma experiência própria em um contexto urbano, a cidade de Belém (PA)³⁵. Osório (2016) também se volta aos animais domésticos fora do contexto de proteção. Em “Guloseimas para animais de estimação: notas sobre afeto, alimentação e mercado pet.”, a autora aborda a suposta infantilização de tais animais e a contribuição do mercado pet nesse processo, juntamente à antropomorfização e (re)animalização animal. Osório interliga ainda a infantilização do pet ao seu status de membro da família e à própria antropomorfização animal.

Fora ao contexto doméstico e urbano analisados pelos autores acima, no qual o animal não apresenta papel utilitário marcante, Barreto (2015) pensa o cão em contexto rural de trabalho. Na dissertação “Por dez vacas com cria eu não troco meu cachorro: as relações entre humanos e cães nas atividades pastoris do pampa brasileiro”, Barreto (2015) explora a utilização de cães na bovinocultura e ovinocultura familiar e reflete

³⁴ Esse texto pode ser encontrado também como “Parecidos, o Suficiente: nós e os outros humanos, os animais de estimação” na Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar, v.4, n.1 e ainda como texto da 28ª RBA “Uma nova epidemia: a depressão canina e os seus dispositivos”.

³⁵ Acrescenta-se ao conjunto das obras o artigo “O papel do consumo na construção de relacionamentos entre humanos e pets” publicado na Ponto Urbe, revista de Antropologia do NAU/USP. Nele, Abonizio e Baptistella (2016) refletem sobre as relações de afeto entre humanos e animais sob a ótica do consumo. Para tanto, as autoras se utilizam das áreas da sociologia do cotidiano e de estudos de consumo, bem como de antropologia das emoções.

acerca das concepções e expectativas relativas a esse auxílio. O autor pondera a respeito da “humanização” desses cães em contexto rural e analisa o estabelecimento de uma raça canina da região, chamada de Ovelheiro Gaúcho.

Esses trabalhos abordam as relações entre humanos seus cães e/ou gatos e exploram as características desse conviver para cada contexto analisado. Em sua maioria, enfatizam a chamada “humanização” animal, que aparece também em contextos de proteção. Eles mostram como estes animais, antigamente alvos do utilitarismo, são entendidos como sujeitos com os quais se estabelece uma relação afetiva, que apenas para o campo de Barreto não é regra. Até mesmo nos cães utilizados em atividades pastoris são reconhecidas características tradicionalmente entendidas como exclusividades humanas, em análises que contribuem diretamente para a reflexão mais acurada sobre a dicotomia natureza e cultura e os limites do humano.

A aplicação do direito aos animais estudada por Bevilaqua (2011a, 2011b, 2014) é outro tema surgido em 2011. No artigo “Chimpanzés em juízo: pessoas, coisas e diferenças” (2011a), a autora utiliza dois casos jurídicos, um de São Paulo e outro da Áustria, exemplos de uma política ativista adotada nos últimos anos - a de apresentar processos jurídicos a favor de indivíduos não humanos -, para refletir acerca do papel do direito na composição das formas de existência que ele reconhece e padroniza. Ambos questionam a tradição dos sistemas jurídicos ocidentais de admitir os animais enquanto coisas, um por solicitar habeas corpus para duas chimpanzés e outro por requerer o reconhecimento jurídico de pessoa para uma chimpanzé. A problematização da autora deriva da dificuldade do direito de legislar a respeito de seres vivos com agência que não se encaixam nas categorias de pessoas ou coisas da forma consagrada pelo direito ocidental, pois este opera pelo dualismo entre pessoa e coisa e nega completamente a agência aos seres vivos não humanos, relegando-os à última categoria. Bevilaqua dá continuidade à reflexão no artigo “Normas jurídicas e agências não-humanas: o caso dos cães “perigosos” (2011b) publicado na Revista Avá³⁶, no qual aponta a mesma dificuldade do direito agora a partir de projetos de lei brasileiros que prevêm medidas restritivas, punição ou erradicação de cães e até mesmo de raças consideradas perigosas por sua suposta violência, o que implica na admissão da agência animal. Bevilaqua apresenta ainda seu estudo em “Direito(s) e agências não-humanas: como julgar os atos de um animal?” (2014) na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia.

³⁶ Revista da Universidad Nacional de Misiones.

O último tema surgido no ano de 2011 é do conflito de saberes. Estorniolo (2011) utiliza casos de implantação de projetos na Amazônia para discutir a interação entre saberes científicos e saberes indígenas no artigo “Manejo de quê? algumas equívocos em projetos de manejo na Amazônia”. A autora mostra projetos de criação e manejo de animais e de desenvolvimento sustentável feitos por cientistas para índios que falham em sua comunicação, apesar de ambas as partes possuírem interesses compartilhados, por partirem de distintas concepções e atitudes acerca da natureza e do meio ambiente. Estorniolo sugere, então, que os projetos bem sucedidos respaldam-se em um entendimento entre as partes nas quais elas tomam consciência da diferença entre seus discursos, o que possibilitaria diálogos efetivos e negociações com possibilidade de serem bem sucedidas. Velden (2015a) também aborda a temática em “Dessas galinhas brancas, de granja: ciência, técnica e conhecimento local nos equívocos da criação de animais entre os Karitiana (RO)”, artigo no qual analisa controvérsias envoltas em um projeto de criação de galinhas entre os Karitina não bem sucedido. Aqui, o autor discute os diferentes saberes, de técnicos e dos karitiana, e reflete sobre a reinvenção desse conhecimento a partir dos agentes de campo³⁷.

O ano de 2012 apresenta uma temática nova. Trata-se da zoofilia, discutida por Díaz-Benítez (2012) no contexto da produção pornográfica. O artigo “Sexo com animais como prática extrema no pornô bizarro” aborda a pornografia e as questões de gênero e sexualidade a partir do mercado de filmes brasileiros de zoofilia. A autora explora o estigma desse nicho dentro da pornografia e traz uma discussão a respeito da legalidade dos filmes, área de intenso debate entre ativistas e defensores da prática que envolve conceitos como direitos animais e consentimento. Um dos maiores impedimentos para a criminalização da prática é, segundo a autora, que isso implicaria no estatuto de sujeitos aos animais frente à legislação. Na falta deste estatuto, a legalidade é alvo de um dilema de interpretação das leis que regulam a vida animal. Díaz-Benítez explora a zoofilia também a partir do erotismo e das configurações de gênero e sexualidade envoltas na prática.

Dois temas voltam também à produção antropológica, o da carne de consumo e o das perspectivas ameríndias das relações entre humanos e animais. Somam-se a Dias

³⁷ O tema volta à reflexão antropológica em ““Caranguejo é um mistério, ele mina”: reflexões sobre a relação entre humanos caranguejeiros e não humanos caranguejos em Bragança-PA”, apresentação de Saraiva e Corrêa (2016) na RBA de 2016. Ali os autores analisam, além da relação entre esses dois seres, as divergências de saberes entre caranguejeiros e cientistas responsáveis pela política de captura e os interesses políticos envoltos nessa contradição.

(2009) os trabalhos de Lewgoy e Sordi (2012a, 2012b), Sordi (2013), J. P. Silva (2013) e Froehlich (2016), que abordam a alimentação baseada no consumo de carne.

Lewgoy e Sordi exploram o campo de debates e controvérsias acerca da alimentação de humanos e de animais domésticos. Em “As guerras de carne: o consumo carnívoro, seus defensores e críticos: novas e velhas configurações” (2012a), são analisadas as controvérsias de diferentes atores a respeito da alimentação humana baseada na indústria pecuária, incluindo os produtores de carne e os movimentos de defesa dos direitos animais. Já em “Devorando a carcaça: contracozinhas e dietas alternativas na alimentação animal” (2012b), os autores abordam o crescimento da indústria de pet food assim como as críticas a ela, com ênfase nos contextos da Vaca Louca e de um recall de uma ração ocorrido nos Estados Unidos. Está em pauta também a defesa de dietas em acordo com a suposta alimentação natural dos animais de estimação e até mesmo a imposição do vegetarianismo a eles.

No ano seguinte, Sordi (2013) apresenta sua dissertação “De carcaças e máquinas de quatro estômagos: estudo das controvérsias sobre produção e consumo de carne no Brasil”, na qual desenvolve o tema do primeiro artigo. O autor pesquisa três argumentos de contestação ao seu consumo: as relações de carnivorismo e comensalismo implicadas nesse ato; as relações entre humanos, animais e ambiente envoltas na produção pecuária; e os impactos de seu consumo na saúde humana e na moral de nossa espécie. Nessa reflexão sobre a oscilação do animal enquanto sujeito ou objeto, são incorporadas as questões de gênero, corpo, saúde e os aspectos socioeconômicos envolvidos no consumo da carne³⁸.

J. P. Silva (2013) também problematiza o processo de produção da carne, porém privilegia a criação de porcos em um arranjo de economia familiar em “A carne estigmatizada: criação de suínos no Curimataú paraibano”. Sua dissertação inclui na análise do caráter simbólico dos porcos aspectos como divisão sexual, trabalho, festividade e reciprocidade. A tradição é aqui uma questão, assim como a sociabilidade e solidariedade em torno da criação e consumo de porcos. O autor explora ainda as controvérsias entre os discursos e normas idealizadas e a prática em torno da atividade. Froehlich (2016a), na tese “O bem-estar na carne: um estudo antropológico sobre as

³⁸ O autor produz ainda “Realidades de mercado e práticas emergentes no consumo de rações animais: um olhar a partir de eventos críticos globais.” (2012c) e “Neo-ruralismo e modernização conservadora: os dispositivos de reprodução das elites agropastoris na pecuária de corte bovina brasileira.” (2012b), para apresentações em encontros científicos.

relações entre humanos e animais a partir da categoria de “bem-estar animal”, investiga a adoção de medidas que supostamente amenizam o sofrimento de bovinos de abate e as diferentes formas de utilização da noção de “bem estar” por agentes distintos - produtores de gado de corte, defensores de direitos animais, o meio científico e o mercado da carne.

Entre os trabalhos de etnologia indígena publicados a partir de 2012 estão “O funeral do caçador: caça e perigo na Amazônia” (Garcia, 2012), artigo baseado nos Awá-Guajá que discute as relações entre caça, guerra e saúde e entre esse grupo e os animais; as dissertações “WAI-MAHSÃ: perixes e humanos. Um ensaio de antropologia indígena” de J. P. L. Barreto (2013), que foca na diferenciação e análise de wai-mahsã (humanos invisíveis) e wai (peixe) para os Tukano visando reformular entendimentos prévios sobre esses conceitos; “A flecha mata porque tem vida: um estudo etnográfico sobre os artefatos de caça dos Gavião Ikólóéhj”, de Bento (2013), que averigua a agência dos artefatos de caça para o povo Gavião de Rondônia, assim como as relações envolvidas no uso deles; “Os Paumari e o peixe-boi: da concepção história a prática da pesca”, de Vieira (2013), na qual a autora aborda a relação dos Paumari com os peixe-boi em três aspectos: a dimensão histórica, o lugar do peixe-boi na cosmologia em questão e a prática da pesca do animal; a tese de Florido (2013) “Os Deni do Cuniuá: um estudo do parentesco” que inclui os animais na análise do parentesco; e a dissertação “Convivendo na terra de ÑANE RAMÖI JUSU PAPA: uma etnografia das relações entre os PAÏ TAVYTERÄ e os animais” de Britos (2015), na qual a autora elabora uma reflexão da relação desse povo com os animais no cotidiano.

O ano de 2012 apresenta também um aumento na importância dos estudos sobre relações entre humanos e outros animais para a Antropologia, visto que aqui é publicado o dossiê “Humanos e animais” do Anuário Antropológico, que abrange autores nacionais e estrangeiros cujos trabalhos ocorrem em âmbitos diversos e ocorre o primeiro Grupo de Trabalho sobre o tema. Na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia houve o GT “Animais e humanos em contextos urbanos e rurais: novas perspectivas sobre relações interespecíficas” de coordenação de Felipe Ferreira Vander Velden e Ciméa Barbato Beviláqua.

A primeira sessão, intitulada “Tempos de explorar, tempos de proteger” contou com os trabalhos “Gatos também amam! Uma análise das perspectivas de protetores de gatos de rua” de Andréa Osório; “Abolição da exploração ou defesa do bem estar: as propostas em disputa no movimento de defesa animal”, de Mayra Ferrigno; “Pelo boi e sua carcaça: manejo racional e sustentabilidade nos discursos do sistema-carne brasileira”

de Caetano Sordi e “A festa de aniversário do touro Ranchi: uma etnografia da celebração de um mercado” de Natacha Simeí Leal; autores cujos trabalhos de mesma temática já foram apontados em momentos anteriores. Somados a eles está “Inventário Nacional de referências Culturais - Pecuária Bagé/RS (1 fase)”, de autoria de Fabíola Mattos Pereira, Flávia Maria Silva Rieth e Marília Floor Kosby, sem registro virtual encontrado³⁹.

A sessão seguinte, “Pessoas animais: da domesticidade à biodiversidade”, englobou os trabalhos de Lewgoy (2012) “Movimento Cachorro Verde: neorromantismo ecológico e primitivismo nos cuidados pet” e de Segata (2012b) “Uma nova epidemia: a depressão canina e os seus dispositivos”, temas também discutidos anteriormente pelos autores e indicados acima. Além deles, estavam os trabalhos de Teixeira (2012), Dantas (2012) e Gaspar (2012), este último não localizado. A primeira autora reflete acerca das relações entre humanos e animais no contexto de circuitos de cinofilia e da criação de cães de raça definida em “Reflexões sobre uma economia estética no mundo da Cinofilia”. Teixeira apresenta seu campo em eventos de cinofilia e analisa as concepções presentes nesse universo, bem como a economia que gira em torno dele. Em “É preciso matar o porco: de humano a animal despersonalizado”, Dantas examina os laços de afeto entre seres humanos e seus porcos criados junto à residência para o abate no sertão do Rio Grande do Norte, os quais são sujeitos criados como uma família ampliada à família humana. Uma vez que lhes é atribuída certa humanidade, Dantas argumenta que o abate é um ritual que obedece a normas sociais e busca desumanizar e desanimalizar a carne para que ela se torne própria para o consumo.

Na terceira e última sessão, “Espaços humanos e animais: gestão, política e ciência”, foram aceitos os trabalhos “A caça em um floresta urbana: as múltiplas formas de interação entre homens, animais e a paisagem” de A.C.F. Fernandez e R.R. Oliveira; “Estudo antropológico das interações humanos e não humanos no Bosque Rodrigues Alves, Belém” de Flávio Leonel Abreu da Silveira; “A ascensão do chimpanzé: religião e política em um evento (antropo) zoológico carioca” de Guilherme José da Silva e Sá e “Complexidades da experimentação animal: sobre cientistas, murinos e outros mamíferos” de Marcos Castro Carvalho, que não foram encontrados. Ali foi aceito

³⁹ No site <https://inrcbage.wordpress.com/> encontra-se o seguinte relato a respeito: “O Inventário Nacional de Referências Culturais- Lidas Campeiras na Região de Bagé/RS é ação realizada por equipe de antropólogos e historiadores da Universidade Federal de Pelotas, por intermédio do curso de Bacharelado em Antropologia, por solicitação, recursos e metodologia do IPHAN, no âmbito do PAC das cidades históricas. Objetiva realizar o inventário da cultura campeira, a partir de levantamento bibliográfico e etnográfico sobre as relações sociais entre homens, animais e utensílios envolvidos na produção pecuária extensiva no pampa sul-rio-grandense, fronteira com Argentina e Uruguai.” Acesso em 02/02/2017.

também o trabalho “Algumas reflexões sobre o ambientalismo e duas espécies emblemáticas”, de Creado, Torres e Freitas, no qual os autores partem de espécies emblemáticas – a tartaruga marinha do Espírito Santo e o elefante sul africano – para discutir dilemas relacionados à conservação. Dentre eles estão embates entre ambientalistas e a população afetada pelo preservacionismo e entre as esferas políticas e científicas envolvidas na preservação⁴⁰.

No ano subsequente, 2013, surgem análises das relações com os animais em outros contextos. Na dissertação “Homemcavalo: uma etnografia dos carroceiros de Belo Horizonte”, Lopes (2013) analisa os modos de vida de carroceiros do leste da cidade. Sua pesquisa baseia-se em três eixos de relações presentes na vida carroceira: a relação de espaço e tempo com a cidade; a relação com os outros agentes sociais; e a relação com os animais. Em um trabalho que utiliza também da Antropologia das Imagens, o autor discute as questões de humanidade e animalidade a partir da relação dos carroceiros com os seus animais de carga, na qual ambos são sujeitos. O autor afirma que nela é mantida a diferença entre humanos e animais, porém se reconhece aos últimos personalidade, espírito e intenção. Já no artigo “Vidas experimentais: humanos e roedores no laboratório” Souza (2013) reflete acerca das relações entre os pesquisadores e os roedores que eles utilizam em seus estudos. Contrapondo a visão de uma relação apenas instrumental, a autora argumenta que existe uma comunicação entre eles. Segundo Souza, ambos são feitos um pelo outro e não existe passividade em nenhum lado dessa relação⁴¹. Ademais, surge na Revista ANTHROPOLÓGICAS o dossiê “Animais e Humanos” que reuniu artigos cujas análises recaem sobre as relações entre humanos e animais, sejam eles de estimação ou não, em centros urbanos e espaços rurais. São abrangidas ainda relações não fisicamente diretas com os animais, como questões de direito e militância animal.

⁴⁰ No ano de 2012 também há o mestrado de Leinig, “Nem brabo nem manso: homens, animais e plantas no assentamento Vaale da Serra; Pitanga”. O autor foca na importância da simbologia acerca das categorias de brabo e manso em um assentamento rural do Movimento Sem Terra, onde elas estão relacionadas com as questões de luta, honra e sangue. Em um momento da dissertação Leinig explora a centralidade dos animais na cosmologia dessa dualidade.

⁴¹ A ética de pesquisa, a experimentação animal e a discussão da antropologia da ciência também são temas do artigo “A partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente” de Haraway (2011), Professora da University of California at Santa Cruz, publicado na Revista Horizontes Antropológicos. Nele a autora discute a questão da liberdade dos animais nas relações instrumentais, que ela afirma existir, ainda que não seja plena, e analisa a relação de desigualdade histórica entre os animais de laboratórios e os que conduzem os experimentos. Haraway explora também a “partilha de sofrimento” e acaba por recusar ambas as extremidades da discussão - tanto os direitos invioláveis dos animais quanto a supremacia do bem humano

No ano seguinte, Amorim (2014) analisa as políticas públicas voltadas para animais silvestres e domésticos em sua dissertação “Entre políticas públicas e animais: uma etnografia do Departamento de Pesquisa e Conservação da Fauna de Curitiba (PR)”, a partir do acompanhamento de duas formas institucionais de lidar com os animais: a da Rede de Defesa e Proteção Animal, destinada a animais domésticos, e do Zoológico, palco de interação com os silvestres. Amorim argumenta que as políticas públicas sofrem influência dos funcionários que trabalham nesses espaços, muitas vezes consequências das relações desses atores com os animais agentes, e contraia a teoria weberiana segundo a qual o automatismo e a indiferença estão presentes nas burocracias estatais.

Ainda em 2014, a religião volta à reflexão antropológica. Na dissertação “Pombo, pato, galinha, bode: bichos em trânsito! Estudo etnográfico sobre as apropriações de animais no Ilé asé Iyá Ogunté- um templo de candomblé na Amazônia.”, S. Santos (2014) pesquisa as formas de apropriação sociais, culturais e mágico-religiosas dos animais em um centro religioso de candomblé a partir da etnoecologia. O tema é abordado também por Candido (2015) na dissertação “Liberdade de crença e política: tensões e controvérsias no campo religioso afro-brasileiro em São Paulo”, onde os conflitos em torno do Projeto de Lei 992/2011, que visa proibir o uso e/ou sacrifício de animais em rituais religiosos no Estado de São Paulo, são problematizados. O autor se posiciona e argumenta a favor da inconstitucionalidade do PL por entender que este fere o direito à liberdade de crença⁴².

No ano seguinte, cinco novas abordagens foram estabelecidas. Uma delas foi o estudo de terapias assistidas por animais. Na tese ““O que é que o cavalo sabe: um estudo antropológico sobre o vínculo animal humano na equoterapia”, Pavão (2015a) reflete acerca da figura do cavalo e de sua função dentro da equoterapia, terapia para o avanço biopsicossocial de pessoas com deficiência que faz o uso destes animais. Sua análise

⁴² Também no ano de 2014, Rocha se utiliza do processo de criação de porcos em uma comunidade quilombola, além de outros fatores, para pensar as formas de saberes domésticos que são também dimensões políticas em ““Num só crio pra vender, não”: Etnicidade, gênero e saberes domésticos em Moita Verde (Parnamirim, RN)”. Antonio (2014), da área de Ciências da Engenharia Ambiental, por sua vez, apresenta “As relações entre animais humanos e não-humanos em contexto de desastre.” na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, trabalho que discute a vulnerabilidade dos animais domésticos e de criação em situações de emergência. Em uma análise que engloba Antropologia Histórica e Sociologia dos Desastres, a autora reflete acerca dos vínculos construídos entre humanos e animais e seus significados, bem como sobre o sofrimento decorrente da perda do animal em conjunção a outros sofrimentos derivados dos desastres. Antonio aponta ainda para a inexistência de legislações específicas e de integração das instituições que poderiam intervir em situações críticas ou de emergência, resultando na vulnerabilidade dos animais. A autora volta ao tema junto a Valêncio no artigo “Animais de estimação em contexto de desastres: desafios de (des)proteção” (2016).

envolve tanto a relação de humanos com cavalos quanto entre humanos com e sem deficiência para repensar as noções de humano e animal. Nesse contexto, Pavão ressalta a percepção humana da capacidade de sentir, perceber e fazer dos cavalos, o que lhes atribui agência, ainda que as relações estabelecidas com eles sejam de caráter utilitário, sendo esses cavalos recursos para propósitos humanos. Essa discussão é encontrada também em “Volteios e ziguezagues: uma leitura antropológica sobre o vínculo animal-humano na Equoterapia” (Pavão, 2015b). Teixeira (2015), por sua vez, apresenta a tese “A Terapia Assistida por Animais como uma forma de associação: Um estudo antropológico sobre a relação humano-animais na promoção da saúde humana, no Brasil.”.

A dissertação “Do velamento ao esquecimento: a constituição do zoológico de São Paulo”, de V. P. Oliveira (2015), traz esse campo para a discussão. O trabalho mapeia argumentos e atores confrontantes à criação do zoológico público da cidade de São Paulo, analisa o debate sobre as relevâncias científicas e políticas que o envolvem e reflete acerca da sensibilidade da época ao confinamento de animais, em um tempo no qual o zoológico era indicação de civilidade na cena política paulista e brasileira. Ademais, discute o seu esquecimento contemporâneo. O zoológico é também palco do estudo de Abreu da Silveira e M. H. P. Silva (2015), que em “Acerca do olhar do outro, ou sobre “tratadores” e animais em cativeiro: por uma etnografia no “zoo” em contexto urbano (Belém – PA)” problematizam interações, trocas de perspectivas e trocas de olhares entre os tratadores e os animais em questão. Aqui o cerne é a relação estabelecida entre os atores. Eles apontam os conhecimentos adquiridos pelos tratadores sobre os comportamentos animais e apresentam os tipos de agência dos últimos, assim como os as práticas de cuidado exercidas. Os autores indicam ainda a desigualdade existente nas relações entre ambos, visto que os humanos detém, nesse contexto, o poder sobre a vida animal.

Outra abordagem desse ano diz respeito às relações estabelecidas entre humanos e cavalos não domésticos em contextos de pecuária. A dissertação “Cada doma é um livro”: A relação entre humanos e cavalos no pampa sul-rio-grandense”, de V. Lima (2015), é uma etnografia sobre as possibilidades de interação entre domadores e cavalos, sendo os primeiros responsáveis por ensinar os últimos a realizar ações utilizadas no trabalho da pecuária extensiva. O autor aponta formas de comunicação entre humanos e cavalos, estes vistos como seres que possuem temperamento, e argumenta que o

aprendizado é mútuo, sendo fruto da experiência e convivência entre ambos⁴³. Pires (2015), na tese “Laços brutos: Vaqueiros e búfalos no baixo Araguaari – Amapá”, trata dos modos de relação de vaqueiros e outros grupos envolvidos na cultura do búfalo com esses animais, das práticas de criação e das técnicas utilizadas.

As corridas de cavalo também ganham vez. Velasques (2015), na dissertação “Ciência Inexata: Corrida de Cavalo & Antropologia” e Labronici (2016a), na tese “Na pata do cavalo: um estudo etnográfico com apostadores do turfe em agências credenciadas do Jockey Club Brasileiro”, exploram o contexto de apostas em turfe. Estão em questão aqui os conhecimentos hipológicos, as modalidades de aposta, as regras sociais e os processos de sociabilidade do público apostador além das relações entre os atores. São problematizados os significados simbólicos e metafóricos dos cavalos para os apostadores e as suas interpretações dos dados do cavalo. A compreensão dos sinais emitidos pelo animal para a realização das apostas num jogo de incertezas⁴⁴ (Velasques, 2015) e as performances tanto dos cavalos quanto dos apostadores (Labronici, 2016a) também são analisadas.

A última abordagem surgida é analítica. No artigo “Entre o real e o representado: um debate na história dos animais”, Osório (2015a) desenvolve uma análise do debate em questão partindo de revisão bibliográfica. A autora discute duas formas nas quais animais em geral aparecem na bibliografia: a primeira, mais antiga, refere-se ao estudo das representações sociais humanas nas quais os animais estavam inseridos, enquanto a segunda reflete a respeito dos animais “reais”, incluindo sua agência. Ademais, autora aborda as consequências da inclusão da etologia em pesquisas historiográficas⁴⁵.

Também neste ano ocorreu na V REA XIV ABANNE o grupo de trabalho intitulado “Antropologia das Relações Humano-Animal”, coordenados por Osório e Abreu da Silveira⁴⁶. A primeira sessão reuniu os trabalhos de Osório (2015b), ““Mãe de gato? Reflexões sobre o parentesco entre humanos e animais de estimação”, no qual a autora se baseia no grupo de proteção anteriormente estudado para abordar a humanização

⁴³ A análise inclui a interação com os artefatos utilizados e o ambiente em que ela ocorre.

⁴⁴ Esse último tema é desenvolvido também na sua apresentação na REA/ABANNE de 2015, “O que os cavalos estão dizendo? – uma interpretação da interpretação dos apostadores das corridas de cavalo”, que a borda a linguagem interespecie existente no contexto.

⁴⁵ Ainda em 2015, Sobral (2015) analisa a literatura parisiense entre-guerras voltada para as touradas e a sua transformação nos modos de olhar para as corridas de touro em “Fronteiras da Europa. A corrida de touros vista da Paris literária entre-guerras”.

⁴⁶ Aponto todos os trabalhos aceitos pelo grupo de trabalho e não apenas os de fato apresentados. Cito-os na esperança de que elucidem a grande diversidade de contextos explorados pela antropologia que estuda a relação entre humanos e animais não humanos.

e a utilização do termo parentesco para os animais; Lima (2015), “Considerações sobre a família multiespécie”, no qual a socióloga discute os conceitos “tratar como gente”, “antropomorfizar” e “humanizar” contextualizados na relação entre humanos e seus cães e gatos de estimação; o meu, “Emoção e empatia: os limites do humano e do não humano nas relações entre os homens e seus animais de estimação” (Cortez, 2015), que aborda brevemente aspectos discutidos nesta dissertação; Nascimento (2015), “““Eu quero tanto bem a ela”: refletindo sobre afetividade enquanto relação de poder”, o qual problematiza as relações entre humanos e animais de pequenos produtores rurais; e de Abreu da Silveira, “As paisagens coexistenciais interespecíficas. Refletindo sobre humanos e não-humanos compartilhando espaços do mundo urbano contemporâneo”.

A sessão seguinte abrangeu os trabalhos “Entre a vida animal e a liberdade religiosa: análise de três debates públicos acerca da proibição do sacrifício animal nas religiões afro-brasileiras” de Borboleta (2015); ““O ser humano é um lixo!”: discussões sobre o humano e o animal em imagens reais de violência explícita” de Holanda (2015); “O trabalho dos carroceiros em Natal/RN: pensando a relação humano e animal” de S. Carvalho (2015); “Estudo etnoecológico da relação entre pescadores e tartarugas marinhas em Ajuruteua, Bragança Pará” de Barboza, Paolo, Costa e Nunes (2015) do Grupo de Estudos Socioambientais Costeiros (ESAC), pertencente ao Programa de Pós-graduação em Biologia Ambiental da Universidade Federal do Pará; “Parque dos Falcões: humanos e aves no espaço da linguagem” de Vianna (2015), onde o autor, do Departamento de Letras, questiona a unilateralidade humana de imposição de ações para com os animais e problematiza a interação entre cuidadores do parque e aves através da dimensão linguística; e “Produzindo quimeras - uma etnografia de encontros entre roedores e cientistas no universo laboratorial” de C. Carvalho (2015).

A terceira sessão englobou “Relações jamais esquecidas: presença e modos de agir de xivi (onça)” de Pissolato (2015); “A cultura da pesca: os Paumari e o peixe-boi” de Vieira; “Pesca artesanal e cooperação humanos-cetáceos no litoral sul do Brasil” de Totti (2015); “O que os cavalos estão dizendo? - uma interpretação dos apostadores das corridas de cavalo” de Velasquez (2015); “Agilidade e Prestígio no Sertão de Pernambuco: as relações ecológicas entre vaqueiros, cavalos, bois e caatinga nas competições de pega de boi no mato” de Pereira (2015), no qual a análise incide sobre as relações entre os atores descritos em suas faces de dominação e associação; e “Diálogos entre animal e humano”, de Leão (2015). A gama de trabalhos aceitos para esse GT refletem o crescimento de contextos abordados e o diálogo com outras áreas de

conhecimento. Em distintos cenários em que animais não humanos estão presentes, questões como a humanização, antropomorfização, o afeto, as relações de poder, a comunicação interespecies, a valoração animal, o compartilhamento de espaços e o lugar dos animais como membros da família ou parentes são problematizadas. Ressalto também a diversidade de animais envolvidos: cães, gatos, cavalos, aves, peixes, sendo eles domésticos ou não.

Neste ano foram publicados também os dossiês “Animalidades Plurais” da *R@u – Revista de Antropologia* da UFSCar e “Humanos e Não-Humanos” do *CADECS – Cadernos Eletrônicos de Ciências Sociais*. Em 2016 somam-se a eles os dossiês “Humanos e Não-Humanos” da *Revista de Estudos e Investigações Antropológicas*, “Antropologia das relações humano-animal: paisagens simbólico-práticas de coexistência” da *ILUMINURAS*, “Nas roças e nas aldeias: animais em contextos rurais e indígenas” da revista *Teoria e Cultura*, e “Animals in anthropology”, da *Vibrant - Virtual Brazilian Anthropology*. Nesses dossiês, são encontrados textos resultados de experiências práticas e de problematização teórica acerca das relações entre nós e os outros animais.

Por fim, no ano de 2016, último ano abordado, um tema novo é apresentado. Trata-se das rinhas de galo, aqui tratada como esporte, amplamente conhecida porém sem reflexões aprofundadas anteriormente no Brasil. Matos (2016), em sua dissertação “Rinhas de galos no litoral norte paraibano: performances em um esporte interétnico”, faz uma análise baseada na Antropologia da Performance do contexto das brigas de galo, esporte no qual galos são considerados atletas e humanos treinadores - tanto dos humanos quanto dos animais enredados.

Nesse ano, na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, ocorreu o grupo de trabalho “Antropologia das relações humano-animal”, coordenado também por Osório e Abreu da Silveira. Foram aceitos os trabalhos: “Defensores dos direitos dos animais face as negociações para a determinação das marcas de dor e sofrimento dos animais.” de Perrota (2016); “Mercado pet e família multiespécie: transformações e ambiguidades nas relações com cães e gatos no Brasil” de Lima (2016); “Redes urbanas de proteção animal: moralidades, práticas e controvérsias” de Pinto (2016b); “Aspectos morais por trás da “carne quente”: uma questão de gosto e (in)civilidade” de Liberal (2016); “Animais Veganos: dilemas da alimentação eticamente orientada imposta animais de estimação” de Abonizio e Baptistella (2016b); ““Quem ganha, o homem ou o animal?” Reflexões referentes a relação entre cavalos de corridas e jóqueis no processo de elaboração e

apostas no turfe.” de Labronici (2016b); ““Animais são amigos, não comida”: Reflexões acerca do grupo de vegetarianos e veganos em Goiânia.” de Duarte (2016); “Voando baixo sobre os humanos: garças e urubus no Ver-o-Peso (PA)” de M. H. P. Silva e Mercês (2016); “La (etno)zoología de los qom del Gran Chaco y la zoología de occidente. Reflexiones para un diálogo posible” de Medrano (2016); “Entre Tatuquiras e Curupiras: a percepção dos processos de adoecimento a partir da relação entre animais e humanos na Resex Tapajós-Arapiuns/PA” de Cardoso (2016); “Afinidades vitais - humanos e animais na pesquisa científica” de Souza (2016); “Os porcos como materialidade, metáfora e metonímia nas cirurgias experimentais para produção de um dispositivo de assistência circulatória” de Marini (2016); “Orquídeas versus Tartarugas Marinhas: narrando conflitos ocultos” de Creado e Torres (2016); “Seleção e “raceamento” do gado Pé-Duro piauiense. Naturezas e culturas, raças e misturas.” de Leal (2016); “As “donas” dos crocodilos do rio Zambeze: Relatos de uma amizade socialmente indesejada” de Braço (2016); “Biocativeiros, conservacionismo e defesa animal: mapeamento de conflitos a partir do caso Parque Dois Irmãos (Recife)” de Neto e Cavalcanti (2016); ““Bicho Mau”: encontros com cobras peçonhentas em Urucuia, MG” de Pereira (2016); “Cachorros que atacam criação: reflexões éticas sobre a mobilidade e a vida social dos animais em ambientes rurais” de R. Teixeira e Ayoub (2016); “Das associações entre bem-estar, animal e produção: o caso da carne bovina” de Froehlich (2016b); “O frigorífico na aldeia: sobre o trabalho nas indústrias de carne para os Kaingang do Toldo Chimbanguê” de Stefanuto (2016); “Entre “araganas” e iguarias: as cabritas na comunidade quilombola de Palmas, em Bagé/RS” de Kosby (2016); ““Caranguejo é um mistério, ele mina”: reflexões sobre a relação entre humanos caranguejeiros e não humanos caranguejos em Bragança-PA” de Saraiva e Corrêa (2016); e “Armas, armadilhas e territorialidade: a caça e a pesca Baniwa vistas pela ótica da comunicação não-verbal” de C. Oliveira (2016).

Nota-se que durante este último período uma grande quantidade de autores publicaram seus trabalhos em diferentes domínios, além de se envolverem em grupos de trabalho para a reflexão conjunta acerca das relações entre humanos e animais não humanos. As publicações e participações em eventos mostram que existe uma tendência de continuidade da agenda pesquisada, abrangendo os vários aspectos possíveis de uma mesma situação.

Desde o ano 2011, vimos o florescimento de novas questões. Alvos de diversas concepções, os animais estão presentes de distintas formas na vida humana. Seja pelo

afeto ou pela utilidade, em contextos rurais ou urbanos, domésticos ou de estimação, eles exercem influência nas situações descritas, sendo na maior parte delas tidos como atores que também as modelam. É interessante notar como em contextos diferentes as mesmas características podem ser recorrentes. Velden (2010) mostra como certos animais são tidos como membros da família e recebem tratamentos semelhantes ao de pessoas entre os Karitiana, o que acontece de maneira similar em situações urbanas mostradas por muitos autores. O mesmo ocorre com alguns discursos de defesa animal, presentes em diferentes regiões do país.

O livro lançado em 2016, *Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relação entre humanos e animais*, organizado por Bevilaqua e Velden, ilustra a diversidade de temas abordados no Brasil. O livro é dividido em cinco partes que englobam pesquisas majoritariamente publicadas em outro momento, muitas em apresentações em grupos de trabalho. Na parte um, “Domesticidades, parentescos, genealogias”, estão os trabalhos de Osório (2016), “Mãe de gato? Reflexões sobre o parentesco entre humanos e animais de estimação”; Leal (2016), “O debut do touro Ranchi: uma celebração da pecuária de gado de elite”; e Teixeira (2016), “A relação entre homens e animais no mundo da cinofilia: uma análise antropológica”. Já na parte dois, intitulada “Produzir a vida e administrar a morte” encontram-se os trabalhos de Sordi (2016), “Pelo boi e sua carcaça: breves apontamentos sobre a disseminação do manejo racional e do bem-estar animal na pecuária bovina do Brasil”; de Fernandez, Berck e R. Oliveira, “A caça em uma floresta urbana: integrando pessoas, animais e paisagem”; de Dantas, “É preciso matar o porco: de humano a animal despersonificado”; e de F. M. Pereira, Rieth e Kosby (2016), “Inventário Nacional de Referências Culturais – Pecuária, Bagé/RS”, que dialogam com o tema da alimentação e do poder sobre a vida alheia.

A terceira parte, “Modos de comer, formas de existir”, é composta pelos trabalhos “Etnografia de uma manifestação – animais: os novos sujeitos de direito”, de Ferrigno (2016); “Crítica da razão impura: o repto naturalista na alimentação animal”, de Lewgoy (2016); e “Quando é gente? A humanidade dos animais de estimação e os seus custos”, de Segata (2016). A parte quatro, “Entre espécies?”, abrange os trabalhos de Sá (2016), “A ascensão do chimpanzé: religião e política em um evento (antropo)zoológico carioca”; Abreu da Silveira (2016), “As relações humanas e não-humanas na metrópole amazônica. Estudo etnográfico no Bosque Rodrigues Alves, Belém (PA)”; e C. Carvalho (2016), “Complexidades da experimentação animal: sobre cientistas, cobaias e tecnologias biomédicas”. Por fim, na quinta parte, intitulada “Carisma e inimizade”, encontram-se os

trabalhos “Ambientalismo, tecnociência e espécies emblemáticas: algumas reflexões a partir de elefantes africanos e tartarugas marinhas” de Creado, Torres e Freitas (2016); “Direito(s) e agências não-humanas: como julgar os atos de um animal?” de Bevilaqua (2016); e “Pequenos espíritos vampiros: mosquitos, malária e índios em Rondônia”, de Velden (2016).

O campo brasileiro da antropologia das relações humano-animal, apresentado neste capítulo, ilustra situações que possibilitam repensar os domínios da humanidade e da animalidade, e mais amplamente, discutir sobre o binômio natureza e cultura. Parece-me que esses trabalhos visam entender o que significa ser animal, seja ele uma espécie em questão, ou todos os animais do reino *Animalia*. As problematizações analisam as formas como eles (e nós) são concebidos e como isso formata as relações que são estabelecidas com eles. Essas se apresentam de distintas formas: podem ser permeadas pelo afeto, criadas pela defesa da proteção humana sobre o animal, apenas utilitárias, em conjunção de forma que as espécies envolvidas sejam beneficiadas...

É justo usá-los em experimentos, em entretenimento humano, em sacrifícios religiosos? As respostas encontradas nos campos estudados variam enormemente. O que os autores que trabalham com o tema fazem em sua maioria é analisar as particularidades das relações em seus contextos, que, somadas a outros trabalhos, mostram as distintas formas de conceber e lidar com os animais. Noto, entretanto, que entender animais não humanos como sujeitos é algo presente em contextos diversos. Isso não é, portanto, uma particularidade de meu campo, do meio urbano ou de animais de estimação. Creio que esse amplo reconhecimento de subjetividade a animais não humanos aponte para a quebra da ideia de animais como máquinas vivas, como sugeriu Descartes.

Não apenas eles e nós somos sujeitos como a comunicação e a troca de experiências entre as espécies está presente, o que nos faz olhar para um mundo compartilhado, construído interespecificamente. Os trabalhos apresentados nos mostram que mesmo em situações de poder sobre a vida de animais não humanos, que são amplas, há o espaço para o florescimento de relações não apenas de poder, mas de afetividade, de respeito, de zelo, por exemplo. O que apresento nesta dissertação vai ao encontro desse modo de entender o mundo. É uma forma na qual animais não humanos são concebidos como sujeitos sociais e agentes, com suas implicações e complexidades específicas do campo, que junto aos humanos partilham o mundo.

Capítulo 2

A subjetividade canina: amor, família e incapacidades em questão

Durante o capítulo inicial desta dissertação, perpassei a literatura antropológica brasileira que dialoga acerca das relações entre seres humanos e animais não humanos. Neste segundo capítulo e no próximo, dedico-me a tratar da minha contribuição ao campo a partir da análise de uma interação específica: a dos seres humanos e seus cães de estimação que, neste contexto abordado, apresenta uma categoria envolta em seus distintos aspectos - a do afeto.

Falar sobre as relações entre humanos e cães é falar em uma grande pluralidade de formas de interação situadas em distintos contextos, em um amplo espectro, que abrangem da alta estima e amizade aos maus tratos, tratando-os como seres dignos de preocupação e proteção ou como seres que existem apenas para satisfazer as vontades humanas. Uma atitude natural para com os seres vivos não humanos é inexistente (Thomas, 1988) - bem como para com humanos⁴⁷ -, essas são variáveis tanto entre culturas como entre temporalidades (Thomas, 1988; Ingold, 1995).

Consciente da multiplicidade de relações possíveis entre seres humanos e animais não humanos, algumas mostradas por autores citados no capítulo anterior, optei por utilizar nesta dissertação um recorte que se baseia tanto em delimitações físicas como em formas de conceber a relação. Reflete-se aqui acerca das relações entre seres humanos e seus cães de estimação cujo alicerce consiste no afeto, nas quais o elo é tão forte que os cães são membros da família. Esses cães são vistos como sujeitos por seus donos, sendo dotados de características tradicionalmente humanas, tais como personalidade, capacidade de sentir, amar, pensar e se expressar e, assim, capazes de se relacionar com os seres humanos a partir de características individuais. Mais ainda, são relações estabelecidas na cidade de São Paulo, que puderam ser percebidas especialmente (porém não apenas) em pet shops pertencentes a bairros considerados de classe média nas zonas norte e oeste da cidade. Desta forma, o mercado pet está presente em grande parte dessa relação, motivo pelo qual o próximo capítulo dedicar-se-á a ele.

Em termos de formas de lidar com a questão animal, Matos e Pastori (2015, p.

⁴⁷ Recorro aos trabalhos de Moutinho (2004, 2010 e 2012) no sentido de lembrar que em um mesmo espaço de tempo, nem todos os seres humanos são “dignos de proteção e respeito” da mesma forma: raça, sexualidade, gênero e classe mobilizam diferentes sentidos de respeito e constroem seres humanos igualmente distintos.

114) lembram que para Lezé (2002) a antropologia apresenta três formas interdependentes de fazê-lo, sendo elas as análises das representações dos animais, das funções destes e das interações dos mesmos com os seres humanos, esta última em menor quantidade⁴⁸. As primeiras remontam a tempos mais longínquos na literatura antropológica, enquanto a última aflora internacionalmente a partir da chamada virada animalista, a qual admite o animal não humano como ser que compõe o social juntamente à nossa espécie (Segata 2012a, p. 60). Tal termo (*tournant animaliste* originalmente), segundo Segata (2015), foi utilizado em um colóquio na França em 2011 e deriva do entendimento de animais não humanos como constituintes de coletivos, resultando em debates que repensam as continuidades humanas e animais, bem como a agência e o ambiente de ambos.

No interior do debate acerca das diferentes análises e papéis dos animais, Vander Venden (2015, p. 9) sugere que os animais são na realidade símbolos (ou signos) e sujeitos a todos os momentos, e que a antropologia não necessita escolher apenas uma forma de análise. Dentro dessa perspectiva, oriento meu trabalho no sentido de priorizar a análise das relações entre humanos e cães, entretanto com consciência de sua interligação com as situações em que estes animais aparecem como símbolos e/ou seres portadores de funções⁴⁹.

2.1 Animais de estimação

Animais de estimação gozam de diferentes entendimentos na literatura das áreas de humanas. O historiador Keith Thomas (1988, p. 135), em seu estudo sobre as mudanças de atitudes inglesas relacionadas ao mundo natural durante os anos 1500 e

⁴⁸ Osório (2015) em “Entre o real e o representado: um debate na história dos animais” faz uma revisão bibliográfica de dois enfoques da história animal, o das representações animais e o do animal “real”, este último com grande importância dada à agência animal.

⁴⁹ Em nossa sociedade, cães podem ter diversas “funções”, e gozarem ou não de uma relação de afeto intensa com os donos. Alguns deles, como os cães-guia, são tidos como “trabalhadores” nos discursos de seus responsáveis. É o caso de cães encontrados em trabalho de campo que foram adquiridos para fazer a segurança de uma casa e de cães-guia treinados por uma ONG que os oferece a deficientes visuais. Aqui, porém, cabe a pergunta – se os cães são trabalhadores, qual é o seu salário? A forma de pagamento? Os direitos trabalhistas? Foram eles acordados? Ressalto que o termo “trabalho” possui significados distintos para cães e humanos. Esses dois casos apresentam o cão como sujeito a quem se imputa uma função, sem que a escolha parta do animal. Isso não significa, entretanto, que estes não modelem a relação com sua agência, não apenas aceitando o que lhes é imposto mas também a partir do poder de recusa, nem que as relações que se estabelecem com base na funcionalidade dos animais não abra espaço para um forte laço afetivo. A funcionalidade de um cão e o laço emocional com seu dono não são excludentes e seus limites não são claros.

1800, aponta três características que acredita diferenciá-los dos outros animais naquela situação particular. Eram elas a permissão de entrada na casa humana, a atribuição de um nome pessoal e individualizado ao animal, ressaltando a maior possibilidade de um nome humano para os cães mimados por seus donos, já que tal atitude indica, para o autor, maior proximidade entre o dono e o animal, e, por fim, a impossibilidade de comê-los – não pela incomensabilidade de sua carne, mas por conta de sua posição na sociedade. Osório (2015, p. 2), por sua vez, utiliza-se de Ritvo (1987) e trabalha com a perspectiva de que o animal de estimação vive para o afeto humano e não está inserido em uma relação de trabalho, como no caso dos cães de guarda.

Noto que há diferença entre animal de estimação e animal doméstico, sendo que o cão aqui em questão enquadra-se em ambos. Na literatura referente a animais domésticos, Barreto (2015, p. 14) argumenta que eles possuem três finalidades não excludentes: consumo, companhia ou trabalho. Os animais de consumo, então, seriam abrangidos por essa classificação. Ainda para o autor, o animal doméstico difere do selvagem, e portanto, do não-humano, sendo então humanizado em relação ao selvagem de mesma espécie (BARRETO, 2015, p.30). Pinto (2016a, p. 8-9) alerta para uma forma de interpretação usual utilizada para categorizar o animal enquanto doméstico – a sua proximidade com os seres humanos juntamente a sua inclusão ao cotidiano humano. A autora argumenta que a noção de domesticidade, enquanto nega aos animais silvestres a responsabilidade humana por conta de sua independência, impõe aos animais domésticos os cuidados e proteções humanas. Tal dependência pode ser verificada no discurso legal. Para o estado de São Paulo, são considerados animais domésticos “aqueles de convívio do ser humano, dele dependentes, e que não repelem o jugo humano” segundo a lei nº 11.977, de 25 de agosto de 2005⁵⁰.

Escolho utilizar o termo animais de estimação, embora os cães sejam também animais domésticos e domesticados, pois creio exprimir a especificidade tão cara ao meu campo – a estima ao animal. Trato como cães de estimação aqueles que gozam de uma relação afetiva com seus donos. Para meus interlocutores, esses cães coabitam o interior do lar com humano(s). Esse recorte não exclui cães que também “protegem” a casa, embora esses sejam a minoria encontrada em campo⁵¹. Vale lembrar que, como A. Oliveira (2011) e Pinto (2016a) já afirmaram, não são todos os animais da mesma espécie

⁵⁰ Disponível em <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2005/lei-11977-25.08.2005.html>.

⁵¹ Os cães utilizados para segurança encontrados foram adquiridos por um gosto por tais animais que os antecedia

que gozam do mesmo estatuto de pet, pois eles podem assumir posições de animais indesejados - como cães de rua, por vezes tidos como pragas.

A partir deste ponto, apresento as características que acredito compõem a identidade canina. Os termos utilizados nesta dissertação em referência aos animais não são empregados pelas pessoas com as quais trabalho, pois elas não se referem a seus cães como animais, animais de estimação ou animais de companhia. Estes são chamados por seus nomes próprios, e quando são citados para outras pessoas ou animais, se essas não conhecem seu nome, são utilizadas as palavras cachorra, cachorro, cachorrinha, cachorrinho, filho ou filha. A palavra cão também é pouco usada. A exceção é para a palavra pet, amplamente empregada por diferentes setores do mercado pet.

Como afirmado anteriormente, cães são sujeitos para seus donos⁵². Isso significa que eles são vistos de maneira individual, a partir do reconhecimento de uma subjetividade específica ao animal⁵³. Ainda que cães não tenham a mesma desenvoltura racional que nós humanos, são neles reconhecidas capacidades historicamente atribuídas apenas a nós, capacidades estas que vão de encontro à noção de que cães, como animais não-humanos, agem apenas por instinto. Disso resulta a quebra das fronteiras rígidas e clássicas entre humanidade e animalidade e a inserção desses animais em uma comunidade possuidora de agência, juntamente aos humanos⁵⁴.

2.2 O reconhecimento de características antropomórficas e a superação da humanidade

Amor. É isso, amor puro. O amor que um cachorro te dá ninguém mais te dá.

Ana⁵⁵, junho de 2014, cliente de pet shop.

Essa cachorra é muito esperta. Ela descobriu como abrir a porta sozinha!

⁵² “Dono” é categoria êmica. Esta denominação contrasta com a de “tutores”, utilizada por militantes dos direitos dos animais e por advogados do Conselho Regional de Medicina Veterinária. Por razão da alta presença do termo, opto por não utilizar aspas. A escolha por sua utilização decorre devido a sua capacidade de exprimir de maneira mais acurada os termos da relação analisada. A ideia de posse retratada no termo é significativa para esse vínculo.

⁵³ A atribuição de individualidade a animais em contextos distintos já foi abordada por outros trabalhos (OLIVEIRA 2006; SÁ 2006; SEGATA 2012a; PASTORI 2012; DANTAS 2012; BARRETO 2015; OSÓRIO 2011; INGOLD 1995; KULICK 2009; PASTORI e MATOS 2015; ABREU e P. SILVA 2015; PINTO 2016a).

⁵⁴ Reitero que a escolha do objeto de pesquisa deu-se em função dessa forma de compreender os cães, encontrada entre seres humanos frequentadores de pet shops na cidade de São Paulo. Não se trata de afirmar que todos os humanos acatam essa concepção ou que todos os cães são tratados dessa maneira, mas sim de indicar particularidades do grupo estudado.

⁵⁵ Os nomes aqui utilizados são pseudônimos.

Sabrina, setembro de 2016, cliente de pet shop.

Não parece que pensa. Ela pensa.

Emma, maio de 2016, em entrevista na casa da família.

Pensar, sentir, entender, comunicar. Entre donos de cães e até mesmo pessoas que já tiveram contato com esses animais, é comum a aceitação e defesa dessas capacidades. Os cães entendem comandos, como sentar, deitar e dar a pata, ordens como sair ou entrar em determinados lugares, e normas estabelecidas pelos humanos, acatadas pelos cães. O animal sabe, então, se pode subir nos móveis, mexer nos objetos, comer certos alimentos. Mas não apenas cães pensam e entendem parcialmente os humanos, eles também possuem a capacidade de se expressar. Assim, sabem pedir comida, água, comunicar ao dono que há um invasor humano ou animal no local, ou que está com dor.

Essa comunicação estabelecida entre cães e humanos é usualmente entendida como feita através de tons de voz e gestos, de ambos os lados. Enquanto o choro do cão transmite a sensação de que algo está errado com o animal, a voz humana grossa e alta o faz ficar alerta. Na educação do cão, a repetição e a recompensa são técnicas aplicadas para que ele “aprenda” onde pode ir, no que pode mexer, o que não pode estragar⁵⁶.

Essas capacidades apresentadas acima, aceitas e defendidas por muitos, são até mesmo clichê para algumas pesquisas antropológicas (Segata, 2012a, p. 113). Ocorre que, para meu campo, não apenas em questões vitais da existência animal, como as apresentadas acima, essas capacidades são exercitadas. Em uma interpretação gradualista, os donos entendem que essas capacidades superam esses momentos vitais e são variáveis em intensidade – com exceção ao afeto, que é sempre elevado. Elas são somadas a outras características caninas e revelam uma forma singular de conceber os cães e, conseqüentemente, de estabelecer com eles uma relação, na qual eles são sujeitos sociais detedores de personalidades individuais.

Dona Fátima é uma senhora viúva de quase 80 anos, dona da cachorra Cherry que frequenta uma pet shop no Lauzane, na zona norte da capital. Sua filha Solene teve diversos animais na vida: galinha, tatu, tartaruga, pintinho, cachorros. O animal mais marcante para a família foi Lili, cachorra que faleceu há 3 anos, que era do bisneto de dona Fátima, passou para Solene e ficou como o xodó de sua neta mais nova. Lili era uma poodle e viveu 12 anos, os últimos na casa de Solene, seu marido e três de seus filhos. Até anos depois, os restos mortais de Lili,

⁵⁶ Essas técnicas são defendidas por adestradores e muitos donos. Adestradores afirmam que bater no cão ou esfregar seu focinho no lugar em que algo “errado” foi feito, como um sofá comido, gera um trauma no cão, e não o aprendizado. Não posso afirmar se ocorreu ou não, mas a violência contra o animal não apareceu no discurso grupo estudado, ao contrário, há sua condenação sempre que um caso é descoberto.

seu pote de ração, e o próprio alimento ficaram guardados no lugar em que ficavam quando a cachorra era viva. Nesse último ano, decidiram fazer a árvore da vida, depositando as cinzas da cachorra numa árvore Primavera. Ela também frequentava o mesmo pet shop de Cherry, que na época ainda não existia. Lili sofreu de doença no coração, foi internada no hospital três vezes e veio a falecer.

A neta mais nova de dona Fátima, que era responsável por cuidar da cachorra, até hoje tem o plano de fundo no seu celular a foto de Lili. O seu pai possui a foto de Lili como foto de um aplicativo de comunicação. Solene ainda se emociona ao falar dela, mas sempre conta histórias da cachorra falecida. Ela conta que achou que quando Lili se mudasse para a sua casa, ela iria lhe fazer companhia de manhã, mas isso não aconteceu. Solene acordava por volta das 5h ou 6h, e Lili continuava deitada. Porém, segundo Solene, a cachorra tinha vergonha de não acompanhá-la, então quando Solene passava ao lado dela, ela pulava da cama e ficava de pé, mas era só Solene mudar de cômodo que ela deitava e assim ficava até Solene aparecer de novo. Solene dá muita risada dessa história, e a conta como se sua cachorra estivesse fingindo fazer companhia a ela.

Após pouco mais de um ano da morte de Lili, dona Fátima decidiu comprar Cherry, na época uma filhote de yorkshire. A nova cachorra sofreu resistência no começo do resto da família, não de maus tratos ou algo do tipo, mas de afeto. Com o tempo ela foi ganhando (ou conquistando) o afeto da família e hoje “já faz parte dela”. Mesmo sendo parte da família, um bisneto de dona Fátima a critica pelo tanto de dinheiro que ela gasta na pet shop quando ela poderia dar esse dinheiro a um mendigo. Presenciei sua acusação ser repreendida pela sua tia, que alegara que ser cachorro não é motivo para não receber cuidados. Ela enfatizou que cachorro também merece a atenção que humanos merecem. A equivalência entre cães e seres humanos apareceu ainda em uma conversa informal que tive com Solene, quando comentei que o papa havia falado a um menino que os cães também vão para o céu. Ela ficou extremamente emocionada e disse que era só isso que faltava para ela na religião a qual pratica, pois esse era o único ponto que ela não entendia - já que enxerga os cães como iguais a nós em sentimento, e portanto eles mereceriam um lugar no céu. Não seria justo nós humanos sermos privilegiados, afinal, em suas palavras, “No fundo, nós somos a mesma coisa”.

Caderno de campo, maio de 2016.

Para Solene e seus filhos, os cães pensam, têm consciência e também agência. Dona Fátima conta como Cherry comanda a casa e a ela com suas vontades. A cachorra põe as pessoas para fora do sofá e da casa quando quer dormir ao latir sem parar, e faz o mesmo quando quer ir embora de algum lugar. Por insistência acaba ganhando, em uma relação na qual comunica sua posição com suas ações corporais e especialmente vocais. Ainda que ela seja repreendida pela senhora, que é a dona, Cherry conta com sua proteção e compreensão. Para essa senhora, além dos outros terem o dever de compreensão para com as vontades da cachorra, pessoas que não se dão com cachorros não devem visitá-la, uma vez que é contra prender a cadela por acreditar que como moradora da casa Cherry possui o direito de circular por seus espaços. Isso aponta que Cherry, enquanto cachorra, tem direitos. E que há casos nos quais eles prevalecem sobre vontades de humanos.

A discordância sobre o grau de entendimento da cachorra existente entre a senhora

e sua neta se fez presente numa conversa sobre a vez em que Cherry “aprontou”. A cachorra comeu um álbum de fotos que estava em cima da cama do único quarto em que Cherry não pode entrar. Mesmo que a senhora reconheça a personalidade e a agência de Cherry, ela acredita que não pode culpar a cachorra por comer o álbum, uma vez que como animal canino que é, não teria discernimento suficiente para saber que não poderia fazê-lo. A neta, por sua vez, acredita que Cherry sabia que tinha feito coisa errada e que mostrava isso em seu comportamento, escondendo-se toda vez que alguém pegava no álbum, mesmo sem ter sido repreendida. Para ela, a cachorra poderia ser culpada pelo estrago. Não apenas a cachorra pensa a ponto de saber que o ato é errado, mas ainda mostra sua não indiferença depois do ocorrido sem ao menos ter sido repreendida. A capacidade de pensar é então associada à consciência da cachorra. Consciência essa individual, expressão sua personalidade, e não um modo de agir generalizado entre cães. Ela partiria da relação particular ali estabelecida, do entendimento interespecie daqueles agentes. O mesmo pode ser dito sobre a vergonha de Lili - este seria um traço individual da cachorra, uma característica de sua personalidade.

Dotados de pensamento, consciência e personalidade, os cães apresentam, então, gostos e vontades. A fala de uma atendente de pet shop relata uma situação – não tão incomum quanto a primeira vista possa parecer – de uma dona que pede que seu cão escolha um produto⁵⁷:

Tem uma cliente que traz o cachorro para tomar banho. Sempre que ele entra na loja e olha para alguma coisa de um jeito diferente, a mulher tem que comprar... Uma vez ela foi comprar uma cama para ele, e fez a gente [atendentes] colocar todas as camas no chão, para ele experimentar todas e decidir qual ele gostava mais. E isso se repetiu. Se ele não parasse em nenhuma cama, era porque ele não tinha aprovado. E quando ele parava ela perguntava “Você gostou, meu amor?”. Como se ele fosse responder! Cachorro pode ser a vida da gente, mas não é gente. Aquela mulher é maluca! Ela mima aquele cachorro demais, e não é só ela, tem muita gente que trata o animal igualzinho uma criança, se ele quiser o dono dá, parece que precisa escolher o que o animal gostou.

Caderno de campo, outubro de 2010.

Nesse contexto, a dona entende que o animal possui a capacidade de pensamento e de escolha. Quais as características privilegiadas por ele não se sabe – talvez o conforto, o cheiro, ou mesmo a estampa – mas admite-se que ele possui gostos, preferências, opiniões e desejos e que sabe inclusive comunicá-los à sua maneira.

Como no caso de Cherry, essas características reconhecidas neles não são limitadas a situações envolvendo consumo, mas se estendem a outros domínios da vida canina. Assim, cães têm gostos próprios sobre o local que mais gostam de receber carinho,

⁵⁷ Trata-se de uma pet shop situada em um shopping da zona oeste de São Paulo.

a hora na qual gostam de dormir, a posição que preferem ao ficar no colo, e ainda opiniões sobre as pessoas com as quais convive. Aqui entra em cena a personalidade individual de cada animal, composta de diversas características comportamentais: desejos, preferências, ciúmes, vergonha, companheirismo, obediência, dentre muitas outras. A personalidade canina molda fortemente a relação estabelecida entre cães e donos - da mesma forma que a personalidade humana envolvida.

Embora discursos do mercado e até da medicina veterinária atribuam um padrão de comportamento para cada raça definida, os donos conseguem distinguir em cada um de seus animais uma personalidade própria, independente ou não limitada pela raça ou pela falta de sua definição. Dessa forma, donos que possuem mais de um cão da mesma raça enfatizam suas características individuais. Uma senhora dona de duas maltês me contou que uma delas é mais “espivettata”, pula pela casa toda e gosta de brinquedos e agitação, enquanto a outra é mais calma, gosta de sua companhia e de ficar em seu colo. Na sala de espera da pet shop, onde as conheci, o tempo em que esperavam o banho foi preenchido pela euforia da primeira cachorra, que cheirou a todos os presentes, latiu e pulou entre os bancos, enquanto a outra ficou o tempo todo no colo da *mãe*.

Altamente interligado com ao pensamento, consciência e personalidade do animal está outro traço reconhecido nos cães - a moralidade. Dela deriva a pureza e a inocência desses animais, seres vistos como incapazes de fazer mal a quem não lhes infligiu primeiro. Os cães são valorados a medida em que não matam, não assaltam, não estupram, não traem, em suma, não deliberadamente exercem o mal a um outro a não ser em situações de revide, e não são falsos nem hipócritas, demonstrando com sinceridade seus sentimentos. Noto aqui que embora os cães possam sim ferir pessoas, essa possibilidade não é considerada por meus interlocutores, e se raramente aparecer em seu discurso, a culpa é atribuída ao dono do animal ou à pessoa ferida. Conviver com um ser assim puro é uma alegria, principalmente quando a moralidade canina é aplicada à relação, elemento que nesse discurso faz com que o único interesse da parte canina seja o afetivo, o que lhe faria tão destoante dos humanos. Os cães de pessoas em situação de rua são símbolos da pureza nos cães, pois “O cachorro não está com você por interesse. Ele não se importa se você tem dinheiro, que carro você dirige, qual é o seu emprego. Ele só quer o seu amor”. Nesse traço, são superiores aos humanos, tidos como seres impuros cuja conduta é repleta de defeitos morais. Os cães também permanecem fiéis a seus donos, não modificando seu comportamento para com eles enquanto que seres humanos guiariam suas ações a partir de motivos fúteis. Uma máxima proclamada em campo vai ao encontro dessa premissa:

não raro se ouve que “quanto mais eu conheço os humanos mais eu prefiro os animais”.

Essa pureza moral reconhecida nos animais e sua supremacia sobre a humana já fora abordada em outros contextos (OLIVEIRA, 2006; PASTORI, 2012; MATOS, 2012; OSÓRIO, 2013; PASTORI, MATOS, 2015). Pastori (2012) revela que seus interlocutores aproximam seus cães ao divino, atribuindo-lhes traços de perfeição, em uma concepção na qual estes seres ainda teriam a pureza perdida pela espécie humana. Essa superioridade canina seria uma “derivação de um motivo primitivista, pois é atribuída superioridade moral e ontológica a uma suposta origem comum dos humanos e dos animais” (PASTORI 2012, p. 38), em uma linha histórica na qual ambos são pertencentes a uma mesma linha de desenvolvimento e os animais seriam o ponto de partida para a civilização (*ibidem*, p. 39).

Em meu campo, difere-se da premissa de que os humanos algum dia compartilharam da pureza canina. Os mitos de Adão e Eva ou do Bom Selvagem de Rousseau, de que a natureza humana é boa porém é corrompida pela sociedade, também não encontram respaldo nessa concepção. Não se trata de dizer que o ser humano involuiu de uma situação ideal em que todos os seres eram bons e conviviam em harmonia, e sim que é do cão ser dessa maneira e exatamente por ser cão ele difere do ser humano. A “animalidade idealizada” sugerida por Pastori (p. 38) também não está presente. Se ela pressupõe uma separação de moralidades entre humanos e animais não humanos, dois blocos contrários, a consequência é que à soma dos animais não humanos pode ser atribuída a superioridade em questão. Para meus interlocutores, não se trata apenas de um desvio humano, e sim de uma característica especificamente canina dentro do conjunto de animais não humanos⁵⁸.

Tal moralidade elevada, tão contrastante com a humana – que generalizadamente é entendida como falha, é um dos fatores mais importantes para a admiração da espécie canina⁵⁹. Seu reconhecimento é a admissão de que a espécie humana não possui supremacia em todos os aspectos: podemos ter raciocínio mais acurado, construir coisas, modificar o mundo a nossa volta - mas a partir dessa visão, somos superados por tais animais. Dessa forma, há uma possibilidade de aprendizado humano com o animal cão, pois nos inspirando neles, poderíamos tentar melhorar nossa conduta moral de forma a

⁵⁸ Os meus interlocutores não parecem conceber o humano fora do estágio de *homo sapiens sapiens*, e também não fazem especulações sobre como eram os nossos antepassados, mas interpretam como intrínseca ao humano a incapacidade moral e sentimental tal qual presente nos cães de estimação.

⁵⁹ Neste trabalho, quando menciono a espécie canina, refiro-me na realidade a apenas parte dela: a subespécie *Canis lupus familiaris*, o cão, e não todos os animais da espécie *Canis lupus*.

superar o egoísmo, a vaidade, a falsidade, o interesse e outros traços fortemente ligados à imoralidade. Os cães aparecem assim como um modelo a ser seguido para relações mais puras e verdadeiras entre humanos. Sua moralidade e pureza podem também ser utilizadas como medidor de confiança - não raro donos relatam que se o animal demonstra não gostar de uma pessoa, eles mesmos desconfiam de que há algo de errado com ela. A moralidade é somada à alta sensibilidade canina para o julgamento de outros seres, tanto humanos como animais não humanos⁶⁰.

Esse discurso de moralidade perfeita pode, porém, ser contestado. Os casos de “violência” de cães, em sua maioria de raças consideradas perigosas, são uma contrapartida a esse discurso majoritário - enquanto este considera a situação violenta fruto de uma má educação do dono, abre-se o espaço para a possibilidade de um cão ser ruim, tendo uma má personalidade, ainda que resultado de um emolduramento humano. Assim, há um limite - cães são bons, mas as pessoas podem torná-los maus. Essa situação particular, exceção quase nunca citada, revela uma complexidade maior da concepção humana acerca do cão. Se colocados em situações “de perigo”, não se leva ao extremo a ideia de que cães não fazem mal a ninguém, embora a relação entre cães e seus donos seja pautada nessa premissa. Essa situação limite ocorre quando eles demonstram medo de se aproximar de um cachorro com o potencial para causar estragos físicos por “não saberem a índole do cão” ou de deixar seu pet fazê-lo. Nas pet shops e nas feiras pet, donos ficam alertas com a presença de raças fisicamente fortes, como pit bulls e rottweilers, e seguram seus cães mais firmemente, por vezes se afastando do local se não houver a utilização da focinheira⁶¹.

Por fim, somada às características caninas apresentadas anteriormente, está a mais importante no estabelecimento da relação com os outros seres (aqui tanto humanos como animais não humanos): a capacidade de sentir. O sentir não está relacionado a sensações

⁶⁰ Atento aqui para a moralidade atrelada aos humanos que têm cães. Esses usualmente são considerados pessoas melhores que as que não possuem animais. Sua sensibilidade é admirada e há uma premissa de que donos de cães, pelo contato com seres tão especiais, têm seu jeito de ser e sua vida modificados para melhor. Eles inspiram também mais confiança que outras pessoas, talvez pela capacidade de ter uma relação tida como verdadeira, já que acredita-se que não se pode enganar um cão quando se trata de sentimentos.

⁶¹ A contraposição dessa noção de moralidade canina perfeita pode ser encontrada no trabalho de Barreto (2015), cujos interlocutores podem reconhecer nos cães de pastoreio ações que revelam falhas morais e até traições, como a matança de animais mesmo estando suficientemente alimentados e a burla de regras impostas pelos humanos seguidas da tentativa de esconder as evidências. Há lugar nesse contexto para a maldade intrínseca ao cão. Aqui, em casos de uma má índole, ainda que a maldade seja inerente ao animal, atribui-se a culpa ao humano, uma vez que ele é o responsável por sua criação. Acredita-se que o animal pode ter passado por situações de violência ele mesmo para tornar-se assim. A moralidade perfeita não é incontestável, mas é amplamente defendida.

como dor, frio, fome, mas a sentimentos que englobam carinho, saudade, tristeza, alegria, e principalmente amor. O amor animal (não humano) combinado à sua moralidade desinteressada forma o que as pessoas com as quais trabalho chamam de amor verdadeiro, incondicional, presente também em outros contextos urbanos (OLIVEIRA, 2006; PASTORI, 2012; OSÓRIO, 2011; OSÓRIO, 2016; PASTORI, MATOS, 2015) envolvendo cães e gatos de estimação.

No contexto aqui estudado, é atribuído aos cães em particular. Trata-se de um afeto diferenciado dos demais - sincero, verdadeiro, puro, baseado apenas na relação estabelecida em si. Para os donos e alguns profissionais do setor pet, estes são seres que amam incondicionalmente *quem os trata bem*, demonstrando seu sentimento em seus atos: dão apoio emocional a esses humanos a todas as horas, têm a companhia como prioridade - ao contrário de outros humanos que possuem suas próprias atividades que podem se sobrepor ao estar junto dos outros -, dão atenção em grande escala aos humanos, pedem carinho, acompanham seus donos pelos cômodos e quando possível ficam encostados ou perto deles. Para meus interlocutores, a veracidade do amor é comprovada por outra característica essencial da relação com os cães - a fidelidade.

Em seu mestrado, Oliveira (2006) sugere que um dos motivos para a aquisição de um animal de estimação é a carência de relações afetivas, a qual o cão pode fornecer:

Uma das hipóteses desta pesquisa é a de que com o advento do mundo moderno e toda a sua tecnologia - principalmente as que levam em conta os meios de comunicação - ao mesmo tempo em que coloca as pessoas cada vez mais “perto” umas das outras, proporciona a sensação de isolamento do mundo concreto que os circunda. Não é preciso sair de casa para ter um encontro amoroso com o amigo do seu melhor amigo, assistir ao filme que estréia hoje no cinema ou participar de fóruns e bate-papos de discussão sobre os assuntos de sua preferência. Basta ter um computador conectado à Internet. Ao mesmo tempo em que o universo proporcionado pelo computador fascina grande parte das pessoas nas sociedades modernas, pode isolá-las do contato com pessoas de carne e osso, ou seja, relações sociais sem o intermédio de uma máquina.

Acredito ser também devido à carência de relações afetivas concretas, que cada vez mais pessoas tornem-se interessadas em adquirir um animal de estimação. A preferência pelos cães nesse quesito se afirma por uma crença coletiva de que estes são os seres mais afetuosos, leais e educáveis. (OLIVEIRA, 2006, p. 38).

A relação afetiva é realmente o motivo mais citado em meu campo para adquirir um cão de estimação. É, inclusive, esse amor canino supostamente incondicional que faz dos cães seres dignos de uma relação afetiva, por vezes de maior intensidade que a destinada a outros humanos. A solidão humana como justificativa para a aquisição do animal, defendida por Oliveira (2006), porém, não se confirma em meu campo. Pastori (2012) já fez a crítica da qual compartilho - a autora contesta a interpretação de Oliveira a partir da análise do “amor incondicional” relatado por seus interlocutores. Não seria a

solidão ou o isolamento o fator que leva os humanos a conviverem com os animais, e sim esse tipo de amor, o qual não pode ser dado por um humano. As pessoas com as quais tive contato em campo não eram “sozinhas no mundo”, não se tratava de preencher um vazio sentimental com o cachorro, e sim de querer adicionar à vida uma relação e um tipo de afeto que só poderia existir com a espécie canina.

Pastori, entretanto, interliga o amor incondicional - “um amor que não falha, que é pura entrega e depurado de quaisquer equívocos, em uma palavra, perfeito” (PASTORI, 2012, p. 36) - à impossibilidade de trapacear do animal, à sua inocência e à sua incapacidade de fala. “Deseja-se o contato com seres não verbais - sem o elemento torro que é fundamental na existência humana-, pois esses seres seriam, desta maneira, a fonte mais genuína e sincera de afetos.” (*ibidem*, p. 42). Aqui, a linguagem é conceituada como o elemento singular da humanidade, sendo por consequência “o elemento corruptor dos afetos” (*ibidem*, p. 93). Anteriormente, Oliveira (2006, p. 37) afirmara que o cão é comparado em sua capacidade de emitir amor a crianças humanas de até aproximadamente dois anos, quando ainda não sabem falar, sem contudo desenvolver o lugar da linguagem na relação.

Não encontrei em minha pesquisa de campo algo que pudesse se assemelhar a essa interpretação, mesmo porque a comunicação entre humanos e cachorros existe e é feita vocalmente e gestualmente, ainda que limitada. A comunicação entre humanos e animais não humanos se dá por meio de uma interpretação do outro e de um diálogo interespecies, existente também em outros contextos, como o abordado por Abreu da Silveira e P. Silva (2015):

Delinea-se um campo de dialogia interespecífico sutil entre humanos e não-humanos – por vezes, há mais de um animal no recinto – pautado por signos visuais, sonoros e gestuais, que permitem leituras recíprocas das ações que ocorrem no contato, especialmente quando se pensa no jogo de proximidade e distância, onde alteridades se revelam, não raro, com certa tensão. Tais interações estão baseadas nas projeções simbólicas e nos atributos de características humanas, revelando (as) simetrias nos perceptos e afetos (FAVRET-SAADA, 2005; DELEUZE & GUATTARI, 1997) que compõem a intersubjetividade humanos/nãohumanos. (ABREU DA SILVEIRA; P. SILVA, 2015, p. 60).

Tal trecho mostra a interpretação do outro praticada na socialidade entre espécies distintas, tendo como referência a interação entre tratadores e animais de cativeiro, não domésticos, em um zoológico, na qual a tensão é usualmente presente. Na relação aqui abordada, o diálogo interespecies acontece e o entendimento se aprimora a partir da convivência, do conhecimento do outro. Os donos apontam as distintas maneiras de seus cães de se comunicarem: fazem cara de “cachorro triste” ou “pidonho” para pedir carinho,

ficam juntos à porta para pedir para passear, latem próximos aos dispensers para pedir comida e água, choram se estão com dor. Cães podem não falar, mas sabem se comunicar a quem sabe lhes entender.

A partir das características reconhecidas nos cães e do que elas podem propiciar para a relação, vemos como eles se situam longe do campo animal usualmente concebido por humanos, inclusive pelos próprios donos. Como Ingold nos lembra, as definições de animal estão em debate em diferentes campos teóricos e suas características supostamente determinantes não são unanimidade (INGOLD, 2007 [1994]; INGOLD 1995). A animalidade contaria com duas concepções: “como um reino (incluindo a humanidade) e como uma condição (excluindo a humanidade)” (INGOLD, 2007, p. 134).

Da interpretação amplamente difundida no ocidente de humanidade definida por sua oposição à animalidade⁶², deriva-se que a animalidade “transmite uma noção da qualidade de vida no estado de natureza, onde se encontram seres “em estado cru”, cuja conduta é impelida pela paixão bruta em vez da deliberação racional e que são livres dos constrangimentos da moral ou da regulação dos costumes” (INGOLD, 1995, p. 44-45). O autor ressalta, entretanto, a mudança de interpretação das características animais (não-humanas) que ocorre quando um conjunto de animais específicos está envolvido: aqueles com os quais “mantemos relações estreitas e duradouras, tais como gatos e cães domésticos, logo descobrimos exceções, e lhes atribuímos intenções e propósitos, da mesma maneira que fazemos com os seres humanos” (INGOLD, 1995, p. 48), como ocorre com o grupo estudado.

O autor mostra que tradicionalmente, entretanto, busca-se uma suposta “singularidade humana”, um atributo exclusivo da humanidade que portanto está ausente na totalidade dos outros animais⁶³ quando se pensa em “condição humana do ser” em oposição à animalidade. O que exatamente diferencia os humanos dos outros animais é discutível. Ao longo da história da ciência, autores de ramos diversos têm debatido a respeito de supostas características especificamente humanas, como faculdades de pensamento, de fala, razão ou consciência. Na análise realizada por Ingold, a aptidão para a cultura é apresentada como uma essência humana que separa os homens dos outros animais: é a cultura que faz dos seres humanos seres não apenas biológicos, mas

⁶² Essa posição pode ser contraposta à ideia de humanidade como soma dos seres humanos (INGOLD, 1995: 44).

⁶³ Ingold (2007: 142) aponta que a Antropologia Clássica reivindica a singularidade humana baseada no conceito de cultura, o qual, lembra o autor, não goza de uma definição unânime.

sobretudo morais.

Se Ingold aponta para a busca da singularidade humana, Haraway (1991) nos mostra que a fronteira entre humanos e animais está completamente rompida para a cultura científica norte-americana do final do século XX, por não haver algo que estabeleça de maneira convincente a separação entre ambos, uma vez que a defesa de uma característica particular que seja exclusividade humana não se sustenta mais nesse grupo. Atributos que antigamente poderiam ter sido considerados apenas humanos, como a linguagem, o uso de instrumentos, o comportamento social e os eventos mentais são tidos também como qualidades presentes em outros animais, embora ela não discorra sobre o grau de evolução ou as espécies nas quais eles são presentes (p. 40)⁶⁴. Lembro que essa suposta barreira entre as espécies humana e animais não humanos foi defendida no ocidente pela religião, ciência e pela filosofia moral por séculos (Charles e Davies, 2008), e que ainda se faz presente em diversos ambientes.

Para as pessoas com as quais trabalho, não há uma interpretação de exclusividade humana, pois o que temos em nós os cães também possuem, apenas em quantidades diferentes. Trata-se de uma interpretação gradualista. Nos cachorrinhos e cachorrinhas, são reconhecidas capacidades antropomórficas: pensamento, raciocínio lógico, capacidade de comunicação, de ter sentimentos e consciência. A fronteira entre cães e humanos quando se trata de incapacidades não é sólida e sim difusa, pois não estão em questão as capacidades em si, mas seus níveis. E nessa interpretação, superamos e somos superados. Se fosse formada uma hierarquia baseada na capacidade cognitiva das espécies, a nossa estaria no topo, seguida da canina. Se a hierarquia utilizasse como critério a moralidade e afeto, entretanto, os cães situariam-se na camada mais alta, e sozinhos.

O grupo estudado revela simpatia e extensão de algumas dessas características caninas a alguns outros animais, geralmente mamíferos. A intensidade, porém, é menor. Seu estágio de desenvolvimento nos outros animais não humanos e não caninos é uma incógnita para eles, dado que suas relações com os esses outros usualmente são limitadas (alguns poucos possuem gatos ou roedores). Acreditam, contudo, que os cães, no que refere-se principalmente ao amor, são os mais desenvolvidos. Talvez pela incógnita ou mesmo com ela - dependendo de cada indivíduo humano - espécies animais diferentes

⁶⁴ Clutton-Brock (1994, p. 33), uma arqueozoologista, ressalta que até períodos recentes os etologistas estudavam os comportamentos das espécies animais sem levar em consideração suas personalidades individuais, o que pelo menos para vertebrados avançados é atualmente considerado inadequado.

recebem tratamentos diferentes. Enquanto cães são amados, bois são comidos e baratas são exterminadas sem piedade e com nojo. E as últimas não são entendidas como capazes de amar ou como sujeitos morais. Assim, enquanto em algumas espécies se reconhece a inteligência e a agência, outras são relegadas à interpretação do comportamento instintivo. Os cães são, nessa interpretação, distintos dos outros animais, sendo neles reconhecidas características que são negadas a outras espécies, aproximando-os mais a nós humanos que a outros animais não humanos.

Amor incondicional

Após discutir as particularidades caninas, gostaria de me aprofundar um pouco na discussão acerca da incondicionalidade do amor. Se ela é tão exaltada em ambientes urbanos, o mesmo pode não ser dito em meios rurais se tomarmos como exemplo o trabalho de Barreto (2015). Nos cães de trabalho no pampa são reconhecidas as duas extremidades de afeto - eles podem estabelecer relações de afeto positivas ou ainda se voltarem contra os humanos. Ressalto, entretanto, que as relações estabelecidas nos casos urbanos e nesse caso particular dos cachorros trabalhadores são diferentes já em sua concepção, o que pode influenciar (mas não determinar, acredito eu) as interpretações acerca dos afetos caninos. Um cão de trabalho do campo de Barreto (2015) pode ser estimado, mas não ser necessariamente de estimação, enquanto que um cão dos contextos urbanos em questão já são adquiridos com a finalidade de serem sujeitos de um elo afetivo.

Esse amor incondicional defendido pelos meus interlocutores deve ser analisado com cuidado, assim como a relação a qual supostamente possui apenas benefícios. Haraway (2003) em *The Companion Species Manifesto* já discutiu a veracidade de tal incondicionalidade. A autora contra-argumenta acerca do amor incondicional atribuído aos cães nos Estados Unidos da América, à semelhança do que ocorre aqui:

Commonly in the US, dogs are attributed with the capacity for “unconditional love”. According to this belief, people, burdened with misrecognition, contradiction, and complexity in their relations with other humans, find solace in unconditional love from their dogs. In turn, people love their dogs as children. In my opinion, both of these beliefs are not only based on mistakes, if not lies, but also they are in themselves abusive - to dogs and humans. (HARAWAY, 2003, p. 33)

A partir do relato da relação de um homem (Ackerley) com sua cachorra, Haraway defende sua interpretação do amor entre cães e humanos. Não se trataria de um amor incondicional, mas de uma tentativa de conhecer a intimidade do outro e constantemente satisfazer as condições de amar:

The misrecognitions were as important as the fleeting moments of getting things right. Ackerley's story [a história na qual baseia a sua análise] was full of the fleshly, meaning-making details of worldly, face-to-face love. Receiving unconditional love from another is a rarely excusable neurotic fantasy; striving to fulfill the messy conditions of being in love is quite another matter. The permanent search for knowledge of the intimate other, and the inevitable comic and tragic mistakes in that quest, commands my respect, whether the other is animal or human, or indeed, inanimate. Arckerley's relationship with Tulip [sua cachorra] earned the name of love. (HARAWAY, 2003, p. 35-36)

A autora continua um pouco adiante:

Being a pet seems to me to be a demanding job for a dog, requiring self-control and canine emotional and cognitive skills matching those of good working dogs. Very many pets and pet people deserve respect. Further, play between humans and pets, as well as simply spending time peaceably hanging out together, brings joy to all the participants. Surely that is one important meaning of companion species. Nonetheless, the status of pet puts a dog at special risk in societies like the one I live in - the risk of abandonment when human affection wanes, when people's convenience takes precedence, or when the dog fails to deliver on the fantasy of unconditional love. (HARAWAY, 2003, p. 38)

Haraway argumenta que a interação entre pets e humanos traz alegria a ambas as partes, mas que pets correm o risco do abandono se não suprirem a “fantasia” do amor incondicional, se passarem a ser inconvenientes para os donos ou se acabar a afeição pelo animal. Essa alegria de passar tempo junto ao cão de estimação é exaltada em meu campo, no qual as relações não se encontram desgastadas. Ao contrário, elas englobam “the deep pleasure, even joy, of sharing life with a different being, one whose thoughts, feelings, reactions, and probably survival needs are different from ours.” (p. 37), como enuncia Weisser, uma *breeder*, cuja relação com seus animais também é examinada pela autora.

Tal análise feita por Haraway revela maior complexidade aos cães e à sua relação com humanos. Nessa interpretação, eles passam a ser não mais sujeitos donos de amor irrestrito e constante para serem sujeitos de uma relação na qual ocorre a busca do conhecimento do outro, numa jornada constante com acertos e erros, que pode ser entendida como amor, porém sem a característica da incondicionalidade. Assim, ambos os participantes da relação aprendem a conviver uns com os outros, em um percurso onde ambos podem exprimir o amor não pré-programado e não “pura entrega”, para usar o termo de Pastori (2012, p. 42)⁶⁵. Tal análise, da qual compartilho por acreditar ser muito mais acurada à realidade da relação, não contraria a sinceridade e pureza do amor canino, diferenciado e melhor que o amor humano para meus interlocutores. Em minha interpretação, o amor canino não é um amor obediente nem ininterruptamente demonstrado, e sim um amor de um ser canino sujeito agente, com suas próprias vontades – que podem incluir o descanso do estar junto, do carinho a todo tempo, do atender

⁶⁵ A autora não esquece que existem diversas formas de interação entre seres humanos e cães e que o amor é presente em apenas algumas delas.

quando é chamado. O amor entre cães e humanos é, conseqüentemente, um amor entre seres em relação, que se constrói por ambas as partes.

Essas são as características caninas percebidas que somadas formam esses seres inigualáveis, sujeitos verdadeiros, afetivos e dignos de amor, resultando num processo de construção de identidade canina. Suas capacidades cognitivas e morais somadas à sua personalidade são a chave para o estabelecimento de uma relação de afeto nas quais as personalidades envolvidas, caninas e humanas, são influentes⁶⁶.

2.3 A relação e sua manutenção

Eu amo meu cachorro. De verdade. Ele dorme na cama comigo, mesmo minha mãe brigando comigo.

Andreia, outubro de 2013, funcionária de pet shop.

Minha cachorra é minha companheira. Ela está sempre comigo, sabe de tudo que eu faço, se estou bem, se estou triste. Ela dorme comigo na cama, meu travesseiro fica para ela e eu fico sem. Ela dorme encaixada na minha cabeça, o que no frio é bom, mas no calor é um inferno. E meu marido dorme do lado. No meio da noite ela gosta de sair da cama para passear, mas não consegue subir de volta. Daí ela chora e eu pego ela de volta. Mesmo tendo que acordar toda noite, adoro ter ela do meu lado.

Silvana, junho de 2014, cliente de pet shop.

Tem gente que acha um absurdo eu deixar de viajar para ficar com a minha cachorra no ano novo. Um absurdo é essa ideia deles! E eu vou deixar minha cachorra sozinha, sabendo que ela tem medo? Nunca. Ela fica com muito medo de fogos, dá dó. E eu que peguei a cachorra porque queria companhia vou abandonar ela quando ela precisa?

De jeito nenhum.

Aline, dezembro de 2016, cliente de pet shop e voluntária em ações com animais.

Meu cachorro é um bobão. Ele fica tão feliz quando ve a gente que ele se mijá todo. Eu amo ele.

Débora, setembro de 2016, no Parque Ibirapuera.

Minha cachorra é o amor da minha vida. Nada me dá mais alegria.

⁶⁶ Há uma diferença entre a maioria dos funcionários e dos clientes na maneira de entender os cães. Os primeiros, em sua maioria, enfatizam a distinção entre *animais* e *humanos*, e mesmo que acreditem que os cães tenham capacidade de pensar e de sentir emoções, criticam as pessoas que tratam os cães como filhos, ou os tratam melhor do que tratam a outras pessoas, ou ainda que agem como se houvesse um entendimento da parte do animal. Alguns poucos dizem que os animais não pensam, e que alguns donos “não tem consciência de que cães são animais”, sem se darem conta que humanos também o são. Aqui aparece a acusação de ventriloquia (INGOLD, 2012), a ilusão de que os animais responderiam por si mesmos, quando na verdade eles apenas refletiriam a projeção dos pensamentos e sentimentos humanos. Essa oposição ao reconhecimento de características antropomórficas nos pets não quer dizer que para eles os animais não devam ser bem tratados, mas funcionários em geral condenam o comportamento “exagerado” para com esses animais. O distanciamento dos cães em relação aos humanos aparece também nas falas dos veterinários. É comum eles darem ênfase à oposição, ressaltando que os cães têm suas necessidades especiais, porque são diferentes das pessoas.

Beatriz, outubro de 2015, visitante da PetSouthAmerica, feira pet internacional.

O Rex é o primeiro que vai a porta me cumprimentar, é o que mais se alegra em me ver, e o último a me deixar. Eu posso ter saído por cinco minutos e ele faz a maior festa. Minha esposa e meus filhos não, eles só ficam no computador ou na tevê. Ele que me acompanha em tudo, que fica comigo o dia inteiro e que sente a minha falta quando eu não estou em casa.

Rogério, abril de 2016, cliente de pet shop.

Ao olhar com cuidado o elo estabelecido entre pets e seus donos, nota-se que o grupo estudado mantém com os animais um tipo de relação em que o afeto está fortemente presente, tanto da parte humana quanto canina. E não é qualquer afeto, é o afeto denominado amor. Esse grupo parte de um recorte significativo - vão à pet shop com seus animais⁶⁷. Tal ato já mostra envolvimento pessoal ativo na vida do cão e, se considerarmos que eles despendem de parte de suas horas vagas para acompanhar o animal de estimação a fim de garantir que ele não fique preso na gaiola após ser liberado do banho, podemos inferir que levam em consideração o bem estar dos animais. E o discurso acerca dos seus afetos para com os cães repletos de expressões de carinho e de demonstrações de intimidade e conhecimento das personalidades de seus cães não é escasso nem sucinto nas salas de pet shop.

Nessas conversas, donos utilizam para os pets adjetivos e verbos usados comumente usados para humanos. Os cães são amorosos, inteligentes, educados, frescos, mimados, atrevidos e têm gostos, preferências, desejos e sentimentos. Os assuntos giram majoritariamente em torno dos animais: sua rotina, saúde, o que eles gostam, o que eles não gostam, como é o comportamento e a personalidade de cada um, demonstrando conhecimento sobre o animal como indivíduo. Ademais, o fato de que os animais parecem mesmo amá-los de volta, dada sua reação à presença dos donos, cheia de latidos, lambidas e rabos abanando, nos permite considerar que essas relações são afetivas e, no que diz respeito à concepção dos donos de como uma relação com o cão deve ser, bem sucedidas.

Depois que o cachorro da minha casa morreu, a gente ficou muito triste. Daí minha tia resolveu dar para a gente outro cachorro. Mas não é a mesma coisa. Ele não é igual.

Sérgio, maio de 2014, cliente de pet shop.

Mãe, por favor! Por favor, por favor! Compra esse cachorrinho para mim! Se eu ficar

⁶⁷ Nota-se, todavia, que não apenas com os frequentadores de pet shop a relação afetuosa se estabelece. Encontrei com pessoas passeando com seus cães, profissionais do mercado pet e protetores de animais cujas relações com os cães parecem ser igualmente afetivas e baseadas no reconhecimento das mesmas características caninas.

sem cachorro eu morro!

Filha, você está querendo substituir um animal por outro, e isso não existe.
Cena presenciada na pet shop entre uma mãe e sua filha adolescente, setembro de 2012.

Eu nem gostava de cachorro quando ele foi para casa. Hoje eu amo ele, não me imagino sem.

Rosana, que comprou um cachorro por insistência do filho e do marido, outubro de 2016, cliente de pet shop.

Para falar sobre a relação, devemos lembrar primeiramente que o forte elo entre os humanos e animais estudados aqui não é pré-existente: “Dogs are about the inescapable, contradictory story of relationships - co-constitutive relationships in which none of the partners pre-exist the relating, and the relating is never done once and for all.” (Haraway, 2003: 12). Humanos podem adquirir um animal por gostarem da premissa de como seria a relação a ser formada, mas essa não é uma relação predisposta ou estabelecida no primeiro contato. No caso da família de dona Fátima, abordada anteriormente, os humanos estabeleceram uma relação tão forte com a primeira cachorra que era emocionalmente complexo conviver após sua morte com outra cachorra sem gerar uma espécie de culpa, decorrente da fidelidade para com a primeira animal⁶⁸. Contudo, no decorrer da convivência, Cherry rompeu as barreiras que encontrara e passou a ser querida por toda a família - não com a mesma intensidade por todos, é verdade. Foi preciso tempo e conhecimento do outro para que a relação pudesse se tornar afetiva e ser fortalecida.

A relação em questão deve ser construída e mantida com ações que geram reações de ambos os lados⁶⁹ - na visão dos interlocutores, se ela não atingir os parâmetros idealizados na hora de adquirir o animal, é porque a relação falhou, e o humano é culpado por isso. A intimidade, elemento de extrema importância na relação “que deu certo”, deve ser conquistada. Não há uma fórmula definida para criá-la, pois depende das personalidades envolvidas. O sucesso da relação, contudo, pode ser medido a partir de um momento: quando o animal procura o toque e a companhia humana. Logo no início da convivência, o animal pode agir com desconfiança e se assustar com os movimentos

⁶⁸ Encontrei ao longo da pesquisa algumas pessoas que não conseguiram manter relacionamentos com cães após o falecimento dos seus cães amados. Nesses casos o amor é tanto que a recusa de ter um novo animal da mesma espécie deriva de duas prerrogativas - ou amaram tanto o animal falecido que não conseguem se imaginar com outro, em uma espécie de fidelidade humana pós-morte canina, ou sofreram tanto com a morte do cão que não querem passar por essa situação novamente. Nesses casos, elas optaram por não ter mais animais de estimação ou adquirir outras espécies animais, como gatos, peixes e pássaros.

⁶⁹ A complexidade da interação interespecíficas aqui apresentada é fruto de análise e não uma concepção êmica, pois os discursos nas pet shops, embora nos aproxime ao entendimento da relação pelos donos, não engloba a totalidade de situações positivas e negativas que se tem ao conviver com um cachorro.

dos humanos, com os quais ainda não está acostumado. É na procura do toque humano, do carinho, que meus interlocutores percebem a formação do elo. Esse é um momento de muita emoção, e aos que sentem que fizeram sacrifícios para com os animais, um momento de ver “que tudo valeu a pena”. Noto, porém, que essa fala é mais característica de histórias de adoção na qual o animal fora primeiramente abandonado.

O elo com os pets é descrito como verdadeiro, uma ligação afetiva interespecies. Na visão das pessoas com as quais trabalho, a relação que deu certo é percebida pela procura dos cães e pela fidelidade do animal. Assim, espera-se que os cães façam festa com a chegada de seus donos, procurem seu toque, os acompanhem pela casa, demonstrem felicidade de estar junto⁷⁰. Essas ações são esperadas e pressupostas no ato de adquirir o animal. Portanto, a expectativa é que cães se comportem de forma adequada e equivalente ao tratamento que recebem, em uma relação de reciprocidade entre humanos e cães. Assim, se a relação é uma relação afetiva, espera-se que ambos os lados demonstrem tal afeto. Ressalto que ainda que esperada, ela é vista nada mais como demonstração de amor.

Para demonstrar o sentimento em relação aos seus cãezinhos, donos frequentemente os mimam com o que consideram atos de amor. Esses mimos variam. Pode-se deixar o cão transitar ou dormir onde ele quiser, deixar que ele escolha quando passear ou o que comer, ficar com o animal no colo, envolver os grãos de ração em pedaços de frango, dividir a própria comida com o cachorro, dar apenas comida “de alta qualidade” para o animal – há gatos que só comem salmão e cães que só comem produtos premium ou orgânicos -, ou mimá-los com os diversos produtos e serviços oferecidos pelo mercado pet. Argumento que o amor canino é retribuído a partir de ações imateriais e materiais, destoando de Pastori (2012), cuja análise aponta a relação estreita entre afeto e consumo.

Devido sua qualidade canina, uma vez que humanos lhes oferecem afeto, estes o devolveriam com o mais puro dos afetos, o amor verdadeiro ou incondicional, como visto anteriormente. Mas não apenas de afetos e felicidades a relação é estabelecida. Para as pessoas com as quais trabalho, os cães reagem sentimentalmente ao comportamento

⁷⁰ A indiferença, que é possível, é tida como sinal de falha numa relação potencialmente sublime. Nos casos vistos, os cães são comparados a outros cães do passado, estes sim sujeitos de uma relação “especial”. Ou então são mais “apegados” a outra pessoa da família. Saliento que mesmo que a relação seja bem sucedida, ela pode não ser satisfatória da mesma forma que as relações com outros cães. Não raro donos descrevem os seus animais especiais, cujo amor envolvido na relação não consegue ser igualado, mas que não os impedem de manter relações afetivas com outros cães.

humano. Eles ficam tristes, felizes, se sentem sozinhos ou premiados dependendo de suas interpretações. Um cachorro pode se sentir triste se ficar muito tempo sozinho e os donos acreditam que ele pensará que foi deixado de lado. Por outro lado, ficará feliz se receber atenção por um tempo prolongado ou ganhar um presente, e pensará que é importante para aquela pessoa que proporcionou isso a ele. A manutenção da relação com o animal é muito importante para os donos, para que ela possa se manter harmoniosa ou mesmo se fortalecer. É essa manutenção que garante a afinidade entre cachorro e humano, necessária para o bom entendimento e convivência entre eles. Nesta situação podemos ver a concepção da reciprocidade entre cães e seus humanos:

Eu tinha acabado de sair da PetSouthAmerica, no seu último dia de feira. Como fiquei até o final, o fluxo de pessoas não era tão intenso. Caminhei até o ponto de ônibus do shopping e antes meu ônibus chegasse, um grupo de quatro mulheres chegou ao ponto. Duas mais velhas e duas mais novas, as últimas aparentando ter entre 25 e 30 anos. Uma dupla era de mãe e filha que pareciam ser amigas das outras, que não se pareciam fenotipicamente. A filha comentava com elas que os “os seus filhos tinham que reconhecer”. Ela disse para as outras que quando chegasse em casa iria colocar seus filhos no sofá (com os gestos da mão dando a entender que seria um do lado do outro) e mostrar tudo que ela havia comprado para eles. E que eles tinham que reconhecer, pois não é fácil caminhar o dia inteiro nessas feiras, pois é muito cansativo. As outras concordaram que cansava demais e que se andava muito, tinha muita coisa para ver, “carregando essas sacolas então...”. Eu achei que ela se referia a uma família de veterinários, mas olhando para as sacolas percebi que todas eram de empresas que forneciam produtos para animais e não para profissionais. Só depois de um tempo percebi que ela estava se referindo aos cachorros, e como a minha interpretação anterior era absurda, pois devido sua idade ela não teria como ter um filho veterinário. (Caderno de campo, 29/10/2015).

Nesse caso, a moça acredita que os cães têm a capacidade de reconhecimento e de retribuição. A hipótese de que seus cães irão retribuir porque reconhecem seu esforço é um salto cognitivo do que é usualmente reconhecido nos cães, mas é presente no contexto estudado. A mulher espera um comportamento pré-determinado em termos de conduta, o que indica que ela concebe cães como seres sociais, uma vez que dar, receber e retribuir está atrelado à regra social. A regra, é, para Fortes (1983), o pressuposto fundamental da sociedade: “For without rules there can be neither society nor culture; and what I am arguing is that it was the emergence of the capacity to make, enforce, and, by corollary, to break rules that made human society possible” (FORTES, 1983, p. 6).

Venho aqui me emprestar da discussão apresentada em *Rules and the Emergence of Society* (1983), de Meyer Fortes. Segundo o autor, a regra é essencial para a vida social humana e para a existência das relações sociais (*ibidem*, p. 8). As regras

convey norms for the conduct of social and personal life, norms which are socially and culturally authorized, sanctioned or prohibited: they may formulate them in language, or in what Geertz would describe as other symbolic media, or may merely make them explicit in custom or practice. (*ibidem*, p. 9)

O autor continua: “Conformity to a rule ... presupposes at least a minimum of conscious awareness of what is required, a minimum sense of social obligation, a minimal conscience... rules embody the constraint that ... is the essence of society” (*ibidem*, p. 10). A regra, então, transmite as normas pelas quais os indivíduos devem moldar sua conduta perante a sociedade e exige um senso mínimo de obrigação social. A reciprocidade esperada do cachorro mostra que eles são enquadrados em um sistema social no qual regras de comportamento estão presentes, ao menos na idealização da relação social. Outros exemplos são encontrados na companhia e nas demonstrações de afeto comumente aguardadas dos cães. Porém, assim como humanos, cães podem não obedecer ao que é esperado, gerando frustrações. É desanimador dar carinho, atenção, petiscos e outras formas de afeto a um cachorro que mesmo assim não te procura de volta. Até mesmo porque os cães são entendidos como seres capazes de entender a regra, e o seu não cumprimento rompe expectativas e traz pesar emocional.

Seguindo a possibilidade das normas não serem formuladas em termos linguísticos, podemos argumentar que as regras são transmitidas aos animais de forma particular, levando em consideração suas especificidades. E, obviamente, as regras caninas não são as mesmas que as humanas. Acredito, entretanto, que elas existam para a grande maioria dos humanos com os quais trabalho. Fortes afirma que regras podem ser adaptadas às circunstâncias (*ibidem*, p. 6), o que se aplica às relações interespecíes aqui examinadas.

Para esse grupo, cães obedecem os pressupostos necessários para estabelecerem com humanos relações sociais. A essência da sociedade descrita por Fortes se faz presente. O autor, porém, defende em sua obra a particularidade humana da regra, uma vez que os outros animais não as teriam sistematizadas. Ao longo do livro, ele examina diferentes fatores que diferenciam os humanos dos primatas não humanos e, por consequência, das outras espécies animais, como linguagem, *institutionalized fathering* (funções sociais dos pais institucionalizadas) e altruísmo prescritivo. Fortes afirma ademais que “non-human primates lack any form of social organization or social structure in any sense comparable to that of humans” (*ibidem*, p. 22). Outro diferencial humano é que o homem é

“an ethical animal. He follows rules among other things in order to judge and choose between right and wrong, good and bad. Which brings us back to culture, without which as the cross-cultural diversity of ideas and norms of right and wrong, good and bad remind us, there is no society. And just as non-human primates and other animals are incapable of making and intentionally following or breaking rules, so, I would argue, are they incapable of entertaining and

choosing between moral alternatives. Dogs, we are told, display guilt if they are found committing acts that correspond to what we would call taboos invented and imposed by the training they receive from humans. There is no evidence of moral behavior among animals in a ‘state of nature’ (ibidem, p.28-29).

A ética é usada por Fortes para nos distinguir das outras espécies, assim como a capacidade de conceber regras e tomar ações frente a elas. Entretanto, ele afirma que é reconhecido nos cães o sentimento de culpa quando eles são pegos desobedecendo alguma norma imposta por humanos, mas que não podemos afirmar que cães sejam seres morais num estado natural – um argumento muito preciso. As pessoas com quem trabalho também não reconhecem nos animais normas estabelecidas entre eles, pois se fala na tentativa “natural” de dominância dos animais não humanos entre si. A regra entra em cena apenas quando o humano está na relação ou quando ele intermedia a relação entre cães, estabelecendo regras de conduta para a harmonia do lar.

Seguindo os argumentos de Fortes até o final, não podemos equivaler a nossa espécie com a canina pela falta de diversos fatores listados como exclusivos aos humanos, como as funções sociais institucionalizadas dos pais e o equipamento cultural humano. Entretanto, se considerarmos apenas a base do argumento de fundação da sociedade, a existência da regra, abrimos espaço para outras interpretações. O reconhecimento canino da norma concebido por meus interlocutores é o bastante para sugerir que se a regra não existe entre cães em estado natural, ela está implícita nas relações entre humanos e seus cães de estimação levando em conta a forma como a relação é entendida. Dessa forma, ainda que a regra em relações interespecies seja diferente da regra humana, com distintas implicações, resultados e suposições, ela passa a existir para os cães no momento em que eles estabelecem relações com humanos meus interlocutores⁷¹.

Influências nas redes sociais

Enquanto sujeitos sociais, cães são também agentes nas redes sociais. Ao escrever sobre sua pesquisa, Charles e Davies (2008) mostram como eles atuam na sociedade de forma a influenciar na dinâmica social

These examples illustrate some of the ways in which animals can be actors in

⁷¹ A regra pode ser encontrada em outros contextos envolvendo cães. Barreto (2015: 126) descreve a relação de trabalho entre cães do ambiente pastoril no pampa e humanos: “as expectativas das pessoas extrapolam o âmbito pragmático, já que existe um código de conduta que exige dos cães lealdade, empenho, resistência física e todas as demais características exigidas de um peão humano.”. Nota-se que é esperado de tais cães o comportamento que siga as normas de conduta definidas daquela situação social. A existência da regra que se faz presente em São Paulo pode ser encontrada também em ambiente rural, porém com condutas próprias.

social networks. They not only bring people together by needing to be looked after if their keepers are away but they also shape where people live and, crucially, influence the way networks operate. This is apparent in the way that family members change their behavior in response to animals, by choosing not to stay with a sister on a family visit for instance, and in the way that human contact can be fostered by a shared interest in animals. Thus dogs may facilitate the creation of social networks in neighborhoods by enabling strangers to strike up conversations, share dog-walking activities and, perhaps, become friends ... By the same token they can create conflict which may lead to a weakening of social networks as some of our interviewees suggest. (CHARLES; DAVIES, 2008, 8.7) [grifo meu]

Acrescentam-se a esses casos exemplos nos quais humanos programam suas ações de acordo com as relações com os animais, que são muitos e variam em intensidade, desde deixar de passar tempo com outro humano a tomar medidas que influenciam fortemente a vida pessoal e seu cotidiano, como uma mulher que saiu da casa de seus pais, onde morou a vida inteira, por causa do cachorro. Não que ela não gostasse dele, pelo que me contou ele é um membro da família e sujeito objeto de seu afeto extremo. Ocorre que ela decidiu sair de seu emprego na área de biologia para fazer e vender doces. Uma vez que o cão solta muito pêlo, seria impossível trabalhar no mesmo espaço que ele vive. Assim, optou por alugar uma casa perto da casa de seus pais, onde a localização facilita o contato com a família inteira, incluindo o cachorro, e onde pode exercer sua nova profissão. Quando mostrou-me a foto do cachorro em seu celular, declarou: “olha o cachorro que me expulsou de casa”.

Na menor das pet shops onde foi feito trabalho de campo, os funcionários às vezes precisam avisar aos adultos que as crianças estavam indo para a rua enquanto eles focavam sua atenção no pet. Presenciei diversas situações em que pessoas são deixadas de lado ou cumprimentadas depois de um longo tempo enquanto cães são paparicados, ou casos em que pessoas dizem não poder atender a pedidos dos outros por causa de sua responsabilidade com o cão, como uma mãe que disse ao filho que não podia levá-lo ao cinema pois deveria levar o cachorro para passear, ou quando uma pessoa disse que não poderia ir visitar amigos porque tinha que cozinhar para o pet⁷². Esses casos mostram a solução de conflitos a favor dos animais, o que não é raro e pode gerar ciúmes. Novos conflitos podem inclusive ter o ciúmes como causa. Filhos, irmãos, namorados, maridos, amigos podem ter ciúmes da dedicação destinada ao pet, assim como filhas, irmãs, namoradas, esposas e amigas. O afeto para com o cão pode não ser compartilhado pelos outros humanos do círculo social do animal, e quando o é, não raro isso ocorre com

⁷² Após os donos irem embora da pet shop, por vezes ouvia críticas de funcionários e proprietários das empresas que os condenavam por sentirem mais carinho pelos cães do que outras pessoas de seu círculo social ou familiar e por priorizarem os cães frente a outros seres humanos.

intensidades distintas.

Prioridade canina

É preciso reconhecer o discurso nativo de que animais são sujeitos dignos de amor, e amor maior que o amor por outros humanos. Dizer que se possui uma relação mais satisfatória e um afeto mais elevado para com um cão do que para com algum humano, de qualquer idade, não é mais tabu entre estes donos. Enquanto os humanos que esperavam seus cães conversavam sobre os diferentes amores esperados de cães e de humanos, uma dona por volta dos 40 anos disse que amava mais seu cachorro do que seu tio, e que era condenada pelos não donos de cães que a ouviam falar isso. Segundo ela, os seres humanos deveriam se abrir para o fato de que alguns cães são mais amados que humanos, ainda que estes sejam próximos, como familiares, que na visão cultural devem gozar de relações de afeto, ainda que saibamos que relações afetivas não são unanimidade. O mesmo foi observado na pesquisa de Charles e Davies (2008), na qual entrevistados afirmaram a preferência por animais a certos membros da família.

Quando donos rebatem críticas que recriminam o afeto e o dinheiro gasto com os cães, visto que eles poderiam ser destinado a humanos, duas respostas são dadas. A primeira enfatiza que o cão é melhor que humanos por sua pureza e lealdade, onde o que está em jogo são as interpretações das espécies e não dos indivíduos em si, e a segunda concebe o cão como ser que merece cuidados assim como todos os humanos, pois também são sensíveis e precisam de relacionamentos para serem felizes por serem seres sociais. E se ficam felizes com certos produtos e serviços fornecidos pelo mercado, há o seu consumo. Afinal, cachorros merecem ser felizes, certo?

A convivência e a proximidade podem ser fatores que diferenciam as relações. Enquanto que o convívio com os pets é diário, a proximidade com outros humanos pode ser menor, ainda que a relação possa ser mais complexa. Junto às exclusividades dos cães que fazem deles sujeitos de amor verdadeiro, creio que isso facilite o estabelecimento do laço emocional. Mais relevante, porém, é o suporte emocional que pets proporcionam a seus donos humanos, sabendo inclusive o que estes sentem, traço também percebido por Charles e Davies (2008) e Oliveira (2006). Assim, um cão é potencial sujeito de laço emocional seguro para o humano, cuja a vida é instável. Esse é um fatores que faz dos cães de estimação tão estimados em alguns casos. Um homem que construiu uma empresa

bem sucedida após ser funcionário por anos, cujo trajeto contou com tempos de pouca fartura, revelou-me um apreço especial por seu primeiro cachorro. Hoje com 5 animais, o senhor sentiu profundamente o luto quando seu cachorro favorito morreu. Parceiros de vida, ambos passaram pelas dificuldades juntos, criando um laço afetivo e de fidelidade não encontrado em outros seres, animais humanos e não humanos.

Uma hipótese que tenho é que somada ao amor característico dos cães, desprovido de interesses e sempre verdadeiro, e sua imensa capacidade afetiva, ambas características concebidas pelos seus humanos, uma outra peculiaridade distingue as relações entre humanos entre si e humanos e pets: o toque. Esta não é uma percepção êmica, mas me parece que a procura canina do toque humano é um diferencial. Humanos podem expressar-se por palavras, o que não é possível com cães. Eles, porém, não provém o companheirismo tátil como os cães. Mesmo em uma relação afetiva, não há o costume da proximidade espacial e sensorial como na relação canina. Cães usualmente procuram o toque humano constantemente e, quando este lhes é negado, posicionam-se perto de seus donos. Essa proximidade física pode ser reconfortante e ser entendida como prova ou resultado de um amor a todo tempo, sem a inconstância característica da relação entre humanos. Por consequência, entendo o toque como outra característica que compõe essa relação “especial”.

Há um outro tipo de situação que merece destaque. Se cães são valorados por suas características “especiais”, em outras circunstâncias eles o são por sua inserção em relações sociais humanas de distinção social. Em shoppings, encontramos regras distintas de circulação canina. Alguns permitem a presença de cães pequenos, outros de cães “não perigosos”, o que seria definido pela raça do animal, outros apenas os permitem no colo ou em carrinhos. Uma das vezes que fui a um shopping da zona norte de São Paulo, observar os cães e suas interações nesse espaço, perguntei ao serviço de apoio ao consumidor as regras que regiam a entrada de animais não humanos. Para a minha surpresa, as atendentes não souberam responder. Apenas depois de entrarem em contato com a central informaram-me que todos os animais são aceitos contanto que portem a guia. Os momentos seguintes foram recheados de risadas, pois conversávamos sobre os animais que já haviam sido avistados no shopping: cães, gatos, porquinhos da índia, iguana. Enquanto que os cães eram tidos como frequentadores normais do espaço, os outros causavam estranhamento.

O clima mudou depois que perguntei sobre a porta de entrada dos animais. Disseram-me que estes podiam utilizar qualquer entrada, a da frente ou a do

estacionamento, não havia distinção. Tal norma causou, entretanto, indignação dos presentes, pois “cachorro que é bicho pode entrar por qualquer porta, mas a gente [funcionários], que é gente, não”. Esse shopping tem como norma a distinção de entrada derivada da posição social das pessoas, pois se clientes podem entrar pelas portas múltiplas, funcionários são obrigados a entrar por sua entrada específica, norma que é fiscalizada. Os cães, embora não humanos, são postos acima dos funcionários nessa distinção social, podendo circular com liberdade no shopping com exceção à praça de alimentação⁷³.

Gênero

Noto também outra implicação dos cães estarem inseridos em relações sociais. Se por um lado algumas características específicas dos cães são exaltadas e levadas em consideração, por outro espera-se deles comportamentos atrelados à esfera cultural humana de forma um tanto quanto descomedida. Uma dessas formas é a atribuição de gêneros masculino ou feminino aos animais de estimação, que pode ser vista no dia a dia das pet shops e nos produtos e serviços oferecidos pelo mercado pet.

Butler (2003) concebe o gênero como meio discursivo e cultural através do qual o que se entende por “sexo natural” é produzido e decretado como algo neutro anterior à cultura, com a aparência de uma naturalidade interior do indivíduo. Ele é, portanto, um aparato de construção social resultante de um contexto cultural e histórico, no qual atos repetidos e corpos estilizados de acordo com a estrutura que os regulam se cristalizam no tempo e constituem contínua e performativamente a sua identidade, através das suas “expressões” tidas como resultados. Alguns cães e cadelas do grupo estudado têm suas vidas reguladas pelo que se entende ser esperado de machos e fêmeas, seja na educação (comportamento) e/ou no consumo.

Nas pet shops é comum ouvir homens e mulheres mandando suas cadelas serem “boas mocinhas”, obedecendo ao que foi dito sem contestar com latidos ou rosnados. Não raro se espera das cachorras um comportamento mais moderado e obediente, sem muitas “bagunças”, ao menos na frente dos outros, ou pelo menos o constrangimento quando elas fazem algo inesperado é maior. Esse controle do feminino tem sua expressão máxima

⁷³ A circulação é livre no espaço do shopping – corredores, estacionamento, pátio. Porém, cada loja tem o direito de permitir ou não a sua entrada.

quando a sexualidade está envolvida, tanto para donas quanto donos. A sexualidade das fêmeas é controlada com maior intensidade, pois é muito mais vergonhoso para um dono que os outros as vejam se masturbando ou cheirando o ânus de outro cão⁷⁴ do que é para donos de machos. Um produto de limpeza íntima durante o cio faz a propaganda – promova o “equilíbrio comportamental” de sua cachorra, através da absorção do odor que atrai os machos. Embora o comportamento deles seja alterado, é a fêmea que nessa visão deve ser controlada no “comportamento”. A semelhança ao que ocorre em nossa sociedade é marcante – controla-se as roupas das mulheres, para diminuir o assédio dos homens.

A gravidez psicológica, comum em algumas raças de pequeno porte, muitas vezes é escondida dos outros e relatada apenas para o veterinário. Assim, a repressão sexual feminina, ainda cultural em nossa sociedade, é refletida no modo como as cachorras são educadas. Acontece também de alguns poucos donos não quererem castrar cadelas por achar que elas devam ser mães para “serem completas”. Pude perceber nesses discursos, em particular, um tom religioso, como na explicação dada por uma dona que não queria castrar sua gata por acreditar que deus faz todas as criaturas divididas em fêmeas e machos para eles cumprirem um papel determinado, e assim como as mulheres só seriam completas com um filho, a gata só seria completa quando tivesse filhotes. Castrá-la seria tirar a possibilidade de seu privilégio de ser mãe. Aqui está claro um extremo do papel social da mulher dentro de um certo modelo heteronormativo, o de procriar, em uma visão não comum de que se a fêmea não for mãe ela não será um indivíduo completo.

Já dos cães machos se espera comportamentos que reflitam qualidades entendidas como masculinas. Eles são alvos de piadas sobre sua sexualidade em situações nas quais sentem medo e tremem, como nas visitas ao veterinário e nas idas ao banho. Funcionários e os próprios donos dos animais riem da situação, perguntando se o cão “virou bichinha” ou se ele “é são paulino”⁷⁵. Outro motivo de piada sobre cães machos é a castração. Na VetExpo 2015, por exemplo, um cão exposto em um estande de produtos de beleza tinha um laço azul na cabeça, e quando a responsável por ele recebeu a ordem de tirar o laço

⁷⁴ De acordo com uma explicação dada por um psicólogo canino, os cães têm o olfato extremamente apurado quando comparado ao humano e utilizam esse sentido para reconhecer os outros seres (humanos e não humanos). O cheiro dos cães é exalado com grande intensidade pela região genital, sendo que o ato de cheirar o ânus dos outros é a forma dos cães se reconhecerem. Isso aplica-se também para os humanos, é isso que os cães fazem quando cheiram as nossas genitais – ato que também gera constrangimento humano.

⁷⁵ A “piada” refere-se ao time de futebol São Paulo Futebol Clube, uma associação esportiva da cidade. Os torcedores são paulinos são alvos de comentários a respeito de sua sexualidade, pois é convenção dos torcedores rivais atribuir a eles a homossexualidade, que nessa lógica seria motivo de riso.

pois o objeto dava margem a interpretação de que ele seria fêmea, ela brincou dizendo que isso não tinha importância já que ele era castrado. A sexualidade masculina é valorada por alguns donos que se recusam a castrar seus cães por acharem que isso seria uma judiação com o animal. Eles dizem que não gostariam que alguém fizesse isso com eles, e, portanto, não vão submeter o cão em sua responsabilidade a essa cirurgia. Alguns donos homens chegam a se orgulhar da “vontade sexual” de seus cães machos, sorrindo e falando em alto em bom som que “ele quer transar”. Presenciei uma situação extrema em um parque na qual um dono sorria com orgulho de seu cão sem tirá-lo de cima de uma cachorra de porte médio que tentava escapar, enquanto a senhora que acompanhava a cachorra tentava afastá-lo.

O mercado pet também atribui gênero aos animais de estimação. Diversos produtos e serviços são pensados para atender ou forjar, dependendo do ponto de vista, uma interioridade canina que acompanha as normas do gênero. Mesmo os produtos com finalidade outra que não a estética na grande maioria das vezes oferecem versões “masculinas” e “femininas” com cores diferentes: rosa, lilás e cores quentes para fêmeas e cores frias, escuras em sua maioria, para machos. No dia a dia, podemos perceber a influência das categorias do mercado pet. As coleiras são para os donos uma indicação do sexo do animal, pois eles supõem que se a cor não é tipicamente feminina, como rosa, lilás, azul claro, laranja ou cores neon, o animal é macho. Nas pet shops e nas ruas é perceptível essa diferença. Para testar o impacto da cor da coleira, fui passear com a cachorra da minha irmã, Linda, uma cocker spaniel preta, com duas coleiras do mesmo modelo mas diferentes na cor, a primeira branca e preta e a segunda rosa, verde limão e laranja. No primeiro passeio pela rua em um de sábado de manhã, horário em que o trajeto escolhido é cheio de humanos passeando com cães, Linda estava com uma coleira branca e preta e foi todas as vezes confundida com um macho. As pessoas nem perguntaram o sexo, apenas inferiram pela cor da coleira⁷⁶. No mesmo trajeto com a segunda coleira não houve dúvidas que ela era fêmea. Refiz o teste algumas vezes, uma delas apenas acompanhando quem a conduzia, e o resultado foi o mesmo.

Além da castração, que goza de atenção especial por conta da sexualidade, outras formas corporais são entendidas como indicativos de sexo, por conta das normas de gênero. Uma vez em que estava com a Linda no carro, um homem do carro ao lado falou

⁷⁶ Em passeios na rua mesmo que os humanos não se conheçam é comum parar para conversar um pouco, ou com a outra pessoa ou com o próprio cão. Exemplos de conversa com o cão são “Olha esse amigo novo, fala oi para ele” ou “Que gracinha que você é!”.

com ela: “que bonitão!”. Minha mãe respondeu logo em seguida: “ela é fêmea”. Sua reação foi marcante: “Ué, mas e o bigode?”. O bigode da Linda, que nunca foi cortado por nós, dava a entender que ela era macho. O longo pêlo escovado e alisado de um cão pode ser tomado como indicativo do sexo feminino. Claramente há uma sobreposição da cultura humana aos animais.

Essas marcas do gênero na relação com o animal refletem mais as ideias humanas do que os próprios gêneros e sexualidades caninas, uma vez que quase dispensam as agências dos mesmos para serem elaboradas. Elas são extremamente significativas – demonstram que mesmo que haja o reconhecimento de características exclusivamente caninas, eles são enquadrados em nossa forma de ver o mundo. Ressalto, todavia, que apenas uma parte dos donos educa seus cães e cachorras seguindo normas de gênero. O consumo de estampas generificadas, entretanto, é comum, mas isso pode ser um reflexo do que o mercado oferece – dificilmente encontramos acessórios “neutros”.

Falar de cães não é falar de crianças

Anteriormente à formação do elo entre cães e seus humanos, logo que os cães passam à responsabilidade humana, eles já gozam de certos direitos. Como bom dono, o ser humano deve zelar por suas necessidades. Alimentar, higienizar, dar atenção, prover cuidados médicos e espaço adequado para a espécie, onde ele possa circular livremente, estão entre os deveres humanos ao mesmo tempo em que são direitos caninos. À semelhança dos protetores de animais, entendem ainda que os cães devem ser livres de maus tratos em suas diversas formas físicas e psicológicas. Essas são condições impessoais, não dependentes de personalidades, devendo ser aplicadas a todos os cães de estimação.

Mesmo enquanto direitos, essas obrigações humanas são também interpretadas como dependência canina. Segundo os donos, cães não conseguem sobreviver sozinhos, com exceção aos cães de rua⁷⁷. Os pets seriam dependentes em todas as fases da sua vida, pois necessitam de comida, água, e outros cuidados, com destaque para duas que exigem mais atenção e cuidados que as demais: enquanto filhotes e durante sua velhice. Nessas fases, quando compartilhadas com humanos, os cuidados são mais intensos tanto para

⁷⁷ Estes são super exaltados em inteligência, ainda sua adoção possa não ser considerada.

com o animal quanto para o ambiente em que ele vive. Quando filhote, por exemplo, é comum o animal estragar diversos objetos, inclusive móveis, enquanto se ajusta às normas impostas por seus donos e os ajusta a sua presença. Tal situação pode ser comparada à de um bebê humano. Como uma cliente de pet shop me contou, seu cão com menos de dois anos estragou o sofá, comendo as partes laterais e um pedaço do assento. Ela, entretanto, resolveu não trocar o móvel, pois estava com um bebê de poucos meses em casa, o qual suja o mesmo com seus dejetos. Assim, ela decidiu esperar o bebê crescer para trocar o sofá que ambos, cachorro e humano com pouco tempo de idade, degradam.

O mesmo ocorre com a “terceira idade”. Características da velhice, como perda de memória e a confusão, usualmente decorrentes da doença degenerativa de Alzheimer, que acomete humanos e outros animais, são reconhecidas nos cachorros idosos, bem como o desgaste físico, resultado na demanda de cuidados diferenciados. Um dos momentos mais marcantes envolvendo a relação humanos-cães para mim se deu antes mesmo do início das pesquisas de iniciação científica que precederam a este mestrado. Eu estava na calçada de casa, com a minha cachorra, Tuca, caminhando ao sol. Devido à sua idade avançada, 16 anos na época, Tuca andava com lentidão. Em 20 minutos não ultrapassamos nem 15 metros de caminhada. Eu a levava para passear mesmo que ela não caminhasse muito, para se exercitar e para tomar sol. Enquanto estávamos do lado de fora, uma senhora veio lentamente de andador em nossa direção acompanhada de uma mulher mais nova, aparentemente cuidadora pelo uniforme. Quando se aproximou de mim, falou: “Você sabe, eu e ela somos iguais” e sorriu. “Ela tem sorte de ter alguém que ama ela para fazer isso”, completou. A força de sua comparação atingiu-me profundamente. Ambas passavam por uma fase delicada da vida, onde as dificuldades físicas já se apresentavam, e a senhora reconheceu em um ser de outra espécie uma igual. A delicadeza e a profundidade da comparação tomaram-me por surpresa. A partir desse momento, tornei minhas reflexões acerca das não diferenças entre nós e os cachorros mais complexas.

A analogia entre cães e humanos durante a fases iniciais e finais da vida foi anteriormente abordada por Pastori (2012, p. 82). A autora fala em “pediatrização” e “geriatriação” dos animais na relação com a medicina veterinária, um processo interno à tradução da medicina humana para a veterinária que ocorreria conjuntamente à transformação do animal em membro da família e à concepção do médico veterinário como médico da família. A “geriatriação” é apresentada a partir dos cuidados e tratamentos médicos específicos da idade, surgidos em sua maioria decorrentes do

aumento da expectativa de vida canina (*ibidem*, p. 90). A “pediatrização”, por sua vez, usualmente apareceria com o animal designado como bebê da casa (*ibidem*, p. 83)⁷⁸. Pastori afirma que a comparação entre cães filhotes e bebês humanos não pára na idade de filhote, pois a maneira de tratar os animais prolongaria essa “pediatrização”, mesmo fora da relação com a medicina veterinária. Como exemplo, Pastori descreve uma cena na qual uma senhora leva o cão num carrinho similar aos carrinhos de bebê e o animal parece não gostar, cena a qual a autora qualificou como patética (p. 83). E não é apenas Pastori que aponta as semelhanças entre bebês humanos e caninos.

Oliveira (2006) já observara a semelhança entre pets e crianças e bebês exprimida nos modos de falar dos humanos, que utilizam vozes finas e gestual igual à forma comumente designada a bebês, e na capacidade de emitir sentimentos, pois a autora sugere que a de pets seria a mesma de bebês e crianças que ainda não adquiriram a capacidade de fala. Ambos “são vistos como seres que se comunicam através de sinais ou gestos que são interpretados em virtude de sensações ou emoções” (*ibidem*, p. 30) e cães seriam percebidos como equivalentes à fase inicial da vida humana quando são tratados como se fossem membros da família (*ibidem*, p. 131). Ademais, Oliveira sugere que a equivalência entre crianças e cães, as “eternas crianças”, faria com que o cuidado com os cães seja em sua maioria feminino, seguindo os padrões culturais das relações com bebês. Osório⁷⁹, por sua vez, compara a pureza de sentimento percebida nos animais de estimação e nas crianças:

Essa pureza de sentimentos parece perpassar, portanto, as pesquisas antropológicas nacionais dedicadas a compreender nossas relações com nossos animais de estimação. Não obstante, são concepções que podem ser atribuídas também a bebês e crianças pequenas. (OSÓRIO, 2016, p.6)

A autora afirma em outra oportunidade que em termos de afeto, os animais tornaram-se “as crianças da casa”, e que a infantilização do animal não exige investimentos econômicos (*idem*, 2015, p. 16). Esses investimentos, entretanto, contribuiriam para a suposta equivalência entre pets e bebês ou crianças a partir do

⁷⁸ Pastori aponta a escolha de animais baseada em características que os remetam a bebês, ação que a autora lembra que Digard (1999) chama de “pedomorfização”.

⁷⁹ A comparação de animais de estimação a crianças é encontrada também o trabalho de Osório, que estuda as relações entre protetores e gatos desde 2011. Ela faz uma recapitulação das comparações: “Osório (2013) transcreve dois excertos de uma comunidade on-line no qual os animais são comparados a eternas crianças de três e quatro anos de idade, além de serem descritos frequentemente como bebês (Osório, 2016). Seja qual for a idade limite para a comparação, ela está presente. Nos casos relatados por Osório (2013) não parece ser tanto a ingenuidade que associa animais de estimação a crianças, mas elementos relacionados à cognição, à moral e à compreensão do mundo adulto. Ainda assim, a noção brasileira de infância como um período de ingenuidade (Machado, 2006) permite o deslize de uma classe de seres à outra, tornando o processo de antropomorfização dos animais de estimação também um processo de infantilização.” (OSÓRIO, 2016, p. 7).

mercado pet, nos argumentos de Pastori (2012), Osório (2016) e Oliveira (2006). As autoras, contudo, não aprofundam a discussão a respeito das diversas faces do mercado pet, embora Osório (2016) perpassasse o setor de alimentos.

Tais semelhanças entre bebês e/ou crianças humanas e cães necessitam ser analisadas cuidadosamente. De fato, a maneira com que muitos donos falam com seus animais equivalem à forma convencionalmente utilizada com bebês. Voz fina e expressões faciais ricas estão presentes nas relações aqui estudadas, todavia elas não são constantes e nem regra, mas são sim, comuns. O mesmo pode ser dito a respeito das capacidades cognitivas percebidas em ambos. Gostaria de fazer um esforço, contudo, para examinar capacidade de afeto supostamente equivalente em humanos e pets percebidas por meus interlocutores. Se os cães podem ser percebidos em situações estudadas por outros trabalhos como capazes de uma relação afetiva igual a de bebês e crianças, o mesmo não é verificado em meu campo.

Observando-se a não monoliticidade de qualquer grupo, meus interlocutores não são exceção. Existe dentro dele pessoas cuja opinião é semelhante à apontada pelas autoras, porém, essa expressão não possui força. Ao invés dela, defende-se que o tipo de afeto – o amor puro - emitido pelos cães é característico de sua espécie, como foi dito anteriormente. Ao afeto para com humanos em fases iniciais da vida, entretanto, carece de mais cuidado. É certo que ter afeto para com bebês e crianças é culturalmente apropriado. Acredito, contudo, que ele não pode ser normatizado e encarado como premissa. Assim como há pessoas que possuem enorme afeto para com eles, há outras que não. Em meu campo, por exemplo, da mesma forma que o afeto emitido por crianças e bebês e cães são entendidos como díspares, também são os afetos destinados a eles.

Cães são estimados, enquanto que bebês e crianças podem não ser. Como foi dito diversas vezes em uma sala de espera da pet shop da zona norte, não há porque estabelecer uma relação equivalente entre cães e crianças humanas, uma vez que são demandados sentimentos e cuidados desiguais, pois “não é a mesma coisa”. Um dono que esperava seu cão ser tosado conversava com os outros sobre a falsa ideia das pessoas que comparam os dois. Segundo ele, ele não queria uma criança, queria um cachorro. Ele nem gostava de criança, que em sua opinião dá muito mais trabalho e menos satisfação para quem cuida. Outro momento interessante ocorrido na sala de espera de uma das pet shops ilustra a distinta concepção acerca de cães e crianças. Em um final de semana quando a sala estava cheia (os sábados são os dias de maior circulação humana ali), conversávamos sobre a comparação das outras pessoas, não donas de cães, entre crianças e cachorros.

Lembrei aos donos que esperavam seus cães saírem da sala de banho e tosa da música que diz “troque seu cachorro por uma criança pobre”, de Eduardo Dusek. A reação dos donos à menção da música foi marcante. Eles se mostraram indignados - primeiro, não poderiam simplesmente abandonar um cachorro, segundo, discordam completamente de que essa é uma troca com equivalência, pois a relação estabelecida com o cachorro seria completamente diferente da relação com uma criança. Dois presentes que não tinham crianças enfatizaram que não as queriam, e junto a outros afirmaram que o afeto proveniente da relação com o cão não poderia ser encontrado em outro lugar⁸⁰. Assim, deve-se tomar cuidado ao dizer que o afeto para com ambos é equivalente, pois o amor para com os cães pode ser maior, e não raramente. Os pets não são, portanto, “as crianças da casa”, e sim os cães da casa, também dignos de afetos porém com suas particularidades decorrentes da espécie.

Consequentemente, as similaridades entre cães e bebês e/ou crianças existem, mas não são o suficiente para defender que a relação estabelecida entre seres humanos e qualquer um deles equivalha em termos de sentimentos. Como Pastori (2012) notou, muitas famílias que possuem crianças e bebês possuem cães, o que ocorre também em meu campo, e não posso dizer que ambos estabelecem a mesma relação com os adultos que lhes provém cuidados. Volto aqui ao livro de Haraway (2003) e seus argumentos. Contrariando a concepção de cães como “crianças peludas”, projeção esta que seria antiética e perigosa, Haraway afirma que cães não são projeções humanas: “...dogs are not about oneself. Indeed, that’s the beauty of dogs. They are not a projection, nor the realization of an intention, nor the telos of anything. They are dogs; i.e., a species in obligatory, constitutive, historical, protean relationship with human beings.” (HARAWAY, 2003, p.11-12). A autora nos revela então a especificidade da relação entre as duas espécies, sendo que os cães têm sua história particular com os humanos. Com tal argumento em mente, acredito que a semelhança existente entre cães e crianças e/ou bebês é a necessidade de cuidados, a “dependência”, ainda que estes difiram entre espécies, mas não a relação afetuosa ou de qualquer outro tipo existente entre eles. A semelhança de gestos, palavras, tons de vozes e outras práticas que possam ser destinadas a crianças e cães não são formas de equivalência de sentimento, mas a utilização do mesmo repertório para expressões de afeto distintas.

⁸⁰ Aponto aqui, porém, que mesmo que eles vejam a relação como totalmente discrepantes, elas possuem um elemento em comum: o cuidado que se despende com ambos – distintos, contudo existentes.

2.4 Relações desiguais de poder

Como vimos, em certos casos educa-se o pet para corresponder à conduta de gênero socialmente aceita por nossa sociedade humana. Há ainda em outros aspectos a modificação dos animais exercida pelos donos para adequá-los à sua vida, característica marcante dessa relação. Os cães, que encaro como sujeitos, são animais domesticados. Essa é uma característica certamente influente, que introduziu uma mudança de comportamento em ambas as espécies fazendo com que a convivência entre elas fosse facilitada.

O conceito de domesticação tem sido debatido por autores de diferentes áreas, consequentemente sendo alvo de distintas definições. Na área de Antropologia das Relações Humano-Animal, podemos ver algumas abordagens. Barreto (2015, p. 15) utiliza em seu trabalho o conceito “como apontam Mazoyer e Roudart (2010): um processo deflagrado no Neolítico, inicialmente com protoculturas e protocriações de formas vegetais e animais ainda selvagens, sendo a domesticação canina datada há 16.000 anos.”. Desse processo resulta que ‘Os seres vivos domesticados diferem dos selvagens pelo fato de haverem perdido, ao longo das gerações, algumas características genéticas, morfológicas e comportamentais originais, e adquirido outras mais compatíveis ao novo modo de vida’⁸¹ (BARRETO, 2015, p. 16).

Por sua vez, Osório (2015, p. 11) nos lembra da leitura de Digard (1999) sobre a domesticação. Para ele, “a ação domesticatória (proteger, nutrir e controlar a reprodução) marca as relações entre animais de estimação e seus donos”. A domesticação envolveria, ainda, o hábito de estar com humanos e a submissão do animal à sua vontade. No entanto, não apenas os cães são modificados nessa relação. Haraway argumenta que o processo pelo qual humanos e cães passaram trata-se de uma co-evolução e defende que as mudanças nos corpos e mentes dos cães não devem ser vistas apenas como biológicas, uma vez que o mesmo processo com humanos é entendido como cultural (HARAWAY, 2003, p. 31)⁸². Na análise de Ingold (2000, p. 87), tanto humanos quanto animais e plantas

⁸¹ Sua definição de raça é “um conjunto animal de comum origem, dotado de caracteres singulares, não correntes em outros indivíduos da mesma espécie, e fixos de maneira que se transmitem uniformemente de pais a filhos (NUNES, 1984). Ou, ainda, conforme Fiorenzo Fiorone et al. na Enciclopédia Canina (1973), uma população de animais domésticos que, ao se reproduzir, transmite de maneira constante suas características morfológicas e psíquicas” (BARRETO, 2015, p. 15).

⁸² Barreto (2015, p. 21) também acredita que a domesticação influencia tanto na vida dos humanos quanto dos animais não humanos, e que os humanos também são domesticados por esses animais. O autor chama a atenção também ao fato de que as variedades domésticas dos animais são produtos da cultura pois não existiriam sem a interferência humana (BARRETO, 2015, p. 17).

dos quais dependemos devem ser considerados participantes de um mundo em comum, que é social e natural, e ele nos lembra que assim como os humanos têm uma história com os outros animais, estes também possuem uma história da sua relação com os humanos, embora apenas a nossa espécie construa narrativas sobre ela. O autor acredita que a história da domesticação dos animais contada a partir do Ocidente faz parte de uma história de como os humanos procuraram superar e controlar a natureza, incluindo a própria animalidade humana (1994, p. 1).

As diferentes definições de domesticação incluem, para Ingold, a noção de controle humano sobre a reprodução e crescimento de plantas e animais (1994, p. 3). O autor argumenta, então, que quando consideramos a domesticação uma intervenção na esfera da natureza, estão pressupostas as ideias de separação entre as esferas da natureza e da humanidade e de transcendência humana sobre o mundo natural. Se a domesticação implica no controle, animais domésticos seriam os animais controlados. Creio que seja proveitoso trazer aqui a “dominação” que o autor afirma existir na relação entre animais e humanos no pastoralismo em uma análise que decorre da sua comparação com as relações entre os *hunters and gatherers*, antigamente chamados de selvagens, e da sua transformação no advento do pastoreio, na qual o controle sobre os animais é dado ao humano:

They are cared for, but they are not themselves empowered to care. Like dependants in the household of patriarch, their status is that of jural minors, subject to the authority of their human master (Ingold 1980: 96). In short, the relationship of pastoral care, quite unlike that of the hunter towards animals, is founded on a principle not of trust but of domination (INGOLD, 1994, p. 16).

O autor afirma porém que a dominação não é uma relação mecânica na qual os animais não humanos não influem. Ao contrário, reconhece-se o poder de resistência dos animais não humanos, dos quais derivam, por exemplo, os objetos de controle sobre o animal⁸³.

No Brasil, o processo de domesticação foi abordado por alguns autores. Segata, por exemplo, acredita que

Até chegarem ao posto de nossos bebezinhos, lindinhos da mamãe, fieis companheiros, e viverem em nossos lares, motivarem manifestos ou se tornarem o foco da atenção de gestos médicos e estéticos, houve um longo caminho a ser

⁸³ Nem sempre, entretanto, foi reconhecida nos animais a agência. Ingold nos mostra a visão de Marx a respeito que revela uma opinião comum no passado (e para alguns no presente): “Marx argued that relations of domination, such as obtain between master and slave, cannot obtain between humans and domestic animals, because the latter lack the power of intentional agency: ‘Being without will, such as animals, may indeed render services, but their owner is not thereby lord and master’ (1964:102; see Ingold 1980:88). Domination and domestication are here distinguished, on the premiss that one is a form of social control exercised over subject-persons, and the other a form of mechanical control exercised over object-things.” (INGOLD, 1994, p. 17-18).

percorrido. Isso incluiu, necessariamente, uma série de investimentos que acalmaram ou que tentaram tornar invisíveis as suas pulsões naturais, o que historicamente, tratamos por modulação ou domesticação (SEGATA, 2012b, p. 1).

Para Segata, ele é lido a partir da medicalização e no diagnóstico de doenças:

Contudo, hoje isso aparece sob formas mais complexas: latir, rosnar, urinar, mostrar as garras, foram algumas das vantagens evolucionárias que permitiram que cães e gatos garantissem a sua alimentação ou protegessem o seu território e prole. Mas isso não combina com a decoração da sala de estar de nenhum apartamento, o que faz com que esses animais que se comportem dessa forma sejam diagnosticados como “doentes mentais” (*ibidem*, p. 1).

Em seu trabalho, Segata nos mostra como as pulsões características caninas são vistas como problemas psicológicos e medicadas, uma vez que elas dificultam a relação e convivência entre humanos e pets: “sem os “manejos adequados”, sem o tratamento dessas “pulsões”, dilui-se a humanidade deles. Os equipamentos médicos, os diagnósticos e os tratamentos com fármacos parecem facilitar uma diplomacia entre as espécies - eles permitem a amizade.” (*idem*, 2012a, p. 150). Centrado nos diagnósticos e tratamentos disponíveis na medicina veterinária, Segata perpassa outras formas de “desanimalização” dos cães de estimação, como a castração, as roupas e os produtos de higiene, embora não desenvolva o assunto, e acredita que elas estão atreladas à humanização animal. Osório se utiliza do trabalho de Segata para falar em “criaturas desanimalizadas para serem humanizadas”:

É interessante notar, ainda, as formas como tais criaturas são desanimalizadas para serem humanizadas: a castração controla impulsos sexuais incompatíveis com a visão ocidental de infância, ao mesmo tempo em que, em tese, controla impulsos agressivos e traços de comportamento do animal; roupas e acessórios são confeccionados imitando vestimentas humanas; produtos de higiene e beleza também; as excreções são reguladas para serem depositadas fora de casa ou em ambiente criado para isso (caixas de areia, tapetes higiênicos); a ração industrializada é nutricionalmente balanceada para que fezes e urina tenham determinado odor e consistência (Segata, 2012). (OSÓRIO, 2015b, p. 19).

Embora eu não concorde com a hipótese da “desanimalização” para a “humanização canina”, ou sequer com uma “humanização canina” - dependendo do uso do termo “humanização”-, percebo outras formas de adequação dos cães para a convivência com os humanos, ainda que não tenha encontrado situações semelhantes às descritas pelo autor sobre a medicalização de características caninas indesejadas.

Elas englobam modificações no comportamento e no corpo canino. Para um “melhor convivência”, os cães são ensinados a fazer suas necessidades em um local específico, comer uma comida prática de administrar e não a sua alimentação “natural”, não roer os móveis nem estragar os objetos de propriedade humana, ficar confinados em locais determinados (não sair para a rua sozinhos), dentre diversas outras regras que variam de casa para casa. Alguns cães gozam de mais liberdade dentro da relação que é

hierárquica, outros menos, mas sempre há a tentativa de ensiná-los a obedecer o dono, que seria o “líder” na linguagem dos adestradores, aquele que substitui o cão líder da matilha. Em seu discurso, o cão precisa de um líder para comandá-lo, caso contrário ele próprio assumirá o controle e não aceitará ordens dos humanos. Para eles, esses atos devem ser reiterados em todas as situações em que se mede o comando, como em caminhadas, por exemplo. Os donos que querem a obediência de seus cães devem fazê-los andar ao seu lado e não deixá-los ir na frente ou escolher o caminho a ser seguido. Além das técnicas ensinadas ao cachorro, o seu corpo também pode ser modificado por práticas recomendadas pela medicina veterinária e/ou por vontades de seus responsáveis. As vacinas, os produtos utilizados para que o cão não solte partículas fonte de alergia em humanos, a colocação de unhas de silicone para evitar rasgos nos móveis, as cirurgias até pouco feitas para abafar o latido, o corte de orelha, de rabo e a castração são algumas das intervenções feitas no corpo do cão, um corpo passível de construção⁸⁴.

Muitas dessas intervenções têm como objetivo eliminar possibilidades de doença ou de parasitas nos animais, o que além de fazer bem a eles, protegeria os donos de consequências desagradáveis, como infestações de pulga nas residências, por exemplo. Outras tantas são intervenções relacionadas ao comportamento, à estética e outros tipos de agrado aos humanos. A castração é uma modificação do corpo que exerce influência no comportamento dentre outros quesitos, sendo que veterinários a indicam para cães machos e fêmeas que precisam se “acalmar”. As intervenções estéticas, como alisamento, penteado e coloração de pêlo e pintura de unhas fazem com que os cães atendam aos gostos estilísticos de seus donos, já que não têm o poder de escolher nessas circunstâncias o que querem para si. Outras intervenções indiretas, como adição de componentes na ração para que as fezes tenham odor diminuído, ou seja produzida menos urina, modificam o funcionamento do corpo do animal para agrado humano.

Tais “adequações” nos cães têm, portanto, diferentes objetivos e motivações. Chamo de adequação as formas de intervenção na vida animal que modificam seu funcionamento biológico, seu corpo ou seu comportamento. Ela não implica na humanização (se entendida como projeção humana sobre o cão) e nem na antropomorfização animal. Algumas adequações têm como finalidade a saúde ou proteção dos próprios cães. A castração, por exemplo, pode ser entendida como um ato de responsabilidade frente à grande população de cães abandonados, ou ainda um ato de

⁸⁴ Para um relato do controle humano sobre o corpo dos animais e sua complexidade e diversidade de questões envolvidas, ver Abreu (2015a).

prevenção de doenças. Outras possuem um objetivo para agradar integralmente aos humanos, como chapinhas e colorações. Todas essas formas de manipulação dos animais e de seus corpos deixam visível a predominância humana nas decisões e interferências para com os animais, marcando, assim, o ser humano como superior na hierarquia na qual a relação é baseada. A dominação de Ingold pode ser vista aqui, uma vez que ela admite a resistência animal. Em seus próprios termos, cães reagem às ações humanas, e não é diferente nessas circunstâncias. Eles podem latir quando não querem ser banhados, se recusar a entrar ou sair de determinado lugar, rejeitar remédios, dificultar a ida ao veterinário por tentar se manter longe de seu destino imposto pelos humanos, não comer o alimento que lhes é dado, fazer suas necessidades em outros locais fora os pré-estabelecidos, entre as várias situações cotidianas que mostram a interação e a agência dos cães.

Acredito, entretanto, que não cabe a mim analisar as formas de agência dos cães. Assim, opto por apontá-las e reconhecê-las, sem no entanto interpretá-las. Como humana, duvido da capacidade de nossa espécie de entender plenamente a totalidade canina e sua intersubjetividade. Reconheço que estudamos esses seres com os quais dividimos a nossa vida e a medicina e a ciência nos mostram coisas fascinantes a respeito de sua biologia e até de sua cognição, mas não acredito que podemos afirmar com propriedade o que se passa exatamente na vida dos animais. O grupo estudado acredita que eles pensam e têm personalidades, e eu partilho dessa opinião. Não se trata de duvidar das capacidades que dividimos, e sim de afirmar que nós humanos não temos controle e sabedoria sobre todas as vidas do nosso planeta e que os animais não humanos podem nos surpreender de ambas as formas, com capacidades tão avançadas quanto as nossas ou até maiores. Afinal, cães comunicam-se entre si, porém não falamos a sua linguagem. Acredito, sim, na tentativa constante de interpretação do outro, aperfeiçoada a partir da convivência, na qual o entendimento entre ambas as espécies flui à sua forma. Dessa maneira, creio que a relação aqui apresentada é uma relação de esforços onde seres de distintas espécies coabitam o mesmo mundo e partilham suas vidas, ainda que com a predominância humana no que diz respeito ao poder de decisão.

Devo acrescentar ainda que muitas modificações são feitas pelos seres humanos em suas próprias vidas em ordem de conviver com um animal. Basta lembrar do caso da mulher que trocou de casa para que seu cachorro pudesse continuar com a família após ser impedida de conviver com ele por sua nova profissão ou apontar os humanos que possuem cães mesmo com alergia a eles, medicando-se constantemente. Ademais desses

exemplos fortes, lembro que a convivência e o cuidado com o animal exige ações que podem não ser prazerosas e gerar momentos de desconforto, embora os donos afirmem que vale a pena. Ter um animal significa reservar tempo para o cuidado, dar-lhes comida e bebida todo dia, encontrar quem o faça quando se ausenta, arcar com despesas de alimentação, saúde e outros produtos e serviços que possam ser contratados, acordar cedo com o latido do animal, deixar de sair para ficar com aqueles que têm medo de fogos de artifício no ano novo e em outras situações festivas, levá-los para passear mesmo estando cansados ou preferindo fazer outra coisa. A relação é marcada não por uma submissão dos cães para com os humanos, mas por uma adequação das vidas de ambos.

Acredito, todavia, que se as adequações nos corpos e comportamentos dos animais suavizam suas características animais não humanas, elas não os tornam humanos nem borram fronteiras. O controle pode ser humano, mas as interferências nos animais não os fazem menos animais (não humanos). O odor mais suavizado das fezes caninas não encontra sua equivalência nas fezes humanas e os donos devem recolhê-las de qualquer maneira. As roupas e xampus são confeccionadas a partir das especificidades caninas, tanto no formato quanto na composição por nossas peles terem diferentes pHs. Se Osório afirma que “nossos animais de estimação são criaturas desanimalizadas, pelucizadas, assépticas (Digard, 1999), que podem conviver conosco em nosso ambiente cultural doméstico, sob as nossas regras de conduta, como se não fossem mais animais. Porém, sabemos bem que o são, mesmo quando imaginamos que não são (mais)” (OSÓRIO, 2015, p. 17), eu sugiro que o que grande parte desses produtos e intervenções fazem é facilitar a convivência para os humanos, convivência essa que considera ambas as especificidades, humana e canina.

2.5 O cão é família

Minha cachorra é mais minha filha que minha filha. Ela sabe tudo da minha vida: meu dia a dia, se eu estou doente, o que acontece comigo. Agora a minha filha, que saiu de casa, não sabe de nada disso.

Selma, abril de 2014, cliente de pet shop.

Tem gente que acha um absurdo eu tratar a Mel como se ela fosse tão importante quanto o resto da minha família. Mas ela é da família. É óbvio. Ela merece tudo que os outros merecem.

Emma, maio de 2016, entrevista na casa da família.

Minha cachorra é uma parte de mim. A casa fica tão vazia sem ela. É uma parte de nós que se foi. Agora a família está incompleta, é tão triste... Ela era a nossa alegria, o

nosso amor. Nos reunimos nós cinco, mas está faltando ela, sabe.
Amália, sobre a morte de uma de suas cachorras, novembro de 2016, cliente de pet shop.

Meu cachorro é meu filho. Aos que têm problema com isso, o problema é de vocês.

César, agosto de 2016, em evento de adoção de animais numa pet shop.

Pô, quando alguém vai em casa, a pessoa tem que respeitar que essa é a casa de três cachorros. Se não gosta deles, não vai. Não vou prender ninguém, se quiser ir, tem que aceitar a nossa família do jeito que ela é.

Valter, fevereiro de 2017, cliente de pet shop.

Quem vem aqui em casa já sabe, um dos sofás da sala é do cachorro. O maior é nosso (dos pais), os outros dois são dos nossos filhos humanos e o do lado esquerdo é o do filho cachorro, ninguém senta ali.

Eduardo e Lucy, abril de 2015, entrevista na casa da família.

Esse final de semana nós fizemos um passeio em família. Fomos eu, meu marido, meus filhos e a Tequila. Hotel para a gente tem que ser assim, se não aceitar cachorro não dá.

Mariana, maio de 2014, cliente de pet shop.

Não foi difícil perceber em campo que os cães eram família de meus interlocutores. Não apenas o discurso apontava nessa direção, mas era perceptível o importante papel dos cães na vida de seus humanos.

Nos últimos anos, uma ampla variedade de trabalhos vem notando a relação familiar dos seres humanos com seus animais de estimação. O status do animal dentro da família humana tem sido alvo de distintas análises e opiniões. Em comum, elas ressaltam a linguagem utilizada para falar dos e com os animais, que são chamados de “filhos” e “filhas”. Nessas análises, parecem por vezes ser sinônimos o parentesco e a família. Os motivos, as implicações e as situações atreladas à concepção dos animais de estimação como família variam entre os autores, sendo contudo apontada a importância de tais animais para a vida de seus animais humanos.

Oliveira Brasil (2006), a primeira autora a tratar do tema no país, sugeriu que aos cães do grupo por ela estudado eram atribuídos graus de parentesco, com seus donos considerando-os membros da família. Ela indica que em sua pesquisa, a relação de parentesco mais comum entre seus interlocutores é a de filiação, à semelhança do grupo aqui estudado. Oliveira afirma que

“Por meio da relação de parentesco atribuída aos cães por seus donos, pude perceber que esse é um universo que compartilha dos mesmos sentimentos de afetividade por seus cães que teriam por uma pessoa, e não qualquer pessoa, mas sim uma pessoa muito íntima, que fazia parte do seu sistema “consanguíneo” de parentesco: um filho, um irmão.” (OLIVEIRA, 2006, p. 37)

Assim, a autora ressalta o caráter afetivo desse status de “membro da família”.

Para ela, família e parentesco parecem ser sinônimos, sendo que o afeto seria o mesmo para cães e para a parentes próximos baseados na consanguinidade. Frequentemente aparece entre seus interlocutores, assim como entre os meus, a comparação entre cães e crianças. Oliveira sugere então o papel de cães como mediadores entre os casais de classe média, ocupando o lugar de crianças (*ibidem*, p. 39). Diz ainda que os cães têm o poder de “mediar e formar efetivamente um ‘arranjo conjugal’” (*ibidem*, p. 41), embora com o peso menor que crianças humanas, enfatizando a similaridade de papéis exercidos por crianças e pets.

Anos mais tarde, Segata (2012a) afirma que para seus interlocutores cães podem ser membros da família, recebendo tratamento de acordo em diversas circunstâncias, porém, os remete em sua análise ora como “quase membros de suas famílias” (*ibidem*, p.160), indicando uma ressalva em admitir os cães efetivamente como família. Esses animais seriam para o autor próximos aos outros membros familiares pela similaridade de zêlo. Segata também aponta a transferência do papel do filho para o pet (*ibidem*, p. 171), já abordada por Oliveira (2006). Pastori (2012), por sua vez, apresenta os cães como membros da “família multiespécie”, termo originado na Antrozologia, a qual engloba animais não humanos na composição familiar. As relações afetivas para com os cães são aqui decisivas na inserção dos animais na família junto a pais e filhos, laço que seria reforçado pelo status do veterinário como médico da família. Para Pastori, o pet “se torna praticamente um membro da família humana em um processo de ‘filhotização’ (INGOLD, 2000) dos animais de estimação” (*ibidem*, p. 44)⁸⁵. Mesmo que haja uma “filhotização” dos cães, a autora não sugere a equivalência entre filhos humanos e pets, mas aponta a característica não-humana que faz os últimos queridos: o amor incondicional.

Além da análise do pet como família, Osório aborda as relações entre seres humanos e cães e gatos de estimação no âmbito do parentesco. Ao estudar um grupo de protetores de gatos de rua, a autora nos mostra que “as relações de parentesco são o idioma da relação entre humanos e gatos, indicando obrigações análogas às que perpassam as relações que lhes servem de modelo” (OSÓRIO, 2011b, p. 13). Osório afirma que os gatos são humanizados pelas relações de parentesco (*ibidem*, p. 3) e que essa relação não

⁸⁵ “Comentamos anteriormente que algumas das transformações contemporâneas relativas ao estatuto do animal de estimação é esta presença cada vez mais constante no interior das famílias humanas. Este processo pode ser designado como “filhotização”, como sugere Ingold (2000), e mesmo como conformando a “família multiespecífica”, tal como designam Faraco e Seminotti (2004)” (PASTORI; MATOS, 2015, p. 118-119).

substitui as relações de propriedade, mas sim ocorrem à semelhança das relações de parentesco humanas que também contém traços de propriedade, traço do raciocínio do mundo ocidental, como apontam os dizeres “minha mãe” ou “meu irmão” (*ibidem*, p. 9-10).

Mais adiante, Osório afirma também que os animais podem complementar a família ao invés de substituir outros membros, como filhos humanos. Diz ainda que muitos animais ingressam na família humana com o status de membro da família previamente determinado (*idem*, 2015, p. 12). A autora é crítica, todavia, à atribuição de parentesco à igualdade do parentesco humano, e chama essa “parentela fictícia” (*ibidem*, p. 1) de “parentesco animal” ou “parentesco com o animal” (*ibidem*, p. 6). Ela afirma então que, embora o discurso se dê no âmbito do parentesco,

Se o grupo analisado não entende a relação de parentesco como transformando o animal em um ser humano, então essa relação é metafórica. O uso da terminologia de parentesco para descrever a relação com o animal de estimação ou o próprio animal em termos de relações sociais humanas é apenas uma analogia. (*ibidem*, p. 10)

De acordo com seu argumento, cães e gatos de estimação não podem ser entendidos como parentes por não compartilharem da nossa espécie. O parentesco, que para a autora é imaginário ou fictício, estaria atrelado a três circunstâncias:

A construção de laços de (um) parentesco (imaginado ou fictício) parece obedecer ... a alguns processos visíveis nas sociedades contemporâneas ocidentalizadas...: de um lado, a inclusão destes animais em nossos lares e, seguindo-se a isto, a relação de afeto mantida com eles e sua progressiva infantilização. (*ibidem*, p.15-16)

Vale ressaltar que dentre os interlocutores de Osório (2015), aparecem categorias escritas pelo grupo, como “filhogato”, que apontam uma diferença entre o parentesco apenas humano e o envolvendo outros animais. Entretanto, tal análise diz respeito a relações mantidas com cães e gatos além dos envolvidos na sua pesquisa.

Um avanço teórico feito pela autora é a afirmação de que a visão dos cães e gatos como crianças ou bebês não é necessária para que aqueles adquiram tal status (*idem*, 2016, p. 5). Aqui deparamo-nos com a diminuição da importância da semelhança entre crianças e cães no âmbito familiar. Se ela é quebrada, entretanto, a autora ainda defende a associação entre o parentesco com o animal e a humanização do mesmo. Osório chama ainda a atenção para a obrigação moral do afeto para com os parentes de nossa sociedade e lembra que a regra não é sempre seguida na prática (*idem*, 2015, p. 16-17), e que afeto e parentesco não são sinônimos, embora a tradução daquele possa ser feita na terminologia deste. A partir de uma abordagem leachiana sobre animais de estimação e sua equivalência no parentesco, Osório lembra que o animal de estimação é família e

habita a casa (*ibidem*, p. 15), e não pode ser comido por ser entendido como extensão da humanidade, atribuindo outras questões fora ao afeto ao parentesco. Se este é fictício, seguindo o argumento de DaMatta de que “na ordem brasileira, aquele que habita a casa é parte da família, ainda que estendida, ainda que na qualidade de agregado (DaMatta, 1991)”, a autora interpreta o animal como família (*ibidem*, p. 17).

Somadas às análises anteriores, proponho uma outra forma de interpretação para a relação entre os cães e seus donos encontradas em minha pesquisa. Primeiramente, gostaria de adentrar à discussão de parentesco. O parentesco já foi tido como algo biológico, considerado uma questão de sangue ou de substância. Teorias antropológicas atuais, porém, o interpretam como algo social (SAHLINS, 2011). Assim, seguindo teorias variadas que se utilizam de diferentes povos e culturas, o parentesco que poderia ser interpretado apenas como uma tradução da ramificação genética humana passa por interpretações que levam em consideração o elemento social. Ele pode ser acrescido de questões biológicas em diferentes intensidades, em algumas interpretações ambas as esferas partilham importância, em outras o parentesco é visto como estritamente social. Vale ressaltar, entretanto, que não existe uma teoria ou definição de parentesco unanimemente aceita.

Gostaria de lembrar duas interpretações de parentesco como algo social. Carsten (2004) nos fornece situações em que o parentesco é feito na casa e através dela, a partir da intimidade, do compartilhamento de espaço, comida e memórias, das práticas corporais e da nutrição emocional entre aqueles que vivem junto. Sahlins (2011, 2013), por sua vez, aborda o parentesco com a proposta da “mutualidade do ser”. Esse conceito sugere que o parentesco é feito de participações intersubjetivas entre os parentes, pessoas que são presentes e participantes nas vidas umas das outras, que se pertencem e são membros entre si, cujas vidas são interligadas e dependentes. Para o autor, todos os modos de constituição do parentesco são os mesmos em essência: a participação na existência do outro. Como exemplos de base para a construção do parentesco, que obedecem à participação na existência do outro e são culturalmente estabelecidos (como todos as interpretações de parentesco para o autor), Sahlins aponta a co-residência, adoção, amizade, afeto e memórias compartilhadas, entre outros. O parentesco seria, portanto, algo cultural e não biológico, mesmo nas culturas que prezam o sangue. Social como é, parentesco não seria algo dado pelo nascimento, pois ele seria ou anterior a ele ou performatizado posteriormente através da ação cultural apropriada.

Se tomarmos por verdadeiras as contribuições de Sahlins e Carsten, e as

estendermos para a espécie canina, podemos chamar a relação aqui descrita de parentesco, um parentesco social, de escolha. O que faz dos cães parentes é a sua participação na vida dos donos, os acontecimentos que eles passaram juntos, o apoio que os cães oferecem aos humanos em períodos de alegria e de tristeza, a co-residência, o partilhamento dos eventos do dia a dia, o afeto envolvido. E não só com humanos cães podem estabelecer a relação. Uma senhora me disse uma vez que ela tinha uma gata e uma cachorra que eram irmãs. Foram criadas juntas desde bebês, faziam companhia uma a outra e se davam muito bem. Sua ligação era tão forte que quando a gata morreu, a cachorra que já estava doente piorou de tristeza e faleceu. Para a senhora, o companheirismo das duas criara um laço tão forte que fora nomeado nos termos de parentesco. As duas, é claro, eram parte de sua família, que neste caso era constituída por três espécies.

Compreendo, entretanto, a complexidade de se falar em parentesco na relação estudada. Ademais dos pontos citados acima, diversas teorias de parentesco têm sua aplicação limitada ou não aceita aos cães de estimação. E se tomarmos como verdadeiro o parentesco nos termos de Sahlins, que acredito que seja, ele possui um limite – é aplicado para cães mas pode não ser aplicado para outros humanos, a quem a biologia parece ser um fator de alta importância. Se isso for um impedimento para cães serem parentes, eles ao menos são família⁸⁶. E o são não por coabitar a casa, como entende Osório (2015), mas por integrarem-na de forma a ter dedicados a eles tempo, emoções e investimentos financeiros e principalmente por serem presentes e participantes na vida dos donos nos moldes da mutualidade do ser.

Cães podem assumir os papéis de filhos ou de irmãos em discursos e em ações que tradicionalmente são vividas com esses parentes humanos, como na preocupação com o animal, no cuidado, na relação de dependência - já que posto dentro de uma casa o cão precisa de um humano para comer e suprir suas outras necessidades. O animal pode também assumir papel de cão de estimação da família que não ocupa nenhum lugar tradicionalmente humano, mas que igualmente faz parte da família, ocupando um lugar que é apenas seu, com suas necessidades e contribuições específicas. No primeiro caso, as pessoas comparam os papéis assumidos pelos animais aos os papéis que acreditam que deveriam ser desempenhados por humanos, como aparece na fala da senhora que afirmou que a sua cachorra era mais sua filha do que sua filha (humana), pois a filha não morava mais na casa dela e ligava pouco, e nem sabia mais sobre sua vida. Já a sua maltês não,

⁸⁶ Ressalto que numa mesma família os seres humanos podem divergir quanto ao status de membro da família do cão, pois este pode ser objeto de afeto maior por parte de uns mas não de outros.

ela sabia de tudo que acontecia na vida dela, era sua companheira. A participação em sua vida era aqui a grande questão. Segundo a senhora, a cachorra até ficava doente quando ela ficava doente, e ficava amuada quando sabia que a dona não estava feliz.

A segunda alternativa, entretanto, é a mais presente nesse universo. Os cães de estimação são família pelos mesmos motivos que poderíamos interpretá-los como parentes na teoria de Sahlins (2011) de mutualidade do ser. Não são colocados no lugar de irmãos ou filhos humanos, tampouco são infantilizados por seu lugar na família. São tratados de acordo com suas características caninas e não de crianças ou bebês. Eles podem ser sim filhos e irmãos – porém caninos. Como cães são parte da vida familiar, como cães são insubstituíveis por humanos. Eles complementam a família humana em seus próprios termos ou são o único laço familiar, a única família de alguém.

Em ambos os casos, a diferença de espécies não tem lugar na concepção de família - como um menino de 10 anos me disse, enquanto conversávamos sobre adoção de filhos humanos: “filho adotivo é que nem cachorro, é da família, só não tem o mesmo sangue”.

Capítulo 3

Para pets e pet lovers: o mercado envolvendo cães e as fronteiras em questão

Fazer trabalho de campo em pet shops pareceu-nos a maneira mais acertada de entrar em contato com os amantes de cachorros. Inicialmente, para um trabalho de Pesquisa de Campo em Antropologia, disciplina ministrada pela Prof^a Dr^a. Laura Moutinho durante o meu segundo ano de graduação, a intenção era compreender o afeto que envolvia humanos e cães. Aos poucos, percebi que a relação encontrada nos estabelecimentos era marcada, sutilmente ou não, pelo mercado criado em torno desses animais. Não suspeitava, entretanto, que ao escolher a pet shop como local privilegiado de pesquisa, entraria em contato também com um mundo desconhecido por mim, complexo e fascinante.

Mesmo com uma cachorra, a minha experiência em pet shops era limitada. Por ter ganhado a Tuca antes de eu completar três anos, a responsabilidade e decisão sobre grande parte do mercado pet consumido foi de meus pais até o fim de sua vida. Meu pai cuidava da compra da ração e minha mãe do banho e tosa. Quando cresci, passei a cuidar da parte de petiscos e acessórios. Escolhia e custeava biscoitos, palitos, roupas e camas encontrados em pet shops pequenas próximas à nossa casa. Nunca comprei-lhe, porém, qualquer procedimento puramente estético ou produto não convencional de cachorro. As estampas refletiam o meu gosto em peças adequadas ao nosso estilo de vida e os *snacks* eram escolhidos de acordo com o que eu entendia que era de sua preferência⁸⁷. Ainda assim, eram poucas as oportunidades em que ia a pet shops, pois comprava em grande quantidade.

Confesso que quando passei a frequentar as pet shops como pesquisadora, enfrentei algumas dificuldades pessoais. Na pet shop onde adquiri minha cachorra, os cães ficavam em um espaço reservado a eles, livres de gaiolas ou aquários. Lá também não havia a venda de outras espécies animais. Em algumas das pet shops em que fiz trabalho de campo, todavia, os animais ficavam expostos em aquários, com espaço muito restrito, e outras espécies animais eram postas à venda, como peixes e pássaros. Senti-me incomodada com essa restrição de espaço e principalmente com o enjaulamento

⁸⁷ Entendo as preferências das duas cachorras que já habitaram a casa onde vivo, Tuca e Linda, baseadas em testes nos quais elas experimentavam os produtos e eu deduzia seus gostos a partir de suas reações.

provavelmente perpétuo de pássaros e peixes, seres que em minha opinião possuem o direito de viver livres de jaulas. Sei que há pessoas e movimentos sociais contrários à domesticação de todos os animais não humanos, incluindo os cães, como encontrei em grupos automeados de defensores dos animais. A linha que os separa é tênue, entretanto, acredito que quando a relação entre seres humanos e cães é saudável e o bem estar de ambos não é atingido, não há problemas.

O barulho das aves e a visão dos peixes ainda me deixa aflita, mas é uma lembrança de que o mercado pet é amplo e possui diversas esferas e mecanismos. Ao mesmo tempo que são desenvolvidas tecnologias para estender a vida dos animais, melhorar sua saúde, seu bem estar, a convivência com os humanos e outras questões a meu ver positivas, há o comércio dos próprios animais e de produtos antiéticos. Segundo uma pesquisa da Humane Society International noticiada em 2015, por exemplo, peles de cães cruelmente abatidos na Tailândia são utilizadas juntamente a outros ingredientes na fabricação de petiscos para cães de estimação. Esses produtos são então exportados⁸⁸ e vendidos nos Estados Unidos. A internacionalização do mercado pet, contudo, nos faz ficar atentos para a possibilidade de casos semelhantes adentrarem no Brasil. Uma parte considerável dos produtos consumidos no nosso país vem do exterior, bem como ingredientes utilizados na produção nacional, o que nos faz considerar que suas origens podem ser similares. Muitas vezes, entretanto, as informações são escondidas dos consumidores, tanto a respeito da composição quanto da origem.

Possíveis efeitos ou consequências negativas de certos produtos também são escondidos. Os snacks feitos de couro processado, conhecidos internacionalmente como rawhide, podem ter em sua composição elementos químicos para modificar o odor, formato, cor e/ou palatibilidade. Embora muitos desses snacks tenham funções positivas para os animais, alguns possuem ingredientes potencialmente prejudiciais à sua saúde, sendo que conheci veterinários que não recomendam seu consumo. Eles são, contudo, amplamente ofertados nas pet shops. E não apenas essas informações não são claras, mas há ainda a omissão de informações acerca das próprias características dos animais que o mercado oferta.

No nosso país, não é disseminado o conhecimento a respeito da frágil saúde dos cães da raça Pug, decorrentes de intervenções humanas. Tal raça é resultado da seleção e moldagem realizada com o propósito de que o animal adquira características estéticas

⁸⁸ Informação disponível em: <http://www.dogingtonpost.com/rawhide-good-bad-ugly/comment-page-4/>. Acesso em 17/06/2017.

prezadas pelos humanos: focinho achatado, olhos saltados. Tal moldagem, entretanto, tornou-o suscetível a uma série de doenças que restringem sua qualidade de vida. Um veterinário os chama de “aberração anatômica”, tão grande o problema o qual relega a raça a “várias doenças crônicas e a uma vida de sofrimento”. Seu corpo é sujeito ao estresse cardiovascular, à hipertermia, a doenças dermatológicas, à dificuldade no parto, ao sobrepeso e consequentemente à dificuldade de fazer exercícios. No Reino Unido, a Associação de Veterinários defende a não compra de raças de focinho achatado⁸⁹, enquanto no Brasil pouco se diz a respeito. Isso mostra como o mercado voltado aos animais é em parte voltado às vontades humanas, de forma até mesmo cruel. O intuito desse capítulo é mostrar, porém, que mesmo que o mercado tenha diversas faces e distintas formas de tratar os animais, incluindo o descaso e o tratamento como mercadoria não senciante, por meio dele também se mostra o amor ao animal dos donos pesquisados.

3.1 As pet shops⁹⁰

Sua localização está em uma das principais ruas do bairro de Santana, na zona norte da cidade de São Paulo. Sua entrada dá diretamente na rua, um pouco recuada para dar espaço ao estacionamento na calçada que comporta dois carros grandes. Sua fachada é de vidro e a parte superior de concreto verde escuro forte, com detalhes em tom mais claro. Composto pela figura de um gato, um papagaio, um cachorro e uma iguana, o logo da pet shop fica na parte exterior em uma estrutura de ferro e no tapete da entrada da loja. Em seu interior, as paredes e o chão têm tons claros.

A parte térrea é composta de um grande espaço onde estão dispostos os produtos em móveis que formam três corredores, o balcão na parte frontal, e uma sala de banho e tosa ao fundo. O balcão comporta o computador, o telefone e o caixa, e na parede atrás dele há várias prateleiras com remédios para diferentes enfermidades, uns para uso apenas com recomendação veterinária e outros mais comuns, como vermíficos e florais. À sua frente estão cadeiras para os donos que esperam na pet shop enquanto os cães recebem os serviços.

Ao lado do balcão há uma passagem que leva às escadas para os andares superior e inferior. Ao longo da parede esquerda ficam prateleiras com camas para cães e gatos, de diversos tamanhos e cores. Elas quase nunca são de apenas uma cor, apresentando detalhes em cor distinta da principal, sejam eles em laçinhos, babados, rendas, listras ou estampas. Em continuação a essa parede, há um corredor que leva a uma salinha onde os funcionários trocam de roupa. No fundo está a sala de banho e a tosa. Ela tem pedaços de vidro transparente na parede, como se fossem janelas que não abrem, para que se possa ver dentro. Ali estão uma mesa lisa, dois tanques semelhantes a banheiras pequenas para o banho, uma mesa com o secador, gaiolas para os animais que esperam os donos e um grande organizador com laçinhos e gravatas de vários tamanhos. À frente dessa sala, na parede direita, ficam rações para cães e gatos, coleiras e roupas. As coleiras têm estilos diferentes, mais grossas para cães maiores nas cores marrom, preto e vermelho, e pequenas e coloridas para os menores. As roupas para cachorros e cachorras também possuem tamanhos diferentes, mas lá não há nenhum maior que o número seis, o que significa que não há roupa para cães grandes.

No meio do espaço há dois móveis, que formam três corredores. Da esquerda para a direita, o

⁸⁹ Informações disponíveis em: <http://canaldiveterinario.com.br/index.php/2017/02/08/veterinarios-deveriam-se-posicionar-parem-de-comprar-pugs/>. Acesso em 17/06/2017. Shin-Tzus, Boxers e Bulldogues Franceses também sofrem das consequências do focinho achatado.

⁹⁰ Ao mencionar pet shops são usados ambos artigos masculinos e femininos. Em campo, é comum as duas formas: a pet shop e o pet shop. Nesta dissertação, opto por utilizar o artigo feminino para referir-me ao estabelecimento.

primeiro corredor é dedicado a tapetes e outros itens de higiene. Esses tapetes são de várias marcas, e uma delas me intrigou. A embalagem era rosa, com a imagem de um tapete com as bordas azuis e um cachorro deitado em cima, e tinha os dizeres: linhas de absorção, elimina odores, sempre seco. E ao lado o desenho de gotinhas. A semelhança com embalagem de absorvente feminino é muito forte. O corredor do meio é dedicado a aves, gatos, roedores e peixes. Lá estão brinquedos para gato, biscoitos para gatos, ratos de plástico, ração para peixe, alguns aquários, artigos para pássaros, mas não há animais a venda no estabelecimento. No outro corredor, dedicado a cães, estão perfumes para machos, fêmeas e filhotes, snacks para cães, brinquedos, xampus e condicionadores para serem utilizados de acordo com a pêlo do cão, com diferenciação para pêlo curto, grande, branco, escuro, e que precisa de brilho. Encostado ao balcão há um móvel circular cheio de biscoitos para cães, de variados sabores, leite, carne, frango, vegetais e menta, dessa vez em potes e não em pacotes, vendidos por unidade.

O andar de baixo, subterrâneo, é o estoque da pet shop, e o de cima comporta a sala de veterinária e de cirurgia. Essa pet shop oferece os serviços de banho, tosa na máquina ou na tesoura, tosa da raça, hidratação, queratinização, penteados, vacinação, vermifugação, acupuntura, e tratamentos com especialisas nas áreas de cardiologia, dermatologia, fisioterapia, odontologia e oftalmologia. Lá são utilizados aparelhos como otoscópio, negatoscópio, microscópio, laringoscópio e atendem cães, gatos, aves, répteis, roedores e primatas. Ela oferece o serviço de “delivery” de animais que utilizam os serviços de banho e tosa. Esses ficam por conta de três mulheres, banhistas e tosadoras. Quanto aos cuidados veterinários, são dois os responsáveis pela pet shop, um veterinário que cuida da parte de animais silvestres e uma veterinária que cuida dos cães e gatos.

Essa é a descrição sucinta de uma das pet shops que frequentei. Ela é uma pet shop de bairro, que atende clientes que moram ao seu redor. Divido as pet shops em três categorias: as grandes, que oferecem maior diversidade de produtos e serviços e atendem clientes residentes de locais próximos e distantes de onde ela se encontra; as médias, que oferecem menos produtos e serviços porém com variedade o suficiente para atrair clientes de diferentes bairros de sua zona; e as pequenas ou de bairro, que oferecem banho e tosa e alguns outros serviços e que têm como clientes moradores das ruas próximas. Elas possuem dinâmicas distintas, com as menores apostando na individualização do atendimento e as maiores no preço mais competitivo e no oferecimento de produtos e serviços diversificados com variedade de opções, incluindo produtos de luxo. Como as pet shops pequenas e médias são mais acolhedoras à permanência dos donos no estabelecimento, foram elas as escolhidas para a realização do trabalho de campo mais intenso. Foram feitas visitas diversas vezes às pet shops grandes, sem contudo estabelecer uma relação cotidiana de pesquisa. Nelas eu pude observar a diversidade de produtos e serviços do mercado pet oferecidos para clientes distintos⁹¹.

O ramo pet é um ramo crescente, e com essa expansão, diversas especializações surgiram também dentro da medicina veterinária (PASTORI, 2012; SEGATA, 2012a). A pet shop é o primeiro local de contato com o mercado veterinário quando não se frequenta um consultório veterinário. É nela que donos de cães ficam sabendo de cuidados

⁹¹ É a pet shop que fornece aos clientes o contato com a maioria dos produtos e serviços não médicos. Centros de estética, menos procurados que pet shops, oferecem serviços dessa área especializados e diferenciados dos disponíveis nas pet shops.

especiais, de problemas aparentes e de indicações de que algo na saúde do cão pode estar errado, pois há donos que não percebem as pequenas sutilezas que mostram a necessidade de cuidado veterinário e são informados dos sintomas pelos tosadores. Como as pet shops visitadas oferecem consulta veterinária, muitos desses donos marcam a consulta com o médico da própria pet shop, usualmente um médico geral.

Segundo uma veterinária que trabalha num pet shop de shopping da zona oeste de São Paulo, a pet shop é o único local restante que oferece emprego sem uma especialização. Para ela, os veterinários continuam tratando os animais (não humanos) como tais, ao contrário do que aconteceria com os donos. A mudança para sua profissão é outra – a necessidade de especialização. A tendência é que cada veterinário se especialize em uma área para poder sobreviver no mercado, pois os serviços para os animais de estimação, principalmente para cachorros, estão ficando mais exigentes. O que antes era *coisa de cachorro* passa a ser *coisa de cachorro* combatível⁹².

O ramo pet, além de exigir especializações, atrai trabalhadores de outras áreas que enxergam ali oportunidades de crescer profissionalmente. Na pet shop de maior parte do campo, uma pet shop média, de quatro tosadores, três resolveram trabalhar com animais após tentarem outros empregos - como segurança, garçons, ou em empregos administrativos. A única tosadora mulher revelou-me que sempre fora apaixonada por cães, o que a levou a fazer cursos e mudar de emprego. Depois de ser demitido de vários empregos, outro tosador viu uma reportagem na televisão sobre o crescimento dos serviços para pets e resolveu fazer um curso e trabalhar na área. O tosador mais novo na pet shop disse em uma conversa após expediente apenas que estava “reconstruindo sua vida”, pois tinha saído da prisão recentemente. Apenas um tosador dos quatro sempre trabalhou em pet shop, e faz isso há mais de dez anos. O trabalho nesses estabelecimentos possibilita outros trabalhos, como a hospedagem de cães dos clientes durante viagens dos donos e até viajar com os clientes com tudo pago para cuidar dos cachorros. Isso acontece com majoritariamente no fim de ano, quando as viagens são frequentes. Esses serviços são combinados direto entre os clientes e os funcionários, sendo que a pet shop não lucra nem possui responsabilidade sobre eles⁹³.

⁹² Veterinários gerais, como os que atendem nas pet shops, são os primeiros profissionais a examinar os cães. Dependendo da pet shop há estrutura e aparelhos tecnológicos para a realização de diferentes exames, e quando não se possui os equipamentos adequados, pode-se colher amostras de sangue e outros fluidos e mandá-las a laboratórios. Se a saúde deles carece de outros cuidados, ele são encaminhados a especialistas como cardiologistas e oncologistas, usualmente não presentes nas pet shops especialmente de pequeno porte, e seguem então para as clínicas veterinárias e centros de diagnóstico.

⁹³ As pet shops podem ser também lugar de socialização entre clientes entre si, funcionários entre si, e

Os tosadores que lá trabalham demonstram gostar muito dos animais. Segundo eles “os bichos não estressam”, isso fica por conta dos donos, quando reclamam do serviço ou pedem “tratamento de rei”. É cobrada uma “taxa de nó” quando o pêlo do animal está muito embolado, aumentando o valor cobrado, o que não os impede de reclamar para os donos. Os tosadores dizem que o nó machuca o bicho, inclusive para tirar, e que quem ama cuida e não deixa o animal chegar a esse ponto. Elas mostram que nem sempre a lógica de mercado impera, pois os tosadores ainda que com a possibilidade de receber um valor maior, preferem o bem estar do cão. Gostar dos animais com os quais se trabalha é um quesito importante para a admissão nas pet shops, pois segundo gerentes com os quais conversei, “o bicho sente quando alguém não gosta dele” e o trabalho não dá certo.

Nas pet shops frequentadas, é o banho o serviço mais consumido. A limpeza dos cachorros parece ser fundamental para alguns donos, tanto que a maioria dos clientes o contrata semanalmente. Muitos donos acham imprescindível a limpeza do cão para que eles possam viver no mesmo ambiente, e quando ocorre algum imprevisto e o cão se suja, eles vão direto à pet shop tentar um encaixe. Os procedimentos de banho variam de acordo com a pet shop. Alguns são mais simples e o cão recebe só banho com xampu e condicionador ou ainda um produto que faça o papel dos dois. Em outros é mais elaborado, podendo ser composto inclusive de hidratação e cauterização do pêlo. Relato aqui o passo a passo da aplicação de produtos usados em um banho com cuidados intermediários⁹⁴.

Para iniciar o processo, o banhista⁹⁵ corta as unhas do cão e aplica ali um pó para secar rapidamente o sangue que pode surgir em decorrência do corte. Em seguida, o banhista deve colocar algodão nas orelhas do cão para que não entre água durante o banho, o que poderia prejudicar seriamente a audição canina. A lavagem inicial é feita com um shampoo anti-resíduos para tirar a “sujeira grossa”, e é repetida caso o pet esteja muito sujo. Isso geralmente ocorre quando há lama ou terra no pêlo. Em seguida, o

clientes e funcionários. Relações construídas naquele espaço podem durar até mesmo após o cliente parar de frequentar o lugar ou o profissional mudar de profissão. Um exemplo é a amizade entre um tosador, uma cachorra que ele atendia e sua dona. Mesmo parando de atendê-las profissionalmente, ele ainda as visita ocasionalmente em sua residência.

⁹⁴ Há donos que apenas levam seus cães à pet shop quando o levam para tosar seu pêlo e o banho cotidiano é dado em casa.

⁹⁵ Banhista é o profissional que banha os animais. Tosador (a) é o profissional que corta a sua pelagem. Como a tosa é a parte mais complexa e demorada do processo, as pet shops costumam contratar banhistas, as vezes free lancer, para que os tosadores concentrem sua prática apenas no corte da pelagem. Quando os horários não estão cheios, porém, os tosadores costumam a fazer o processo completo do animal.

banhista aplica o xampu finalizador, que varia de acordo com a pelagem do animal, podendo ser para pêlos brancos, escuros, frizzados ou longos, por exemplo. O passo seguinte é um finalizador, que pode ser condicionador, hidratante, loção desembaraçante ou máscara reparadora. Após secar o animal, o banhista aplica um spray abrillantador de pêlos, remove o algodão do ouvido do pet e limpa suas orelhas com solução e pó otológicos. Por fim, é passado perfume no pet e aplicado algum adereço como laço, gravata ou adesivo. Em pet shops grandes situadas nas zonas sul e central da cidade foi oferecido por um tempo banho em ofurô. Nele, o cão ficava parcialmente imerso em água quente com pétalas de rosas, serviço pelo qual o valor era muito superior ao banho comum. Embora houvesse quem contratasse, um banhista que trabalhou com esse tipo de banho disse-me que os cachorros não gostam, pois cães não se sentem bem submersos. Nesse caso, quem apreciava o serviço eram os donos e não seus pets. Esse é um exemplo de serviço do mercado que serve para agradar ao humano e não ao cão, serviço que também marca e distingue socialmente o cão e seu proprietário.

O banho é apenas um dos serviços oferecidos para os cães, o mais comum dentre eles. Junto a ele outros serviços e produtos fazem o mercado pet voltado para cães e seus donos amplo e extremamente diversificado. Fazer campo nas pet shops forneceu-me uma maneira de perceber o consumo de alguns de seus produtos e serviços. Para escolher o que colocar à disposição dos clientes e os produtos que usar quando fornecer serviços, proprietários de pet shops frequentam as feiras pet profissionais. Essas feiras reúnem produtos e serviços de diferentes expositores, dos mais conceituados no ramo a ingressantes no mercado pet. Elas apresentam uma ampla gama do que é disponível para quem tem cães, desde produtos e serviços simples aos de luxo. Com o foco nos lançamentos do mercado, empresas expõem suas novidades e lembram os visitantes de seus produtos já consolidados, com a finalidade de concretizar acordos comerciais com distribuidores ou com os próprios comerciantes. As feiras são importantes meios de negócios, nos quais proprietários de pet shops analisam os produtos disponíveis e escolhem os que consideram mais adequados a seu público. Um comedouro, por exemplo, pode ser feito de distintos materiais, de origens diversas, e ter preços bem distintos. Um plástico simples de origem chinesa custa uma porcentagem pequena do preço de um comedouro feito de metal reforçado, com pinturas artísticas. Assim, as feiras oferecem possibilidade de comparação de produtos do mesmo tipo em preço, volume de venda, lucro na revenda, beleza, dentre outras qualidades, e distintas opções para a escolha, para que proprietários decidam e comprem aqueles que terão lugar em seus estabelecimentos.

Mas o que é oferecido nas pet shops, porta de entrada para o mercado pet, nem de longe cobre a diversidade que este possui, pois cada produto tem sua categoria de mercado e as pet shops fornecem as categorias voltadas ao seu tipo de consumidor. Com o objetivo de entender mais profundamente o ramo pet destinado a cães em sua totalidade, desde 2012 frequento feiras profissionais internacionais voltadas ao mercado pet que ocorrem em São Paulo. Em 2017, fui à Global Pet Expo, a maior feira anual do mundo segundo a American Pet Products Association (APPA), que ocorre em Orlando no Orange County Center e reúne empresas, compradores e especialistas do mercado pet de diversas partes do mundo, conhecida por ser a vitrine de lançamentos mundiais.

3.2 As feiras pet em São Paulo

São Paulo é a cidade onde ocorrem as principais feiras pet do Brasil. Ela abriga anualmente feiras que reúnem expositores e compradores de todas as regiões do país e também internacionais. As feiras pet que aqui ocorrem possuem suas próprias dinâmicas, com seu crescimento e tamanho acompanhando o crescimento do mercado pet brasileiro. Sua maior parte é, sem dúvidas, voltada aos cães e seus donos, mas contempla também outros mamíferos, como felinos e roedores, aves, anfíbios, répteis e peixes. As especificidades biológicas não são a única razão dessa diferença de oferta - o mercado pet leva em consideração a relação estabelecida entre os animais e seus donos para projetar seus produtos e serviços.

Desde 2012 acompanho a Pet South America, hoje considerada a quinta maior feira do setor pet no mundo de acordo com relatório da *American Pet Products Association* (APPA)⁹⁶. Destinada ao mercado pet e veterinário da América Latina, a entrada é permitida apenas para profissionais do setor. Desde sua 11ª edição em 2012 até a 15ª edição de 2016, as quais acompanhei, ela ocorreu no segundo semestre do ano no centro de exposições Expo Center Norte, na zona norte de São Paulo.

Cerca de 20.000 profissionais como veterinários, estudantes de veterinária, lojistas, distribuidores, groomers (tosadores), banhistas, adestradores, criadores, varejistas e atacadistas visitam anualmente a feira. Além de estandes com exposições de produtos e serviços voltados para o universo pet, tanto de utilização de consumidores finais quanto de diversos agentes do mercado, há eventos simultâneos dentro de seu

⁹⁶ Informação encontrada em: <http://www.petsa.com.br/pt/perfil-do-evento>. Acesso em 26/06/2017.

espaço e a seu lado. Palestras, seminários, concursos e simpósios dividem o espaço com os estandes. Estes últimos podem apresentar sua própria programação de atividades. Na última edição da feira, houve simultaneamente o Congresso Paulista de Especialidades (CPE), realizado pela Sociedade Paulista de Medicina Veterinária (SPMV), as palestras da Arena do Conhecimento, oferecidas gratuitamente pela feira, a final do concurso Groom Brasil que contou com júri internacional, e a primeira conferência da Associação Nacional dos Distribuidores de Produtos PET (ANDIPET) que tratou do tema “A conquista do consumidor em um mercado cada vez mais competitivo”.

Os setores abrangidos na Pet South America são os de Estética; Higiene; Ingredientes, Insumos e Matéria-prima; Nutrição Animal; Saúde Animal; Serviço; Acessórios; Equipamentos e Máquinas para Clínicas e Hospitais Veterinários; Equipamentos e Máquinas para Pet Shop; e Equipamentos, Máquinas e Embalagens para Fabricação. Trata-se de uma feira de negócios, onde o objetivo principal é a geração de acordos comerciais. Ela é um espaço onde toda a cadeia do mercado pet entra em contato buscando parcerias. Um profissional que trabalha para a organização da feira informou-me que em edições anteriores a entrada do público não era restrita, o que acabou modificado pois os “curiosos” eram muitos e atrapalhavam a concretização dos negócios. A feira é também um espaço de atualização profissional, onde são mostrados os lançamentos do mercado e apontadas estratégias de gestão e marketing que seguem o fluxo do mercado, além de serem realizados cursos em áreas convencionais do setor pet⁹⁷.

Junto à Pet South America, feira que ocorre há 16 anos, outras feiras pet internacionais acontecem em São Paulo. Elas, entretanto, carecem de certa constância, pois ou não se mantiveram por um longo íterim ou estão em suas edições iniciais.

Em 2012 visitei a PETSHOWII – Feira Internacional de Animais e Produtos Pet, que aconteceu em março no extinto Pavilhão da Imigrantes, feira que se repetiu no ano seguinte em sua terceira edição. Elas reuniram empresas do mercado pet, à semelhança da Pet South America, organizações não governamentais e um evento do Kenel Club São Paulo. Nos dois primeiros dias da feira, a entrada era restrita a profissionais do setor, sendo que no último a entrada era liberada ao público geral. Por ser aberta a todos, a feira era voltada não apenas aos negócios entre os profissionais do mercado mas também aos

⁹⁷ A edição de 2012 ocorreu nos dias 16, 17 e 18 de outubro; a de 2013 nos dias 29, 30 e 31 de outubro; a de 2014 em 28, 29 e 30 de outubro; a de 2015 nos dias 27, 28 e 29 de outubro e a de 2016 nos dias 30 e 31 de agosto e 1 de setembro. Em 2012 cerca de 200 marcas foram expositoras na feira, no ano de 2016 o número cresceu para 320.

consumidores finais. Isso fez com que a abordagem dos expositores fosse preparada também para impressionar donos de cães, abordagem muito distinta da de negócios entre a cadeia pet.

Havia em sua dependência eventos, seminários e simpósios, pagos e gratuitos, um espaço com demonstrações de *agility*⁹⁸, *game dog*⁹⁹, *freeslyle*¹⁰⁰, competição de *grommers*¹⁰¹, exposição de gatos, e desfiles de cães para adoção além dos estandes. Esses eventos atraíram público vasto, dentre eles crianças predominantemente menores de 10 anos, o que não ocorre nas outras feiras. Essas foram as únicas feiras nas quais a entrada de cães foi autorizada. Os corredores eram, então, repletos de cachorros de diversas raças e tamanhos em seus últimos dias. Homens, mulheres e crianças levaram seus pets para ali passear. Pessoas se falavam e cães se cheiravam por todos os lados, conhecendo os animais dos outros e tirando fotos com os que gostavam: “Que gracinha!”, “que fofura!”. Os cachorros andavam no chão, com exceção a alguns que cansavam e iam para os colos dos donos ou para os carrinhos ou bolsas de cachorro, também vendidas no local. O mesmo ocorria para evitar estranhamento entre cães, afinal o ambiente estava repleto deles em um espaço pequeno, uma vez que os estandes tomaram a grande maioria do espaço.

Alguns cães – ou seus donos – cansavam da atenção recebida. Duas amigas que estavam passeando com o buldogue francês de uma delas decidiram sentar um pouco pois o local estava muito cheio e a circulação era difícil. A dona comprou então um sorvete e se sentou com eles a meu lado. Enquanto ela e o cachorro tomavam o sorvete de cone, um lambendo depois do outro, uma família se aproximou e perguntou se ele era bravo, insinuando que queria acariciar o cachorro. A dona respondeu que sim, e que ele mordia. Logo que a família saiu de perto, ela reclamou para a amiga das pessoas quererem tocá-lo, pois ele “não é bicho de pelúcia para todo mundo querer ficar passando a mão nele”. Segundo ela, o toque constante de estranhos estressa o cão. Essa opinião pareceu-me

⁹⁸ *Agility* é um esporte que consiste em fazer o cão percorrer um circuito de obstáculos no menor tempo possível e com o menor número de faltas. Fonte: <http://www.agilitybr.com.br/secs/agility.shtml>. Acesso em 22/08/2017.

⁹⁹ *Game Dog* é um esporte também chamado de Iron Dog ou Pit Gameness que conta com quatro modalidades: escalada vertical, salto em distância, salto livre, e tração x velocidade. Seu surgimento foi em 2004, no Brasil. Ele foi criado especialmente para a raça Pit Bull. Fonte: <http://pitbullbr32.blogspot.com.br/2016/10/game-dog-o-esporte-feito-para-o-pitbull.html>. Acesso em 22/08/2017.

¹⁰⁰ *Freestyle* é um esporte no qual animais e humanos dançam juntos ao som de uma música de forma ensaiada. Fonte: <http://revistameupet.uol.com.br/treinamento-e-brincadeiras/freestyle-a-danca-com-caes/540/#>. Acesso em: 22/08/2017.

¹⁰¹ Competição de tosa.

plausível, afinal, ao serem submetidos a esse espaço com características não usuais a seu dia a dia, certos animais pareciam cansar.

Outros donos, no entanto, acreditavam que seus cães estavam felizes com toda a atenção e com tantos cachorros no lugar, o que também me pareceu verdade, pois havia cães que latiam e abanavam seus rabos constantemente, chegavam perto dos outros cães, brincavam, recebiam agrados alimentícios dos humanos, não paravam de andar e puxar seus donos para continuar a circular no local. Os comentários de satisfação de seus animais eram mais constantes que as reclamações, e puderam ser ouvidos livremente nos espaços da feira e nas conversas que tive com donos que foram com seus cães. As interpretações do aproveitamento do animal da feira determinavam o tempo de permanência nela, um indício de preocupação com o bem estar dos animais de estimação.

Para chamar a atenção dos donos, os estandes que ofereciam produtos para cães atraíam os visitantes com algum tipo de brinde, para eles ou para seus cães. Balas, chocolates e amostras grátis foram distribuídas pela feira junto com materiais explicativos dos produtos das empresas. Para ganhar o brinde, algumas marcas os faziam participar de alguma ação envolvendo os produtos vendidos – assistir um filme de propaganda, memorizar as qualidades do produto, jogar um jogo temático que envolvia a propaganda. Essa é uma estratégia ainda utilizada em feiras pet, principalmente por empresas da área de saúde e de estética. Outra característica era a presença de poucos animais à venda, como gatos e roedores. A PETSHOW¹⁰² destacou-se também por ceder espaço à ongs gratuitamente e realizar atividades ligadas ao direito animal, como palestras de defensores de animais. Esses espaços visavam conscientizar o público, profissional ou não, para o bem estar animal. Além disso, a DIAMA, organizadora parcial da feira, montou um estande com venda de produtos variados para consumo humano cuja renda seria totalmente revertida para abrigos de animais abandonados. Essas atividades não são presentes nas outras feiras.

No ano seguinte, 2014, a PETSHOW deu lugar à FIPPA – Feira Internacional de Produtos para Pequenos Animais. O grupo organizador não exclusivo da PETSHOW Cipa Fiera Milano fez uma parceria com a Associação Nacional de Clínicos Veterinários de Pequenos Animais (Anclivepa-SP) para que ocorresse simultaneamente à feira pet o Congresso Paulista de Pequenos Animais (Conpavepa), transferida para o Pavilhão de Exposições do Anhembi, ainda na zona norte. Voltada para o mercado tecnológico e

¹⁰² A PETSHOW II ocorreu em 22, 23, 24 e 25 de março de 2012 e a PETSHOW III em 7, 8, 9 e 10 de março de 2013.

profissional, a feira reuniu apenas a cadeia do mercado pet, não sendo destinada a consumidores finais, marcando a mudança do público alvo. Ela contou apenas com uma edição.

Desde 2015 ocorre a Vet Expo, feira voltada ao mercado veterinário, com a exposição de setores semelhantes às outras feiras. O Conpavepa passou a ocorrer junto a ela. No ano seguinte, 2016, a Vet Expo dividiu-se e surgiu a Pet Shop Expo, feira que ocorre no mesmo espaço e simultaneamente à Vet Expo e concentra as empresas voltadas ao setor de pet shop, que inclui os acessórios para pets, cosméticos e equipamentos para pet shops. Cabe à Vet Expo então reunir as áreas de acessórios, serviços e equipamentos veterinários, e de saúde, higiene e alimentação animal. Ambas as feiras são voltadas aos profissionais do setor porém permitem a entrada de não profissionais mediante pagamento. Novamente, eventos diversos ocorreram junto às feiras, como o Congresso Brasileiro de Estética Animal – CBEA e o 1º Campeonato Master Groom Brasil, que tomaram lugar na Pet Expo em 2016. Ambas as feiras ocorreram novamente em 2017, assim como a Pet South America.

As feiras pet no Brasil possuem algumas características em comum. Elas combinam os diversos segmentos do setor pet não apenas em suas exposições, mas em seus eventos. São espaços em que a indústria alimentícia, o setor de estética, de acessórios, de saúde e outros mais se encontram. A variedade de temas abordados nas feiras é grande, porém, as outras perspectivas da vida animal, como os direitos e o bem estar, não estão mais presentes se a intervenções do mercado não estiverem envolvidas. Contudo, o bem estar dos cães e dos humanos que com eles convivem são motivações utilizadas nas propagandas para estimular o consumo de diversos produtos e serviços, como mostrarei adiante.

Nota-se nos últimos anos uma preocupação com a quantidade de negócios concretizados na feira, causando uma seleção do público alvo. Uma vez que não se trata mais de vender a um consumidor final, o objetivo das empresas nessas feiras, além dos negócios entre a cadeia pet, é influenciar os formadores de opinião, muitas vezes médicos veterinários, para que seus produtos e serviços sejam indicados aos consumidores finais. Isso molda a abordagem das empresas, que oferecem palestras de “atualização” profissional a partir de seus produtos¹⁰³. Uma palestra sobre “como evitar doença nos rins

¹⁰³ Há uma empresa multinacional que, quando encontra resistência dos veterinários no modo como se convencionou tratar os cães de estimação e dos produtos e serviços oferecidos a eles, baseia-se em um vídeo que mostra cães associando-se a macacos em uma ilha não habitada por humanos. Buscam assim convencê-

dos gatos”, por exemplo, pode ser baseada no consumo de uma ração específica, incentivando os profissionais a trabalharem com o produto e a vendê-lo. E é assim para diversos outros produtos alimentícios e de outros segmentos pet¹⁰⁴.

Há também um crescimento recente do interesse estrangeiro no mercado brasileiro. Nas últimas feiras, parece-me que empresas do ramo pet de diferentes continentes viram no Brasil uma oportunidade para aumentar os negócios. Nosso mercado é repleto de produtos e influências americanas¹⁰⁵, porém nesses últimos anos empresas de países como a China e a Itália, em grande parte, e de outras partes pontuais da Europa têm tentado expandir os negócios e entrar no mercado brasileiro. De acordo com empresários com os quais conversei, essa iniciativa foi motivada pelas reportagens e dados sobre a vida e o tratamento dos animais de estimação no Brasil. Devido aos nossos dados estatísticos e ao crescimento exponencial do mercado em anos anteriores, o país configura-se como uma aposta para marcas que já exportavam para outros lugares. O setor de alimentação, por exemplo, é amplamente aberto a produtos e ingredientes estrangeiros. Para se ter uma ideia, no ano de 2016 as importações abrangendo todos os países somaram US\$ 6.717.757 apenas em *pet food*.

O trabalho de campo feito em feiras pet profissionais possibilitou-me entrar em contato com atores de distintas partes da cadeia pet, conhecer seus discursos, estratégias de marketing e propagandas de seus produtos, as quais abordarei adiante, além da ampla gama de serviços e produtos que o mercado oferece. Como desde 2014 as feiras não permitem mais a entrada de animais do público em seu espaço, o foco da minha pesquisa nas feiras foi a análise desse ambiente profissional, de seus atores e suas conexões, e do que é oferecido a cães de estimação e seus humanos.

Apresento a seguir as estatísticas de cães e do mercado pet no Brasil antes de detalhar o mercado de produtos e serviços voltado a cães e seus donos.

los que os cães são animais sociais por natureza, e que a sua associação com a espécie humana não lhes é maléfica.

¹⁰⁴ Alerta, porém, que esse não é o propósito da totalidade dos eventos. Há palestras organizadas pelas próprias feiras sobre legislação referente a pet shops, estratégias de marketing e dicas de administração, dentre outros assuntos do mercado pet.

¹⁰⁵ Há uma empresa multinacional que, quando encontra resistência dos veterinários no modo como se convencionou tratar os cães de estimação e dos produtos e serviços oferecidos a eles, baseia-se em um vídeo que mostra cães associando-se a macacos em uma ilha não habitada por humanos. Buscam assim convencê-los que os cães são animais sociais por natureza, e que a sua associação com a espécie humana não lhes é maléfica.

3.3 Estatísticas

O Brasil é o país com a segunda maior população de cães e gatos do mundo de acordo com a ABINPET, Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação¹⁰⁶. Informações divulgadas em fevereiro de 2016 mostram que o país possui mais de 132 milhões de animais de estimação, sendo 52,2 milhões de cães, 22,1 milhões de gatos, 37,9 milhões de aves e 19,8 milhões de outros animais como peixes, répteis e pequenos roedores¹⁰⁷. Esses dados fazem do Brasil o quarto maior do mundo em população total de animais de estimação¹⁰⁸, sendo também o terceiro maior do mundo em faturamento no mercado pet¹⁰⁹.

O setor pet é definido como “o segmento do agronegócio relacionado ao desenvolvimento das atividades de criação, produção e comercialização de animais de estimação”¹¹⁰. Dados de 2014 apresentados pelo site de agricultura do governo revelaram que naquele ano, os criadouros somaram 400.000 empresas, enquanto que a rede de comercialização, que compreende pet shops, autosserviços, lojas agropecuárias, entre outros, somou 87.170 empresas. Além desses dois setores de maior número, o mercado pet contou com 862 indústrias de *pet food*, *pet vet* e ingredientes, além de outros 287 estabelecimentos que abrangem laboratórios, instituições de ensino superior e entidades, somando um total de 488.319 empresas relacionadas ao mercado pet no Brasil¹¹¹.

Em 2013, a indústria pet faturou R\$15,2 bilhões no país. No ano seguinte, R\$16,7 bilhões, apresentando um aumento de 10% de faturamento, e R\$18 bilhões em 2015, obtendo um acréscimo de 7,6%¹¹². No ano passado, 2016, houve o aumento de 4,9% em

¹⁰⁶ A Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação foi fundada em 1980 sob o nome Associação Nacional dos Fabricantes de Ração (Anfar) e em sua história contou com os nomes Anfar e Anfar Pet antes de tornar-se Abinpet em 2013. Ela reúne as indústrias dos segmentos de Pet Food, Pet Care, Pet Vet e Ingredientes. Disponível em: <http://abinpet.org.br/site/historia/>. Acesso em 29/06/2017.

¹⁰⁷ Disponível em: <http://abinpet.org.br/site/para-abinpet-aumento-da-tributacao-sobre-alimento-para-pets-e-retrocesso/>. Acesso em 09/04/2016.

¹⁰⁸ O país fica atrás da China, dos Estados Unidos e do Reino Unido, respectivamente. Fonte: <http://portalmf.com.br/noticia/12924/popula-o-de-pets-cresce-5-ao-ano-e-brasil-quarto-no-ranking-mundial>. Acesso em 20/08/2017.

¹⁰⁹ Disponível em: <http://abinpet.org.br/site/>. Acesso em 09/04/2016.

¹¹⁰ Disponível em: <http://abinpet.org.br/site/associe-se-info/>. Acesso em 29/06/2017.

¹¹¹ Disponível em: http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/camaras_tematicas/Insumos_agropecuarios/79RO/IBGE_P_AEB.pdf. Acesso em 09/04/2016. De acordo com dados divulgados na página de agricultura do governo, o setor pet gerou no Brasil em 2014 um total de 1.710.395 empregos diretos. A maioria, 994.097, ficou por conta dos criatórios, seguida por 469.159 gerados pelos serviços técnicos. A rede de comercialização, que compreende a equipe de lojas que vendem produtos e serviços para pets, foi responsável pela terceira maior empregabilidade, com 222.414 empregos. Em último lugar está a indústria, com 24.730 empregos. Esta última compreende os setores de medicamentos veterinários, equipamentos, acessórios, produto de higiene e beleza animal e comércio e serviços.

¹¹² Disponível em: <http://abinpet.org.br/site/setor-pet-chega-a-r-18-bilhoes-em-2015-mas-nao-sem-os->

relação em 2015, resultando no valor de R\$ 18,9 bilhões, um “crescimento orgânico por conta dos crescimentos da crise”, que de acordo com a associação reflete apenas a inflação brasileira e não o desenvolvimento do mercado pet¹¹³. Nos anos anteriores, 2013 e 2014, o Brasil estava na segunda posição mundial de faturamento, atrás apenas dos Estados Unidos. Atualmente, o Reino Unido também o supera. Em 2016, enquanto nosso país obteve a porcentagem de 5,3% do mercado mundial, o Reino Unido contou com 6,7%; e os Estados Unidos com 42%¹¹⁴. Nesse ano, o faturamento mundial foi de U\$ 105,3 bilhões, um resultado que expressa o crescimento de 3% no ano.

Dentre o faturamento brasileiro de 2016, R\$ 18,9 bilhões, a maior parte foi do segmento de *pet food*, com 67,5% do total. Em segundo lugar, com 16,7%, ficou o segmento de serviços, seguido pelo setor de *pet care* com 8,1%, responsável pelos equipamentos, produtos de beleza e acessórios, e em quarto lugar, com 7,8%, o segmento de *pet vet*, que engloba os produtos veterinários, como remédios e vacinas. O segmento de *pet vet* foi o que mais cresceu, com uma porcentagem de 6,7% de aumento. O de *pet care* apresentou acréscimo de 5,5% e Pet Food de 4,9%.

Pets no Brasil

A Pesquisa Nacional de Saúde de 2013 abordou em seus questionamentos a presença de gatos e cães nos domicílios e seus hábitos de vacinação. Seus resultados revelam que 44,3% dos domicílios brasileiros possuíam ao menos um cão e 17,7% ao menos um gato. Essas porcentagens equivalem à 28,9 milhões e 11,5 milhões de domicílios, respectivamente¹¹⁵. No mesmo ano, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios revelou que havia 44,9 milhões de crianças de até 14 anos no país, o que revela maior quantidade de cães que crianças no Brasil¹¹⁶, o que pode indicar mudanças de comportamento da população brasileira. Tal fato certamente dialoga com a importância dos cães de estimação. Acredito, no entanto, que não seja o suficiente para afirmar que cães substituem crianças, como pode ser encontrado em reportagens sobre o

efeitos-da-crise/. Acesso em 22/04/2016.

¹¹³ Disponível em: <http://abinpet.org.br/site/faturamento-2016-do-setor-pet-aumenta-49-e-fecha-em-r-189-bilhoes-revela-abinpet/>. Acesso em 29/06/2017.

¹¹⁴ Disponível em: <http://abinpet.org.br/site/faturamento-2016-do-setor-pet-aumenta-49-e-fecha-em-r-189-bilhoes-revela-abinpet/>. Acesso em 29/06/2017.

¹¹⁵ Disponível em: biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94074.pdf. Acesso em 29/06/2017.

¹¹⁶ Disponível em: <http://g1.globo.com/natureza/noticia/2015/06/brasil-tem-52-milhoes-de-caes-e-22-milhoes-de-gatos-aponta-ibge.html>. Acesso em 29/06/2017.

tema. Já abordei essa questão no capítulo anterior, no qual considero que a relação entre humanos adultos e crianças e humanos adultos e cães pode oferecer algumas semelhanças pelo cuidado despendido, porém são extremamente diferentes.

A cidade de São Paulo, onde a pesquisa foi feita, apresenta alta quantidade de cães. Segundo o Centro de Controle de Zoonoses, aqui havia 1,5 milhão de cães no ano de 2002. Outra pesquisa, realizada em 2008 pela Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo, chegou ao resultado de 2,4 milhões de cães nesse ano, apresentando um crescimento de 60%¹¹⁷. Com uma população de 11 milhões de seres humanos, a estimativa é que para cada 4,5 humanos haja um cão¹¹⁸. As pet shops também estão em grande número, 4800 segundo uma reportagem lançada em 2013¹¹⁹.

3.4 Produtos e serviços

A seguir apresento uma relação de produtos e serviços que podem ser encontrados nas feiras pet, em pet shops e outros locais de venda de produtos e de prestação de serviços. De forma alguma ela esgota a diversidade existente no universo pet, entretanto, revela a grande variedade do que é produzido pensando em atender os cães de estimação e seus donos.

Alimentação

Segmento de maior expressão do mercado pet brasileiro, a parte de *pet food* representou 67,5% do total dos R\$ 18,9 bilhões de faturamento do mercado em 2016, o equivalente a 12,7575 milhões de reais. A ração, alimento massivamente recomendado para os cães por veterinários, por ser feita “para atender as necessidades nutricionais dos animais”, é na realidade um dos produtos mais diversificados do mercado pet. Ela faz parte do grupo de alimentos completos, produtos destinados exclusivamente a animais de estimação que prometem atender de forma integral suas exigências nutricionais. Existem grandes quantidades de linhas de rações, de diversos fabricantes, que se dividem em

¹¹⁷ O aumento da população felina foi de 152,17%, atingindo 580 mil gatos.

¹¹⁸ Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,sp-ganhou-900-mil-caes-e-350-mil-gatos-em-apos-seis-anos,473349>. Acesso em 29/06/2017.

¹¹⁹ Disponível em: <http://www.1folha.uol.com.br/saopaulo/2013/05/128376-setor-pet-tem-faturamento-recorde-de-r-142-bi-empresarios-tracam-expansao.shtml>. Acesso em 10/07/2014.

quatro categorias: rações Básicas, Standard, Premium e Super Premium¹²⁰.

Da primeira à última, a qualidade da ração é crescente, sendo que seu aproveitamento e base de ingredientes refinados são maiores no final. Sua classificação, entretanto, se dá de acordo com as políticas das próprias empresas que levam em consideração a sua composição e o seu aproveitamento, além de outros fatores, sendo que a super premium de uma marca pode equivaler à premium de outra. Há, no entanto, grandes empresas brasileiras que seguem o seguinte padrão: rações básicas devem apresentar no mínimo 70% de digestibilidade de matéria seca e de proteína bruta; as standard mínimo de 73%; as premium, valores de no mínimo 78%; e as super premium, mínimo de 83%. Essa classificação considera também níveis de outros componentes, como vitaminas e ácidos.

Na prática, isso significa que rações básicas ou standard são usualmente feitas com ingredientes aprovados por nutricionistas, mas que variam de acordo com seus valores no mercado. Ao comprar uma ração econômica não se sabe exatamente a composição dela, apenas há a propaganda que as necessidades nutricionais são atendidas¹²¹. Por serem mais econômicas, a qualidade dos ingredientes não é tão boa funcionalmente quanto dos outros tipos de ração, e a absorção dos nutrientes é menor, fazendo com que a quantidade de ração ingerida seja maior para o suprimento alimentar adequado. Consequentemente, as fezes são mais abundantes. Usualmente a proteína utilizada vem de duas origens, vegetal e animal, e os ingredientes funcionais são raros.

As rações premium podem também apresentar composições não totalmente pré-estabelecidas, enquanto que as super premium comumente são feitas inteiramente a partir de alimentos estabelecidos previamente. A ambas são adicionadas ingredientes funcionais, que fazem bem ao animal ou oferecem vantagens para o dono, porém a última costuma apresentá-los em maior quantidade¹²². Assim, a qualidade e o preço da ração premium são intermediários, e da super premium, superiores.

Entre exemplos de ingredientes funcionais podemos encontrar: pirofosfato tetra-sódio, que reduz o acúmulo de tártaro; colostro, que favorece um crescimento adequado;

¹²⁰ Há marcas que se utilizam ainda de rótulos não usuais, como “premium especial” ou “super premium gourmet”.

¹²¹ Os rótulos dos produtos são obrigados a informar os eventuais ingredientes substitutivos logo após a informação acerca da composição básica.

¹²² O Manual Pet Food Brasil 9ª edição denomina como alimento funcional “todo aquele alimento ou aditivos que, além das funções nutricionais básicas, quando consumido como parte da dieta usual, produz efeitos metabólicos e/ ou fisiológicos e/ou efeitos benéficos à saúde, devendo ser seguro para consumo sem supervisão profissional” (ABINPET, 2017, p. 293).

ômega 3, que auxilia no desenvolvimento da visão, do cérebro e da pelagem; ômega 6 e zinco orgânico, que também prometem auxiliar em uma pelagem saudável; prebióticos MOS e FOS, que fazem com que a absorção de nutrientes seja potencializada; condroitina e glicosamina, que colaboram na proteção das articulações; zinco, selênio e manganês, que são facilmente absorvidos otimizando benefícios à saúde; L-CARNITINA, que ajuda na manutenção do peso ideal; extrato de yucca, que diminui o odor das fezes; cálcio-fósforo, que mantém os ossos fortes; e o DHA, o mesmo ingrediente que as mulheres grávidas tomam para ajudar na formação/capacidade do cérebro de seus bebês. O DHA é indicado para cadelas grávidas e para filhotes, com a promessa de auxiliar na aprendizagem e potencializar o desenvolvimento da visão. Esses ingredientes prometem “melhorar a qualidade e a expectativa de vida” a partir de tecnologias avançadas que utilizam pesquisas científicas como base¹²³.

Além das rações direcionadas a todos os cães, existem linhas feitas para cães com características específicas. São encontradas no mercado rações de acordo com a fase vivida pelo pet: reprodução, gestação, lactação, desmame, filhotes, adultos e seniores. Elas oferecem características indicadas para a idade em questão, sendo a ração para desmame uma papinha, a de filhotes feita com grãos pequenos por conta do tamanho da mandíbula e da força dos dentes, a de adultos com ingredientes que ajudam na manutenção dos músculos e da saúde, e as sênior com ingredientes que ajudam nos sintomas de velhice, como a melhoria da articulação. Essas últimas podem ser vendidas como rações “anti idade”, que em propaganda retardam os sintomas do envelhecimento. Assim, essas rações prometem “a tecnologia certa para cada momento-chave da vida”. Há também linhas de rações divididas de acordo com o tamanho do animal: x-small, raças pequenas, médias, grandes e gigantes. Dentro dessa divisão pode-se ter a subdivisão anterior. As linhas para cães x-small, por exemplo, abrangem rações para filhotes, adultos e seniores de raças mini.

Entre as rações Premium e Super Premium existem ainda rações desenvolvidas para raças específicas, que segundo os fabricantes contém os ingredientes funcionais mais indicados para cada tipo de cão. O Cocker, por exemplo, que normalmente sofre de problemas de visão, tártaro e coração, podia contar com uma ração com taurina, antioxidantes, hexametáfosfato de sódio e vitamina A, que ajudam na manutenção do coração e da saúde bucal e auxiliam na proteção da visão. Essa ração, entretanto, deixou de ser

¹²³ Algumas empresas se utilizam de pesquisas feitas conjuntamente a universidades nacionais ou internacionais.

vendida no Brasil porque a raça deixou de ser criada em quantidades significativas, mostrando que o mercado acompanha atentamente seu público alvo para tomar as decisões de venda e produção¹²⁴.

São encontradas também rações light¹²⁵, para cães acima do peso; para animais castrados; para cães de trabalho; em preparação para exposições; de “apetite seletivo”, que investem no gosto do alimento além da nutrição; para cães alérgicos; e ainda rações que investem na beleza do animal. Segundo a representante da marca que a desenvolve, “é como se fosse produto para o cabelo, mas em ração. Ela deixa o pêlo bonito por manter a pele saudável”.

Ademais das rações secas, é possível encontrar no mercado pet para cães alimentos úmidos e semiúmidos¹²⁶ em diferentes apresentações, como cozidos ou congelados. Esses alimentos possuem valor elevado quando comparado às rações secas, sendo seu consumo menor que o delas elas. Dentre essa seleção encontramos alimentos sofisticados, como os alimentos úmidos de uma empresa italiana que adentrou o mercado brasileiro nos últimos anos, preparados em forno a vapor, o que preserva os aromas originais, para alimentar cotidianamente os pets. A empresa não faz utilização de conservantes, corantes, grãos, sal, glúten ou transgênicos e todos os seus produtos são ditos *cruelty free* por utilizar animais de pastoreio. Há uma granja na própria fábrica onde algumas espécies animais são criadas, e todas as outras compradas procedem de empresas *cruelty free*. São oferecidos para cães patês e carnes cozidas de ingredientes mais comuns como frango e peru aos mais sofisticados como cordeiro e javali. O preço de um patê de 150g com duas fontes de proteína custa em torno de R\$12,00 para o consumidor final, enquanto que os monoproteicos custam o dobro do valor¹²⁷. São alimentos com público mais seletivo, e que não são encontrados em todas as pet shops.

Existem ainda rações especiais que auxiliam no tratamento de doenças, mas que devem ser prescritas por veterinários. Ao contrário das rações anteriores, de *manutenção*, que podem ser administradas continuamente, as *linhas de prescrição* ou *alimentos coadjuvantes* são indicadas em casos de doença e comprometem-se a ajudar os animais a

¹²⁴ São encontradas ações específicas para cães como Bulldog Francês, Dachshund, Golden Retriever, Labrador, Lhasa Apso, Maltês, Pit Bull, Poodle, Shih Tzu, Yorkshire, Boxer, Pastor Alemão, Pug, Rottweiler, Schnauzer e West Highland White Terrier.

¹²⁵ Os alimentos light são aqueles que sofreram redução de densidade energética em mínimo de 15% quando comparado ao alimento de mesmas linha e categoria da empresa.

¹²⁶ Os alimentos secos possuem umidade de no máximo 12%, a dos semiúmidos entre 12 e 30% e a dos úmidos entre 30 e 84%.

¹²⁷ Os alimentos feitos de apenas um animal (monoprotéicos) são pensados para cães e gatos alérgicos que têm sensibilidade a ingredientes usuais em rações.

se recuperarem oferecendo uma nutrição adequada a cada caso¹²⁸. As rações não contém medicamentos, mas são desenvolvidas “como se fosse um nutricionista te falando o que comer”¹²⁹. Exemplos de rações prescritas são alimentos que auxiliam no tratamento de insuficiência cardíaca, doença renal, perturbações hepáticas, glicêmicas, diabetes, estabilização de peso após dieta, dermatite, obesidade, perturbações digestivas e problemas urinários.

Há uma tendência no mercado de apresentar um alimento processado que se assemelhe aos alimentos que o cão comeria na “natureza”. Essa é uma tendência seguida em diversos graus por certas linhas de rações, que podem ser livres de grãos, o que agradaria o paladar carnívoro primitivo dos cães e forneceria proteínas de valor biológico superior; de transgênicos; de corantes; aromatizantes; conservantes; glúten; gordura hidrogenada; ou outros ingredientes característicos das comidas processadas, na tentativa de obter um produto que remetesse ao “natural”. Esses alimentos utilizam ingredientes selecionados mais custosos ao processo de fabricação e têm também o seu valor final mais elevado.

Uma alternativa totalmente contrária é a alimentação completa feita inteiramente de ingredientes vegetais, existente no mercado pet, mas com expressão pequena, ao menos no campo estudado¹³⁰. Paralelamente à não utilização de ingredientes de origem animal, há linhas que são feitas a partir de animais que recebem tratamentos mais sensíveis que o usual, podendo ter o confinamento menor, mais tempo para o crescimento, não utilização de hormônios, antibióticos, além de qualificações de outras ordens, como selos de gestão ambiental e social, embalagens recicláveis, tratamento da água utilizada antes de sua volta ao meio ambiente e afins¹³¹.

Com essa variedade e qualidade de alimentos completos em mente, vemos que a afirmação de Kulick (2009) que há cães que comem melhor que a maioria dos seres

¹²⁸ Segundo o Manual Pet Food Brasil 9ª edição, “pela definição do Ministérios da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), na Instrução Normativa nº 39, de 21 de novembro de 2014, alimento coadjuvante é um produto composto por ingredientes ou matérias-primas ou aditivos destinado exclusivamente à alimentação de animais de companhia com distúrbios fisiológicos ou metabólicos, capaz de atender integralmente suas exigências nutricionais específicas, cuja formulação é incondicionalmente privada de qualquer agente farmacológico ativo” (ABINPET, 2017, p. 55).

¹²⁹ Fala de uma representante de uma das marcas que produzem esse tipo de alimento.

¹³⁰ Sobre a alimentação natural e alimentação livre de carne, ver Lewgoy e Sordi (2012).

¹³¹ Um exemplo é a linha de rações PremieR pet Seleção Natural, feita com frango orgânico, “priorizando a saúde e o bem-estar animal, a sustentabilidade e o respeito ao meio ambiente”. Seu lançamento ocorreu em 2015, ocasião na qual era a única ração que utilizava frango orgânico e não continha glúten no Brasil segundo a representante da marca. Isso mostra a recente mudança de comportamento de certos grupos consumidores, pois a linha foi baseada em comentários de veterinários que reportavam pedidos de seus clientes.

humanos é válida também para certos cães brasileiros.

Os snacks, outra categoria de produtos alimentícios, variam em seus valores nutritivos, encaixando-se em duas categorias: *alimentos específico* ou *produto mastigável*. Segundo o manual de Pet Food da Abinpet, ambas referem-se a produtos destinados a animais de estimação com finalidade de agrado, prêmio ou recompensa, porém o primeiro é composto por ingredientes, matéria-prima ou aditivos com propriedades específicas não suficientes para que se caracterize como alimento completo, enquanto que o segundo possui valor nutricional desprezível.

Somando ambas categorias, os *snacks* encontrados no mercado para cães também são diversos. Há formatos tipicamente caninos, como ossos, tiras, barras e bifinhos, e snacks que se assemelham aos produtos humanos mas que são feitos com ingredientes consumíveis por cães. Existem *snacks* vendidos como bolos, muffins, brownies, pães-de-mel, chocolates, kibe, sushi, coxinha, panetone, cerveja, vinho, sorvetes com sabores de morango, goiaba, melancia, manga, bacon, iogurte, banana, picanha, galeta e menta, salsicha, churros, brigadeiro, beijinho, torta de fruta, pastel, barra de açaí, barra de banana, bisnaguinha, colomba pascal, bolinho de carne, cupcake, entre outros. A variedade de snacks em formatos de produtos humanos é grande, e sua produção parece ter aumentado nos últimos anos. Na cidade de São Paulo, há “padarias” que fazem produtos alimentares para cães e humanos, ou então exclusivamente a eles. Os pets, é claro, são bem vindos nesses espaços e podem adquirir bolos, esfihas e tortas, dentre outros alimentos.

Imagem 1 – cerveja e petiscos para cães. Foto tirada por mim na PetSouthAmerica 2016, em outubro de 2016.

Ainda que a forma desses snacks seja semelhante aos alimentos humanos, o gosto não necessariamente o é. Embora o nome e a embalagem sejam iguais, não provei até

hoje um chocolate que tenha gosto de chocolate humano¹³², nem cerveja com gosto de cerveja, embora elas sejam feitas com malte e levedo de cerveja. Molhos e os sorvetes sim, todos que provei se assemelham ao gosto que o nome o associa. Não são todos os snacks, então, que têm gostos semelhantes à versão humana desses produtos. Na realidade, a grande maioria dos snacks que provei, dentre eles bolinho de carne, kibe, muffim, chocolate, cerveja e churros, não cumprem essa função. O que o mercado oferece, nesses casos, é um produto com a forma de um produto humano. As propagandas afirmam que os cães também merecem um petisco, e se o dono gosta de sorvete, ele é induzido a comprar um a seu cachorro. Há petiscos que vão além, são saudáveis para os animais e aptos ao consumo humano. Assim, petiscos como cookies podem ser divididos entre donos e seus cães, fazendo com que a partilha seja não apenas no formato, mas plena. Isso fornece aos que os consomem a possibilidade da satisfação decorrente do oferecer ao cão o mesmo que se come, evidenciando o carinho ao animal.

Esses petiscos podem oferecer benefícios à saúde dos cães e não apenas serem bonitos. A cerveja, por exemplo, faz bem para os rins, muffins podem ser enriquecidos com vitaminas e biscoitos podem melhorar o hálito e prevenir o tártaro. São encontrados alimentos específicos com alto valor nutricional e tecnologias avançadas de fabricação, que não apenas agradam os animais mas fornecem vantagens nutricionais. Uma das tecnologias utilizadas é a liofilização, que retira a água do alimento mantendo sua composição restante e reduzindo seu tamanho, de forma que seja fácil levar a qualquer lugar um pedaço de frango¹³³. Certos snacks seguem também a tendência ao natural.

Outra categoria de alimentos são os suplementos, cuja composição é feita para melhorar o balanço nutricional do animal. Ao contrário de outros lugares do mundo, como o Estados Unidos, aqui os suplementos são usualmente consumidos a partir da indicação veterinária. Não que sua administração seja proibida, mas o mercado configurou-se dessa maneira. Assim, seu consumo é menos comum.

Tendo em vista a cadeia de alimentos, com exceção aos produtos mastigáveis, podemos afirmar que a tecnologia está fortemente presente no desenvolvimento de alimentos benéficos além da nutrição, envolvendo a saúde e o bem-estar animal e fornecendo base para maior longevidade dos cães¹³⁴.

¹³² Um biscoito sabor chocolate que provei, entretanto, oferecia um sabor semelhante.

¹³³ Essa tecnologia surgiu para atender os astronautas da NASA, pois retem os nutrientes e o sabor dos alimentos reduzindo o seu tamanho.

¹³⁴ Discurso do mercado confirmado por veterinários.

Acessórios

Existem diversos acessórios para cães e seus donos, desde vestimenta a carrinho de transporte. Proteção, diversão, comodidade ao cão ou ainda ao humano e a saciação da vaidade humana estão entre as múltiplas finalidades que eles podem oferecer, não excludentemente umas às outras¹³⁵.

Entre os acessórios para serem utilizados nos cães como parte do vestuário estão as roupas; laços; gravatas; adesivos; bonés; bandanas; chapéus, sapatos e outros mais. As roupas são os produtos com maior variedade de estilo e preços, que podem chegar a 600 reais. A grande maioria das roupas, bem como dos outros acessórios, é feita para fêmeas. O mercado rege seus produtos de forma que para o sexo feminino algumas cores, estampas e texturas são amplamente utilizadas, como as cores rosa, lilás, roxo, laranja, e estampas floridas, mostrando continuidade com os ideais de gênero da sociedade ocidental. Babados, rendas e *strass* também são bastante presentes em roupas, laços e coleiras, por exemplo.

Podemos encontrar vestidos, saias, jaquetas, macaquinhos, calcinhas, roupas de gala, vestido de noiva, traje de noivo, jeans, pólos, conjuntos, capas de chuvas, roupas comemorativas para a copa, natal e ano novo, moletom, e roupas de luxo dentre muitas outras. Existem ainda roupas com dizeres, como “GOD s2 ME TOO” (tradução livre: deus também me ama), e fantasias de animais e de personagens de filmes e desenhos. Em algumas pet shops as roupas são divididas em araras como em lojas de departamento, separadas por roupa de frio, de praia, de festa.

No mercado, são comercializadas bijuterias e joias para os animais de estimação, principalmente colares. Uma estratégia de mercado encontrada foi fornecer o “colar da amizade”, igual para cão e dono. Alguns desses colares não possuem apenas fins estéticos, mas têm em seus pingentes informações do cão para caso ele se perca¹³⁶.

¹³⁵ Dentre suas possíveis finalidades, uma dela é a diferenciação de classe. Uma roupa de luxo, uma jóia ou uma guia com pedras estilizadas servem na visão de alguns donos para aumentar o valor do seu animal. O adestramento dos seis cães de um senhor de classe alta é motivo para ele se orgulhar dos cães que tem, por eles serem “educados”, diferentes dos outros animais. Os serviços de higiene e estética também mostram um diferenciamento. Uma senhora cuja cachorra pulou em mim numa papelaria me disse que não havia problema por ela ter acabado de voltar da Pet Center Marginal e ter gastado R\$600,00 lá. A cadela estava limpa, cheirosa e penteada, e esse era motivo pelo qual o contato dela comigo não deveria ser visto como algo problemático.

¹³⁶ Em prevenção caso perda do animal, existem microchips que podem ser implantados na pele dos cães. Todos os cães doados pelo centro de controle de zoonoses de São Paulo recebem o microchip, numa tentativa de evitar o aumento dos cães de rua.

Imagem 2 – Fotografia de roupas caninas. Fotografia tirada por mim na PetSouthAmerica 2016, outubro de 2016.

Para o conforto dos *bichinhos*, existem almofadas, colchonetes de gel para diminuir a temperatura do animal no calor, edredons, colchões, cobertores, mantas, sacos de dormir, e camas de variados estilos, estampas, materiais e preços. Estas podem ser apresentadas em formatos caninos, usualmente ossos e patas, ou formatos distintos como divãs, puffs, cupcakes, de ursos, geométricos, e em formatos de personagens notavelmente estrangeiros, como Iron Man e Capitão América¹³⁷. Elevadas, feitas de algodão, de pelúcia, de madeira, de lã de carneiro, ter sistema anti-mordida, estrutura de alumínio, ser desmontável, virar casa, sofá e bolsa, são características encontradas em camas presentes no mercado. Existem também móveis com espaços para pets, como mesas e camas humanas com as camas dos cães embutidas e armários com espaços para recreação de gatos, envolvendo ambas espécies em apenas um produto.

Acessórios de transporte também são oferecidos em grande diversidade. Eles dependem do tamanho e do peso do pet a ser carregado. Há bolsas de ombro, mala para mão, mochila canguru, mala de transporte com rodinhas, carrinho para cães semelhantes aos de bebê¹³⁸, caixas de transporte de plástico ou de tecido, cadeira para carro e cesta

¹³⁷ Os nomes, embora tenham sua tradução para o português, podem continuar em inglês.

¹³⁸ Uma marca de carrinhos de bebês lançou seu modelo para cães, seguindo outra tendência encontrada no mercado pet: empresas que fabricam produtos para humanos têm se envolvido nos ingredientes dos produtos caninos ou mesmo na sua materialização completa. Um expositor brasileiro da Global Pet Expo, ocorrida nos Estados Unidos, resolveu investir em fabricação de areia para gatos por perceber que os ingredientes com os quais trabalhava em seu ramo, se submetidos à tecnologia adequada, teriam funcionalidade superior às areias tradicionalmente utilizadas e seriam uma oportunidade de lucro, pois

para bicicleta. Os acessórios de transporte incluem também coleiras, guias, faixas que amarram o cão à cintura e à perna de quem estiver com ele, peitoral, enforcador, e cintos de segurança para animais cujo o uso é obrigatório por lei quando se transporta o animal no carro. Noto que esses acessórios possuem ampla variedade de estampas e cores, seguindo o padrão de vestuário, ao menos para cães pequenos e médios. Esses acessórios, como outros mais, são restritivos, ajudando o controle humano sobre o cão.

Certos produtos são usados para auxiliar o pet em algumas situações, como um produto feito de plástico que o ajuda a sair da piscina, e a pet escada, que facilita a escalada de locais altos, utilizados principalmente na velhice para que ele consiga subir no sofá ou na cama, por exemplo.

Há também muitas empresas de brinquedos no setor. Eles apresentam variadas formas, como ossos, discos, bonecos e pelúcias, e alguns apresentam inclusive funções. Há brinquedos que são feitos de materiais “super-resistentes”, que prometem agir como mordedores de bebês e aliviar no incômodo durante o nascimento dos dentes, ou ainda aliviar o stress do cão, sem precisar de interação com humanos para tanto¹³⁹. Os brinquedos mastigáveis apresentam distintos níveis de resistência de material, alguns mais e outros menos. Os fabricantes dizem que o nível deve ser escolhido de acordo com a personalidade do cão, e não a partir de sua raça. Estão também disponíveis no mercado brinquedos ditos “inovadores, interativos e inteligentes” que atacam os animais pela busca de petiscos escondidos, com níveis de dificuldade fácil, médio e difícil. De acordo com os vendedores, esses brinquedos comedouros são também favoráveis à boa saúde do animal, pois impedem que os pets comam rápido e tenham problemas no estômago. Outros brinquedos inteligentes são vendidos com a propaganda de estimular as características naturais dos animais, como a visão, a audição e o faro.

Existem ainda produtos que visam facilitar a vida humana não citados anteriormente como cortador de unhas e unhas de silicone, utilizadas para impedir que o pet arranhe e faça estragos; dispensers (comedouros e bebedouros), que concentram a área a ser utilizada pelo cão na alimentação, restringindo a “sujeira”; sacos coletores de

acredita que os donos estão investindo em qualidade. Seu trabalho principal continua sendo o fornecimento de ingredientes para fabricação de pneus e de cimento, porém agora esses mesmos ingredientes passam por outro tratamento para terem um destino distinto. De forma semelhante, proprietários bioquímicos de uma marca consolidada no mercado brasileiro de produtos de higiene e beleza pet resolveram investir no mercado por sua semelhança com o trabalho que já exerciam, o fornecimento de produtos para empresas de cosmético humanas.

¹³⁹ Mesmo que a propaganda diga que o brinquedo substitui a companhia humana, muitos discordam que esta possa ser efetivamente substituída por um objeto.

fezes que facilitam seu recolhimento sem contato direto com os dejetos; entre outros.

Acessórios, assim como o restante do mercado pet, estão interligados a outros ramos do mercado. As roupas cumprem o papel de estética e por vezes de saúde, pois enfeitam o cão e podem ser necessárias para cobrir o pet no frio. Os dispensers, comedouros e bebedouros, são acessórios ligados à alimentação canina e à comodidade humana. Os brinquedos que se propõem a fornecer meios do cão despendar energia estão ligados aos produtos comportamentais e os sanitários, as fraldas e os tapetes, acessórios de fins higiênicos citados abaixo, estão ligados à saúde. Acessórios do mercado pet usualmente implicam não apenas na vida dos cães mas também na vida dos donos, facilitando as ações humanas e a convivência com os cães.

É no ramo de acessórios que o mercado de luxo faz mais presente. Um exemplo do que é oferecido por esse mercado são guias alemãs enfeitadas a mão com cristais Swarovski. Elas custam pouco mais de R\$700,00 para o consumidor final e possuem garantia de dois anos. Sua apresentação é feita em três modelos de organização dos cristais que podem ser encontrados nas versões branca, preta e rosa. Esses produtos não são encontrados facilmente pela cidade, apenas centros maiores ou mais elitizados fornecem produtos de luxo. Camas, roupas e móveis engrossam a lista desses produtos distintos.

Imagem 3 – Fotografia tirada por mim na Pet South America 2013, em outubro de 2013.

Higiene

Os produtos de higiene incluem acessórios, como sanitários com grama sintética não descartáveis, que são compostos por um recipiente de plástico coberto de um tapete de grama; tapetes higiênicos; fraldas; coletores de fezes; absorventes para fêmeas; e ainda produtos de limpeza, como absorvente de xixi que ao ser colocado sobre a urina transforma-se em gel seco e inodoro, podendo ser varrido ou aspirado; eliminador de odores de ambiente; toalhas umedecidas para a limpeza de olhos, focinho, patas, partes íntimas, pele e pêlos; produtos com outros mecanismos de limpeza como o “limpa patas”, que consiste num pote plástico com grama sintética dentro; dentre outros.

Grande parte dos produtos de higiene estão, entretanto, vinculados à saúde e a estética animal.

Estética

Os produtos e serviços voltados à estética canina podem servir apenas para a estética animal, fruto da vaidade humana, ou podem estar vinculados a cuidados com a saúde e a higiene. Os produtos para banho, por exemplo, limpam e higienizam o cão ao mesmo tempo que cuidam da sua saúde por eliminar bactérias e outros organismos prejudiciais, mas também contribuem para a estética e beleza do animal, uma vez que os xampus na maioria expressiva das vezes não possuem apenas a função de limpeza, mas acrescentam aspectos desejáveis ao pêlo ou à pele. A própria limpeza do cão é esteticamente desejada pelos donos.

Produtos de limpeza como xampus, sabonetes, e banhos de espuma, de gel e a seco são oferecidos por diferentes marcas e contém diversas especificações. Os xampus, por exemplo, podem ser de pré-lavagem ou finalizadores, com indicações para diferentes tipos de pêlo. Abaixo indico algumas das especificidades encontradas:

xampus (ou shampoos): podem ser feitos com camomila, aloe vera, uva, óleo de argan orgânico - que promete acelerar a secagem por possibilitar maior penetração do ar na fibra do pêlo¹⁴⁰, argila branca, argila verde, chá verde, coco, ouro 18 quilates, broto de bambu, cupuaçu, jaborandi, macadâmia, ômega 6 e 9, silicone, carvão ativado de bambu, lama, entre outros. Frutos da amazônia são componentes característicos de linhas brasileiras de exportação.

Além de limpar o cão, podem ter as funções de: neutralizar odores, controlar a oleosidade natural dos diferentes tipos de pelagens, prevenir a queda de pêlos, ajudar no combate à

¹⁴⁰ A tecnologia está presente também na área de estética canina.

caspa, proteger contra raios UV, dar ao pêlo um efeito liso e sem frizz, revitalizar e reparar a pelagem, fortalecê-la, hidratá-la, desembaraçá-la, tonalizá-la, agir contra pulgas, carrapatos, piolhos ou fungos. Há também xampus para serem utilizados com indicação veterinária, que possuem atividades microbaterianas contra patógenos.

Há ainda produtos que visam apenas a estética animal. Existem condicionadores, que geralmente possuem funções de embelezamento e ingredientes semelhantes aos xampus, mas que podem também ser antiestáticos de pelagem, tirar a mancha dos pêlos e reestabelecer a cor natural, revigorar os pêlos através de película protetora que mantém o brilho, desembaraçá-los e amaciá-los, e reparar suas pontas, por exemplo. Existem ainda outros produtos de estética: leave in, que diminui porosidade dos fios, elimina pontas duplas, protege a cor, repõe hidratação, devolve brilho e maciez aos pêlos e possui ação anti-frizz, hidratantes de muitos tipos que promovem cada um um efeito diferente no pêlo, manta térmica para hidratação, molde para tatuagem temporária, removedor gradativo de coloração, spray texturizador e finalizador, pó depilatório para ouvidos, spray abrilhatador, perfumes, esmaltes, talcos e variados tipos de escovas para cães, cada uma com sua especificidade. Abaixo relato parte da diversidade de hidratantes e perfumes encontrados:

Hidratação: podem ser encontradas hidratações com chocolate tradicional, chocolate branco, queratina, vinho, argan, frutas tropicais e frutas estrangeiras, dentre muitas outras. Há distintos tempos de ação, desde hidratação instantânea a espera de vários minutos com manta térmica. Elas podem ser antioxidantes, antifrizz, disciplinantes, alisantes, desembaraçantes, contra a queda de pêlos, aceleradores do crescimento de pêlos, fortificantes, abrilhantadoras e suavizadoras. Podem inclusive ter uma fórmula que diminui o gasto de energia do aplicador, por formar uma película protetora nas mãos de quem a aplica deixando um aspecto de maciez e suavidade na pele.

Perfumes: existem fragâncias de frutas, ervas, flores, plantas, bebidas e combinações entre elas. Podemos encontrar também fragâncias francesas, perfume com gliter, perfume que muda de fragância ao esfregar o lugar que foi aplicado, e aromas inspirados em perfumes famosos humanos como Glow, da Jennifer Lopez; Malbec, do O boticário; CK One, da Calvin Klein; Mamãe Bebê, da Natura; Light Blue feminino, da Dolce & Gabbana e Amor Amor, da Cacharel.

Os serviços de estética também são amplos. Podem ser feitos em cães alisamentos, chapinhas, cauterizações¹⁴¹, penteados, escovas, tonalização, reparação intensiva, talassoterapia¹⁴², vinhoterapia, banhos com cristais, no ofurô, *grooming*¹⁴³, serviço de pintura das unhas e tinturas temporárias e definitivas.

¹⁴¹ Tratamento que tem como objetivo repor massa, dar força e resistência.

¹⁴² Administração de lama para o embelezamento do pêlo do animal.

¹⁴³ Tosa do pêlo.

As tintas podem ser de cores não naturais dos pêlos, como pink, amarelo, azul, vermelho, verde, de glitter colorido e de cores neon. Elas são utilizadas para fazer mechas nos animais, usualmente para eventos e competições, e no trabalho de groomers para o que é chamado de “escultura viva”, que consiste em corte e pintura da pelagem dos pets para fazê-los parecer alguma outra coisa, como por exemplo um polvo. Já as colorações permanentes de cores *naturais* “Elimina[m] a pelagem desbotada e grisalha, restaurando a cor original do pet ... devolvendo todo o charme do pet e mantendo sua aparência jovem”¹⁴⁴. Elas são utilizadas exclusivamente para a estética e são duradouras. O cão que é submetido a elas tem sua aparência rejuvenecida, e deve fazer o retoque da tinta logo que a pelagem creça e “mostre a idade”, assim como nas tinturas de cabelo humanas.

Imagem 4- Fotografia de catálogo de tinturas para cães. Foto tirada por mim na Pet South America 2015, outubro de 2015.

A estética pet é um ramo em crescimento que pode produzir lucros altos para quem o oferece. Ao conversar com um tosador de uma pet shop de classe alta, ele me contou que serviços de banho e tosa em si não são muito mais caros que nas pet shops de classe média. A diferença, segundo ele, é atingida nos tratamentos estéticos dados aos pets. Os funcionários são instruídos a persuadir os donos que frequentam a pet shop a contratar os serviços de embelezamento. Com isso, os gastos semanais que seriam em média R\$ 50,00 passam a R\$ 200,00, R\$ 300,00 ou mais por animal. O próprio tosador ao ver um cão de raça, que acabara de sair do banho, me disse “O que adianta ter um cachorro se ele não é bonito?”. Para ele os cães devem ser “bem tratados”, a fim de que sua pelagem seja bela e exuberante. Aqui está uma indicação de que a estética pode estabelecer distâncias entre

¹⁴⁴ Propaganda de uma empresa que oferece o produto.

cães de donos de classe alta e os de outras classes na visão de profissionais do mercado e dos consumidores desses serviços.

*Saúde*¹⁴⁵

Os produtos que objetivam cuidar da saúde animal são de ampla variedade, e podem ser encontrados com mecanismos de ação distintos ainda que possuam a mesma finalidade. O mercado é diversificado, e os produtores com os quais conversei ressaltaram a importância de ter uma abordagem diferenciada, sendo que um produto não precisa ter todas as qualidades que têm os outros, mas sim uma que faça os consumidores o preferirem. Os anti-pulgas, por exemplo, podem ser encontrados em gotas; em coleira; em pastilha; em talco; em spray; com diferentes tempos e modos de ação e proteção. Alguns matam as pulgas a partir da picada, outros pelo contato, outros ainda oferecem modos de ação seguros para o contato canino com os humanos.

Os remédios são disponíveis tanto em alopatria quanto em homeopatia, para os mais diversos tipos de doença¹⁴⁶. Os florais encontrados oferecem benefícios terapêuticos, como tratamentos para agressividade, aversão a crianças, ansiedade, carência, síndrome do abandono, indisciplina, medo, tristeza, depressão, auxílio no equilíbrio das emoções, no desenvolvimento de “força de vontade” e no aprendizado, dentre outros. Esses florais tratam a saúde canina não apenas como biológica mas também como emocional.

Ademais dos medicamentos, existem produtos relativos a saúde como anti-calos; produtos de saúde bucal como escovas, gel, creme dental, desodorizador e solução de higiene oral para colocar na água do cão, que retarda a formação da placa bacteriana e combate o mau hálito; luvas para coxins que protegem e são antiderrapantes; repelente de insetos; protetor solar¹⁴⁷, aparelho para realibitação canina que o auxilia a andar; desencorajador de automutilação e vacinas¹⁴⁸.

¹⁴⁵ Sobre a medicina veterinária e sua expansão, dois autores podem ser consultados, Segata (2012a) e Pastori (2012).

¹⁴⁶ Entre os remédios homeopáticos, podemos encontrar soluções administráveis em cães e gatos para o tratamento de patologias hepáticas, icterícia, intoxicações, insuficiências cardíacas, dilatações, hipertrofias, disritmias, taquicardia e suas consequências pulmonares, como edema e tosse, para tratamento e prevenção de giardíase, coccidiose, e dirofilariose.

¹⁴⁷ Noto que alguns desses produtos, como repelente de insetos e protetor solar, podem conter em sua fórmula agentes que abrilhantam ou hidratam o pêlo, oferecendo assim “benefícios” estéticos.

¹⁴⁸ Algumas das vacinas encontradas são contra adenovírus tipo 2, vírus parainfluenza, parvovírus, leptospira e coronavírus, além das vacinas que normalmente todos os cães recebem contra a cinomose e a raiva.

Banhos terapêuticos com ervas, cromoterapia, acupuntura, terapia holística, massagem oriental, reiki, aromaterapia, banhos energizantes, fortificantes, purificantes ou relaxantes e diagnóstico radiestésico são também encontrados para os cachorros de estimação. Serviços como resgate veterinário feito por uma U. T. I. móvel equipada com aparelhos e médicos veterinários a disposição e planos de saúde também são fornecidos.

São encontrados ainda produtos para quem convive com os animais, como o “free&clear”, de uso tópico em cães e gatos. Ele é utilizado em animais que convivem com pessoas alérgicas a eles, e partem do princípio que a alergia é provocada por fragmentos de pele, saliva e/ou urina dos mesmos. O “free&clear” promete hidratar a pele e os pêlos dos animais, remover sujidades e detritos da pele, como restos de saliva e urina, e aumentar o peso das partículas que se desprendem dele, impedindo que estas flutuem pelo ambiente, ajudando assim a diminuir a alergia.

Comportamental

Há alguns produtos desenvolvidos para mudar o comportamento animal, além dos citados anteriormente. As loções de educação, por exemplo, são feitas para ensinar cães e gatos a não fazer suas necessidades em lugares indesejados e a não morder ou lambem objetos inapropriados¹⁴⁹. Existem também loções que comprometem-se a fazer o animal evitar os ambientes nos quais elas forem aplicadas, utilizadas no “início” da educação do cão para fazê-lo entender por quais espaços ele pode circular.

Outros produtos, como o *stress away*, de ingestão, são vendidos com a propaganda de que farão os animais terem uma interação melhor com as pessoas, deixando o animal menos agitado e mais propenso a coabitar com humanos e a se adaptar novos ambientes. Certos florais têm a finalidade de adaptar o animal para certas circunstâncias, como tratamentos para aceitação de um novo animal, adaptação a um novo lar ou diminuição da agitação¹⁵⁰.

O mercado pet oferece também produtos para promover o “equilíbrio comportamental” da fêmea, principalmente no período do cio, através da absorção de seus odores para diminuir o assédio dos machos. Ainda que o produto modifique o

¹⁴⁹ Elas são muito utilizadas em sofás e chinelos.

¹⁵⁰ Há também um produto específico para gatos que ajuda na adaptação dos felinos a novos ambientes. Esse produto é um hormônio próprio dos gatos, que eles soltam quando se sentem confortáveis com lugares ou pessoas, fabricado industrialmente. Dessa forma, o gato reconhece o hormônio onde foi aplicado e isso o faz ficar tranquilo. Segundo a empresa fabricante, tal hormônio não afeta seres humanos.

comportamento dos machos ao eliminar o odor da fêmea, a propaganda é feita pela promessa do equilíbrio comportamental da cadela. Parece que é ela que precisa ser “equilibrada”. Esta é uma forte indicação de que no mercado pet, ou pelo menos em parte dele, se reproduzem as ideologias de gênero da sociedade que o fabrica. São as fêmeas que devem ser controladas ou modificadas para não “causarem” comportamento masculino indesejado.

Além dos produtos que interferem no comportamento canino, um serviço bastante utilizado é o adestramento, a fim de que os cães sejam obedientes¹⁵¹.

Serviços

Os serviços disponíveis para pets e seus donos também são amplos. Além dos tradicionais banho e tosa e outros serviços de estética, há dog walkers, que passeiam com os pets; taxi dog; hotel; hospedagem para pets em casas de pessoas que se dispõem a cuidar deles, com contratação em sites nos quais se procura por região os cuidadores disponíveis; creche; day care; pet play em apartamento; serviço de fotografia especializado em pets; portais de compras coletivas de produtos para animais de estimação; adestradores; psicólogos¹⁵²; “seu pet com sobrenome”, serviço que registra em cartório certidões de batismo, nascimento e casamento de pets; academia para cães; turismo especializado no qual os animais de estimação acompanham os donos em passeios ao ar livre, como trekking, caminhadas, rafting e passeios de barco; velório, cremação e enterro de pets; festas de aniversário e de casamento; buffes especializados em quitutes caninos; planos de saúde; asilos, entre outros.

Os serviços variam enormemente em seus preços. Há os serviços mais comuns,

¹⁵¹ Existem ainda produtos diversos para os pet lovers, nome que o mercado dá aos amantes de animais de estimação. Eles podem ter estampas de cães, gatos, tigres e outros animais, dizeres que demonstram afeto a eles, como uma pulseira com os “mandamentos dos animais” - amar, cuidar, respeitar, vacinar, castrar, alimentar, não abandonar. Esses produtos podem também ser específicos de raças. Há brincos, colares, pulseiras e pingentes com formatos específicos de raças de cães e gatos, inclusive desses animais cadeirantes, além de imagens de cavalos, tartarugas e roedores. Outra forma de apresentação dos produtos para pet lovers são aqueles que podem ser personalizados com a imagem do seu animal de estimação, como chinelos, canecas, mouse pads, roupas, bolsas e travesseiros. Entre os produtos para pet lovers estão chaveiros, aventais, camisetas, bolsas, carteiras, enfeites, copos, tábuas, calendário, luminárias, fones de ouvido, capas de celular, esculturas, jóias e simijóias, porta copo, porta retrato, guarda-chuva, garrafas, materiais de escritório, lixeiras, capas para laptops, entre muitos outros. Basicamente consistem em produtos de uso humano com estampas de animais não humanos ou de formas que os lembrem.

¹⁵² Embora exista até mesmo clínica de psicologia canina, psicólogos usam esse nome como nome de mercado e não como indicação “científica” de graduação, pois segundo a palestra do dono de uma clínica não há uma formação que permita profissionalmente sua atuação se intitular de “psicologia”. Seu trabalho consiste em adestrar cães com “problemas comportamentais” levando em consideração suas características e comportamentos naturais.

como banho e tosa, que as pessoas com as quais trabalho nas pet shops contratam, muitas vezes junto de hidratações e de outros serviços estéticos. Entretanto, serviços como buffets e passeios de turismo são mais custosos e mais raros de presenciar o seu consumo. Noto ainda que não só nas pet shops e nos centros de estética serviços são oferecidos – há uma ampla gama que é fornecida fora desses locais. Os serviços de televisão por assinatura para cães, por exemplo, é contratado e utilizado diretamente na internet. Os de fotografia, geralmente são feitos em estúdios fotográficos ou ao ar livre em ambientes que lembram a natureza. Os de turismo, por sua vez, são contratados em empresas especializadas e realizados em viagens ou em atividades ao ar livre¹⁵³.

3.5 Humanização x Antropomorfização

O mercado pet aparece em algumas considerações antropológicas. Nelas, ele exerceria um papel fundamental na concepção de cães, pois com o seu impulso, tais animais seriam humanizados, descaracterizados do que lhes remete ao mundo animal, e reconfigurados a partir de semelhanças forjadas aos seres humanos (A. ALMEIDA, 2011). Assim, cães com pêlos tosados e seus corpos cheirosos teriam sua animalidade amenizada (SEGATA, 2012a).

Há quem afirme que o dinheiro permite um “estilo de vida humanizado dos pets”, sendo esses animais sujeitos do mercado (PASTORI, 2012, p. 52), em uma relação na qual “quanto maior é a paixão pelos animais de companhia – quanto mais intensa a paixão animalitária –, mais elevado é o investimento econômico a eles destinado” (PASTORI e MATOS, 2015, p. 9).

Para Osório (2016), o mercado estimula a antropomorfização dos animais. Isso seria feito através de alimentos em formatos de comidas humanas, por exemplo. Mais especificamente que antropomorfizar, o mercado pet alimentaria a representação de

¹⁵³ *Serviços para pet shops ou para funcionários do setor*

Para as pessoas que querem entrar no ramo pet, são oferecidos cursos de variados tipos: para quem quer montar um negócio próprio; trabalhar em pet shop; ser tosador; ser auxiliar veterinário; até mesmo curso de noções básicas de produtos pet para auxiliares de limpeza de pet shops. Aos que já estão no universo pet, há cursos de gestão, marketing, e de especialização em serviços.

Para as pet shops existem os serviços de locação de toalhas esterilizadas, “poderosa ferramenta de divulgação do seu estabelecimento, pois os donos de animais de estimação estão cada vez mais exigentes”; plataforma de vendas online que reúne instrumentos e produtos para veterinários e pet shops; softwares úteis na área; e seguros especializados em pet shops e clínicas veterinárias, que podem contar com hotéis para os animais em caso de sinistro do local assegurado.

animais de estimação como crianças, através produtos tipicamente infantis, como brinquedos e guloseimas, e ao mesmo tempo em que se basearia nela. A mesma autora, a partir de Sahlins, argumenta que a racionalidade é acompanhada do código cultural na elaboração de produtos como cervejas e ovos de páscoa, e afirma que “por trás da produção não está uma eficiência material racionalizada (como a indústria de pet food gosta de fazer parecer), mas uma intenção cultural” (OSÓRIO, 2016, p. 12). Em interpretação semelhante, Barreto (2015, p.38) acusa produtos de serem advindos de necessidades subjetivas humanas mais que do que de sua utilidade ligada ao bem estar físico e emocional dos pets, em uma lista que engloba roupas, adereços coloridos e calçados.

Mas se o mercado pet é acusado de estimular ou fazer florescer a humanização ou ainda a antropomorfização animal, devemos nos perguntar, o que é *humanização*? E mais, o que seria a *antropomorfização* animal?

Na literatura antropológica brasileira, os trabalhos apontam para a “humanização” e/ou “antropomorfização” animal. Isso ocorre, entretanto, sem delinear suas distinções e limites.

Em fragmentos espalhados por seu trabalho sobre a medicina veterinária, Segata (2012a) aponta distintas situações ligadas à humanização dos animais de estimação, embora sem defini-la. O autor opta por não aprofundar a discussão nesse assunto, mas fala da humanização dos cães como o “estender-lhe um pouco do nosso algo a mais”, o “ver o animal como um ser singular, dotados de qualidades particulares, diga-se subjetivas, experienciais” (SEGATA, 2012a, p. 113). Mais adiante, diz que “cães e gatos são “outros humanos” porque compartilham dos nossos estilos de vida, nossos hábitos alimentares ou nossas doenças” (*ibidem*, p. 157) e destaca a maneira como cães são “tratados como humanos, convivendo nos mesmos lares, usando as mesmas roupas ou compartilhando diagnósticos e tratamentos médicos em favor da saúde e estética dos animais” (*ibidem*, p. 36).

Nessa interpretação, a humanização dos animais traz investimentos emocionais e financeiros e cria novas realidades. A partir dela, surgiram problemas de saúde que até pouco tempo eram apenas humanos, como depressão, câncer e problemas nos rins (*ibidem*, p. 86). Por acompanhar a prática de médicos veterinários e o dilema de donos com cães doentes, Segata aponta uma das situações de seu campo que acredita contribuir para a humanização dos pets: “Os medicamentos veterinários também não são baratos, as rações, as vacinas, tudo isso ajuda a compor o tamanho da humanidade desses animais.

A questão era - até onde pagar pela vida do animal (ou para ele não ser simplesmente um animal)?” (*ibidem*, p. 107-108). Parece-me que para o autor humanizar o cão é aproximá-lo ao humano em distintas esferas, em uma associação sem igualdade. Segundo ele, sem a correção das pulsões naturais dos cães, a sua humanidade seria diluída. A medicina e seus tratamentos entrariam então na intermediação entre ambas as espécies, facilitando a relação que o autor denomina de amizade (*ibidem*, p. 150). Ao fim, ele sugere que talvez o modo mais apropriado para tratar da questão seja falar da personificação dos animais ao invés da sua humanização (*ibidem*, p. 159).

Pontos semelhantes são ressaltados por Pastori (2012) que, por sua vez, investiga a saúde e qualidade de vida dos animais de estimação. Em sua argumentação, a autora dialoga acerca do processo que diz ser recorrentemente chamado “humanização dos animais”, no qual estes passam “por uma modificação de estatuto... sendo transformados em sujeito na relação com os humanos”(PASTORI, 2012, p.3) e lhes é realçada a semelhança com seus donos (*ibidem*, p.12). Aqui também é defendida a relação entre a humanização dos pets e a medicina veterinária, pois em sua visão o crescimento da medicina veterinária e de suas especialidades integra o processo de humanização de tais animais.

Se sua interpretação inicial da humanização dos animais lhe fazia entendê-la como a acentuação de semelhanças entre humanos e seus animais de estimação, apontando a filhotização e a geriatria dos pets como traços dessa mudança de estatuto, a autora percebe ainda que essa mudança não se trata apenas de apontar semelhanças, mas sim da produção de um animal idealizado, que proporciona a seus donos algo que os humanos não seriam capazes de oferecer, o amor incondicional. Nesse sentido, os animais não humanos seriam mais “acabados” que os próprios humanos.

A aproximação dos outros animais que não humanos com a nossa espécie é ainda destacada por Osório. A autora afirma que há diversas maneiras de humanizar o animal, como a imputação de sentimentos humanos a ele (OSÓRIO, 2011b, p. 15); a atribuição de parentesco com humanos (*ibidem*, p. 3); e até mesmo o fato dele ser animal *de estimação*¹⁵⁴ (*idem*, 2010, p. 245). Lembra ainda que não são apenas os animais no âmbito da casa que são humanizados, retomando o trabalho de Dantas que mostra a humanização de porcos criados para o abate em sítios rurais. Osório nota que ao mesmo tempo em que se humaniza os animais, estes são também animalizados por sua irracionalidade (*idem*,

¹⁵⁴ A autora refere-se a gatos no trecho: “é também um animal de estimação e, portanto, humanizado” (OSÓRIO, 2010, p. 245).

2011b). Não haveria simetria entre humanos e animais para a autora, porém uma tensão entre “animal” e “humano” enquanto categorias de pensamento: “Só humanizamos aquilo que não consideramos humano... Como, então, posso dizer que os sujeitos pesquisados humanizam os gatos? Faço-o na medida em que percebo que eles não vêem os gatos como humanos, mas como animais.” (*ibidem*, p. 15-16). Outra sugestão da autora aponta para a mudança na relação humana com a natureza, pois afirma que antigamente o contato com animais de estimação era potencialmente perigoso em nos animalizar, o que seria decorrente do temor da natureza, enquanto atualmente o controle da mesma nos permite ver tais animais como humanizados (*idem*, 2010, p. 242-243).

Em um artigo mais recente, Osório (2016) passa a falar da antropomorfização de animais de estimação, a qual receberia contribuição do controle humano sobre eles. Esse seria um fenômeno complexo, presente em situações distintas, dentre as quais Osório destaca três: a infantilização animal, o consumo de produtos análogos aos consumidos por seres humanos, com atenção especial à fase da infância, e o pet enquanto família. A indústria pet é aqui apontada como um fator contribuinte para essa suposta antropomorfização ou ao menos em diálogo com ela.

Para Oliveira (2006, p. 27), a humanização dos animais surge “ao colocá-los no interior de nossas residências, individualizá-los com nomes próprios, ... reservar um espaço destinado à “casinha do cachorro” onde ele possuirá cama própria, casas ..., além de utensílios como pratos, brinquedos e petiscos”, sendo composta por diferentes ações que englobam a individualização animal, a sua alocação no interior do lar e o consumo fornecido pelo mercado pet.

Outra forma de humanização dos animais é nos dada por Barreto (2015). Em ambiente rural, o autor aponta sua existência em vias distintas das dos ambientes urbanos citados acima. Em seu campo, a “humanização dos cães existe na medida em que estes atuam de modo similar ao ser humano, executando as mesmas tarefas, e na medida em que as pessoas envolvidas esperam uma conduta que difere bastante da dos outros animais” (BARRETO, 2015, p. 50). Os cães a que se refere são cães de trabalho, que atuam como campeiros e auxiliam os humanos em seus afazeres. Diferente dos outros estudos, aqui o cão é espacialmente livre e mais independente, tendo porém responsabilidades.

Barreto faz também outras sugestões. Para ele, “o animal doméstico é, por definição, diferente do selvagem. Ao se romper com o selvagem, rompe-se de certa forma com o não-humano. Ao trazer um animal para o âmbito doméstico, humaniza-se ele, em

relação ao seu análogo não domesticado” (*ibidem*, p. 14). Assim, apenas o fato de se tratar de um animal doméstico seria o suficiente para existir um grau de humanização. Ademais, a extensão de direitos aos animais seria uma faceta de sua humanização (*ibidem*, p. 40).

Assim, vemos que a humanização animal é composta por diferentes esferas e possui sentidos distintos para os trabalhos citados acima. Mas o que significa humanizar? O dicionário Houaiss apresenta três definições¹⁵⁵, as quais relato a fim de facilitar a discussão a seguir:

1. tornar(-se) humano, dar ou adquirir condição humana; humanar(-se)
2. tornar(-se) benévolo, ameno, tolerante; humanar(-se)
- 2.1. tornar(-se) mais sociável, mais tratável; civilizar(-se), socializar(-se)
3. amansar (animais); domar

Se nos voltarmos para a primeira definição e interpretarmos a humanização não como o tornar humano mas como dar a condição humana aos animais, justifica-se a *humanização* pela individualidade do animal, pelo seu ser sujeito, por suas qualidades subjetivas, fatores que levam autores a apontá-la. Afinal, Ingold (1995) nos mostra como a condição humana do ser, condição oposta à animalidade das outras espécies, cujas condutas na visão ocidental não contam com a deliberação racional, constrangimentos morais ou a regulação de seus costumes, mas sim são resultado de um programa comportamental, é estendida a cães e gatos domésticos, a quem atribuímos propósitos e intenções. Dessa forma, dividiríamos com os cães de estimação características tipicamente humanas.

A concepção de cães como seres sujeitos pode, não obstante, ser interpretada de outra forma. Pinto (2016a) a entende como condição que confere o estatuto pet ao cão. Trabalhando com animais para adoção, a autora mostra como a construção do animal enquanto sujeito pessoalizado seria de extrema importância para que cães pudessem se tornar pets. Oliveira (2006) também fala em tratar os animais como pessoas, seguindo a noção de Mauss que interpreta pessoa como um ser social regulado por normas de conduta. A utilização da noção de pessoa para referir-se a animais propõe uma outra forma de interpretar o fenômeno pet, que justifica-se também em meu campo, onde cães de estimação são pessoas no sentido descrito. Gostaria, entretanto, de apresentar a definição de mais um termo para argumentar a respeito das relações entre humanos e cães. Trata-se da antromorfização.

¹⁵⁵ Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-2/html/index.php#1>. Acesso em 28/07/2017.

Antropomorfizar, segundo o Houaiss, significa “atribuir a (algo) ou adquirir forma ou características humanas”¹⁵⁶. Visto que essa definição não implica na atribuição de características exclusivamente humanas, compreendo que estas podem ser presentes em outras espécies animais. Antropomorfizar cães de estimação foi durante minha pesquisa categoria de acusação entre colegas antropólogos de outras áreas, porém creio que ela oferece uma alternativa que mais se adequa à situação estudada por mim em São Paulo.

Se antropomorfizar pode ser entendido como o atribuir características humanas a algo, acredito que o reconhecimento dos donos de características como capacidade de sentir, pensar, se expressar e outras apontadas no segundo capítulo dessa dissertação nos cães de estimação é melhor definido pela antropomorfização animal do que pela humanização animal. Eles atribuem aos animais essas características tipicamente humanas, mas os fazem por reconhecê-las nos pets, e não aleatoriamente. Prefiro antropomorfização à humanização dos animais por acreditar que nesse contexto, não se dá a condição humana aos animais, mas sim se reconhece que essas características não são apenas humanas, ainda que esta palavra e/ou definição não sirva com perfeição a todas as características dessa relação. A sua escolha é uma tentativa de desantropocentrizar a relação com os pets e a sua própria percepção. No campo estudado, a palavra humanização é evitada por donos de cães, pois remete à ideia que estes animais são tratados a partir de concepções errôneas que atribui a eles características exclusivamente humanas que não seriam existentes em outros animais. É uma questão de concepções acerca das espécies. Entende-se que não precisamos “humanizar” os animais para enxergá-los enquanto sujeitos, pois mesmo longe do contato com humanos, eles ainda o são. O dividir de características entre as espécies está presente no entendimento das pessoas com as quais trabalho, sem no entanto borrar a distinção entre ambas as espécies. As fronteiras entre cães e humanos são turbulentas apenas quanto ao grau de desenvolvimento dessas características, mas não em sua existência.

Disso derivam outras análises. O tratar como humanos, investindo em sua saúde, comprando-lhe produtos, colocando-os em âmbito doméstico ou simplesmente estimulá-los não seria, portanto, nem antropomorfização nem humanização, se esta fosse entendida enquanto o forjar de características humanas. Digo isso seguindo também um discurso nativo de que tratar os pets de forma semelhante aos humanos não é humanizá-los, e sim fornecer-lhes o mesmo tratamento, em sua condição de cães. Os investimentos

¹⁵⁶ Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-2/html/index.php#2>. Acesso em 28/07/2017.

econômicos e emocionais nos cães e o compartilhamento de espaço fazem sentido a partir da noção dos cães como seres dignos de amor, tão cara ao grupo aqui estudado.

Ao contrário de Osório (2016), não entendo as circunstâncias que ela aponta como esferas da antropomorfização animal, a saber, o pet como membro da família, a sua suposta infantilização e o consumo de produtos destinados a animais semelhantes aos de consumo humano. O reconhecimento das mesmas características em ambas as espécies não é consequência dessas circunstâncias em meu campo, onde cães são membros da família através de conceitos que remetem ao parentesco por mutualidade do ser (SAHLINS, 2011), seguindo sua condição de animais não humanos, e a comparação e semelhança entre cães e crianças existe sem equivalências e com restrições mais que igualdades. Sobre o consumo de produtos animais similares aos humanos, como *snacks* em formatos de guloseimas humanas, para meus interlocutores eles não agradam aos cães pela forma mas pela composição e não borram os limites entre cães e humanos, apenas servem para fornecer ao dono a oportunidade de compartilhar algo com o cão, ainda que apenas no formato, ou mesmo dar a ele algo “bonitinho”.

Algo diferente ou além da antropomorfização ocorre quando ademais de reconhecermos características tipicamente humanas nos cães, compartilhamos com eles nossos estilos de vida e fazemos com que vivam de acordo com situações que nós lhe atribuímos (e que recebem sua aceitação). O exemplo de Barreto (2015), em que cães são coagidos a atuar da mesma forma que humanos, ilustra uma situação em que há a interferência no comportamento animal. Se chamarmos de humanização a maneira de viver imposta aos cães ou construídas junto a eles baseadas neles próprios e nos humanos, e não as semelhanças entre as espécies, podemos inferir que, uma vez que a maneira de viver estendida a eles é uma alternativa de vida não selvagem, a humanização seria outra palavra para a domesticação e seus frutos diretos. Humanização seria, nessa interpretação, definida pelos itens 2.1 e 3 do dicionário: tornar(-se) mais sociável, mais tratável; civilizar(-se), socializar(-se); amansar (animais); domar. Consequentemente, as interferências nas pulsões animais seriam formas de domesticação, adequando os pets à rotina interespecies e ao que esperamos deles, sem esquecer que eles contribuem para delinear a relação em graus variados de acordo com a relação estabelecida.

Com essas distinções em vista, seguiremos para a análise do mercado pet¹⁵⁷.

¹⁵⁷ Sobre a humanização decorrente do direito de não violência apontada por Barreto (2015), acredito que não se trate de humanização especificamente, mas sim seja decorrente do lugar do animal no sistema de classificações humano que define as relações sociais para com cada espécie. Desta forma, cães e gatos são

3.6 Para que(m) servem os produtos e serviços

O Brasil ocupa uma posição importante no cenário pet mundial, tanto em população de animais de estimação, quanto em participação no mercado. Temos um lugar de destaque que nos faz ser destino de empresas estrangeiras, para quem o mercado pet brasileiro é tão forte que, mesmo que o país passe por uma fase de controle de gastos, os investimentos são válidos¹⁵⁸. E não apenas somos importadores, há empresas brasileiras nos 5 continentes. Companhias nacionais e estrangeiras oferecem hoje ampla variedade de produtos e serviços para os consumidores. É interessante refletir acerca do recebimento e percepção dos donos a respeito do que lhes é ofertado, o que pode oferecer indícios de como o pet e a relação humana-canina são entendidas.

Alguns produtos e serviços, como a unha de silicone que se coloca nos animais para que eles não arranhem e conseqüentemente não estraguem objetos e móveis, a castração, que além de seus objetivos vinculados à saúde, acalma o animal, e o free and clear, que ajuda a diminuir a alergia nos humanos por aumentar o peso das partículas no corpo dos cães, são exemplos de modificações externas e internas ao corpo canino que o mercado pet fornece para que a sua convivência conosco seja facilitada. A facilitação dessa convivência também é proporcionada por outros produtos sem a modificação do animal, como as loções educativas, os sanitários e as coleiras, por exemplo. A própria ração auxilia esse convívio pela praticidade de oferecer ao cão um alimento sem ter que se preocupar com a dieta nutricionalmente adequada a ele e com o preparo do mesmo.

Parte do mercado dedica-se à higiene do animal, sendo essa uma questão que aparece fortemente em campo. Há pessoas que só andam com os seus animais em carrinhos de bebê para que eles não se sujem, ou que não querem compartilhar determinados espaços, como cama e sofá, se o cão não estiver limpo. Ela delimita não apenas os espaços compartilhados por animais e humanos no discurso de seus donos, mas também é motivo para coibir a circulação em locais de dupla circulação, como shoppings nos quais cães são proibidos na praça de alimentação. Por vezes, nem a limpeza é suficiente para dissolver a barreira que a questão impõe - seu papel na fronteira entre humanos e animais é de extrema importância. Mary Douglas (1976) mostra como a

tratados como pessoas enquanto vacas e porcos são objetificados (FERRIGNO, 2011). Lembro que nem todos os humanos são culturalmente entendidos como passíveis da não violência, havendo portanto diferenciações dentro da mesma espécie.

¹⁵⁸ Mesmo diante da “crise” econômica que o país enfrenta, ele não diminuiu seu faturamento, ainda que seu crescimento tenha sido afetado.

sujeira é a falta de ordem, um produto da classificação e ordenação das coisas, que expressa uma visão sobre a ordem social. Assim, nossas ideias de impureza, além de estarem relacionadas à patogenia, são expressões de sistemas simbólicos.

A fronteira entre humanos e animais com relação à higiene não é clara nem igual para todos, há pessoas que dividem alimentos com os cães uma mordida de cada vez e outras que consideram isso anti-higiênico, assim como dividir o sofá ou dormir na mesma cama. Seguindo as argumentações da autora, que mostra como a rejeição à impureza é feita com qualquer coisa capaz de confundir ou contradizer as classificações ideais, os comportamentos que utilizam da higiene para estabelecer delimitações da proximidade com os cães expressam em que medida eles são aceitos na ordem social. Mas para os que a questão de higiene não causa barreiras intransponíveis, como os meus interlocutores, o mercado voltado à higiene e limpeza do pet e do ambiente em que ele vive ajuda na sua superação, assim como o segmento voltado à saúde. Não se divide a cama com um cão cheio de pulgas, porém é possível fazê-lo passar por uma assepsia que o tiraria dessa condição ou ainda medicá-lo para não permitir que ela ocorresse.

Encontramos ainda produtos que modificam a natureza do animal, ou seu jeito de ser/estar, apenas pela estética. Sapatos caninos adquiridos para dar um “charme” especial ao animal, com fim puramente estético, não deixam que as unhas e as patas do cão entrem em contato com o solo, o que seria necessário para o desenvolvimento saudável do pet, modificando assim seu corpo e sua aparência¹⁵⁹. As promessas de deixar o animal mais “bonito” são a base da parte de estética do mercado. Entretanto, há pessoas que consomem tais produtos e serviços, outras acreditam que eles atrapalha a vida do cão e satisfazem apenas a vontade dos donos. As opiniões são divididas mesmo entre os profissionais do ramo pet –a maioria dos profissionais de mercado encontrados, de distintos segmentos, acredita ser judiação com o animal e falta de bom senso do dono a pintura de seu pêlo, já outros poucos a consideram interessante e financeiramente atrativa.

O mercado oferece também serviços que dialogam com o amor humano ao animal. Alguns por estender a eles ocasiões tipicamente humanas, mas que dividem opiniões por serem considerados serviços para o bem estar humano e indiferente ao animal. O serviço de registro em cartório de nascimento, batizado ou casamento do animal de estimação é

¹⁵⁹ Sapatos caninos são criticados em grande escala por donos e veterinários. Em apenas uma situação ele é amplamente aceito: quando o pet caminha no chão quente, o que não é uma situação ideal, e sim válida apenas aos que não possuem condições de levá-lo a passeio em outro horário. Assim, não passear é pior do que passear sem desgastar as unhas.

um exemplo¹⁶⁰. Os serviços funerários, crescentes no mercado brasileiro, estendem aos cães os tratamentos dados aos humanos após a morte e permitem também a manutenção do vínculo com o animal mesmo depois de sua vida, pois os donos recebem as cinzas dos cães, as quais podem receber diferentes destinos, ou podem visitá-los nos cemitérios. Esses serviços, entretanto, são para o conforto dos humanos. Nesse ponto, é necessário lembrar que

O consumo em si faz parte da necessidade social de se relacionar com outras pessoas e ter materiais para mediação desta relação social. Partindo do pressuposto de que os bens são usados como meios de comunicação, a análise do consumo é feita através de sua dimensão simbólica e social e o foco central passa a ser a forma como este ritual permite aos indivíduos a criar e manter experiências sociais através de trocas entre si. (BOTTON, 2012: 12)

Dessa maneira, os produtos que os aproximam de nós, as vestes de natal e os ovos de páscoa, assim como os outros produtos do mercado pet, são consumidos como uma forma de mediar a relação que estabelecemos com eles, de modo também simbólico além do funcional. Nesses últimos casos, o afeto canino destinado aos humanos é respondido com o consumo de produtos que podem ser entendidos como demonstração de amor, mesmo que ela não seja destinada a ele. Sabe-se que eles não entendem o que é o natal, mas donos acham importante incluí-los nas celebrações que fazem parte de suas vidas. Não é a consciência canina do natal que está em jogo, mas sim a satisfação de dar um presente ao cão e de demonstrar, ainda que para eles próprios, a importância atribuída ao pet. Ademais, é uma forma de mostrar aos outros humanos a relação de afeto mantida com os cães.

Dentre os motivos principais para induzir o consumo de algum produto ou serviço do mercado pet estão a facilitação da vida humana, que já foi abordada, a felicidade que eles podem proporcionar ao pet ou o bem que fariam para sua saúde, ambos voltados aos animais. As três propostas comumente estão interligadas e conjuntamente presentes.

Snacks e brinquedos, por exemplo, são adquiridos com objetivo de “fazer o pet feliz”. Dentro de ambas as categorias, há produtos que apresentam semelhanças aos de consumo humano. Os distintos formatos de alimentos específicos ou produtos mastigáveis que seguem esse conceito merecem atenção. A acusação de que eles alimentam a representação de cães como crianças não encontram fundamento no campo aqui pesquisado, nem a de não possuírem eficiência material racionalizada mas apenas

¹⁶⁰ A propaganda diz que com o serviço você pode “adotar oficialmente” o animal, mesmo que o documento não tenha validade para nenhum fim a não ser a satisfação do dono. A expositora da marca me disse que os criadores tiveram a ideia de oferecer esse serviço por perceberem que os animais estão sendo tratados muito bem, e que “tem gente que paga de tudo para demonstrar o amor pelo animal”.

intenção cultural quando falamos de alimentos específicos. Os formatos utilizados não são exclusivos de crianças, em fato, coxinhas, brigadeiros e muffins são amplamente consumidos por adultos no dia a dia. A cerveja e o vinho, então, são restritos a maiores de idade. Os alimentos específicos estão em quantidade muito expressiva no mercado, inclusive com tais formatos. A cerveja, por exemplo, é feita com malte e produz efeitos positivos para os rins dos cães. Consequentemente, o formato e a embalagem são resultados de um código cultural, mas a tecnologia e a ciência também estão presentes no produto. Vale lembrar que os produtos mastigáveis possuem tanto formatos caninos quanto humanos, não sendo a forma o critério para a decisão da categoria em que se enquadra¹⁶¹.

Os brinquedos, por sua vez, apresentam diversidade ainda maior. Dentro deles há aqueles pensados para lidar com os instintos da espécie a qual se destinam. Há ainda os brinquedos que visam diminuir o estresse animal. Adquiridos por alguns donos e centros de cuidados com cães, como creches, tais brinquedos não apenas em teoria alegam os animais mas lidam com os instintos que eles desenvolveriam na vida selvagem porém são privados por conta da domesticação. O proprietário de uma marca de “brinquedos inteligentes” apontou-me o seguinte: as pessoas ficam preocupadas com os animais nos zoológicos mas não têm consciência de que a vida dos animais de estimação em geral é muito mais estressante. Isso porque no zoológico os veterinários dariam formas de estímulos aos animais que se assemelhariam à sua vida instintiva. Já os pets sofreriam por terem que se adaptar à vida humana sem que fossem consideradas suas necessidades naturais. Dentre os brinquedos que agem dessa forma, estão bolas que soltam grãos de ração à medida que o cão a rola, que ao mesmo tempo em que proporcionariam o bem estar animal, ajudariam na contenção de energia em situações inadequadas. Como em outros produtos do mercado, podemos ver finalidades distintas e benefícios em diferente esferas, em produtos idealizados a partir de características caninas.

Na esfera da saúde animal, a medicina veterinária fornece uma série de prevenções e curas para os cães de estimação. Vacinas, remédios, diagnósticos e tratamentos oferecem a possibilidade de um maior cuidado com o pet, que pode não apenas melhorar a qualidade de vida do pet como prolongá-la. Como mostraram Segata (2012a) e Pastori

¹⁶¹ A ideia de que os alimentos com formatos humanos afastam a ideia de oferecimento de comida industrializada aos pets não se verifica no presente campo, pois os formatos encontrados são de alimentos industrializados também para humanos, a não ser poucos que lembram “comida”. Nesse caso, entretanto, a artificialidade é tão alta que não há espaço para essa interpretação, pois é perceptível que o material é o mesmo dos ossos comuns de rawhide.

(2012), a área apresenta acentuada expansão e segue um processo de tradução da medicina humana para a veterinária nos moldes de Latour (PASTORI, 2012, p.3). O que encontrei em campo, entretanto, permite-me afirmar que tal expansão não é feita apenas da tradução da medicina humana para a veterinária, mas também de avanços que não encontramos para a nossa espécie. Atualmente, laboratórios de medicamentos por vezes oferecem produtos em seu discurso mais avançados que os de uso humano, como certos medicamentos para a doença de Alzheimer. O avanço da área de saúde animal não é visto apenas em medicamentos e tratamentos, pois a área de alimentação vem contribuindo para a manutenção de uma saúde saudável com os alimentos completos que possuem ingredientes funcionais.

A proposta usualmente é feita através de ingredientes que retardariam o aparecimento de problemas no funcionamento do corpo, como incentivos para articulações saudáveis e ossos fortes. Contudo, vai-se além. Uma das grandes empresas de ração anunciou na Global Pet Expo um alimento que possui essa proposta com um mecanismo de ação interessante. O representante da marca disse-me que cientistas rastrearam as mudanças genéticas que ocorrem nos cães mais velhos, e conseguiram materializar uma composição que reverte a genética deles para a de cães mais novos. Dessa forma, os sintomas da velhice seriam revertidos e os cães se sentiriam mais novos¹⁶². O mesmo mecanismo poderia ser utilizado em humanos, mas não o é porque teríamos que comer a mesma composição sempre. Assim, ultrapassa-se a tradução.

Ressalto aqui algo que Kulick (2009) já apontou em seu estudo sobre o mercado pet e cães obesos – é vantajoso para o mercado oferecer formulações de rações que dialogam com o bem estar animal. Se no começo da venda de rações foi necessário criar uma demanda já que nenhum dono considerava a ração necessária, visto que a alimentação era feita de outra forma, agora que a demanda está consolidada o incentivo a compra é feito em forma de promessas benéficas à saúde animal, além da praticidade. Rações “científicas” possuem um valor elevado quando comparadas às simples, pago por quem a compra por suas propostas de longevidade, controle de peso, articulações saudáveis, e tudo que elas dizem oferecer de efeitos positivos. O mercado alimentício

¹⁶² No site da empresa, consta a informação de que por mais de uma década eles se dedicam a estudar o impacto da comida nas células de cães e gatos e através de pesquisas conseguiram rastrear as mudanças genéticas decorrentes do processo de envelhecimento. Algumas dessas mudanças estão relacionadas com processos inflamatórios, imunidades, metabolismo, reparação de dna, produção de energia, por exemplo. Assim, a formulação da ração foi baseada na pesquisa e visa além de alimentar o cão de forma adequada, combater os sintomas da velhice, que são físicos e mentais.

investe em ingredientes funcionais que os fornece alto lucro, e os consumidores compram essas rações pelas relações afetivas que têm com os animais. Em realidade, todos os produtores do ramo pet se beneficiam das vendas de seus produtos e serviços criados com destino aos cães de estimação, seja sua utilização relevante para o cão ou não.

A parte de mercado pet que dialoga com a saúde dos cães é extensa e inclui mais que o óbvio. Sendo esse um objetivo importante no discurso veterinário, ele colabora para o consumo, pois incentiva o uso de medicamentos preventivos, vacinas e tratamentos e também de produtos como roupas e cobertores para que os cães não passem frio, banhos para sua higiene, brinquedos para a saúde mental. O que poderia ser apenas acessórios para os animais, apresentam funções de bem estar. As roupas que atendem a esses quesitos não seriam advindas apenas de necessidades subjetivas humanas: capas de chuva diminuem riscos de resfriados ao caminhar na chuva, vestidos e jaquetas protegem do frio, outros modelos protegem o pêlo longo de se embolar, as roupas cirúrgicas são extremamente recomendadas para a recuperação animal. O formato e a estampa¹⁶³ são contruídos para atender desejos humanos, porém há um discurso ligado à saúde e ao bem estar animal que impulsiona o consumo desses produtos. O mesmo ocorre com carrinhos de transporte, que são condenados por muitos que consideram seu uso absurdos humanos. Eles são, todavia, defendidos por veterinários e ongs em certas situações, como no transporte de cães idosos ou com dificuldade de locomoção, a quem não se pode privar de passeios.

Se observarmos mais de perto, o mercado fornece produtos e serviços com distintas finalidades combinadas. A proposta que usualmente se sobressai é a de proporcionar o bem estar animal. Os brinquedos e snacks oferecem possibilidade de dar alegria ao animal, o manto resfriador ajuda a combater os dias de calor, as vacinas prometem livrá-lo de doenças, os hidratantes tratam a pele e os pêlos ressecados.

Ao analisar o mercado pet como um todo, percebemos que falar de acessórios caninos não é falar de apenas estética ou de subjetividades humanas não funcionais. Há uma ampla gama de produtos que auxiliam a vida canina e trazem benefícios a eles sem

¹⁶³ É importante ressaltar que o mercado fornece produtos seguindo os padrões de gênero da nossa sociedade, e que esses padrões são aceitos pela maior parte dos donos. Podemos perceber isso ao ver os produtos feitos com base nos ideais de gênero – rosa para fêmeas, azul para machos, laços para fêmeas, gravatas para machos, e assim por diante. Para as pessoas com as quais trabalho, gênero pode ser determinante nas formas de concepção animal e nas atitudes esperadas destes, e o mercado se baseia nisso para ofertar produtos e serviços. O mercado evidencia então o argumento de Mauss e Durkheim (1999) de que as classificações das coisas reproduzem as classificações da sociedade (DURKHEIM & MAUSS, 1999), pois os produtos são em parte feitos em seu molde social.

lidar com a aparência, como as escadas que facilitam o acesso a lugares altos a cães com dificuldade de locomoção e os cintos de segurança para carros. No mercado pet em geral, a funcionalidade é o que leva ao consumo. Os produtos são, entretanto, permeados pela sua estética própria, pois a forma e a estampa são cuidadosamente pensadas. Uma coleira não é apenas um instrumento de contenção, é um instrumento enfeitado. Assim, dentro de produtos funcionais, a estética tem forte presença.

A gama de objetos encontrados nas pet shops encontram respaldo na relação entre donos e seus pets, seja seu consumo motivado pelo bem ou agrado aos cães, aos donos, ou a ambos. Seu consumo, entretanto, pode gerar discordâncias não apenas entre donos de cães mas entre profissionais do setor. Há produtos que seriam adequados se utilizados para fins específicos, mas há consumidores que os empregam em situações nas quais seu uso não é benéfico, muitas vezes impulsionados pelo próprio mercado, que tenta vender independente do seu modo de uso. Os carrinhos de cachorro, por exemplo, não deveriam impedir os cães de caminharem, mas é o que acontece em certos casos.

Em minha interpretação, produtos e serviços não benéficos aos animais, como tinturas e bijuterias, não os antropomorfizam, mas mostram o controle humano sobre eles. Não acredito em sua reconfiguração animal aos moldes humanos advinda do mercado, mas sim na intervenção em suas vidas para que existam em concordância com os moldes propostos por nós, resultado de negociação entre as espécies, ainda que com diferenças de poder.

3.7 As propagandas do mercado pet

No geral, as propagandas do mercado pet evidenciam a relação de dependência do animal para com o humano e, assim sendo, um cão não pode comprar um produto ou um serviço sozinho, então precisa que o humano faça isso por ele. Estabelecida essa relação, os fabricantes apresentam a compra como demonstração de amor aos animais e do lhes querer bem. Nessa lógica, quanto maior o amor ao animal, maiores seriam os investimentos no mercado pet, aos moldes de Pastori (2012, 2015).

Na área de saúde, ressalta-se que “proteger é o seu primeiro gesto de amor” e que “quem ama, cuida”. Outros slogans dizem para os consumidores não decepcionarem seus cães deixando de cuidar da saúde deles, ou associam a felicidade à saúde: “Ajude seu amigo a ser feliz de novo. *Produto* é a primeira escolha para o alívio da dor nos cães”. A oportunidade de deixar o cão *feliz* é a mais encontrada nas propagandas do mercado

pet, em seus diferentes setores, onde vende-se prometendo um meio de agradar o animal. Um petisco não seria apenas um produto alimentar, mas uma forma de retribuição ao “amor” dado pelo animal. Podemos ver claramente propagandas que dialogam com o afeto pelos cães:

“Ofereça *produto* ao seu cão, para agradá-lo, como recompensa por alguma tarefa cumprida ou para demonstrar todo o seu carinho. De *produto* para seu melhor amigo, ele não vai esquecer dessa prova de carinho.” (propaganda de snack)

“cada peça é um carinho – com muito estilo e sofisticação” (propaganda de vestimenta).

“Seu pet é feliz? Você ama seu animal de estimação, mas realmente sabe o que ele precisa para ser FELIZ? Qualidade de vida ou bem-estar do ponto de vista científico para um animal existe quando:

1-o animal está livre de fome, sede, desconforto, dor, ferimentos, doenças, medo e estresse;

2-o animal está livre para expressar seus comportamentos naturais. Mas quais são os comportamentos naturais ou instintos básicos de um pet? Acasalamento, materno, fuga e procura por alimentos.

O comportamento de **procurar alimentos** ocupa a maior parte do tempo dos animais acordados na natureza.

[*produto*] É um recurso simples, prático e saudável para proporcionar **bem-estar físico e mental** no dia a dia dos **pets urbanos**, cuja maioria vive confinada, possui pouca atividade física e é pouco estimulada.

Excelente para evitar e minimizar problemas de saúde e comportamentais como: obesidade e suas complicações, destruição de objetos, automutilação, ansiedade por separação, latidos excessivos, ingestão de fezes, etc.

Permita que seu pet procure seu próprio alimento! É ocupacional, é prazeroso, é saudável!” [realce próprio do texto] (empresa de brinquedos categorizados como educativos, que incluem dispensers e puzzles que soltam ração).

A lógica utilizada pelo marketing das empresas, que é seguida por Pastori (2012, 2015) e Matos (2015), afirma que quanto maior a paixão ao animal, maiores os custos financeiros destinados a ele. Esse discurso é, contudo, o que o mercado vende, e não a realidade encontrada. Em meu campo, a quantidade de gastos não equivale à quantidade de amor. Supondo que essa lógica fosse verdadeira, o valor monetário poderia ser utilizado em aquisições de produtos e serviços de diversas finalidades, para agrado humano ou canino. E se o fosse para agrado humano, ele não seria medidor de afeto. O consumo do mercado, como o de luxo, pode ser uma tentativa de distinção social por meio do cachorro. Mas afeto e gastos não se equivalem por outro motivo – o afeto ao animal não é quantificável em termos econômicos. O mercado é uma das formas pelas quais o afeto é demonstrado, contudo, junto a ele há ações imateriais destinadas aos cães. Donos demonstram o seu amor ao passarem tempo com seus cães, cuidando deles, compartilhando os diversos momentos de sua vida com eles, levando-os em viagens, em passeios, dando colo, carinho, proteção e modificando sua vida de forma a adequá-la ao ter um cão. Essas e outras mais são formas de afeto¹⁶⁴.

Outro tipo de propaganda é o de anulação dos efeitos das diferenças entre homens

¹⁶⁴ Há ainda o agrado ao animal feito de forma material, mas que não inclui o consumo do mercado pet. Diversos produtos pet têm suas versões feitas com produtos humanos. Snacks, por exemplo, podem ser feitos com alimentos comidos por nós seguindo receitas nutricionalmente adequadas a eles.

e animais, visto recorrentemente nos produtos da área da saúde. Eles destacam que ao proteger o animal contra uma doença ou contra um parasita você protege a si mesmo e à sua família: “Repele o mosquito e evita a picada. Sem a picada não há transmissão de doenças.” e “Garanta uma convivência saudável do seu cão com toda a sua família”.

Imagens 5 e 6 - propagandas de uma marca de medicamentos veterinários. A primeira imagem foi utilizada em banner no estande da empresa na Pet South America 2012, porém por questões de qualidade de imagem, a mesma foi retirada do site: http://www.stumbleupon.com/content/2jvhnJ/lists?_notoolbar. A segunda imagem é uma fotografia do catálogo da empresa distribuído na mesma feira.

O mercado pet explora ainda produtos e serviços que os donos gostariam de ter para si e com o argumento de que os cães também gostariam de tê-los, incentivam o seu compartilhamento. O marketing e o planejamento do mercado se utilizam também da importância dos cães e da mudança de comportamento para com eles que no mercado é chamada de *humanização*:

“Tal pet, tal dono. E muitas oportunidades.

No mundo todo, a humanização dos pets pelos donos é cada vez maior. Basta ver o número de pessoas tratando seus animais de estimação como membros da família. Roupas, alimentação balanceada, estética, perfumes com aromas parecidos ao que os seres humanos utilizam são algumas das opções que o mercado disponibiliza. Afinal, quem não quer que seu Pet tenha sua cara?” (empresa de produtos de limpeza e estética)

Com a dita *humanização*, o mercado pet enxerga as oportunidades para que os humanos assemelhem seus cães a si, criando uma série de produtos que remetem aos produtos de consumo humano. Esse é o caso dos snacks em formato de coxinha, de produtos de higiene que comparam o período do cio com a menstruação feminina: “saúde e bem estar todos os dias, inclusive “naqueles dias””, e outros mais. Como dito

anteriormente, ainda que haja o diálogo com as fronteiras humanas e caninas, não creio que tais produtos causem uma confusão no limite entre as espécies.

A semelhança com os humanos também é explorada pelo mercado em outras situações e levada a extremos que não encontram respaldo em meu campo, como pode ser visto no horóscopo da *Revista Meu Pet*:

“Num dia, triste, e no outro, animado: esse será o cenário dos amigos de quatro patas cancerianos. Por estar com o humor inconstante e surpreendente, uma dica é deixá-lo mais livre para decidir as suas atividades. Só reprima os comportamentos indesejáveis do seu pet.”¹⁶⁵

“Capricórnio: A entrada de Vênus na Sétima Casa, no dia 8, avisa: o amor está no ar para o capricorniano! São grandes as chances de ele encontrar a cachorrinha ou cachorrinho dos seus sonhos.”¹⁶⁶

Nessas previsões do horóscopo canino, de 2016 e 2012, vemos como são atribuídas aos animais características, desejos e comportamentos tipicamente humanos. Essas atribuições se assemelham em parte à antropomorfização encontrada nas pet shops, porém a ultrapassam em alguns pontos. Afinal, nenhum cão ou cadela já pediu às pessoas com quem trabalha para encontrar *a cachorrinha ou cachorrinho dos seus sonhos*. Já triste, animado, limpinho e entediado são estados físicos e emocionais que o mercado diz serem existentes nos animais e que encontram respaldos na antropomorfização dos cães que frequentam as pet shops.

3.8 Os mecanismos de mercado

O mercado pet é fortemente competitivo. Existe grande concorrência nos produtos e serviços consolidados e disputas por novidades e avanços tecnológicos. Essa concorrência dificultou em alguns momentos minha tentativa de entrada em campo no começo de minha pesquisa, em 2010, e por vezes ainda aparece¹⁶⁷.

¹⁶⁵ Disponível em: <http://revistameupet.com.br/colunas/horoscopet-de-fevereiro/3027/> e publicado em 28 de Janeiro de 2016. Acesso em: 13/04/2016. O horóscopo contava também com outras previsões: Certamente você verá que o seu cão aquariano vai passar a explorar atividades que não fazem parte da rotina dele. Para evitar problemas, limite as ações desastrosas e ofereça oportunidades que contribuam para o bem-estar do seu melhor amigo, principalmente se a ideia for comemorar o aniversário com festa!

¹⁶⁶ Revista Meu Pet. Agosto de 2012, edição 1. Outras previsões:

Escorpião: Quando Marte entrar nesse signo, no dia 24, prepare-se! Ele vai estar pipocando de energia e só vai querer uma coisa: passear. Faça o que o pet manda ou enfrente a ira do escorpiano. Virgem: O cão mais limpinho e obediente do zodíaco tem uma fase de altos e baixos pela frente. O mês começa com um pouco de melancolia. Mas, no dia 23, o Sol entra neste signo, enchendo a rotina dele de auto-astral.

Aquário: Os astros pedem mais atenção à imagem do pet, portanto, leve-o para um banho de beleza na pet shop. O cão aquariano, que adora chamar a atenção, vai ficar muito mais irresistível!

¹⁶⁷ Os proprietários de pet shops alertaram-me da dificuldade que eu teria em ser aceita nos estabelecimentos para realizar a pesquisa por conta do medo de eu ser concorrência disfarçada. O dono da pet shop que fiz a

Na feira internacional visitada, a Global Pet Expo, o ambiente exauria desconfiança. As regras da feira incluíam não registrar os estandes sem consentimento prévio e no espaço de *showcase*, onde as novidades lançadas competiam em diversas categorias, nenhum material poderia ser filmado ou fotografado em nenhuma circunstância. Em um momento em que eu estava segurando o celular na mão em um corredor da feira voltado a cães, um expositor me seguiu e me chamou insistentemente, pois eu não havia percebido que o “hey” era para mim. Ele perguntou-me: “com licença, você está filmando o meu estande?” Quando respondi que não, ele me encarou desconfiado: “Tem certeza? Dali parecia que você estava filmando o meu estande”. Ofereci então educadamente meu celular para ele conferir, entendendo-o em sua direção. O expositor hesitou e recusou, mas não pareceu de me encarar. Insisti e ele disse que acreditava na minha palavra, parecendo bastante desconsertado por minha reação, e voltou imediatamente a seu posto.

Dentro de um mercado tão competitivo, a saída para a grande concorrência é na maioria das vezes a diferenciação. As pet shops, como citado, procuram criar estratégias para atrair e manter clientes de acordo com o seu tamanho. As grandes se sobressaem pela quantidade e variedade de produtos encontrados e pelo preço mais baixo, uma vez que conseguem um preço menor pela compra de grandes quantidades. Com isso em mente, as pequenas pet shops procuram diferenciar-se através do atendimento personalizado, que não é possível em pet shops grandes com circulação maior. Lembrar o nome do dono, do pet, as características do animal, dar lembranças de natal e de aniversário, ligar para ver se o pet está bem depois de uma consulta veterinária, dentre outras ações, foram estratégias apontadas para agregar valor ao serviço, compensando a diferença de gastos pelo reconhecimento de um bom serviço pelo dono do animal, e levando-o a criar uma fidelidade com o estabelecimento¹⁶⁸.

maior parte do campo contou-me de uma situação que aconteceu com seu amigo também proprietário de pet shop – aceitou um jovem que dizia fazer pesquisa pela USP, e depois de um tempo desconfiou da veracidade da informação, seguiu-o e descobriu que na realidade o jovem trabalhava para um concorrente. A desconfiança é grande até mesmo entre amigos. Há um grupo de proprietários de pet shops da zona norte que são amigos há anos, e semanalmente encontram-se para um happy hour. A ética existente entre eles, entretanto, é nunca entrar no estabelecimento do outro. Tal ato seria extremamente mal visto e encarado como espionagem para obter informações acerca dos preços praticados e dos serviços executados.

¹⁶⁸ Em palestras ministradas em feiras pet que visitei, alguns pontos chave foram ressaltados para auxiliar os empresários do ramo de pet shop a definirem seu modo de trabalho. Distintos gestores destacaram a importância da qualidade de atendimento e do conhecimento acerca do que o cliente espera. Foi dada importância também ao visual do estabelecimento como um todo: fachada, organização, exposição dos produtos, aparência pessoal de todos que lá trabalham e limpeza, pois uma pet shop limpa é essencial para que o cliente tenha uma boa impressão. Sobre a qualidade do serviço, um palestrante enfatizou que trabalhar com qualidade não é oferecer o melhor serviço, ou o mais caro, e sim o melhor que o cliente pode pagar.

A estratégia é válida da mesma forma para os fabricantes de produtos. Tomando a ração como exemplo, podemos ver como um produto com a mesma finalidade, alimentar o animal de estimação, é diferenciado pelo oferecimento de tantas formas ou componentes distintos. A variedade de ingredientes funcionais adicionados a ela é exemplo disso. Suas outras possíveis características, como ser livre de glúten, grãos, transgênicos, conservantes, sal, soja, ou mesmo de carne, são pensadas para atrair clientes que tenham como demanda um produto que não agrida seus ideais e que não se importem em pagar um valor maior por isso¹⁶⁹.

Um novo produto

O posicionamento do produto no mercado é outro critério importante para as empresas. O primeiro passo para a fabricação de um produto é a análise do mercado existente e a definição do público alvo. Depois, é necessário determinar os objetivos comerciais e de marketing, ilustrando assim suas estratégias. O processo de vender um produto pet passa também pelo desenho das embalagens¹⁷⁰, pela definição das lojas que poderão vendê-lo, e outras questões derivadas do seu posicionamento. Seguindo o exemplo da alimentação, a empresa deve decidir em qual categoria entrar, básica, standard, premium, ou super premium. Uma vez determinada, o produtor deve analisar o mercado, seus concorrentes, os preços, o diferencial do que oferecerá e então definir as estratégias de prospecção de clientes. As embalagens, a logomarca, o tipo de venda, o giro do produto, o lucro para os revendedores e o preço final devem ser pensados. Se a empresa colocar a ração premium num valor competitivo com a ração comum, ainda sua categoria seja premium, ela pode adquirir status de comum para os consumidores, o que

Entra em jogo aqui o conhecimento do público alvo, que pode consumir o mesmo tipo de produtos só que com qualidades muito distintas. Em suma, os empresários devem trabalhar no planejamento, envolvimento com os funcionários e com os clientes, treinamento dos funcionários, persistência e no bom atendimento.

¹⁶⁹ Outras formas de diferenciar os produtos são os selos que as empresas podem adquirir que visam dar credibilidade ao fabricante não apenas na qualidade do produto mas também em ações politicamente corretas.

¹⁷⁰ Há empresas que investem em embalagens diferentes para atrair públicos distintos. Uma empresa de produtos de limpeza/estéticos, por exemplo, tem as linhas “passeio do Bidu” e “uso diário”. As duas contêm os mesmos produtos, com a diferença que a última oferece três produtos a mais. Uma de suas representantes afirmou que a empresa fez as duas linhas com intenções diferentes: a linha do Bidu (da Turma da Mônica) é voltada para os consumidores que veem o produto em uma prateleira e resolvem levá-lo. Segundo ela, “Os pais de hoje, que são quem consome, eram as crianças de 15 anos atrás, que liam gibi, que falavam elado com o Cebolinha. As crianças de hoje não lêem muito gibi, elas ficam no tablet”, de forma que embalagem é feita de forma a chamar a atenção dos pais e não dos filhos; já a linha “uso diário” tem uma embalagem branca, com aspecto profissional, para que os clientes comprem após o produto ser indicado por um veterinário. Nesses casos, o cliente geralmente procura um produto “sério”, e prefere os com embalagem profissionais aos que fazem apelo por personagens ou estampas infantis.

poderia levar anos para corrigir¹⁷¹. O mesmo ocorre com os parceiros que a empresa escolhe para revenderem seus produtos. Caso surja algo contra eles, é possível que a imagem empresa seja comprometida por consequência.

Outro ponto é que as empresas devem estar sempre atentas às mudanças do mercado, pois como um palestrante da ABINPET falou, o mercado não é estático, ele muda, e o fez nesses últimos anos. Para ele, atualmente as pessoas estão trocando os filhos pelos pets e dando aos animais tratamentos diferentes dos de anos atrás, pois o pet se tornou um membro da família e passou a ser muito mais bem tratado¹⁷². Esse discurso da ABINPET, associação com credibilidade para fornecer informações sobre o mercado, sugere que a relação de família com os pets bem como a melhoria de tratamento destinado a eles são recentes, e que o mercado parte delas e do novo status dos pets para se organizar. A “humanização” partiria primeiro, portanto, dos donos dos animais de estimação. E os investimentos nessa nova relação e nos frutos que ela pode trazer está dando resultados para palestrantes da associação. A “humanização”, termo utilizado pelo mercado para descrever os tratamentos, produtos, serviços e concepções destinados a cães semelhantes aos destinados a humanos, é vista por essa parte do setor pet como benéfica ao mercado por estimular o consumo¹⁷³.

3.9 O mercado brasileiro e a renegociação de fronteiras

O mercado pet voltado a cães e seus donos dialoga com a concepção humana acerca dos cães e influencia as relações estabelecidas com eles. As identidades dos cachorros de estimação são negociadas com os propósitos e propagandas do mercado pet, porém, não acredito que o mercado seja o causador da antropomorfização em primeiro lugar, e sim que ele aproveite dessa relação para produzir e vender, e com isso ressalte a acentuação de características e consumos compartilhados (que ele chama de *humanização*). Há inclusive partes do mercado que salientam a animalidade não humana do cão, uma vez que são adequadas às necessidades caninas, biologicamente distintas das humanas, o que

¹⁷¹ Há um caso de uma ração que ao ser vendida por preço baixo adquiriu o status de ração comum, e mesmo após três anos, os fabricantes não conseguiram reverter essa situação.

¹⁷² Palestra “Estratégia de Prospecção de Clientes no mercado internacional”, em 30/03/2016.

¹⁷³ Ainda que a maior parte do mercado pet que venda acessórios e serviços veja a “humanização” como algo favorável por aumentar o lucro, diversos veterinários já reclamaram de tal fenômeno pois quando os humanos esquecem que seus animais são animais não humanos e lhe dão coisas “inapropriadas”, por vezes fornecidas pelo próprio mercado pet, descuidam da saúde do cão e de suas necessidades reais. Um cachorro não deve assistir televisão para se distrair, e sim passear fora da casa.

contraria a visão da unanimidade do mercado pet em aproximá-los de nós. Se parte desse mercado se propõe a tratar cães de estimação como seres que consomem produtos e serviços que os aproximam a nós, outra parte nos lembra que eles são diferentes de nossa espécie e possuem suas necessidades próprias, que devem ser supridas com alimentação, atividades e cuidados de acordo com o próprio mercado adequados a sua espécie.

Ao visitar a Global Pet Expo nos Estados Unidos da América, feira que reuniu expositores mundiais, pude perceber nuances do mercado brasileiro. Aqui, somada à funcionalidade, a parte estética é marcante mesmo em produtos de outras finalidades. A junção de distintas finalidades dos produtos e serviços, porém, está longe de ser da grandeza apresentada por produtos americanos. Pareceu-me que ali valoriza-se ao mesmo tempo quesitos como a mão de obra, o material, a origem, a reciclagem, as normas de boas práticas, a estética e a funcionalidade. Um snack, por exemplo, pode ser um produto que agrade o cão, mantenha-o ocupado, diminua seu estress, ajude na nutrição, aja com mecanismos equivalentes a uma escovação dentária, tenha embalagem reciclável e selos de boas práticas. Aqui, não há a procura elevada em saber a procedência do alimento e não há tantos questionamentos ao se comprar um produto. A estética da embalagem ou do produto conjuntamente ao seu preço são os elementos mais prezados na hora da compra, a não ser em questões relativas à saúde.

Há produtos consumidos em outros países que creio que não teriam boa aceitação entre o grupo pesquisado. A alimentação natural é uma forte tendência americana, também encontrada em certos produtos vendidos no mercado brasileiro, mas com alguns limites. Na feira haviam *snacks* de partes animais, como rins, traqueias, fígados e pulmões secos, cabeça de pato desidratada e ainda vermes e peixes secos para serem ministrados aos cães. Esses produtos contradizem um esforço do mercado pet brasileiro de fazer com que a convivência com cães seja embelezada por ser desnaturalizada, sem que eles tenham que caçar sua comida e matar animais na frente dos humanos, por exemplo. Ainda que as rações sejam compostas dos mesmos ingredientes, ministrá-los em sua forma original poderia ser chocante. Por mais que se volte à nutrição “original” dos cachorros, aqui no Brasil ela é feita através de formulações que contenham tal dieta, e não dos produtos em si.

Isso mostra a especificidade de nosso mercado. Ao mesmo tempo que somos preocupados com a estética do animal, nos preocupamos também com a estética dos produtos que eles consomem. Poderíamos dizer que o mercado pet descaracteriza os cães do que remete ao mundo animal (A. ALMEIDA, 2011). Mas como, se o que ocorre é a

aproximação entre as espécies de forma que lhes adequamos ao nosso mundo de forma espelhada, e nós também somos animais? Talvez o que esteja em jogo com a animalidade *não humana* amenizada seja um processo que impomos a eles que remete à civilização, de forma a adequar a sua animalidade à nossa animalidade. A restrição física e comportamental não é mais exclusividade de nossa espécie.

A afirmação de que animais de estimação são “tratados como humanos” deve ser pensada com cuidado. Em meu campo, os cães são tratados como seus donos entendem que merecem, por suas características intrínsecas, sendo tratados melhor que muitos humanos do círculo social dessas pessoas. Quanto ao mercado pet, o que ele fornece são formas de adequar o animal controlando pulsões e características que não combinam com o estilo de vida de seus donos. Cães são limpos para não trazer sujeira para o ambiente da casa, perfumados para exalarem odores agradáveis, nutridos com alimentos prontos em potes espacialmente restritivos para a praticidade. Entra em cena a cultura controlando ou modificando, dependendo do caso, a natureza canina. Mas isso não é tratar como humanos, é tratar para a convivência com os humanos.

O mercado pet fornece oportunidades distintas de lidar com o animal, tingindo-o e vestindo-o formalmente, ou dando-lhes oportunidade de exercer suas atividades “instintivas”. As comidas oferecidas podem ser vegetarianas ou aproximadas ao alimento comido por seu semelhante selvagem. Cabe aos donos a escolha de como lidar com a outra espécie, e essa escolha é indicativa da forma como os humanos concebem a espécie canina e sua relação com ela.

Lembro aqui que artigos de luxo para cães chegam a custar mais que os mesmos artigos para humanos, e como Kulick (2009) lembra, há cães que comem melhor que muitas pessoas. E não apenas quando se consome o mercado de luxo se prioriza o cão a humanos, seres estes que podem estar passando necessidade - fato lembrado pelos críticos ao consumo do mercado -, mas em cada gasto com os cães deixa-se de fazer investimentos com ou em humanos. Mas então por que gastar com cães dinheiro que poderia ser usado para humanos? Porque a nossa importância não é suprema como espécie. Assim, cães podem ser preferidos a humanos e gastos podem ser preferencialmente destinados a eles. Além disso, parece-me que há o Hughes (1962) aponta – quanto maior o afastamento social de um grupo para outro, mais o lidar com ele é delegado a alguém outro. Assim, além dos donos como proprietários do dinheiro terem direito de decidir o seu destino e os cães serem vistos como seres merecedores do investimento, a ajuda a outros seres humanos não conhecidos não é vista como sua responsabilidade.

O mercado pet nos mostra que a proximidade entre humanos e animais não humanos está se tornando maior, a partir dos animais de estimação. Ele mesmo exerce sua influência na definição dessas fronteiras: a área de saúde se encarrega de eliminar os perigos que podem decorrer da proximidade entre as espécies, e os produtos e serviços, além de servirem para agradar aos animais e a seus donos, facilitam a convivência entre ambos. Para tanto, eles podem modificar os pets, como no caso das unhas de silicone que são utilizadas para que não haja estragos decorrentes de arranhões, ou oferecer praticidade e diminuir aspectos desagradáveis da convivência, como as rações que diminuem o odor das fezes. O mercado contribui também na individualização dos animais, oferecendo produtos que, de acordo com os vendedores e parte dos consumidores, refletem a sua personalidade: um vestido florido para uma cachorra animada, uma coleira preta de couro para um cão bravo. E não apenas contribuem, mas são consumidos com base na individualidade dos cães, pois muito do consumo se dá baseado nos gostos desses animais – compra-se as rações que eles mais gostam e os brinquedos pelos quais mostram maior interesse. É ainda um meio pelo qual se demonstra o afeto existente entre cães e seres humanos, uma vez que o consumo é majoritariamente entendido como um agrado, uma demonstração de amor ou uma consequência do querer bem ao pet.

Os segmentos pet reconhecem os sentimentos, gostos e emoções dos cães e baseia-se neles e nos de seus donos para fabricar e vender. Com a aceitação do que é oferecido, fortalece-se a identidade dos pets como seres antropomorfizados. Os cães são, como afirma Kulick (2009), os agentes mais corrosivos entre as fronteiras das espécies humanas e animais (não humanas), e o mercado nos ajuda a entender como elas são negociadas.

Considerações Finais

Dentre as distintas e diversas maneiras de se relacionar com os animais não humanos, esta dissertação aborda uma em especial. Ela é mais umas das muitas formas de se lidar com as outras espécies animais, e mesmo com cachorros. As relações estabelecidas entre seres humanos e cães de estimação no contexto estudado diferem das formas encontradas em outros trabalhos que também problematizam o elo entre essas espécies. Embora haja elementos semelhantes e questões análogas nos trabalhos de Oliveira (2006), Pastori (2012) e Osório (2010, 2011a, 2011b, 2012a, 2012b, 2013, 2015a, 2015b, 2016), vemos que elas se resolvem de maneiras distintas, o que revela que cada grupo possui suas particularidades, e que os que envolvem vínculos com cães não são exceção.

As análises e reflexões feitas neste trabalho são então destinadas ao grupo estudado por mim, podendo não ser verdadeiras se aplicadas a outros contextos, ainda que estes sejam semelhantes. Vemos aqui uma relação interespecies, humana e canina (com os *Canis lupus familiaris*), na qual ambos são agentes, à semelhança de outros contextos abordados por trabalhos da área de Antropologia das Relações Humano-Animal com animais de estimação, de trabalho ou de consumo. Os cães são aqui entendidos como sujeitos detentores de sensibilidade, subjetividade, cognição e personalidade, com os quais se contróem relações baseadas nas concepções acerca da espécie canina conjuntamente à personalidade de cada animal.

Trata-se de um elo estabelecido em um contexto específico, o da cidade de São Paulo, que pelas legislações existentes e ações para com os cães de estimação reflete uma alta valoração coletiva a tais animais. Temos os primeiros hospitais veterinários públicos do país, permissão para circular com eles nos ônibus, campanhas de vacinação e castração gratuitas, shoppings que permitem sua circulação, concursos de fantasias caninas no carnaval, e muitos outros eventos envolvendo-os no nosso mundo social ou pensados para eles.

A complexidade dessa relação é mais profunda do que a primeira vista poderia parecer. Embora os discursos dos donos apontem para um vínculo perfeito com traços apenas positivos para ambos os lados, quando analisado, ele se revela composto por diferentes atitudes concernentes aos cães, material e imaterialmente, que passa por um período de conhecimento do outro antes do estabelecimento do elo positivo.

O amor incondicional, o cão que é fonte apenas de afeto, defendidos fortemente por donos de cães de estimação, mostram-se na realidade consequência de uma relação de conviver e de trocas de experiências na qual está em jogo um conhecimento do outro previamente à afetividade interespecies. Cães são queridos por seu suposto amor incondicional, mas este só se entende presente uma vez que a relação se torna bem sucedida. O que faz dessa relação positivamente diferenciada é a verdade sentida no afeto advindo do cão, uma vez que ele seria desinteressado e, portanto, sincero. Embora opiniões veterinárias indiquem que cães não amam, apenas se apegam àqueles que suprem suas necessidades, e que não existe um amor puro por parte dos cães, essa opinião é terminantemente rejeitada por esses humanos¹⁷⁴.

Esse amor canino é retribuído e cultivado de muitas formas. Denter elas, lembro do carinho físico, do levar para passear, da proximidade e do compartilhar a vida. No grupo estudado, parte desse afeto é retribuído com o consumo do que oferece o mercado pet. Com o intuito de agradar o animal ou de cuidar da sua saúde, brinquedos, *snacks*, vacinas e remédios são comprados. Os altos índices do mercado brasileiro apontam para a importância dessa relação. Contudo, o mercado pet não é tradução do amor aos animais, e sim um reflexo dele, pois o afeto não é financeiramente quantificável.

Como cães de estimação, tais animais são inseridos no nosso mundo, que passa a ser mundo deles também. Compõe-se então um mundo e uma vida compartilhada interespecificamente, mas que, devido às distintas posições de poder entre cachorros e humanos, pode carregar a nossa cultura e a sobrepor a eles, como nos casos de atribuição de gênero, que ocorre quando sua personalidade é interpretada e seus comportamentos são modelados a partir das normas de gênero culturalmente aceitas para humanos. Isso se reflete também em certas interpretações de seus comportamentos como se espelhassem os nossos, entendendo como comuns em significados práticas semelhantes entre as espécies, como a senhora que entendia que sua cachorra sentia vergonha por não

¹⁷⁴ Em entrevista, o veterinário e presidente da Anclipeva (Associação Nacional dos Clínicos Veterinários de Pequenos Animais) Rio Rogério Lobo diz que: “Cães se vinculam a quem atende as necessidades. ‘Meu cachorro me ama’ – Não é bem assim. Ele gosta muito de você, gosta de estar ao seu lado, mas o dia que você faltar, ele vai passar a gostar de quem der comida para ele, de quem der água para ele, de quem der atenção a ele. Ele não te ama como um sentimento puro e sublime. É cruel ... mas é a realidade”. O veterinário fala ademais acerca da responsabilidade de ter um animal, e faz a conta que em média os donos de animais devem deixar de viajar por 14 anos, idade média de vida desses animais. Mas se os cães se adaptam e passam a gostar de quem lhes supre as necessidades, por que razão eles devem permanecer com seus donos nos feriados? Essa condição foi enfatizada em sua fala, mas contradiz a afirmação anterior. Se cães se adaptam a quem cuida das suas necessidades, cabe a pergunta: porque não deixá-los em um hotel especializado que supra suas necessidades? Disponível em: <http://www.futuraplay.org/video/saiba-mais-sobre-a-relacao-entre-seres-humanos-e-animais-de-estimacao/363674/>. Acesso em maio de 2017.

acompanhá-la pela casa de manhã por ela se por de pé sempre que a dona entrava no cômodo em que estava. Por estarem inseridos nas nossas relações sociais, os cachorrinhos e cachorrinhas de estimação são adequados à nossa vida doméstica e social, de forma maior a que nos adequamos a eles. Cães são moldados para se adequarem à vida dentro de uma casa, com regras impostas pelos humanos. Para tanto, o mercado pet oferece meios de ter essa convivência facilitada, a partir de rações, banhos, tosas e antipulgas, por exemplo.

O mercado pet mostra-se um campo multifacetado que possui distintos mecanismos e formas de tratar e qualificar os cães. Se de um lado há o descaso com os animais, submetendo-os à crueldade para o lucro, como em certos casos de criação e venda de cães de raça noticiados nos quais as cadelas vivem enjauladas, de outro ele fornece meios positivos de se relacionar com os animais, a partir de certos produtos e serviços. Os alimentos ditos cientificamente elaborados prolongam a sua saúde; os brinquedos educativos propõem aliviar seu estresse, que aliás, existe apenas por serem submetidos a situações “não naturais” segundo veterinários, negociando as consequências negativas da relação doméstica entre humanos e cães; as vacinas os previnem de doenças; os acessórios para a borda de piscinas evitam o seu afogamento. O mercado pet voltado para cães é pensado para as especificidades caninas, pois xampus são fabricados com seu pH e medicamentos baseiam-se em sua biologia, e a partir da relação estabelecida com os donos, que os querem bem e por tal motivo adquirem o que acreditam fornecer bem estar ao animal, uma saúde mais resistente às intempéries da vida e da idade, ou mesmo alegria a ele.

Outra finalidade oferecida por parte do mercado pet é a satisfação humana, uma vez que cães não se beneficiam com os serviços puramente estéticos ou de registro de adoção em cartório, por exemplo. Mais difíceis de serem adquiridos nas pet shops visitadas, os cães do grupo estudado não têm seu pêlo tingido, sua unha pintada e seu corpo submetido a tratamentos de lama, embora muitos passem por hidratações. Seria interessante para essa área de antropologia o estudo da relação que se baseia na estética e seus moldes, para um entendimento mais profundo da agência e da compreensão sobre esse animal.

O mercado sabe que essa é uma relação afetiva onde muitas vezes não são medidos esforços para o bem estar animal, e se utiliza disso para fabricar e vender, criando demandas do que promete ser benéfico ao cão ou ao dono, gerando lucro para si ao mesmo tempo que pode beneficiar o elo entre humanos e cães. Através do mercado pet, as

relações entre humanos e seus cães de estimação são mediadas. Como afirma Botton (2012), bens materiais são utilizados como meios de comunicação, de criação e de manutenção de experiências sociais. É isso que o consumo dos produtos e também dos serviços possibilita, e por isso são adquiridos. Para pesquisas futuras, seria interessante analisar o mercado direcionado a outros animais de estimação – gatos, roedores, peixes e anfíbios, bem como as relações mesmas mantidas entre esses animais e seus donos. O estudo dos mercados brasileiro e internacional que envolve animais e suas dinâmicas também se mostram caminhos para compreender com maior profundidade esse mercado que influi e reflete as relações mantidas com os animais. O estudo do mercado voltado a animais de consumo também seria relevante, pois acredito que os instrumentos utilizados para com eles revelam muito acerca de nossa interação com eles.

Nessa relação complexa e afetiva entre cães e humanos, construída não apenas pelo dar afeto, mas pelo conviver, experimentar o outro, participar de sua vida, algumas considerações referentes às fronteiras entre humanidade e animalidade não humana são pertinentes. Um vez que cães são reconhecidos como capazes de pensar, entender, se comunicar e sentir, cães desafiam as incapacidades usualmente impostas aos animais não humanos, cuja vida usualmente é relegada ao instinto “natural”. E esse reconhecimento não parte de estudos científicos que apontam a senciência e a cognição de tais animais, mas do que é percebido na convivência com eles.

A diferença de espécies perde importância quando são os cães a quem somos comparados. Ela não impede que eles sejam família para seus donos humanos. E eles o são em parte por conta das relações afetivas que possuem com seus humanos, contudo, para adentrarem ao contexto familiar, há uma forte relevância da mutualidade do ser (SAHLINS, 2011): a presença e a participação intersubjetiva na vida dos humanos com os quais convive, de forma que suas vidas são interligadas e dependentes.

Porém, se eles desestabilizam a fronteira que um dia foi rígida entre humanos e outros animais, essa concepção não é suficiente para estender a todos os animais o mesmo tratamento e a mesma dúvida sobre as suas capacidades ou incapacidades. Em um espectro mais amplo das relações desses humanos com os outros animais não humanos, encontramos animais de consumo, de entretenimento, de experimentos. Vacas e galinhas são ingeridas, peixes são visitados em aquários e ratos e coelhos são utilizados em experiências em laboratórios para que produtos cheguem até seu consumo, enquanto baratas são mortas apenas por sua existência. E mais, produtos do mercado pet são fabricados com ingredientes de origem animal, sem que as fontes sejam detentoras de

maior problematização sobre sua existência ou funcionalidade. Essas atitudes demonstram diferentes formas de lidar com os animais, que destoam do modo como os cães de estimação são tratados.

Ainda que cães pareçam ser exceção à gama de animais cujas vidas possuem pouca ou nenhuma importância para esses donos, a relação aqui apontada é mais uma evidência de que não só entre humanos se constroem relações sociais, trocas de experiências e se compartilha a vida. No contexto abordado, há interação entre humanos e cães permeada pelo afeto, que parece ser advindo de ambas as partes. Cães de estimação são amados, valorados, cuidados, zelados, e por vezes mais benquistos que humanos, evidenciando a quebra do antropocentrismo e até mesmo a superação da espécie humana, pois à semelhança do que ocorre em outros trabalhos que dialogam com as relações entre humanos e cães de gatos de estimação, sua moralidade é entendida como superior à nossa.

Referências bibliográficas

ABINPET. **Manual Pet Food 9ª edição**, 2017.

ABONÍZIO, J.; BAPTISTELLA, E. O papel do consumo na construção de relacionamentos entre humanos e pets. **Ponto Urbe (USP)**, São Paulo, v. 19, p. 1-23, 2016a.

_____. Animais Veganos dilemas da alimentação eticamente orientada imposta animais de estimação.

In: Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2016, Paraíba – João Pessoa. 2016b.

ABREU DA SILVEIRA, F. L. Estudo antropológico das interações humanos e não humanos no Bosque Rodrigues Alves, Belém. **In: Anais da 28ª Reunião Brasileira de Antropologia**, São Paulo, 2012.

_____. De um Prosaico Coexistir Interspecífico aos Dilemas do Biopoder: as interações humanas e não humanas no mundo urbano contemporâneo amazônico. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 55-81, Nov. 2015. 2015a.

_____. As paisagens coexistenciais interspecíficas. Refletindo sobre humanos e não-humanos compartilhando espaços do mundo urbano contemporâneo. **In: Anais da V Reunião Equatorial de Antropologia e XV Reunião da Antropólogos do Norte-Nordeste**, 2015, Alagoas – Maceió. 2015b.

ABREU DA SILVEIRA, F. L.; P. SILVA, M. Acerca do olhar do outro, ou sobre “tratadores” e animais em cativeiro - Por uma etnografia no “zoo” em contexto urbano (Belém - PA). **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, Vitória, v. 3, n.1, p. 54-74, Jun. 2015.

ALMEIDA, I. C. F. “Não queremos gaiolas maiores, queremos gaiolas vazias”: uma etnografia de “defensoras” de animais e vegetarianas. 2012. 102 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

AMORIM, J. H. Entre políticas públicas animais: uma etnografia do Departamento de Pesquisa e Conservação da Fauna de Curitiba (PR). 2014. 160f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Paraná, Paraná.

ANDRADE, A. M. C. Concepções e práticas na relação com o animal: reflexões sobre o caso yononam. 2006. 106 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

ANTONIO, L. S. As relações entre animais humanos e não-humanos em contexto de desastre. **In: Anais da 29ª Reunião Brasileira de Antropologia**, Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

ANTONIO, L.S.; L. SILVA, N. Animais de estimação em contexto de desastres: desafios de (des)proteção. **Desenvolv. Meio Ambiente**, Curitiba, v. 38, p. 741-767, Ago. 2016.

BARBOSA, R; PAOLO, D.; COSTA, N.; NUNES, C. Estudo etnoecológico da relação entre pescadores e tartarugas marinhas em Ajuruteua, Bragança Pará. **In: Anais da V Reunião Equatorial de Antropologia e XV Reunião da Antropólogos do Norte-Nordeste**, 2015, Alagoas – Maceió.

BARRETO, E. S. B. Por dez vacas com cria eu não troco meu cachorro: as relações entre humanos e cães nas atividades pastoris do pampa brasileiro. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pelotas, 2015.

J. P. L. BARRETO. WAI-MAHSÃ: perixes e humanos. Um ensaio de antropologia indígena. 2013. 93f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Amazonas.

BENTO, R. C. A flecha mata porque tem vida: um estudo etnográfico sobre os artefatos de caça dos Gavião Ikólóéhj. 2013. 138f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

BEVILAQUA, C. B. Chimpanzés em juízo: pessoas, coisas e diferenças. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, vol.17, n.35, p. 65-102, 2011a.

_____. Normas jurídicas e agências não-humanas: o caso dos cães "perigosos. **Avá**, Posadas, n. 19, Dez. 2011b.

_____. Direito(s) e agências não-humanas: como julgar os atos de um animal? **In: Anais da 29ª Reunião Brasileira de Antropologia**, Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

BEVILAQUA, C. B.; VELDEN, F. V. (Orgs.). **Parentes, vítimas, sujeitos : perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais**. Curitiba: UFPR, 2016.

BORBOLETO, M. Entre a vida animal e a liberdade religiosa: análise de três debates públicos acerca da proibição do sacrifício animal nas religiões afro-brasileiras. **In: Anais da V Reunião Equatorial de Antropologia e XV Reunião da Antropólogos do Norte-Nordeste**, 2015, Alagoas – Maceió.

BORGES, P. R.. “Cara de pele, efeito de pele”: Uma etnografia do debate sobre o uso de peles de animais na indústria do vestuário e da moda a partir da campanha Boicote Arezzo. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

- BOTTON, D. C. PRÊT-À-PORTER, PRÊT-À-CLIQUE: um estudo sobre o consumo online de jovens mulheres cariocas. 2012. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- BRAÇO, A. As “donas” dos crocodilos do rio Zambeze: Relatos de uma amizade socialmente indesejada. **In: Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia**, 2016, Paraíba – João Pessoa.
- BRITOS, A. G. V. Convivendo na terra de NANE RAMOI JUSU PAPA: uma etnografia das relações entre os PAI TAVYTERÄ e os animais. 2015. 197f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- CANDIDO, J. V. Liberdade de crença e política: tensões e controvérsias no campo religioso afro-brasileiro em São Paulo. 2015. 175f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- C. CARVALHO, M.. Produzindo quimeras - uma etnografia de encontros entre roedores e cientistas no universo laboratorial. **In: Anais da V Reunião Equatorial de Antropologia e XV Reunião da Antropólogos do Norte-Nordeste**, 2015, Alagoas – Maceió.
- _____. Complexidades da experimentação animal: sobre cientistas, murinos e outros mamíferos. **In: Anais da 28ª Reunião Brasileira de Antropologia**, São Paulo, 2012.
- S. CARVALHO, A..O trabalho dos carroceiros em Natal/RN: pensando a relação humano e animal. **In: Anais da V Reunião Equatorial de Antropologia e XV Reunião da Antropólogos do Norte-Nordeste**, 2015, Alagoas – Maceió.
- M. CARDOSO, M. L. Entre Tatuquiras e Curupiras: a percepção dos processos de adoecimento a partir da relação entre animais e humanos na Resex Tapajós-Arapiuns/PA. **In: Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia**, 2016, Paraíba – João Pessoa.
- CASTRO, E. V. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 115-144, Out. 1996.
- CHARLES, N.; DAVIES, C. A. My family and other animals: pets as kin. **Sociological Research Online**, Surrey, v. 13, n.5, 2008.
- CORTEZ, R. H. Emoção e empatia: os limites do humano e do não humano nas relações entre os homens e seus animais de estimação. **In: Anais da V Reunião Equatorial de Antropologia e XV Reunião da Antropólogos do Norte-Nordeste**, 2015, Alagoas – Maceió.
- CREADO, E.; TORRES, C. Orquídeas versus Tartarugas Marinhas: narrando conflitos ocultos. **In: Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia**, 2016, Paraíba – João Pessoa.
- CREADO, E.; TORRES, C; FREITAS, P. Algumas reflexões sobre o ambientalismo e duas espécies emblemáticas. **In: Anais da 28ª Reunião Brasileira de Antropologia**, São Paulo, 2012.
- DANTAS, M. É preciso matar o porco: de humano a animal despersonificado. **In: Anais da 28ª Reunião Brasileira de Antropologia**, São Paulo, 2012.
- DIAS, J. V. G. O rigo da morte: a construção simbólica do "animal de açougue" na produção industrial brasileira. 2009. 174 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- DIAZ-BENITEZ, M. E. Sexo com animais como prática extrema no pornô bizarro. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 38, p. 241-279, Jun. 2012 .
- DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- DUARTE, F. “Animais são amigos, não comida”: Reflexões acerca do grupo de vegetarianos e veganos em Goiânia. **In: Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia**, 2016, Paraíba – João Pessoa.
- DURKHEIM, E.; MAUSS, C. Algumas formas primitivas de classificação. **In: Ensaios de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- ESTORNIOLO, M. Manejo de quê? algumas equívocos em projetos de manejo na Amazônia. **Avá**, Posadas, n. 19, Dez. 2011 .
- FAUSTO, C. Se Deus fosse jaguar: canibalismo e cristianismo entre os Guarani (séculos XVI-XX). **Mana**, Rio de Janeiro , v. 11, n. 2, p. 385-418, Out. 2005 .
- A.C.F. FERNANDEZ; R.R. OLIVEIRA. A caça em um floresta urbana: as múltiplas formas de interação entre homens, animais e a paisagem. **In: Anais da 28ª Reunião Brasileira de Antropologia**, São Paulo, 2012.
- FERRIGNO, M. V. Ferrigno, Mayra Vergoti. Direitos Animais e o remodelamento das fronteiras políticas entre mundos humano e não humano. **In: Jornadas de Antropologia da UNICAMP**, Campinas, 2011.
- _____. Veganismo e libertação animal: um estudo etnográfico. 2012. 143 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2012a.
- _____. Ferrigno, Mayra. Abolição da exploração ou defesa do bem estar: as propostas em disputa no movimento de defesa animal. **In: Anais da 28ª Reunião Brasileira de Antropologia**, São Paulo, 2012b.
- FLORIDO, M. P. Os Deni do Cuniuá: um estudo do parentesco. 2013. 291f. Tese (Doutorado em Antropologia Social)—Universidade de São Paulo, São Paulo.

- FORTES, M. **Rules and the Emergence of Society**. Londres: Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland, 1969.
- FROELICH, G.. O bem-estar na carne: um estudo antropológico sobre as relações entre humanos e animais a partir da categoria de “bem-estar animal. 2016. 282 f. Tese (Doutorado em Antropologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016a.
- _____. Das associações entre bem-estar, animal e produção: o caso da carne bovina. In: **Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia**, 2016, Paraíba – João Pessoa. 2016b.
- FROELICH, G.; A. ALMEIDA, R. No mesmo galho: antropologia de coletivos humanos e animais. **Mana**. Rio de Janeiro, v.19, n.3, p.597-599, Dez. 2013.
- GARCIA, U. F. O funeral do caçador: caça e perigo na Amazônia. **Anuário Antropológico**, Brasília, 2011-II, p. 33-55, 2012.
- GASPAR, S. Animais domésticos e a questão da biodiversidade sob a óptica dos grupos de proteção animal. In: **Anais da 28ª Reunião Brasileira de Antropologia**, São Paulo, 2012.
- HARAWAY, D. J. A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century In: _____. **Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature**. New York: Routledge, 1991 (Trad. Bras. Tomaz Tadeu. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz, *Antropologia do Ciborgue: As vertigens do pós-humano*, Belo Horizonte, Autêntica, 2009, 2ª ed.)
- HOLANDA, J. “O ser humano é um lixo!”: discussões sobre o humano e o animal em imagens reais de violência explícita. In: **Anais da V Reunião Equatorial de Antropologia e XV Reunião da Antropólogos do Norte-Nordeste**, 2015, Alagoas – Maceió.
- HUGHES, E. C. Good People and Dirty Work. **Social Problems**, Oxford, v. 10, n. 1, 1962.
- INGOLD, T. From trust to domination: An alternative history of human-animal relations. In: **Animals and Human Society: Changing Perspectives**; Manning, A., Serpell, J., Eds.; Routledge: London, UK, 1994.
- _____. Humanidade e Animalidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.10, n. 28, Jun. 1995.
- _____. Caminhando com dragões: em direção ao lado selvagem. In: STEIL, C.; CARVALHO, I. C. M. (Org.) **Cultura, percepção e ambiente: diálogos com Tim Ingold**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.
- JÚNIOR, R. F. M. Os animais são muito mais que algo somente bom para comer. 2009. 100 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- KOSBY, M. Entre “araganas” e iguarias: as cabritas na comunidade quilombola de Palmas, em Bagé/RS. In: **Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia**, 2016, Paraíba – João Pessoa.
- KULICK, D. Animais gordos e a dissolução da fronteira entre as espécies. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 481-508, 2009.
- LABRONICI, B. Na pata do cavalo: um estudo etnográfico com apostadores do turfe em agências credenciadas do Jockey Club Brasileiro. 2016. 269 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2016a.
- _____. I. “Quem ganha, o homem ou o animal?” Reflexões referentes a relação entre cavalos de corridas e jôqueis no processo de elaboração e apostas no turfe. In: **Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia**, 2016, Paraíba – João Pessoa. 2016b.
- LACERDA, E. P. As Farras do Boi no litoral de Santa Catarina. 1995. 156 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- LEAL, N. S. “É de agronegócio!”: circuitos, relações e trocas entre peões de manejo, peões de rodeio e tratadores de gado em feiras de pecuária. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- _____. “Touros de genética, touros de genealogia”: Controvérsias da pecuária brasileira. **Periféria**, Bellaterra, n. 15, Dez. 2011
- _____. A festa de aniversário do touro Ranchi: uma etnografia da celebração de um mercado. In: **Anais da 28ª Reunião Brasileira de Antropologia**, São Paulo, 2012.
- _____. Nome aos bois. Zebus e zebuzeiros em uma pecuária brasileira de elite. 2014. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- _____. “Seleção e “raceamento” do gado Pé-Duro piauiense. Naturezas e culturas, raças e misturas. In: **Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia**, 2016, Paraíba – João Pessoa.
- LEÃO, R. (2015). Diálogos entre animal e humano. In: **Anais da V Reunião Equatorial de Antropologia e XV Reunião da Antropólogos do Norte-Nordeste**, 2015, Alagoas – Maceió.
- LEINIG, R. C. Nem brabo nem manso: homens, animais e plantas no assentamento Vale da Serra; Pitanga PR. 2012. 102 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- LEWGOY, B. Movimento Cachorro Verde: neorromantismo ecológico e primitivismo nos cuidados pet. In: **Anais da 28ª Reunião Brasileira de Antropologia**, São Paulo, 2012.

- LEWGOY, B.; SORDI, C. As Guerras da Carne: o consumo carnívoro, seus defensores e críticos; velhas e novas configurações. In: STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura.. (Org.). **Cultura, Percepção e Ambiente. Diálogos com Tim Ingold**. Ied. São Paulo: Terceiro Nome, 2012, v. 1, p. 137-151. 2012a.
- _____. Devorando a carcaça: contracozinhas e dietas alternativas na alimentação animal. **Anuário Antropológico**, Brasília, 2011-II, p. 159-175, 2012b.
- LEWGOY, B.; SORDI, C. Realidades de mercado e práticas emergentes no consumo de rações animais: um olhar a partir de eventos críticos globais. In: **III EICS – Encontro Internacional de Ciências Sociais**, 2012, Pelotas (RS). 2012c.
- LEWGOY, B.; SORDI, C.; PINTO, L. Domesticando o Humano: para uma antropologia moral da proteção animal. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 75-100, Dez. 2015.
- LIBERAL, F. Aspectos morais por trás da “carne quente”: uma questão de gosto e (in)civilidade. In: **Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia**, 2016, Paraíba – João Pessoa.
- LIMA, Maria Helena. Considerações sobre a família multiespécie. In: **Anais da V Reunião Equatorial de Antropologia e XV Reunião da Antropólogos do Norte-Nordeste**, 2015, Alagoas – Maceió.
- _____. Mercado pet e família multiespécie: transformações e ambiguidades nas relações com cães e gatos no Brasil. In: **Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia**, 2016, Paraíba – João Pessoa.
- C. LIMA, E. Com os olhos da serpente. Homens, animais e espíritos nas concepções katuhina sobre a natureza. 2000. 238 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- S. LIMA, Tânia. Para uma teoria etnográfica da distinção natureza e cultura na cosmologia juruna. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 14, n. 40, p. 43-52, Jun. 1999.
- V. LIMA, D. “Cada doma é um livro”: A relação entre humanos e cavalos no pampa sul-rio-grandense. 2015. 142f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- LIRA, L. C. Limites e paradoxos da moralidade vegan: um estudo sobre as bases simbólicas e morais do vegetarianismo. 2013. 417f. – Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco.
- LOPES, N. P. Homemcavalo: uma etnografia dos carroceiros de Belo Horizonte. 2013. 260f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas gerais.
- LOPEZ, E. Noções de corporalidade e pessoa entre os Jodi. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 359- 388, Out. 2006.
- MARINI, M. Os porcos como materialidade, metáfora e metonímia nas cirurgias experimentais para produção de um dispositivo de assistência circulatória. In: **Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia**, 2016, Paraíba – João Pessoa.
- MATOS, R. L. Rinhas de galos no litoral norte paraibano: performances em um esporte interétnico. 2016. 171f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte.
- MATTOS, L. G. Quando a ajuda é animalitária: um estudo antropológico sobre sensibilidade e moralidades envolvidas no cuidado e proteção de animais abandonados a partir de Porto Alegre/RS. 2012. 126 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- MEDRANO, C. La (etno)zoología de los qom del Gran Chaco y la zoología de occidente. Reflexiones para un diálogo posible. In: **Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia**, 2016, Paraíba – João Pessoa.
- MELO, F. C. Aetchá Nhanderukuery Karai Retarã: Entre deuses e animais: Xamanismo, Parentesco e Transformação entre os Chiripá e Mbyá Guarani. 2006. 281 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- MOUTINHO, L. **Razão, “cor” e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivosexuais “inter-raciais” no Brasil e África do Sul**. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.
- MOUTINHO, L.; LOPES, P. Uma Nação de Onze Línguas? Diversidade social e linguística nas novas configurações de poder na África do Sul. **Tomo (UFS)**, v. 20, p. 27-58, 2012.
- MOUTINHO, L.; LOPES, P.; ZAMBONI, M.; RIBAS, M. ; SALO, E. Retóricas ambivalentes: ressentimentos e negociações em contextos de sociabilidade juvenil na Cidade do Cabo (África do Sul). **Cadernos Pagu**, v. 35, p. 139-176, 2010.
- NASCIMENTO, J. “Eu quero tanto bem a ela”: refletindo sobre afetividade enquanto relação de poder. In: **Anais da V Reunião Equatorial de Antropologia e XV Reunião da Antropólogos do Norte-Nordeste**, 2015, Alagoas – Maceió.
- NETO, I.; CAVALCANTI, B. Biocativeiros, conservacionismo e defesa animal: mapeamento de conflitos a partir do caso Parque Dois Irmãos (Recife). In: **Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia**, 2016, Paraíba – João Pessoa.
- A. OLIVEIRA, G. Sobre pets e “párias”: pensando natureza e sociedade através de ontologias caninas. In: **Jornadas de Antropologia da UNICAMP**, Campinas, 2011.

- _____. Pensar nos bichos: afetos, políticas e simbioses da proteção animal. 2012. 148 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- C. OLIVEIRA, T. Armas, armadilhas e territorialidade: a caça e a pesca Baniwa vistas pela ótica da comunicação não-verbal. In: **Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia**, 2016, Paraíba – João Pessoa.
- OLIVEIRA, S. B. C. Sobre homens e cães: um estudo antropológico sobre afetividade, consumo e distinção. 2006. 143 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- _____. “Festa Boa para Cachorro”: Relações entre Humanos e Não-Humanos no Ambiente Urbano. In: **Anais da 26ª Reunião Brasileira de Antropologia**, Bahia, Porto Seguro, 2008.
- V. P. OLIVEIRA, Luisa. Do velamento ao esquecimento: a constituição do zoológico de São Paulo. 2015. 221f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- ORO, A. P. The sacrifice of animals in Afro-Brazilian religions: analysis of a recent controversy in the Brazilian state of Rio Grande do Sul. Translated by Enrique Julio Romera. **Religião e sociedade**, Rio de Janeiro, vol.1, Selected edition, pp. 0-0. ISSN 0100-8587. 2006.
- OSÓRIO, A. B. Alguns aspectos simbólicos acerca do gato. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 12, n. 1,2, p. 233-259, jan. 2010.
- _____. Posse responsável: moral, ciência e educação ambiental em um grupo de protetores de gatos de rua. **R@U: Revista de Antropologia da UFSCar**, São Carlos, v. 3, n. 2, p. 51-75, 2011a.
- _____. Humanidade e não-humanidade: notas sobre um grupo de protetores de gatos de rua. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 4., 2011, Campos dos Goytacazes. **Anais...** Campos dos Goytacazes: Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, 2011. p. 1-17. 2011b.
- _____. O discurso emocional de um grupo de *protetores* de gatos de rua. In: **Anais do XV ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE e PRÉ-ALAS BRASIL**, 2012, UFPI, Piauí – Teresina. 2012a.
- _____. Gatos também amam! Uma análise das perspectivas de protetores de gatos de rua. In: **Anais da 28ª Reunião Brasileira de Antropologia**, São Paulo, 2012b.
- _____. A cidade e os animais: da modernização à posse responsável. **Teoria & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 143-176, 2013.
- _____. Entre o real e o representado: um debate na história dos animais. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, Vitória, v. 3, n.1, p. 75-94, Jun. 2015a.
- _____. Mãe de gato? Reflexões sobre o parentesco entre humanos e animais de estimação. In: **Anais da V Reunião Equatorial de Antropologia e XV Reunião da Antropólogos do Norte-Nordeste**, 2015, Alagoas – Maceió. 2015b.
- _____. Guloseimas para animais de estimação: notas sobre afeto, alimentação e mercado pet. In: **Anais do VIII Encontro Nacional de Estudos do Consumo**, Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 2016.
- PASTORI, E O. Perto e Longe do Coração Selvagem: um estudo antropológico sobre animais de estimação em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. 2012. 106 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- PASTORI, E. O.; MATOS, L. G. ‘Da paixão à ajuda animalitária’: o paradoxo do ‘amor incondicional’ no cuidado e no abandono de animais de estimação. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, Vitória, v.3, n. 1, p. 112-132, 2015.
- PAULINO, C. A. Conflitos e Interesses acerca do Controle da Experimentação Animal no Estado de São Paulo. 2008. 134 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- PAVAO, L. O que é que o cavalo sabe: um estudo antropológico sobre o vínculo animalhumano na equoterapia. 2015a. 261f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- _____. Volteios e ziguezagues: uma leitura antropológica sobre o vínculo animal-humano na Equoterapia. **R@u - Revista de Antropologia da UFSCar**, São Carlos, v. 7, n.1, Jan-Jun. 2015b.
- PEREIRA, F. M.; RIETH, F.; KOSBY, M. Inventário Nacional de referências Culturais - Pecuária Bagé/RS (1 fase). In: **Anais da 28ª Reunião Brasileira de Antropologia**, São Paulo, 2012.
- M. PEREIRA, R. Agilidade e Prestígio no Sertão de Pernambuco: as relações ecológicas entre vaqueiros, cavalos, bois e caatinga nas competições de pega de boi no mato. In: **Anais da V Reunião Equatorial de Antropologia e XV Reunião da Antropólogos do Norte-Nordeste**, 2015, Alagoas – Maceió.
- P. PEREIRA, Luzimar. "Bicho Mau": encontros com cobras peçonhentas em Urucuia, MG. In: **Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia**, 2016, Paraíba – João Pessoa.
- PERROTA, A. P. F. O “sofrimento” como justificativa para a reivindicação de uma nova relação entre

- humanos e animais. In: XV Encontro de Ciências Sociais – Norte/Nordeste (CISO), 2012.
- _____. Humanidade estendida A construção dos animais como sujeito de direitos. 2015. 315f. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- _____. Defensores dos direitos dos animais face as negociações para a determinação das marcas de dor e sofrimento dos animais. In: **Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia**, 2016, Paraíba – João Pessoa.
- PINTO, L. O. Resgatando afetos: um estudo antropológico sobre redes urbanas de proteção animal. 2016. 169f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2016a.
- _____. Redes urbanas de proteção animal: moralidades, práticas e controvérsias. In: **Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia**, 2016, Paraíba – João Pessoa. 2016b.
- PIRES, P. S. LAÇOS BRUTOS: Vaqueiros e búfalos no baixo Araguari – Amapá. 2015. 365f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília.
- PISSOLATO, E. Relações jamais esquecidas: presença e modos de agir de xivi (onça). In: **Anais da V Reunião Equatorial de Antropologia e XV Reunião da Antropólogos do Norte-Nordeste**, 2015, Alagoas – Maceió.
- RAMIRO, D. P. Vivisseção: uma disputa em sua regulamentação - das ruas ao parlamento. 2011. 119 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- RAPCHAN, E.S. Os parentes de nossos parentes: um ensaio sobre a sociedade e as culturas dos chimpanzés sob uma perspectiva antropológica. **Revista de etologia**. São Paulo, v. 6, n.2, 2004.
- RENSHAW, J. "A eficácia simbólica" revisitada: cantos de cura ayoreo. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 393-427, Jun. 2006.
- RITVO, H. **The Animal Estate: The English and Other Creatures in the Victorian Age**. Cambridge: Harvard University Press, 1987.
- ROCHA, G. M. S. “Num só crio pra vender, não”: Etnicidade, gênero e saberes domésticos em Moita Verde (Parnamirim, RN). 2014. 142f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte.
- SÁ, G. J. S. No mesmo Galho: Ciência, Natureza e Cultura nas Relações entre Primatólogos e Preimatas. 2006. 247 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- _____. Da cultura da diferença à diferença das culturas : a apropriação do conceito de cultura no discurso de primatólogos. **Revista ILHA de Antropologia**, Florianópolis, v. 7, n.1,2, p. 257-278, 2005a.
- _____. Meus macacos são vocês: Um antropólogo seguindo primatólogos em campo. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, Recife, v. 16, n.2, p. 41-66, 2005b.
- _____. Outra espécie de companhia: Intersubjetividade entre primatólogos e primatas. **Anuário Antropológico**, Brasília, 2011-II, p. 77-110, 2012a.
- _____. A ascensão do chimpanzé: religião e política em um evento (antropo) zoológico carioca. In: **Anais da 28ª Reunião Brasileira de Antropologia**, São Paulo, 2012b.
- _____. **No mesmo galho: antropologia de coletivos humanos e animais**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.
- P. S.SANTOS. DE ABANDONO, PROTEÇÃO E OUTRAS FORMAS DE RELAÇÃO COM ANIMAIS: Motivações, interações e diferenças no Rio de Janeiro e no sertão nordestino. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- S. SANTOS, C. Pombo, pato, galinha, bode: bichos em trânsito! Estudo etnográfico sobre as apropriações de animais no Ilé asé Iyá Ogunté- um templo de candomblé na Amazônia. 2014. 135f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Pará.
- SARAIVA, L.; CORRÊA, J. “Caranguejo é um mistério, ele mina”: reflexões sobre a relação entre humanos caranguejeiros e não humanos caranguejos em Bragança-PA. In: **Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia**, 2016, Paraíba – João Pessoa.
- SEGATA, J. Nós e os Outros Humanos, os Animais de Estimação. 2012. 200 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2012a.
- _____. Uma nova epidemia: a depressão canina e os seus dispositivos. In: **Anais da 28ª Reunião Brasileira de Antropologia**, São Paulo, 2012b.
- _____. Parecidos, o Suficiente: nós e os outros humanos, os animais de estimação. **Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar**, São Carlos, v.4, n.1, p.207-234, 2012c.
- _____. Os cães com depressão e os seus humanos de estimação. **Anuário Antropológico**, Brasília, 2011-II, p. 177-204, 2012d.
- SEGATA, J.; S., Felipe. O rastro da onça: relações entre humanos e animais no Pantanal. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014. 203 p. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 21, n. 44, p. 415-421, Dez. 2015.
- SENA, K. V. Gente é macaco de onça. Padrões de comestibilidade de animais nas terras baixas da América do Sul. 1996. 197 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

- J. P. SILVA. A CARNE ESTIGMATIZADA: criação de suínos no Curimataú paraibano. 2013. 102f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- M. H. P. SILVA; MERCÊS, R. Voando baixo sobre os humanos: garças e urubus no Ver-o-Peso (PA). In: **Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia**, 2016, Paraíba – João Pessoa.
- SOBRAL, L. F. B. Fronteiras da Europa. A corrida de touros vista da Paris literária entre-guerras. 2015. 509f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- SORDI, C. K. O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais. **Cadernos IHU Idéias (UNISINOS)**, São Leopoldo, v. 145, p. 3-28, 2011.
- _____. Pelo boi e sua carcaça: manejo racional e sustentabilidade nos discursos do sistema-carne brasileiro. In: **Anais da 28ª Reunião Brasileira de Antropologia**, São Paulo, 2012a.
- _____. Neo-ruralismo e modernização conservadora: os dispositivos de reprodução das elites agropastoris na pecuária de corte bovina brasileira. In: **III Congresso Latinoamericano de Antropología ALA 2012**, Santiago, Chile, 2012b.
- _____. De carcaças e máquinas de quatro estômagos: estudo das controvérsias sobre produção e consumo de carne no Brasil. 2013. 155f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- SOUZA, I. M. A. Vidas experimentais: humanos e roedores no laboratório. **Etnográfica**, Lisboa, v. 17, n. 2, p. 241-268, Jun. 2013.
- _____. Afinidades vitais - humanos e animais na pesquisa científica. In: **Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia**, 2016, Paraíba – João Pessoa.
- M. SOUZA, J. O fim do Antropocentrismo? Propostas para repensar o não humano a partir de militâncias em defesa dos animais na cidade de Florianópolis - SC. 2013. 122f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.
- STEFANUTO, M. O frigorífico na aldeia: sobre o trabalho nas indústrias de carne para os Kaingang do Toldo Chimbanguê. In: **Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia**, 2016, Paraíba – João Pessoa.
- SÜSSEKIND, F. O RASTRO DA ONÇA: Etnografia de um projeto de conservação em fazendas de gado do Pantanal Sul. 2010. 339 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- _____. A onça-pintada e o gado branco. **Anuário Antropológico**, Brasília, 2011-II, p. 111-134, 2012.
- _____. **O rastro da onça: relações entre humanos e animais no Pantanal**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.
- TEIXEIRA, I. S. Reflexões sobre uma economia estética no mundo da Cinofilia. In: **Anais da 28ª Reunião Brasileira de Antropologia**, São Paulo, 2012.
- _____. A Terapia Assistida por Animais como uma forma de associação: Um estudo antropológico sobre a relação humano-animais na promoção da saúde humana, no Brasil. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- R. TEIXEIRA, J.; AYOUN, D. Cachorros que atacam criação: reflexões éticas sobre a mobilidade e a vida social dos animais em ambientes rurais. In: **Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia**, 2016, Paraíba – João Pessoa.
- THOMAS, K. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)**. Tradução João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1988 [1983].
- TOTTI, B. Pesca artesanal e cooperação humanos-cetáceos no litoral sul do Brasil. In: **Anais da V Reunião Equatorial de Antropologia e XV Reunião da Antropólogos do Norte-Nordeste**, 2015, Alagoas – Maceió.
- VELASQUEZ, R. "Ciência Inexata: Corrida de Cavalo & Antropologia". 2015. 141f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- _____. O que os cavalos estão dizendo? - uma interpretação dos apostadores das corridas de cavalo. In: **Anais da V Reunião Equatorial de Antropologia e XV Reunião da Antropólogos do Norte-Nordeste**, 2015, Alagoas – Maceió.
- VELDEN, F. F. V. Sobre cães e índios: domesticidade, classificação zoológica e relação humano-animal entre os Karitiana. **Avá**, Posadas, n. 15, Dez. 2009.
- _____. Inquietas companhias: sobre animais de criação entre os Karitiana. 2010. 323 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- _____. Dessas galinhas brancas, de granja - Ciência, técnica e conhecimento local nos equívocos da criação de animais entre os Karitiana (RO). **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, Vitória, v. 3, n. 1, p. 11-34, Jan-Jun 2015a.
- _____. Apresentação ao Dossiê. **R@U - Revista de Antropologia da UFSCar**, São Carlos, v. 7, n. 1, p. 7-16, Jan-Jun. 2015b.
- VIANNA, B. Parque dos Falcões: humanos e aves no espaço da linguagem. In: **Anais da V Reunião Equatorial de Antropologia e XV Reunião da Antropólogos do Norte-Nordeste**, 2015, Alagoas –

Maceió.

VIEIRA, A. M. Os Paumari e o peixe-boi: da concepção história a prática da pesca. 2013. 119f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Amazonas.

_____. A cultura da pesca: os Paumari e o peixe-boi. In: **Anais da V Reunião Equatorial de Antropologia e XV Reunião da Antropólogos do Norte-Nordeste**, 2015, Alagoas – Maceió.

VILELA, D. B. L. Ativismo Vegano em Natal (RN): uma etnografia sobre mobilização política, alimentação ética e identidades. 2013. 162f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte.

Dossiês

CADECS – Cadernos Eletrônicos de Ciências Sociais. Vitória, v. 3, n. 1. Dossiê “Humanos e Não-Humanos”, Organização: Eliana Crado, Guilherme Sá e Patrícia Pavesi. 2015. e-ISSN: 2318-6933.

ILUMINURAS. Porto Alegre, v. 17, n. 42. Dossiê “Antropologia das relações humano-animal: paisagens simbólico-práticas de coexistência”, Organização: Flávio Leonel Abreu da Silveira e Andréa Osório. 2016. E-ISSN 1984-1191.

Revista ANTHROPOLÓGICAS. Recife, volume 24, n. 1. Dossiê “Animais e Humanos”, Organização: Albernaz Lady Selma e Bernardo Lewgoy. 2013. ISSN Online 2525-5223

R@u – Revista de Antropologia da UFSCar. São Carlos, v. 7, n. 1. Dossiê “Animalidades Plurais”, Organização: Felipe Vander Velden e Ion Fernandes de las Heras. 2015. ISSN: 2175-4705.

Revista de Estudos e Investigações Antropológicas. Recife, Ano 3, Edição Especial, Dossiê “Humanos e Não-Humanos”, Organização: Daniela Sales, Gláucia Santos de Maria, Thiago Santos. 2016. ISSN: 2446-6972.

Teoria e Cultura. Juiz de Fora, v. 11, n. 2. Dossiê “Nas roças e nas aldeias: animais em contextos rurais e indígenas”. Organização: Elizabeth Pisolato, Luzimar Pereira e Felipe Velden. 2016. ISSN: 2318-101X

Vibrant - Virtual Brazilian Anthropology. Brasília, v. 13, n. 2. Dossiê “Animals in anthropology”, Organização: Jeans Segata e Bernardo Lewgoy. Dez. 2016. ISSN : 1809-4341.

Revistas

Revista Meu Pet. Agosto de 2012, edição 1. Editora Escala.

Revista Meu Pet. Janeiro de 2016. Editora Escala.

Sites

http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=21122012IS000012012SMS%20%20%20COVISA&secc=30&depto=337&descr_tipo=INSTRU%C7%C3O%20SERVI%C7O

http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=26062015L%20162220000

<http://www.thegreenestpost.com/sao-paulo-e-primeira-cidade-do-brasil-a-proibir-comercio-de-peles-de-animais/>

http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=12032015L%20161250000

http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=859439&filename=PL+1058/2011

http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=0F6A3C7E0E32242EE9CA3966DF5131FC.proposicoesWeb1?codteor=761274&filename=PL+7196/2010

Acesso em 22/08/2017.

<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2005/lei-11977-25.08.2005.html>

<http://www.dogingtonpost.com/rawhide-good-bad-ugly/comment-page-4/>

<http://www.petsa.com.br/pt/perfil-do-evento>

<http://www.agilitybr.com.br/secc/agility.shtml>

http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/camaras_tematicas/Insumos_agropecuarios/79RO/IBGE_PAEB.pdf

<http://www.1folha.uol.com.br/saopaulo/2013/05/128376-setor-pet-tem-faturamento-recorde-de-r-142-bi-empresarios-tracam-expansao.shtml>

<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-2/html/index.php#1>

<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-2/html/index.php#2> <http://felicianofilho.com.br/leis/lei-no-15-316-de-23012014-proibe-a-utilizacao-de-animais-para-desenvolvimento-experimento-e-teste-de-produtos-cosmeticos-e-de-higiene-pessoal-perfumes-e-seus-componentes-e-da-outras-providencia>
<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/12/haddad-veta-lei-que-permitiria-enterro-de-pets-em-cemiterios-de-sp.html>
<https://inrcbge.wordpress.com/>
<http://canaldoveterinario.com.br/index.php/2017/02/08/veterinarios-deveriam-se-posicionar-parem-de-comprar-pugs/>
<http://pitbullbr32.blogspot.com.br/2016/10/game-dog-o-esporte-feito-para-o-pitbull.html>
<http://revistameupet.uol.com.br/treinamento-e-brincadeiras/freestyle-a-danca-com-caes/540/#>
<http://abinpet.org.br/site/historia/>
<http://abinpet.org.br/site/para-abinpet-aumento-da-tributacao-sobre-alimento-para-pets-e-retrocesso/>
<http://portalmf.com.br/noticia/12924/popula-o-de-pets-cresce-5-ao-ano-e-brasil-quarto-no-ranking-mundial>
<http://abinpet.org.br/site/> <http://abinpet.org.br/site/associe-se-info/>
<http://abinpet.org.br/site/setor-pet-chega-a-r-18-bilhoes-em-2015-mas-nao-sem-os-efeitos-da-crise/>
<http://abinpet.org.br/site/faturamento-2016-do-setor-pet-aumenta-49-e-fecha-em-r-189-bilhoes-revela-abinpet/>
<http://g1.globo.com/natureza/noticia/2015/06/brasil-tem-52-milhoes-de-caes-e-22-milhoes-de-gatos-aponta-ibge.html>
<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,sp-ganhou-900-mil-caes-e-350-mil-gatos-em- apenas-seis-anos,47334>
<http://revistameupet.com.br/colunas/horoscopet-de-fevereiro/3027/>